



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

**REFLEXÕES DE UM GRUPO DE PEDAGOGOS E PEDAGOGAS SOBRE A
EDUCAÇÃO LIBERTADORA EM SUAS VIVÊNCIAS FORMATIVAS E
PRÁTICAS PROFISSIONAIS**

JULIANA DUARTE ARRAES

BRASÍLIA, MARÇO DE 2010.



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE**

**REFLEXÕES DE UM GRUPO DE PEDAGOGOS E PEDAGOGAS
SOBRE A EDUCAÇÃO LIBERTADORA EM SUAS VIVÊNCIAS
FORMATIVAS E PRÁTICAS PROFISSIONAIS**

JULIANA DUARTE ARRAES

BRASÍLIA, MARÇO DE 2010.

JULIANA DUARTE ARRAES

REFLEXÕES DE UM GRUPO DE PEDAGOGOS E PEDAGOGAS SOBRE A EDUCAÇÃO LIBERTADORA EM SUAS VIVÊNCIAS FORMATIVAS E PRÁTICAS PROFISSIONAIS.

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título **de Licenciado em Pedagogia**, à Comissão Examinadora da **Faculdade de Educação da Universidade de Brasília**, sob a orientação da Professora Ms. Maria Luiza Pereira Angelim

Comissão Examinadora:

Profa. Ms. Maria Luiza Pereira Angelim (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Renato Hilário dos Reis
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Erlando Rêses da Silva
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília-DF, março de 2010.

Agradecimentos

Agradeço imensamente a todos e todas que colaboraram, cada um à sua maneira, para a concretização desse trabalho.

Ele não poderia ser desenvolvido se não fosse a contribuição de cada um de vocês na minha formação enquanto filha, irmã, neta, sobrinha, aluna, colega, amiga companheira...

A vocês, pela oportunidade de aprendizado constante.

“Reconhecem-se agora como seres transformadores da realidade, para eles antes algo misterioso, e transformadores por meio de seu trabalho criador”.

(Paulo Freire)

ARRAES, Juliana Duarte. Reflexões de um Grupo de Pedagogos e Pedagogas sobre a Educação Libertadora em suas Vivências Formativas e Práticas Profissionais. Brasília-DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação. Trabalho Final de Curso, 2010.

Resumo

Este trabalho é fruto da reflexão feita com um grupo de pedagogos e pedagogas formado na Faculdade de Educação - FE da Universidade de Brasília - UnB sobre a importância de seus processos educativos na graduação, em especial durante o período em que cursaram dois espaços curriculares específicos: Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) e Assuntos Históricos, Filosóficos e Culturais de Educação de Crianças, Jovens, Adultos e Idosos - GENPEX; e Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos do Brasil-DF/Comunidade de Trabalho/Aprendizagem em Rede na Diversidade - CTARD, que por sua vez, tem como um de seus referenciais político-pedagógicos a concepção da educação libertadora de Paulo Freire (1968).

A partir dessa reflexão, buscou-se relacionar a implicação dessa formação nas suas práticas enquanto profissionais, analisando a natureza das relações sociais que estabelecem a partir do exercício de suas profissões, segundo os conceitos de reprodução, adaptação e/ou transformação social, de Yves Bertrand e Paul Valois (1994).

Palavras-chave: educação libertadora; relações sociais; reprodução, adaptação e/ou

1ª Parte: A maior riqueza do homem é a sua incompletude. Nesse ponto sou abastado...”

Memorial

Sou a filha da Vera e do Alexandre, um casal que começou muito jovem a constituir família com todos os limites e possibilidades que essa condição atribui para um passo tão importante na vida e exemplo de que os pais não são seres imaculados, a quem devotamos no pé do altar as nossas mais puras aspirações. Com eles entendi que o ser humano é falível e que poder aprender com os erros é algo muito digno, por isso aprendo a amá-los a cada dia e sempre.

Também sou irmã do Fellipe, da Luíza e do Nicholas, três riquíssimas oportunidades de exercício permanente de paciência, carinho, companheirismo, diversão e também de muito amor.

Neta da Vó Celina e sua criação sempre carinhosa e protetora. Neta também da Vó Maria, igualmente carinhosa e dona da casa sempre cheia aos finais de semana, local da minha infância com muitos primos e primas, tios e tias e bastante churrasco.

Sobrinha-afilhada do Tio Orlando e eternamente grata pelo convívio inspirador que tivemos, com longas conversas sobre a vida, o amor e o infinito.

Também neta do Vô Ignácio e carinhosamente agradecida pela memória das muitas histórias de sua vida, sempre após o almoço, antes que ele voltasse para o trabalho.

Bisneta da Vó Rosa, centenária que adorava dar de presente colchas de retalhos, vestidos e bonecas de pano que ela mesma fazia.

Nasci no dia 17 de maio de 1986 e ao longo desses vinte e três anos descobri que sou parte de um universo infinito de relações, muitas das quais eu ainda não consigo alcançar. Porém, das mais próximas e tangíveis, essas são as que eu registro com muita alegria, na intenção de uma simples e verdadeira homenagem, como parte fundamental de mim.

Entrei na universidade aos dezoito anos sem ter refletido de maneira mais cuidadosa a escolha por uma profissão. Havia três áreas que, na época, eu conseguia

identificar ser de meu interesse: psicologia, serviço social e pedagogia. O motivo para a escolha entre uma dessas opções era a de que eu pudesse trabalhar com pessoas, de modo a ajudá-las. Meu “sonho” era poder me sustentar com um trabalho que privilegiasse essa condição.

No final de 2003, aos dezessete anos, tentei ingressar na UnB pelo Programa de Avaliação Seriada – PAS, optando pelo curso de Serviço Social, porém, não fui aprovada. Seis meses depois prestei o vestibular tradicional e na dúvida entre o curso de psicologia e o de pedagogia, fiz a segunda opção.

O meu percurso na graduação nos primeiros semestres foi um emaranhado de dúvidas e ainda me sentia anestesiada: estava na universidade, mas não tinha dimensão da importância desse fato a longo prazo, das suas implicações na minha vida.

A lógica de consumo do ambiente acadêmico foi se instalando de modo que estar na universidade não significava participar dela. Ter acesso às disciplinas, aos textos, aos professores, não estava ligado à condição necessária de interação e construção de sentido para esse processo. Pelo contrário, isso fez com que eu estivesse, em muitos momentos, relacionada passivamente com a academia.

Com o tempo essa situação de anestesiamento me frustrava cada vez mais! Passei a sentir necessidade de me desacomodar dessa condição para dar sentido à minha própria vida. Minha motivação inicial era saber de que maneira eu seria útil enquanto pedagoga, porém, o próprio entendimento sobre ser um pedagogo ainda não estava esclarecido: Pedagogo é professor e professores ensinam!

Partindo desse pressuposto, comecei a me dedicar aos questionamentos sobre o sentido da minha formação. “Quem são aqueles que não têm acesso à educação?” “Onde eles estão?” “Quais as minhas possibilidades de contribuição?” “Quais são os meus desafios?” “Como nutrir meu processo de formação para poder trabalhar para essas pessoas?”.

No início, a compreensão era de trabalhar PARA uma determinada classe ou grupo, na medida em que me via na condição, de acordo com o meu entendimento sobre o que deveria ser a minha formação profissional, de poder “ensinar” e assim trabalhar na promoção da transformação do outro, de fora, alheia, como se o trabalho pedagógico fosse quase uma atitude heróica, ou quem sabe, mais egóica.

De maneira simples, estava fazendo uma escolha: poderia exercer a minha

futura profissão trabalhando nas áreas em que a lógica do maior retorno financeiro fosse quem ditasse as regras. Nesse caso, minha leitura era de que trabalharia no setor privado, reproduzindo o sistema educativo do qual eu fizera parte enquanto estudante e que compreendia como excludente para a maioria das pessoas, pois estava a serviço de um público que eu não identificava como “que não tinha acesso à educação”. Entretanto, poderia escolher alternativas que me possibilitassem trabalhar com o outro lado, que eu compreendia como o dos “que não tem acesso à educação” ou os “excluídos”, tendo como base para classificá-los o oposto do que eu havia conhecido até então: pessoas de classe média e média-alta, com todas as possíveis aspirações de trabalho e sucesso que cabem dentro da leitura de mundo capitalista. Ou seja, identificava os “excluídos” como aqueles que não tiveram acesso às mesmas ou melhores condições materiais às quais eu tive. Minha escolha pela segunda alternativa implicaria no trabalho pela promoção do acesso dessas pessoas às oportunidades de trabalho e sucesso que até então eu conhecia e também aspirava, com o que era o meu testemunho de humanidade ¹.

Nesse sentido, decidi começar um percurso na formação em que fosse possível estar em contato mais próximo com os sujeitos que de acordo com o meu entendimento, “mais precisassem”. O curso deveria me capacitar teórica, metodológica e tecnicamente e eu executaria essa formação na área em que identificasse a mais apropriada.

Com o tempo, essa concepção foi se transformando a partir das experiências que tive e assim pude experimentar os bem-vindos, porém às vezes doloridos, percalços, conflitos e desafios de me reconhecer enquanto parte de um processo onde não poderia construir nada deliberadamente, sem o acolhimento e a contribuição dos outros. Até hoje e, felizmente, as palavras de Paulo Freire ressoam de maneira muito viva, servindo por vezes de alerta: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987). O mundo que a partir de então eu iria (re) descobrir.

Como primeira tentativa fiz uma opção aleatória, a princípio atraída pela temática que julguei ser simples de trabalhar. Era uma oportunidade de experiência com a educação infantil e o ensino fundamental. Havia um projeto de acompanhamento psicopedagógico promovido pelo curso de Pedagogia da Faculdade

¹ - Freire, Paulo. Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

da Terra de Brasília - FTB e, em parceria com essa instituição, a Faculdade de Educação - FE da Universidade de Brasília - UnB oferecia o projeto 03 chamado “O Encanto no Aprender: O lúdico no contexto Escolar”. Este era orientado pela professora Carla Castro e tinha como objetivo a práxis acerca da abordagem lúdica na escola e suas implicações no processo de aprendizagem das crianças, ou mais especificamente um *“caráter teórico-prático que visa explorar jogos, brincadeiras, cantigas, histórias infantis, musicais, dramatizações e brinquedos, enquanto estratégia de aprendizagem, favorecendo a construção de conhecimentos por meio de reflexões e práticas lúdicas no contexto escolar, nas séries iniciais do ensino fundamental”*.

Pela pouca idade que grande parte das crianças tinha, muitas eram acompanhadas por algum responsável, em geral as mães que tinham filhos ainda mais novos, entre 0 a 5 anos. Estes também eram convidados a integrarem as atividades do núcleo, o que implicava na elaboração atividades que atendessem às suas especificidades, por isso, apesar da ementa do projeto fazer referência apenas ao público do ensino fundamental, na ocasião, também lidávamos com a educação infantil.

Os nossos campos de experiência eram o Laboratório de Produção de Recursos Pedagógicos para o Ensino Especial no prédio 05 da Faculdade de Educação e o Núcleo de Desenvolvimento e Aprendizagem – Anexo II da FTB. O projeto era formado por duas etapas, uma para cada semestre e sua dinâmica era composta de reuniões para leituras/discussões teóricas e visitas/desenvolvimento de atividades pedagógicas com as crianças. Na ocasião, meu grupo era formado por cinco estudantes, duas delas (eu e mais uma) estavam na primeira etapa e as outras três estavam na segunda. Nossas reuniões para leitura e discussão teórica aconteciam na Faculdade de Educação, duas vezes por semana, da mesma forma como as visitas ao Recanto das Emas, de modo que os encontros eram intercalados: uma semana estávamos na UnB e na outra íamos para a FTB.

Nessa experiência, dois principais aspectos importantes se relacionavam. Primeiro, o entendimento da abordagem lúdica no trabalho da equipe psicopedagógica para o processo de aprendizagem:

Segundo WAJSKOP, 1995 *“O brincar, numa perspectiva sociocultural, define-se por uma maneira que as crianças têm para interpretar e assimilar o mundo, os objetos, a cultura, as relações e*

os afetos das pessoas. Por causa disso, transformou-se no espaço característico da infância para experimentar o mundo adulto, sem adentrá-lo como partícipe responsável. (...)

Nessa perspectiva, o brincar é, ao mesmo tempo, espaço de constituição infantil e lugar de superação da infância, pela relação que estabelece com a representação e o trabalho adultos. É uma forma de atividade social infantil, cujo espaço imaginativo e diverso do significado cotidiano da vida fornece uma oportunidade educativa única para as crianças. Na brincadeira, as crianças podem pensar e experimentar situações novas ou mesmo do seu cotidiano, isentas das pressões situacionais. No entanto, é importante ressaltar que, pelo seu caráter aleatório, a brincadeira também pode ser espaço de reiteração de valores retróados, conservadores, com os quais a maioria das crianças se confronta diariamente.”

E o segundo era o público a que se destinava tal abordagem. Majoritariamente eram crianças entre 06 a 14 anos de idade que moravam no Recanto das Emas que viviam com suas famílias em condições sócio-econômicas precárias e tinham um histórico de fracasso escolar, refletido em diversas dificuldades de aprendizagem, motivo pelo qual eram encaminhadas ao núcleo. Em linhas gerais a abordagem lúdica era desenvolvida com o intuito de lhes proporcionar, pelas muitas possibilidades de interação e desenvolvimento que oferece, o resgate de seus processos de aprendizado formal, ora deficientes na escola, de modo que esse trabalho pudessem remetê-las à outras experiências e conseqüências no campo da aprendizagem, que não as de fracasso e exclusão, às quais eram submetidas em razão das diversas dificuldades materiais, sociais e por fim educativas que as acompanhavam.



Líamos sobre estratégias e abordagens riquíssimas, sobre processos inspiradores e interpretações sobre a criança e seus potenciais fascinantes, porém, na medida em que as leituras e discussões avançavam, minhas dificuldades com a prática começaram a transbordar. De fato, a compreensão sobre a criança se dava de maneira

muito mais fácil em relação às idealizações que tinha, mas, a realidade na qual eu estava em contato contrastava a todo o tempo com minhas reflexões e descobertas.

Vivi diversos momentos ao longo da experiência com esse projeto, conheci muitas pessoas e cada criança com a qual eu trabalhei me apresentou um desafio diferente. Existiam diagnósticos acerca das dificuldades diretamente envolvidas com os processos de aprendizagem de cada uma delas e muitos deles se repetiam, porém, uma criança em especial eu considerei emblemática. Talvez e, infelizmente, ela faça parte de um retrato bastante triste e comum da infância, mas foi a primeira vez que pude estar em contato direto com essa realidade. Vou chamá-la de *Ana. Ela tinha nove anos, morava em um único cômodo com os muitos irmãos e a mãe que estava grávida. Por ocasião de sua mãe ter ido ao núcleo para se encontrar com a coordenadora, a professora Regina que fazia parte da equipe da FTB e há algum tempo tentava trazê-la ao espaço para uma conversa por causa do comportamento muito agressivo de *Ana, ela contou para a professora sobre as condições difíceis que viviam. Disse que o pai da menina já não morava com a família há muito tempo e que a última notícia que teve foi que o viram há alguns meses “encontrado dentro de um porta-malas”. Ela, a mãe, revelou à professora que se prostituía e uma das irmãs de *Ana, de quatorze anos, também estava grávida. Certa vez presenciei a Professora Regina repreendendo a *Ana, pois ela a tinha visto cheirando cola na rua onde morava em companhia de alguns carroceiros que também moravam por lá. No núcleo, *Ana sempre fazia referência, “brincando”, às experiências que tinha, seja em casa, na rua ou na escola, de forma muito agressiva e agitada. Ela costumava gritar para chamar a atenção quando queria falar com alguém, era hostil com os colegas, muitas vezes se recusava a participar das atividades e as atrapalhava, ou procurava alguma recompensa, algum objeto para levar com ela em troca de sua participação. Lembro-me de quando conheci a sua mãe. A professora Regina havia tentado entrar em contato com ela diversas vezes e na conversa que tiveram ela reiterou o convite para o último dia de atividades do semestre, que aconteceria com algumas oficinas, um lanche coletivo e a entrega de alguns presentes. Na ocasião, participei de uma oficina de confecção dos enfeites da árvore de natal e, enquanto tirava fotos, pude observar que a *Ana estava sentada escrevendo um cartão e sua mãe estava sentada ao lado. Foi quando ouvi uma conversa entre as duas:

*- Hei mãe, olha. Olha aí ó!
- Hã?! Tá errado! Você não sabe de nada. Não é assim que escreve, tá errado!*



A menina ficou muito constrangida! Olhava pra folha, depois para a mãe, sem saber se retomava ou não a atividade. Uma das estudantes da equipe da FTB percebeu o que acontecia e se aproximou das duas para ajudar a *Ana. Nessa hora, consegui tirar uma foto das três juntas. A situação se estendeu até quando a colega da FTB conseguiu terminar o cartão junto com a *Ana enquanto sua mãe permanecia ao lado, ora debochando da situação, como se a menina não fosse capaz de “fazer certo”, ora calada, observando a postura da colega da FTB com a filha. Naquele momento ficou evidente pra mim o quanto o meu entendimento sobre o trabalho que me imaginava disposta a desenvolver, ou seja, “ensinar aos mais necessitados” de modo a ajudá-los à superar as suas dificuldades, era limitado.

As minhas idéias não davam conta de explicar a realidade que eu encontrei e que me confrontava, certas vezes de maneira muito constrangedora. Foi fácil reconhecer que essa realidade tinha muitos problemas, mas era em torno dos problemas que as minhas aspirações me confrontavam, porque eu cheguei com uma idéia muito clara em relação ao que eu queria lá: ensinar crianças carentes, para que elas pudessem ser bem-sucedidas na escola e aí, missão cumprida! Mas o que eu não sabia é que eu era completamente ignorante a quem elas eram, do que realmente precisavam e mais, ao que de fato eu precisava aprender para poder estar com elas. Conheci crianças que refletiam um universo de relações e condições em outros espaços os quais muito pouco alcançava. Compreendo que não era objetivo do projeto se implicar nos enfrentamentos diretos que esses espaços e relações para além do núcleo evidenciavam, mas com o tempo passou a fazer parte de meus questionamentos, não apenas enquanto aprendiz de pedagogo, mas como ser humano em processo de aprendizagem, a necessidade de entender de que forma a educação se implica dentro desse universo de interações, do qual a escola e, no caso o núcleo, eram apenas um dos espaços que o compunham e que, ao mesmo tempo em que eram diretamente influenciados pelos demais, certamente os influenciavam, ainda que não nos implicássemos conscientemente a todo o momento nessa dinâmica. Se no

princípio eu me julgava capaz de intervir na realidade das crianças dentro de um espaço físico fechado e determinado (o núcleo), para que isso refletisse no restante do mundo do qual elas faziam parte, com o tempo passei a perceber que a intervenção da realidade delas em mim estava a me transformar, mudando também o meu próprio entendimento do mundo, da educação e do meu papel nessa relação.

A partir da prática, a questão acerca da identidade do pedagogo começava a se expandir nas minhas percepções. Ser apenas um profissional capaz de ensinar não dava conta do que eu havia experimentado. O que era necessário para além dessa postura ainda não estava claro, mas eu comecei a entender que “ensinar” poderia não ser um processo simplesmente meu para fora, unilateral.

Hoje a *Ana deve estar com treze anos e sempre que me recordo do período que passei nesse projeto, me lembro dela e da cena que eu presenciei. Sei que aprendi infinitamente mais do que possa ter ensinado a quem quer que seja, mas espero que esse tempo tenha trazido boas conseqüências a ela e aos outros, assim como trouxe a mim também.

O contato com as crianças foi muito rico, inclusive pelas condições adversas que talvez não pudesse encontrar em outros lugares, mas o meu entendimento à época, em se tratando de um público infantil, era de que o trabalho pedagógico representava fundamentalmente um desafio no qual o professor era constantemente colocado à prova pelas condições peculiares de comportamento e compreensão do próprio processo educativo por parte dos sujeitos em questão e isso me dava muita insegurança!

Busquei conhecer outras áreas, porém, tal busca não se deu maneira muito articulada. Não foi a partir de nenhum contato mais próximo com professores ou colegas, pelo contrário. Ainda entendia esse percurso como um processo importante apenas pra mim, o qual eu devesse construir sozinha. Aliás, compreendo essa característica de individualidade como uma marca muito forte que trouxe ao longo da minha trajetória, de maneira mais acentuada no período que antecedeu a minha entrada na universidade e tempos depois de estar cursando pedagogia, aproximadamente até os 21 anos. Até esse momento pouco participei de grupos. Meu universo de relações não ia muito além do núcleo familiar e de um círculo restrito de amizades contínuas. Meu ritmo era alimentar esse circuito e para além dessas relações mais estáveis, pouco aprendi sobre estabelecer laços mais próximos a partir das

experiências de interações interpessoais que tive. Construir coletivamente, criar elos, formar redes, foi na universidade algo que aprendi a exercer pela necessidade que os desafios, frutos de meus questionamentos acerca da minha formação, me impuseram. Sobretudo nos últimos semestres, quando então pude experimentar outras formas de me perceber no mundo e perceber os outros à minha volta.

Dando seqüência ao meu caminho, no primeiro semestre de 2006 cursei a disciplina optativa Educação de Adultos, oferecida pela professora Maria Luiza Pereira Angelim. Para o meu interesse, ela abordava um público ao qual eu não havia tido contato e, como no início de meu processo para o despertar de sentido à formação, compreendi que tratava-se de uma parte dos chamados “excluídos”, os quais eu havia feito a opção para ser o público-alvo de meu trabalho. De antemão, tudo o que eu sabia sobre “eles” era a partir de um relato muito emocionado de minha mãe, que por sua vez havia concluído um curso de magistério e tendo como parte obrigatória a regência, passou pela experiência de trabalhar com a alfabetização de adultos.

“-Foi um trabalho maravilhoso! Você ver senhoras com idade para serem a sua mãe, a sua avó, te chamando de ‘Senhora Professora’, com tanto respeito, que me deixava com vergonha! - Pode me chamar de ‘você’. - Não, mas você é a Professora, tem que chamar de ‘Senhora Professora’. Eu nunca vou esquecer isso!”.

Vera Cristina Duarte, 2002.

Comecei a disciplina com o propósito de aprender o método prático de como ensinar a um adulto, a princípio analfabeto, como os que minha mãe conheceu. Como aplicar esse método de alfabetização, planejar as aulas, executar um passo-a-passo e concluir um processo de aprendizagem que sabia ter as suas especificidades, mas, no entanto me parecia muito mais simples do que os desafios que teria com as crianças. Era exatamente o que eu buscava: conhecer um público ao qual a relação entre professor e aluno se desse de maneira harmoniosa, quase infalível! Ou seja, no meu íntimo isso se traduzia de maneira a me possibilitar uma relação de trabalho segura, na qual eu saberia o que fazer ao mesmo tempo em que estaria com pessoas que sabiam a razão pela qual estavam ali. Eu ensinava e eles aprendiam, essa seria a relação

perfeita. Ou pelo menos eu ainda compreendia que deveria ser assim.

Terminei a disciplina com o conflito entre o meu pré-conceito e o reconhecimento de um universo muito mais complexo. Foi quando pude ter os primeiros contatos com a *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, os ciclos vitais de Erik Erikson e os processos de auto, hetero e ecoformação de Gaston Pineau. Dos autores e teorias que tive a oportunidade de conhecer, nunca esqueci o impacto que causaram, mesmo do pouco que consegui alcançar, pois isso era o possível com o meu próprio processo de libertação, o período em que vivia na minha espiral evolutiva, a partir de minha compreensão sobre mim, sobre os outros e o mundo naquele momento. Sentia que estava num ritmo misturado de descompasso entre mim e as idéias que se apresentaram, mas ao mesmo tempo de descobertas muito significativas. No entanto, estava mais perdida, do que instigada a aprofundar-me, por isso, passei por um período de confronto seguido de um rompimento e só retomei a temática de educação de adultos depois um intervalo de dois semestres.

Nos dois semestres seguintes insisti na busca por outras áreas, ainda afim de “descobrir” um espaço que refletisse as mesmas aspirações que as minhas, porém, com menos entusiasmo. Durante esse tempo, voltei ao fluxo mais inerte, como nos primeiros semestres. Minhas atenções se voltaram para assuntos externos à universidade, poucas disciplinas me pareciam interessantes e gradativamente me distanciava das inquietações que me motivaram à busca inicial. A filosofia foi uma tentativa durante essa busca mais tímida e na linha de projeto 03, conheci a “Filosofia na Escola”, projeto à época ministrado pelo professor Álvaro Teixeira. Em linhas gerais, seu objetivo era inserir o pedagogo no processo educativo infantil com a proposta de ampliar as possibilidades de compreensão do mundo, do ponto de vista das crianças, pela prática filosófica. Não buscar respostas objetivas frente aos seus questionamentos, mas incentivá-las a fazerem cada vez mais perguntas, desenvolvendo o exercício crítico e reflexivo. A sua dinâmica incluía a prática nas escolas, em rodas de prosa com as crianças do ensino fundamental e seus professores, assim como os encontros para leitura e discussão na Faculdade. Apesar da proposta muito interessante, não me identifiquei com o percurso em si durante o projeto e por isso não o concluí. Em seguida, e já bastante desmotivada, tentei participar por duas vezes do projeto sobre mobilidade sustentável, com a Professora Maria Rosa Abreu. Fui atraída pela proposta de desenvolver a compreensão do conceito de

sustentabilidade, nesse sentido, aplicado à temática de mobilidade e tendo como campo de experiência as discussões sobre educação, políticas públicas e soluções sustentáveis acerca do transporte urbano de Brasília e entorno, mas não concluí nenhuma das tentativas por já estar desmotivada e essa condição apenas aumentava ao longo dos semestres. Na primeira delas, julguei que havia faltado de minha parte mais empenho e paciência comigo mesma e com a proposta, para que eu pudesse encontrar um equilíbrio entre os dois lados, por isso voltei. Já na segunda tentativa, entendi que não seria aquele espaço o lugar onde eu gostaria de me dedicar para aprofundar a minha formação.

Hoje, ao concluir essa etapa, fico feliz por ter passado por cada um desses espaços que, somados aos quais irei apresentar a seguir, me possibilitaram fazer essa releitura de mim mesma, me colocando diante de minhas próprias fragilidades e fazendo com que eu reavaliasse essa trajetória, compreendendo que ela seguirá continuamente, com novos desafios e superações, em constante processo de aprendizado.

No segundo semestre de 2007, me dediquei à etapa de Projeto 04, que requer a experiência de docência. As duas etapas de projeto 03 que ainda não havia conseguido concluir ficaram em segundo plano.

Retomei a temática de educação de adultos. A disciplina optativa, cursada semestres antes foi o principal motivo pela escolha. Resgatando essa experiência, considero que a oportunidade de conhecer o trabalho da professora Maria Luiza foi muito importante. De longe, foram as experiências mais significativas, apesar das mais conflitantes, durante o meu percurso na busca por uma identidade profissional e que influíram (e influem até o momento) diretamente na ressignificação de meu percurso existencial de vida.

A primeira etapa do projeto 04 foi na rede pública de ensino, no Centro de Ensino Fundamental nº 07 do Guará 02. A turma que eu conheci era do primeiro segmento, tinha quinze educandos entre vinte e sete e sessenta e cinco anos, todos nascidos em outras regiões, principalmente a nordeste.

Observei a turma por alguns dias e assumi um pequeno calendário de aulas para cumprir a carga de horas previstas no currículo para a docência. O meu processo de amadurecimento quanto ao entendimento da prática pedagógica deu uma espécie de salto nessa oportunidade. Embora o diálogo dessa experiência não tenha sido muito

estimulado na orientação do projeto na faculdade, pessoalmente foi um grande avanço que tive. Muitas de minhas reflexões foram estimuladas a partir de outra disciplina que cursei no mesmo semestre: Processos de Alfabetização, com a professora Norma Lúcia Queiroz.

Como a maioria dos estudantes que se colocam como observadores de uma experiência, também assumi um papel, a princípio, muito crítico e pouco construtivo. Lembro que ficava estarecida com as práticas que observava, porém, quanto mais anotava em meu caderno, sentada no fundo da sala, a cada gesto ou situação relevante, a distância entre mim e a professora, bem como entre mim e a turma só aumentava. Eu chegava à sala e todos me olhavam com muita curiosidade, mas pouco à vontade.

Minhas observações giravam em torno da prática descontextualizada, infantilizada, sem sentido direto na vida dos sujeitos que eu observava. Incomodava-me o descaso das professoras em relação aos alunos, as suas posturas apáticas frente a grandes possibilidades de discussões, a falta de ação conjunta com a comunidade que a escola atendia, a escassez de recursos didáticos, etc, etc, etc.

Com o tempo, todo esse incômodo me fazia sentir a obrigação de interferir no processo que eu observava, já pensando no momento em que faria as horas de regência. Porém, assumir esse incômodo significava necessariamente assumir uma postura de mudança e me expor ao contexto em que eu estava. Isso não é tão simples, em qualquer ocasião! Naquela especificamente existia a minha condição de estudante, estagiária e observadora dentro de uma escola da rede regular, com professores formados e há muito habituados, cada um com suas concepções e práticas já assumidas.

Durante o período que tive contato com a turma, três professoras passaram pela sua regência e a cada tentativa de conversa com duas delas sobre a possibilidade de introduzir nas aulas atividades “diferenciadas”, eu era contra-argumentada sempre da mesma maneira. Diziam que a professora “titular”, afastada um mês após o início das aulas por motivos de saúde, era quem deveria ser a responsável por autorizar qualquer mudança, já que elas estavam “apenas” dando continuidade às atividades previstas. Eu nunca reconheci essa continuidade, muito pelo contrário. A professora que estava em sala durante a semana tinha uma proposta muito distante da professora que assumia as aulas nos dias de coordenação da primeira. Quando esta segunda também entrou de licença médica no meio do semestre, ninguém a substituiu. Ou seja,

a turma era dispensada uma vez por semana.

Faltando menos de dois meses para o término das aulas, a professora “titular” voltou de seu período de licença médica e finalmente pude expor as minhas idéias com a “autoridade” competente. Ao contrário do que esperava, ela se mostrou bastante solícita e aberta aos meus pontos-de-vista, o que me deixou completamente surpreendida.

Adotamos um assunto como referência durante as últimas semanas de aula: direitos trabalhistas. Ele surgiu durante algumas das muitas conversas informais sobre as histórias de vida que tive com cada aluno, após decidir me aproximar mais da turma e das professoras, participando dos intervalos com eles, visitando as salas dos professores, buscando manter um diálogo mais aberto e íntimo. Assim, percebi que esse tema era mais um dos assuntos em comum da turma, porém, ainda não havia sido desenvolvido didaticamente e nós achamos, a professora e eu, muito pertinente.

Elaborei as aulas a partir desse entendimento e em parceria com a professora, registrando os relatos de cada um sobre as principais dúvidas e questões que sentiam a necessidade de resolverem. Trabalhamos com a música “Trabalhador”, do cantor e compositor Seu Jorge e discutindo com a turma algumas situações focadas nas realidades de cada um. Trouxemos também um advogado especializado em leis trabalhistas para conversar com os alunos e tentar encaminhar e esclarecer os assuntos mais apontados por eles. Produzimos textos coletivos e os incentivamos a exercitarem a produção de textos livres, enfrentando muita resistência, mas com alguns adeptos no final, o que já considerei um avanço. Na prova escrita do final do semestre focamos os conteúdos a partir das principais discussões desenvolvidas nas aulas anteriores.

Mesmo com essa tentativa de trabalho diferenciado da prática até então desenvolvida, enfrentamos limitações e fracassos. A música quem escolheu fui eu, achando que ela seria interessante, mas sequer os consultei sobre o que eles mais gostavam de ouvir, por exemplo. O advogado que participou de uma das atividades mais os confundiu do que auxiliou, tendo em vista a sua postura de um eloqüente orador em detrimento do colaborador que pretendíamos, ao passo que a própria professora se mostrava cada vez mais atenta às realidades da turma, sensível às necessidades dos alunos.

Dessa experiência tenho excelentes aprendizados, lembranças e ainda um ressentimento: prometi a eles que voltaria a acompanhá-los no próximo semestre, mas

não voltei. Ainda não sabia, mas mais a frente, minhas escolhas me levariam a outras descobertas. A consciência ainda me chama às responsabilidades que assumi com eles e sei que isso pode ter sido prejudicial, tendo em vista que interrompi processos que desenvolvemos de relações afetivas e construções coletivas legítimas, que mereciam ser cultivadas! Por muitas vezes me pego sentindo muita saudade deles. Também na faculdade esse processo de estágio na rede regular foi administrativamente interrompido, pois o professor orientador não estaria mais trabalhando na Universidade no próximo semestre e não tive nenhuma informação sobre a pessoa que assumiria esse projeto novamente.

Semanas antes do período de matrícula para o primeiro semestre de dois mil e oito eu achei por sorte na lista de oferta dos projetos 04 o seguinte projeto “Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos”. Tentando dar continuidade à primeira etapa que havia feito no semestre anterior, decidi conhecê-lo.

No dia 13 de março de 2008, perto das dezenove horas e quase trinta minutos, eu estava à procura da sala do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) e Assuntos Históricos, Filosóficos e Culturais de Educação de Crianças, Jovens, Adultos e Idosos – GENPEX, descrita na oferta como o local do projeto. Para a minha surpresa, eu sempre via esse lugar do meu lado direito no corredor da FE 01, mas nunca tinha reparado o que era. Ao tentar abrir a porta, vi uma mesa com salgados, doces e algumas bebidas e logo imaginei que se alguém do grupo visse uma pessoa estranha abrindo a porta, curiosa, me repreenderiam imediatamente. Ao fechá-la muito rápido, olhei para o lado e vi que se aproximava em sua direção um senhor com aparência muito serena. Ainda confusa em relação ao que estava acontecendo perguntei a ele se era o professor Renato Hilário dos Reis, nome que eu havia lido como o do responsável pelo projeto na lista de ofertas. Ele balançou a cabeça, afirmando que era e antes que eu pudesse lhe pedir alguma explicação sobre o que acontecia, de também lhe explicar quem eu era e o motivo pelo qual estava ali, ele foi agarrado por outra pessoa e levado rapidamente para a praça em frente ao prédio. Sem entender nada eu o segui e procurei ficar mais próxima possível para não perder a oportunidade de lhe falar e saber da possibilidade de participar de seu projeto.

Lá fora, na praça, tinha um grupo de pessoas muito entrosado, cantando e dançando ciranda, ao som de um grupo chamado Cia. Mambembrincantes. À medida

que as pessoas amigas, conhecidas ou curiosas se aproximavam, a roda ia aumentando. Eu participei dela sem nunca ter conhecido ninguém que estivesse ali antes. Meu primeiro contato com o GENPEX foi um caloroso encontro, em função da comemoração-surpresa de aniversário do professor Renato.

Pela primeira vez estava em um espaço de formação acadêmica com uma dinâmica muito diferente do que havia experimentado até o momento e confesso que por isso, estranhei um pouco no início. A compreensão da dimensão afetiva do espaço educativo foi muito relevante nessa experiência, resgatando por vezes as lembranças do convívio anterior que tive na escola da rede pública e ampliando essa dimensão a partir das relações que construí com o grupo participante do projeto. Reconheci que lá havia um entendimento instigante do espaço acadêmico e de sua função social. Pude compartilhar ricas experiências acadêmicas e antes de tudo, de vida.

A proposta de trabalho do projeto era baseada no *saber de experiência feito*² a partir da prática de educação de jovens e adultos do movimento popular e para ele, com o acúmulo científico a serviço desse processo. Nessa oportunidade, pude entrar em contato com concepções transformadoras sobre a educação, a universidade e a sociedade e dei início à construção de um novo entendimento das relações sociais, de suas implicações na Educação, do movimento inverso, as relações educativas e suas implicações na sociedade e das novas possibilidades de entendimento quanto ao meu papel de pedagoga.

A linha de pesquisa do projeto propõe a inserção do pedagogo na temática de educação de pessoas jovens e adultas dentro do contexto da educação popular, para além de uma proposta de abordagem diferenciada da prática pedagógica, mas para uma leitura política, ideológica e propositiva em relação ao paradigma sociocultural vigente, encontrando nos movimentos sociais e em sua educação popular um possível caminho de transformação.

No mesmo semestre e, também por sorte, recebi o informativo de um projeto 03 que trabalhava com educação de jovens e adultos, movimentos sociais e tecnologias. Vi que a professora orientadora era a mesma da disciplina de educação de adultos e então, decidi me matricular. A abordagem da temática da educação de jovens e adultos se somava com outra interface, a dimensão do processo educativo pelo movimento vital e expressivo do corpo, que integrava de maneira complementar

² - Camões, Luiz Vaz. Os Lusíadas. 1572

a abordagem tecnológica e dos movimentos sociais, sempre com o olhar questionador e propositivo. Nesse processo, a dimensão existencial se constituiu como um dos principais motivadores do meu percurso. Pude entrar em contato com uma perspectiva mais aprofundada sobre a educação de pessoas jovens e adultas, que passou a fazer sentido como um processo complexo de relações físicas, emocionais e mentais do ser humano com ele mesmo, com os outros, com o ambiente e com a dimensão transcendente.

Dentro desse contexto, o projeto desenvolve colaborativamente um sítio virtual que reúne as contribuições de coletivos dos 26 estados brasileiros e do Distrito Federal, participantes do movimento social dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos do Brasil, atuante em cada um desses lugares. Juntos eles constituem o Portal dos Fóruns de EJA do Brasil (www.forumeja.org.br), um espaço virtual que está a serviço da realidade física/presencial do movimento.

Fazer parte da construção coletiva em processo desse espaço tem sido uma oportunidade singular de exercício crítico, reflexivo e propositivo da realidade na qual eu me descobri, ao compreender que a educação de jovens e adultos é fruto de um processo dialético de reprodução do paradigma hegemônico na sociedade brasileira, que se sustenta entre outros fatores no modo de produção capitalista, ao mesmo tempo em que se propõe como elemento de transformação dessa mesma sociedade, a partir de sua compreensão como um processo ao longo da vida e não apenas como ferramenta de erradicação de um problema.

Estes dois grupos de formação definitivamente me despertaram para o sentido ao qual eu deveria buscar dar à minha prática profissional, na medida em que iam além de discussões técnicas ou curriculares da prática pedagógica. Em nenhum desses espaços achei estratégias de ação prontas, ao contrário, quanto mais buscava por certezas, mais eu era instigada a me questionar. Passei a aceitar o desafio de me posicionar de forma concreta, para assumir posturas, compromissos e práticas propositivas. Eles resignificavam a minha própria percepção existencial e social.

A concepção libertadora da educação de Paulo Freire é um dos pilares destes dois espaços e talvez o eixo principal deles. A partir dessa referência, a minha compreensão da prática pedagógica e do papel do pedagogo foi transformada. Não se trata de uma relação apenas de ensino e aprendizagem seja dentro da escola ou fora dela, mas antes da prática em si, em qualquer que seja o seu campo de atuação, trata-

se do sentido pelo qual se movem juntos, educador e educando no ato de sua educação: Ser Mais. Aprendi que as experiências às quais eu vivenciei ao longo da formação e estava a vivenciar também nesses projetos ganhavam outra dimensão quando (re) pensadas sob a ótica de um sentido libertador.

Descobri-me oprimida e opressora em diversas relações, dentro e fora da universidade. No ato de negação da realidade dos outros que, por não estarem presentes nas minhas experiências pessoais de vida, negava (e por vezes ainda nego) que eles constituem e transformam o mundo no qual eu também vivo. Era a vida da *Ana em todos os seus momentos que a constituía como tal: sua relação com a mãe, irmãos, com a rua, com o núcleo, etc. E não o que eu esperava que ela devesse ser para que eu pudesse fazer o que achasse certo com ela. Da mesma forma que era a vida dos alunos e alunas do Centro de Ensino 07 no Guará 2 que os fazia como tal a partir de todas as suas experiências de mudança de cidade, de constituição de família, das relações de exploração nos seus trabalhos, da perda dos seus empregos, do desejo de aprender a ler e escrever e da importância do compromisso pedagógico verdadeiro e libertador com esse desejo, ao contrário de minha pretensão inicial em participar de uma relação de transferência de saberes, metodologicamente precisa e infalível, achando que assim estaria ajudando-os. Para me compreender como uma pedagoga era preciso (e ainda é) escutar e transformar a pessoa Juliana que se fazia (e faz) dia a dia em todos os espaços, em comunhão com essas (e outras) pessoas e não sozinha, para Ser Mais. Enfim, estava (e ainda estou) descobrindo um novo testemunho de humanidade.



Grupo de Ensino, Pesquisa e

Extensão em Educação Popular (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) e Assuntos Históricos, Filosóficos e Culturais de Educação de Crianças, Jovens, Adultos e Idosos – GENPEX e Equipe do Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos do Brasil-DF/Comunidade de Trabalho/Aprendizagem em Rede na Diversidade - CTARD



2ª Parte: “Palavras me aceitam como sou. Eu não aceito...”

Introdução

A partir do meu percurso na graduação, comecei a entender a educação como um processo dialético, na medida em que pude vivenciar experiências formativas onde a minha busca inicial para dar sentido à minha prática pedagógica se confrontava entre as minhas idealizações e a realidade que se apresentava nos espaços que participei. Nesse confronto, incorporei gradativamente um significado de transformação pessoal na medida em que buscava me inserir (de maneira equivocada) no desenvolvimento de processos de transformação dos sujeitos (em especial os alunos) com quem convivia. A partir dessa transformação pessoal, pude compreender que, tanto eu como as pessoas com quem convivia contribuía, a partir de suas experiências, atitudes e intenções, para um processo de educação amplo e mútuo.

Dentro desse contexto dialético, fui atraída pela compreensão da educação também como dialógica, na medida em que assim sendo, também se propõe um processo conjunto de reflexão-ação-reflexão, uma práxis segundo Paulo Freire, intencionada para a construção de relações libertadoras, a partir do diálogo, da comunicação, da interação entre as pessoas para Ser Mais e não o seu oposto, a transmissão de idéias, a apropriação da realidade alheia, a alienação que tem sua sustentação na concepção antidialógica da educação, denominada por Freire como educação bancária.

Compreendi que a liberdade não se faz na conquista de um estágio cognitivo mais apurado em relação a outro, na aprendizagem de conceitos e conteúdos, mas, sobretudo na significação destes elementos pela realidade existencial concreta das pessoas e assim, na conquista da capacidade de sua transformação. Isso engloba mais do que um estágio cognitivo, mas dimensões físicas, emocionais e mentais que transcendem a lógica de apreensão instrumental da realidade e alcançam a implicação nela de forma existencial, radical, dentro da luta existente, em nível pessoal e coletivo, nas relações materiais e históricas que vivemos.

Assim, tomo por base os processos educativos desenvolvidos nos espaços curriculares específicos do curso de graduação de licenciatura em pedagogia da Faculdade de Educação - FE da Universidade de Brasília - UnB, a saber: A) Projetos 03 e 04 de Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos, que faz parte das atividades do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) e Assuntos Históricos, Filosóficos e Culturais de Educação de Crianças, Jovens, Adultos e Idosos - GENPEX³; B) Projeto 03 de Educação de Jovens e Adultos - EJA, Movimentos e Redes Sociais - Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos do Brasil-DF/Comunidade de Trabalho/Aprendizagem em Rede na Diversidade - CTARD, instituído em 2006 que corresponde ao Programa de Extensão Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e

³ - “Os objetivos são os seguintes: 3.1 Inter-relacionar interesses de ensino, pesquisa, extensão da Faculdade de Educação(FE) e demais unidades da Universidade de Brasília (UnB) e interesses dos moradores e moradoras da periferia de Brasília e entorno, constituindo uma parceria universidade-sociedade civil (particularmente movimentos sociais) sociedade política, contribuidora à melhoria das condições de vida dos moradores e das moradoras e simultaneamente do ensino e pesquisa da UnB, num movimento prático reciprocamente oxigenante e transformante; 3.2 Contribuir com um processo educativo que simultaneamente escolariza e desenvolve a mobilização e organização das camadas populares, por maiores e melhores condições de vida; 3.3 Contribuir com o aprimoramento, ampliação e consolidação das iniciativas de educação de crianças (educação infantil), alfabetização e escolarização de jovens e adultos, desenvolvidas desde 1986, entre o movimento popular da cidade administrativa do Paranoá e a Universidade de Brasília; 3.4 Colaborar com as coordenações de graduação, pesquisa e extensão da FE, no sentido de viabilizar a integração graduação-pós-graduação e vice-versa, e a articulação ensino-pesquisa-extensão, com base na organização e funcionamento do currículo. Ou seja, o currículo, como instrumento viabilizador e realizador da articulação ensino, pesquisa e extensão; 3.5 Desenvolver ação-reflexão-ação permanente, com registro, sistematizações e produção acadêmica do Grupo, individual e coletivamente, com destaque e direito de autoria de todos os seus participantes (alfabetizados/as, alfabetizandos/as, alfabetizadores/as, dirigentes de movimento populares, servidores/as da UnB, e outras instituições, professores/as, alunos/as da graduação e pós-graduação da FE e demais unidades da UnB e outras universidades que venham participar do Grupo; 3.6 Assessorar as iniciativas da UnB na área de educação de jovens e adultos e crianças, desde que não gere uma dispersão e distanciamento em relação aos pressupostos e objetivos primordiais do Grupo e sem nunca perder o eixo norteador de atuação, que vem balizando a atuação da UnB nas experiências de educação de jovens e adultos e crianças, no Paranoá.” - GENPEX. Documento Base. Universidade de Brasília, 2000.

Adultos - EJA do Brasil⁴ (www.forumeja.org.br), aprovado em 2009; os quais propõem como alguns de seus eixos referenciais a educação libertadora em Paulo Freire.

O objetivo deste trabalho consiste em refletir junto outros colegas de curso, já pedagogos, portanto em exercício constante do estabelecimento de relações sociais sob o princípio de um processo educativo, cuja formação tenha se dado entre o 2º semestre de 2002 ao 2º semestre de 2009, e que, em especial, tenham participado dos referidos espaços curriculares descritos acima, quais as relações entre suas experiências formativas à luz de uma concepção libertadora da educação e suas implicações na dinâmica social a partir da construção de relações no exercício de suas profissões.

Segundo a Resolução CNE/CP 1/2006 do Diário Oficial da União, em 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11, ao instituir as Diretrizes Curriculares de Pedagogia afirma em seu artigo 5º que:

O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a:

I - atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária;

II - compreender, cuidar e educar crianças de zero a cinco anos, de forma a contribuir para o seu desenvolvimento nas dimensões, entre outras, física, psicológica, intelectual, social;

III - fortalecer o desenvolvimento e as aprendizagens de crianças do Ensino Fundamental, assim como daqueles que não tiveram oportunidade de escolarização na idade própria;

⁴ - “Em 1998, iniciou-se a pesquisa para o desenvolvimento do Observatório UNESCO/UnB ‘Inclusão educacional e Tecnologias interativas’ sobre o tema: Alfabetização de Jovens e Adultos, cujos resultados parciais foram apresentados no 4º Encontro Nacional do MOVA-Brasil (Campo Grande-MS,2004) e no VI Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos-ENEJA (Porto Alegre-RS,2004), contribuindo para desencadear duas pesquisas significativas como introdução das linguagens tecnológicas de informação e comunicação virtual no movimento social dos Fóruns estaduais e distrital de EJA. A primeira pesquisa foi o desenvolvimento e manutenção de página web em software livre⁶, capaz de corresponder à dinâmica da construção coletiva na organização de dois eventos nacionais coordenados pelo GTPA-Fórum EJA/DF, em Brasília -5º Encontro Nacional do MOVA-BRASIL (15-17/06) e VII ENEJA (30/08-02/09), ambos em 2005 – criando/exercitando a cultura virtual multimídia. A segunda pesquisa, em desenvolvimento colaborativo na configuração do Portal de domínio “org” dos Fóruns estaduais e distrital de EJA – www.forumeja.org.br, contemplando a complexa lógica da teia de relações que entrecruza segmentos (...), temas diversos de educação (...) e unidades federadas estaduais e distrital com uso da ferramenta drupal em software livre. Tais pesquisas, caracterizadas como pesquisa-ação, no sentido amplo, foram desenvolvidas, sob a orientação de professores da Faculdade de Educação e do Centro de Desenvolvimento de Tecnologia e Conhecimento-CDTC da UnB, criando condições de oferecer, com o apoio da SECAD/MEC, um ambiente virtual colaborativo para os 27 Fóruns estaduais e distrital com desenvolvimento descentralizado e para a formação de professores e gestores de Educação de Jovens e Adultos.” ANGELIM, Maria Luiza Pereira. Extensão como espaço de formação de educadores de jovens e adultos. In SOARES,L.(org.) Formação de Educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006.

- IV - trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo;*
- V - reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas;*
- VI - ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano;*
- VII - relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas;*
- VIII - promover e facilitar relações de cooperação entre a instituição educativa, a família e a comunidade;*
- IX - identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras;*
- X - demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras;*
- XI - desenvolver trabalho em equipe, estabelecendo diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento;*
- XII - participar da gestão das instituições contribuindo para elaboração, implementação, coordenação, acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico;*
- XIII - participar da gestão das instituições planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não-escolares;*
- XIV - realizar pesquisas que proporcionem conhecimentos, entre outros: sobre alunos e alunas e a realidade sociocultural em que estes desenvolvem suas experiências não escolares; sobre processos de ensinar e de aprender, em diferentes meios ambiental-ecológicos; sobre propostas curriculares; e sobre organização do trabalho educativo e práticas pedagógicas;*
- XV - utilizar, com propriedade, instrumentos próprios para*

construção de conhecimentos pedagógicos e científicos;

XVI - estudar, aplicar criticamente as diretrizes curriculares e outras determinações legais que lhe caiba implantar, executar, avaliar e encaminhar o resultado de sua avaliação às instâncias competentes.”

Por sua vez, segundo a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO (2002), os pedagogos como profissionais constituídos socialmente, estão inseridos no grande grupo de profissionais das ciências e das artes, no subgrupo de profissionais de ensino e na família de programadores, avaliadores e orientadores de ensino - código 2394 e tem como atribuições as seguintes ações:

“Implementam, avaliam, coordenam e planejam o desenvolvimento de projetos pedagógicos/instrucionais nas modalidades de ensino presencial e/ou a distância, aplicando metodologias e técnicas para facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Atuam em cursos acadêmicos e/ou corporativos e todos os níveis de ensino para atender as necessidades dos alunos, acompanhando e avaliando os processos educacionais. Viabilizam o trabalho coletivo, criando e organizando mecanismos de participação em programas e projetos educacionais, facilitando o processo educativo entre a comunidade escolar e as associações a ela vinculadas” .

A competência de elaborar, coordenar, planejar, avaliar, implementar, investigar e/ou desenvolver em diferentes naturezas de organizações educativas o processo de ensino/aprendizagem, sobretudo lidando com a dimensão coletiva no sentido de promover comunicação entre os sujeitos e suas comunidades, (itens I, VIII e IX das Diretrizes Curriculares e texto CBO “*Viabilizam o trabalho coletivo, criando e organizando mecanismos de participação em programas e projetos educacionais, facilitando o processo educativo entre a comunidade escolar e as associações a ela vinculadas*”) , se faz presente como tanto na perspectiva de formação acadêmica quanto na perspectiva de atuação profissional do pedagogo.

Dentro desse entendimento, um dos muitos aspectos relevantes é que a partir dos apontamentos feitos tanto pelas Diretrizes Curriculares quanto pela CBO (2002), a própria relação de comunicação entre os sujeitos e suas comunidades ganha sentidos

cada vez mais expansivos, pois em ambos destacamos o uso das possibilidades de interação físicas presenciais quanto à distância (item VII das Diretrizes Curriculares e texto CBO “*Implementam, avaliam, coordenam e planejam o desenvolvimento de projetos pedagógicos/instrucionais nas modalidades de ensino presencial e/ou a distância, aplicando metodologias e técnicas para facilitar o processo de ensino e aprendizagem.*”), atendendo às atualizações das demandas de construção das relações sociais. Nesse sentido, as várias possibilidades de intercomunicação entre pessoas e lugares cada vez mais distantes no sentido geográfico, ficam cada vez mais próximas no sentido educativo.

Essas e outras dimensões do trabalho pedagógico se dão em contextos históricos específicos por correlações de forças políticas que permeiam a realidade na qual o pedagogo está inserido. Compreender o sentido político e existencial que os sujeitos da pesquisa conferem nas relações sociais que estabelecem, descritas neste trabalho como relações de reprodução, adaptação e/ou transformação social, a partir de suas experiências profissionais e a implicação que o processo formativo acadêmico tem nesse contexto se faz relevante para pensarmos, entre outros aspectos, o potencial da educação em suas diferentes interfaces com a dinâmica social.

Referencial Teórico

A partir do conceito sociológico em Marx e Engels, com a obra *A Ideologia Alemã*, compreende-se o homem, em linhas gerais, como ser social que, pela força criativa do trabalho é também o agente criador da história, num enfrentamento constante com as relações materiais às quais está condicionado:

“A primeira condição de toda história humana é, naturalmente, a existência de seres humanos vivos. A primeira situação a constatar é, portanto, a constituição corporal desses indivíduos e as relações que ela gera entre eles e o restante da natureza. (...) Toda historiografia deve partir dessas bases naturais e de sua transformação pela ação dos homens, no curso da história.

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião e por tudo o que se queira. Mas eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e esse passo à frente é a própria

conseqüência de sua organização corporal. Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material.

A maneira como os homens produzem seus meios de existência depende, antes de mais nada, da natureza dos meios de existência já encontrados e que eles precisam reproduzir. Não se deve considerar esse modo de produção sob esse único ponto de vista, ou seja, enquanto reprodução da existência física dos indivíduos. Ao contrário, ele representa, já, um modo determinado da atividade desses indivíduos, uma maneira determinada de manifestar sua vida, um modo de vida determinado. A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção.”

(MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. 2005, p 18 e 19.)

Especificamente, ao criticar a sociedade burguesa do século XIX e a sua forma de organização do trabalho, Marx e Engels também criticam, em favor da classe operária, a forma de construção das relações humanas, num âmbito ideológico e estrutural, que condiciona os sujeitos a uma relação de forças onde aqueles que têm a propriedade dos meios de produção dominam os que, não os tendo, vendem a sua força de trabalho, que empregam nesses meios para sobreviverem ao mesmo tempo em que são alienados da consciência dessa força como condição transformadora da realidade. Em superação a esse contexto, entre outros aspectos, apontam para uma concepção de organização social onde os meios de produção sejam comuns a todos, em que não haja a relação de exploração da força de trabalho e os homens sejam conscientes de sua condição criadora da história, em lugar à sua concepção de origem e destino a partir de forças externas a ele.

Tomando essa concepção como um dos seus pilares, em Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire ⁵, esse mesmo homem é também um ser de vocação

⁵ - “Quando muito moço, muito jovem, eu fui aos mangues do Recife, aos córregos do Recife, aos morros do Recife, às zonas rurais de Pernambuco, trabalhar com os camponeses, com as camponesas, com os favelados. Eu confesso sem nenhuma 'chorumingas', eu confesso que eu fui até lá movido, movido por uma certa lealdade ao Cristo com quem eu... De quem eu era mais ou menos camarada. Mas o que acontece é que quando eu chego lá a realidade dura do favelado, a realidade dura do

ontológica para Ser Mais, ou seja, em comunhão com os outros homens, a partir das relações sociais que estabelecem, dentro de sua materialidade, ele é agente de construção da realidade segundo a sua aspiração natural para o bem comum, pelo exercício da liberdade. Qualquer força de ação contrária à concepção libertadora do ser humano não é senão uma desconstrução de sua vocação ontológica, uma violência contra a sua própria natureza.

Essa violência é fruto da cultura do Ser Menos, igualmente constituída a partir das relações sociais e materiais do ser humano ao longo da história, como uma negação ao seu curso natural de existência, expressa em Freire pela teoria antialogica que justifica as relações de opressão aos quais os homens submetem-se uns aos outros, a partir de vários aspectos existenciais entrecruzados: histórico, cultural, econômico, social, psicológico, entre outros.

O “retorno” ao curso natural do homem dá-se então na busca pela libertação, feita pelos oprimidos e pelos que com eles se solidarizam radical e verdadeiramente por reconhecerem-se enraizados nas condições de reprodução da opressão. Juntos eles se engajam na construção de uma nova cultura social, revolucionária. Essa revolução, por ser fruto de um processo feito pelos homens em constante diálogo, reflexão e ação é pedagógica em essência, ancoradas no que Freire expressa como uma teoria da dialogicidade. Por isso, ela não pode se fazer na sloganização, na transmissão de idéias ou na massificação dos homens, mas na construção de ideais que partam da reflexão concreta de suas realidades.

O reconhecimento do oprimido como um ser ambíguo, ou seja, que também hospeda o opressor em si, certamente por ser este o seu testemunho de mundo até então, é o que Freire chama como um primeiro passo para alcançar a libertação. Não é possível que ela se faça sem este reconhecimento, pois é ele que dá condições para

camponês, a negação da, a negação do seu ser como gente, a tendência àquela, àquela adaptação de que a gente falou antes, aquele estado quase inerte diante da negação da liberdade, aquilo tudo me remeteu à Marx. Eu sempre digo, não foram os camponeses que disseram a mim: 'Paulo, tu já leste Marx?' Não, de jeito nenhum! Eles não liam nem jornal! Foi a realidade deles que me remeteu à Marx. E eu fui, e eu fui à Marx. E aí, aí é que os... Os jornalistas europeus em setenta não entenderam a minha afirmação. É que quanto mais... Quanto mais eu li Marx, e... Tanto mais eu encontrei uma certa fundamentação objetiva pra continuar camarada de Cristo. Então as leituras que eu fiz de Marx, de alongamentos que eu fiz de Marx, não... Não... É, não me sugeriram jamais que eu deixasse de encontrar Cristo na esquina das próprias favelas. Eu fiquei com Marx na mundaneidade à procura de Cristo na transcendentalidade” – Transcrição de um trecho da última entrevista de Paulo Freire, realizada em 17 de abril de 1997. Fonte: <http://forumeja.org.br/ultimaentrevista.paulofreire>. Acesso em 09/01/2010.

que, uma vez consciente das relações que o oprimem, o oprimido não as reproduza sobre outros sujeitos que ainda não se saibam capazes de ser livre. Essa é a principal luta: a de libertar-se em comunhão com a libertação de todos, inclusive o opressor.

Em complementaridade a essas concepções - ou seja, da compreensão do ser humano como um Ser Criador, que em conjunto com os outros, (re) cria a história na busca pela perfeição de Ser Mais - é possível apontar no campo da ciência da educação em Paradigmas Educacionais/Escolas e Sociedades, de Ives Bertrand e Paul Valois (1994) um trabalho de pesquisa cuja finalidade foi sistematizar a relação entre alguns dos principais paradigmas sociais e suas respectivas concepções educativas, portanto, construções materiais históricas da cultura humana, às quais lançam mão para as suas justificativas ao mesmo tempo em que refletem a educação em si como um processo dialético de transformação das realidades e um meio de construção de novas sociedades.

“Este livro é fruto de reflexões que se desenvolveram durante quase vinte anos. Foi, efectivamente, em 1974 que começamos as nossas investigações sobre as relações entre a escola e a sociedade.

(...) A problemática permanece a mesma. Continuamos a questionar sobre o papel social da educação. Procuramos ainda compreender a utilidade das organizações que têm a responsabilidade de educar, uma vez que os problemas sociais são cada vez mais cruciais (Lemann, 1991; Liauzu, 1991), que o planeta Terra sufoca sob os detritos e asfixia gradual e irremediavelmente. Constatamos que os jovens são confrontados com novas responsabilidades. A dimensão dos desafios exige uma tomada de consciência imediata, bem como soluções fundamentais, que são propostas nessa obra.

Será que as respostas para os problemas da educação se modificaram nesse último quarto de século? Não! Constatamos que as ideologias são as mesmas. Os pensamentos humanistas, muito atraentes durante as décadas de 60 e 70, perderam sua força inicial. (...) Abandonamos as intenções autogestionárias e abraçamos uma visão mais cooperativa e mais pedagógica da educação. O pensamento dito tradicional conheceu um rejuvenescimento e monopolizou muitas energias. A noção de excelência foi o tema monopolizador dos últimos anos. E, finalmente, no espaço contracultural, as reflexões que persistem nas

dimensões espirituais e ecológicas, descritas na época por paradigma simbiosinérgico, inscrevem-se doravante no espírito do tempo. Agora podemos ser espiritualistas e ecologistas ao mesmo tempo, sem cair no anonimato.

A nossa obra, Escola e Sociedades, analisa essas modificações nas relações entre a escola e a sociedade. Propomos uma nova visão das teorias e das escolhas a fazer na educação. Abordamos prioritariamente a questão da dialética social. Insistimos ainda na necessidade urgente de utilizarmos uma abordagem mais social, mais ecológica e mais espiritual da educação.”

(BERTRAND, Ives e VALOIS, Paul. Paradigmas Educacionais - Escola e Sociedades. 1994, p. 7)

Os autores refletem sobre um total de quatro paradigmas socioculturais que orientam as concepções paradigmáticas das organizações educativas. São eles: industrial, existencial, dialético social e simbiosinérgico. Estes justificam os paradigmas educacionais das organizações educativas segundo suas funções: epistemológica, cultural, política, econômica e social. A depender do paradigma educacional em questão, cada função assume um papel mais ou menos relevante em sua configuração, o que contribui para dar sentido à sua identidade.

Segundo BERTRAND e VALOIS (1994, p. 29), um paradigma sociocultural é segundo o seu caráter dinâmico:

“a expressão da ação exercida pela sociedade, a partir de sua atividade, sobre as suas práticas sociais e culturais, através da combinação de cinco componentes: uma concepção do conhecimento; uma concepção da relação entre pessoas, a sociedade e a natureza; um conjunto de valores e interesses; uma forma de executar e um significado global da atividade humana.”

À exceção do paradigma sociocultural industrial, os outros três propõem, em linhas gerais, a transformação da sociedade segundo valores e objetivos próprios. No paradigma existencial, o foco é o ser humano, orientando aos paradigmas educacionais normas, exemplos e ações pedagógicas que visem o desenvolvimento da pessoa e culminem em uma sociedade voltada para a pessoa. No paradigma dialético social as orientações e objetivos, segundo as normas, os exemplos e as ações são a

mudança estrutural da sociedade, inclusive propondo novas formas de gestão, como a autogestão e a exclusão das classes. Com o paradigma simbiosinérgico, a ecologia, a sociedade e a espiritualidade juntas constituem o objetivo central das ações, normas e modelos paradigmáticos. O Paradigma industrial é o único pensado com a intenção de reproduzir ou no máximo adaptar as relações sociais existentes, orientando seus paradigmas educacionais para o mesmo sentido.

É importante ressaltar a limitação interpretativa que a categorização em esquemas e análises sistêmicas pode conferir à realidade, quando a lemos de forma tão objetiva. Porém, mesmo que contrários ao intuito de limitar a sua interpretação, os autores sugerem essa linha de análise, a partir de um estudo ao longo de vinte anos sobre as práticas educativas e suas construções sociais, a fim de contribuir para o enriquecimento do acúmulo científico sobre o tema e para o apontamento de possibilidades de transformações mais concretas.

Dessa maneira, temos um vasto campo de possibilidades para a compreensão de uma organização educativa segundo suas orientações paradigmáticas e porque não, de reflexão sobre as perspectivas e práticas das nossas organizações educativas e, no caso deste trabalho, da Universidade de Brasília-UnB junto à Faculdade de Educação – FE, na oferta do curso de graduação de licenciatura em pedagogia e alguns possíveis desdobramentos desse processo na sociedade, a partir do entendimento de que cada vez mais o profissional pedagogo exerce suas práticas tanto dentro das instituições escolares quanto cada vez mais fora delas. Na atual e expansiva sociedade educativa⁶ a necessidade de ampliação da presença deste profissional em diversas áreas do mundo do trabalho é um fato, pois, em última instância, onde há processos de aprendizagem e construção de conhecimento é justificada a presença e atuação do pedagogo.

Ainda que para fins de pesquisa social, os estudos sobre o impacto das práticas dessa categoria de profissionais nos espaços organizacionais da sociedade, a depender do processo formativo pelo qual passaram, devam ser feitos de acordo com parâmetros de representatividade mais abrangentes, propomos uma auto-reflexão de alguns desses sujeitos sobre a relação entre a formação e a prática no intuito de poder

⁶ - ANGELIM, M.L.P. A Teleducação nos tempos da internet. In MELO, J. M. et al (orgs.) Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún. São Bernardo Campo: Cátedra UNESCO: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

contribuir na compreensão de suas implicações nas relações de reprodução, adaptação e/ou transformação social dos meios nos quais interagem.

3ª Parte: “Não agüento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às seis horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva, etc, etc...”

Referencial Metodológico

O desenvolvimento de um trabalho de pesquisa que se proponha a relacionar-se de maneira orgânica com o objeto o qual estuda, no intuito de intervir propositivamente junto aos apontamentos que dele se façam é um passo fundamental de avanço no sentido de uma prática libertadora de construção da realidade.

Nesse sentido, metodologias de pesquisa como a pesquisa-ação existencial⁷ são referências para a elaboração de uma proposta de trabalho como essa. No entanto, na

⁷ - René Barbier. A pesquisa-Ação. Tradução de Lucie Dídio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007 p.66.

impossibilidade de realizá-la tendo em vista a falta de tempo como limitador concreto às exigências de seus procedimentos, a abordagem metodológica escolhida foi o trabalho com grupo focal, tendo em vista o seu caráter dinâmico de interação, que pretende que o processo de construção e valorização da identidade participativa do grupo seja incentivado o tanto quanto possível, a fim de desenvolver uma experiência reflexiva, coletiva e autônoma.

Trata-se de uma técnica utilizada segundo a natureza qualitativa de pesquisa social. No entanto, o seu uso sofreu alterações quanto as múltiplas finalidades à que se prestou, em diferentes áreas do conhecimento. Segundo GATTI, (2005, p. 7 e 8, citando Kitzinger, 1994, p.103 e 104):

“Lembra a autora que o grupo focal é uma técnica empregada há muito tempo, sendo primeiramente mencionada como técnica de pesquisa em marketing nos anos 1920 e usada por R. Merton nos anos 1950 para estudar as reações das pessoas à propaganda de guerra. O uso de grupos de discussão como fonte de informação em pesquisa foi comum nos anos 1970 e 1980 em áreas muito particulares, como na pesquisa em comunicação, na avaliação de materiais diversos ou de serviços, em estudos sobre recepção de programas de televisão ou de filmes, em processos de pesquisa-ação ou pesquisa-intervenção. Mas, de acordo com Kitzinger (1994, p. 104), embora se empregassem grupos para levantamento de dados nesses nichos, essa técnica não se desenvolveu de modo sistemático, como técnica de pesquisa, por um bom tempo, nas ciências sociais em geral. Isso veio a ocorrer próximo ao final do século passado. De fato, houve uma espécie de redescoberta dos grupos focais no início dos anos 1980, momento em que a preocupação em adaptar essa técnica ao uso na investigação científica cresceu.”

Segundo POWEL e SINGLE, (1996, p.449, citado por GATTI, 2005, p.07):

“Um grupo focal é um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto da pesquisa, a partir de sua experiência pessoal”.

No entanto, destaca-se que a constituição da pesquisadora-mediadora deu-se a partir de suas experiências acadêmicas nos referidos espaços curriculares do curso de graduação de licenciatura em pedagogia pela UnB. Assim, o objetivo do trabalho se fez a partir de sua direta implicação no tema.

Segundo MORGAN e KRUEGER, (1993, citado por GATTI, 2005, p.09):

“a pesquisa com grupos focais tem por objetivo captar a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos, como, por exemplo, a observação, a entrevista ou questionários. O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significação que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar.”

Por tratar-se do desenvolvimento de uma reflexão de caráter subjetivo relevante, ao expor as impressões, aspirações e conflitos dos participantes da pesquisa no contexto de suas relações entre a formação acadêmica e o mundo do trabalho, a justificativa da metodologia escolhida se dá, sobretudo, pela possibilidade de interação entre os sujeitos em condições de maior familiaridade uns com os outros para exporem as suas idéias, sentimentos, dificuldades, entre outros aspectos de cunho existencial, aproveitando tanto quanto possível a dinâmica interacional que a técnica propõe.

No entanto, vale ressaltar que esse aspecto de familiaridade também é facilitado pelo fato de que todos os participantes da pesquisa se conhecem e tiveram a oportunidade de trabalhar uns com os outros nos espaços curriculares especificados neste trabalho.

Procedimentos metodológicos

O delineamento do objetivo do trabalho, como já citado anteriormente, se fez a partir da intenção inicial da pesquisadora de refletir junto a sujeitos graduados no curso de Licenciatura em Pedagogia da UnB que passaram por experiências formativas nos espaços curriculares abordados na pesquisa sobre a relação entre essa formação e as suas experiências no mundo do trabalho. Mais precisamente, a essência está na tentativa de compreender: A) em que medida essas experiências acadêmicas se fizeram relevantes para a constituição desses sujeitos enquanto profissionais pedagogos; B) durante o exercício cotidiano de suas práticas, em que medida os sujeitos reconheciam as relações sociais que delas estabeleciam como sendo de reprodução, adaptação e/ou transformação social.

No decorrer das orientações da pesquisa esses objetivos gerais foram se

desdobrando em objetivos específicos que nortearam a criação dos roteiros ou tópicos guia⁸ para a realização dos encontros com o grupo. Entretanto, ao longo desse processo de orientações, bem como a partir da primeira reunião de grupo focal realizada, os roteiros ou tópicos guia sofreram alterações a fim de alcançar com mais eficiência os objetivos da pesquisa.

Os objetivos específicos que compuseram esse processo de (re) elaboração do roteiro ou tópicos guia da pesquisa foram os seguintes:

- A) Conhecer por meio da exposição da memória educativa dos participantes, a partir do exercício reflexivo e sistematizado em seus Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC's, os aspectos mais relevantes, significativos da formação na universidade.
- B) Conhecer a opinião dos participantes sobre o papel da universidade na formação profissional e na sua relação com a sociedade.
- C) Conhecer por meio da apresentação e justificativa dos participantes três valores, atitudes e/ou características adquiridas (os), praticadas (os) e/ou presentes durante a graduação, em pelo menos um, dos dois espaços curriculares abordados no trabalho.
- D) Conhecer por meio da apresentação e justificativa dos participantes três atividades que fazem parte do cotidiano em suas práticas profissionais consideradas de maior relevância.
- E) Conhecer a opinião dos participantes sobre a auto-consciência de suas práticas em relação à concepção libertadora da educação e a compreensão de seus entrecruzamentos nas relações de poder presentes em seus espaços de trabalho.
- F) Conhecer a opinião dos participantes sobre a relação entre as suas práticas profissionais e os processos de reprodução, adaptação e/ou transformação das relações sociais das quais fazem parte, especialmente no ambiente de trabalho.

⁸ - Ver GASKELL, G. Entrevistas Individuais e Grupais. In: Bauer, M.W e GASKEL, G. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. tradução de Pedrinho A. Guareschi.– Petrópolis, RJ : Vozes 7 ed., 2008

- G) Conhecer a opinião dos participantes sobre a relação entre a auto-consciência de suas práticas profissionais e as mudanças sociais paradigmáticas.
- H) Conhecer a opinião dos participantes sobre a construção coletiva como possibilidade de transformação social a partir de suas experiências e expectativas profissionais.
- I) Conhecer a opinião dos participantes sobre a experiência proposta pelo trabalho com Grupo Focal.

Quanto à seleção dos participantes, GATTI (2005, p. 18 e 19) afirma que:

“Ligado aos objetivos, é preciso considerar o que se sabe sobre o conjunto social visado, uma vez que algum traço comum entre os participantes deverá existir, estando isso na base do trabalho com o grupo focal.

(...) Nessas escolhas, o conhecimento e o julgamento do pesquisador é que irão balizar a composição do grupo.”

Segundo o pré-requisito de homogeneidade correspondente a um dos pontos característicos de pesquisa em grupo focal, os critérios para a seleção dos sujeitos participantes da pesquisa foram os seguintes:

- ◆ Ser pedagogo (a) formado (a) no curso de graduação de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação - FE da Universidade de Brasília - UnB;
- ◆ Ter participado durante algum período da graduação de pelo menos um dos espaços curriculares abordados neste trabalho, por se tratarem, a partir de seus referenciais teóricos e práticos, de propostas pedagógicas segundo a concepção freireana (libertadora) da educação. A saber: A) Projetos 03 e 04 de Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos, que faz parte das atividades do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) e Assuntos Históricos, Filosóficos e Culturais de Educação de Crianças, Jovens, Adultos e Idosos - GENPEX; B) Projeto 03 de Educação de Jovens e Adultos – EJA, Movimentos e Redes Sociais - Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos do Brasil-DF/Comunidade de

Trabalho/Aprendizagem em Rede na Diversidade - CTARD, que corresponde ao Programa de Extensão Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos – EJA do Brasil (www.forumeja.org.br).

- ◆ Exercer no mundo do trabalho atividades correspondentes às competências e funções do pedagogo por meio de contrato de trabalho que designe o exercício específico dessa profissão ou o exercício de cargos com designações diferentes, mas que no geral traga em sua justificativa natureza semelhante de função.

Foram convidados por e-mail e contato telefônico um total de nove pessoas, das quais sete aceitaram o convite. As principais informações referentes aos sujeitos que participaram da pesquisa, incluindo a pesquisadora-moderadora por sua constituição enquanto tal, a partir das experiências acadêmicas nos referidos espaços curriculares, estão descritas nos quadros 1.1 e 1.2 a seguir:

Quadro 1.1 – Características dos participantes do grupo focal, outubro 2009.

SUJEITO	IDADE	SEXO	NATURALIDADE	CIDADE DE MORADIA no DF	VÍNCULO PROFISSIONAL ATUAL	CARGO	PERÍODO DE GRADUAÇÃO NA UnB	ESPAÇO FORMATIVO CURRICULAR E PRÍODO DE EXPERIÊNCIA	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ANO
A	25	F	SÃO PAULO SP	BRASÍLIA PARK WAY	CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS - CNM	TÉCNICA EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS	2º/2004 A 1º/2009	01 - 1º/2008 A 1º/2009	Educação emancipadora: a significação para alfabetizadores e alfabetizando jovens e adultos do Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá – CEDEP - 2009.
S	23	F	CANARANA BA	BRASÍLIA ASA NORTE	SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL	PROFESSORA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DOS ANOS INICIAIS	1º/2005 A 2º/2008	01 – 1º/2006 A 2º/2008	Projeto Paranoá: Inserção-Participativa-Contributiva no Cotidiano da Educação de Jovens e Adultos no CEDEP/Paranoá/Itapoã - 2008
Z	23	F	CEILÂNDIA DF	BRASÍLIA ASA NORTE	MINISTÉRIO DA CULTURA	COORDENADORA DE PONTOS DE CULTURA DIGITAL	2º/2004 A 1º/2009	01 - 1º/2008 A 1º/2009	A Ressignificação da Subjetividade na Educação Popular e Digital de Jovens e Adultos - 2009.
J	24	M	BRASÍLIA DF	CRUZEIRO	SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL	PROFESSOR DE EDUCAÇÃO BÁSICA DOS ANOS INICIAIS	2º/2003 A VERÃO DE 2009	01 -1º/2008 A 2º/2008 02-2º/2005 A VERÃO 2009	Ensaio sobre a consciência coletiva – ambientes virtuais e vivências diretas - 2009
L	28	F	SOBRADINHO DF	BRASÍLIA ASA NORTE	BANCO DO BRASIL	ESCRITURÁRIA / FUNÇÃO COMISSIONADA - ASSISTENTE "A" DE CENTRO DE SUPORTE OPERACIONAL	2º/2002 A 1º/2007	02- 1º/2006 A 2º/2006	Libertando-me na e da Educação Bancária - 2007.
M	27	M	BRASÍLIA DF	PARANOÁ	BANCO DO BRASIL	ANALISTA "B" NA UNIDADE REGIONAL DE GESTÃO DE PESSOAS E RESPONSABILIDAD E SOCIOAMBIENTAL	2º/2003 A 1º/2009	01 - 2º/2005 A 1º/2009 02- 1º/2006 A 2º/2006	Educação e Tecnologia na Resolução de Situações- Problema-Desafio - 2009
R	27	M	BRASÍLIA DF	TAGUATINGA	SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL	PROFESSOR DE EDUCAÇÃO BÁSICA DOS ANOS INICIAIS	2º/2005 A 1º/2009	01 - 1º/2008 A 2º/2008 02- 1º/2006 A 1º/2008	Os sentidos da avaliação em um espaço de semiliberdade: punição ou (re)significação acerca dos saberes dos educandos com restrição de liberdade? - 2009.
U	23	F	BRASÍLIA DF	GUARÁ	NÃO POSSUI	NÃO SE APLICA	2º/2004 A 2º/2009	01 – 1º/2008 A 1º/2009 02– 1º/2008 A 2º/2009	Reflexões de um Grupo de Pedagogos e Pedagogas sobre a Educação Libertadora em suas Vivências Formativas e Práticas Profissionais - 2010.

Legenda:

F - feminino; M - masculino

01 - Projeto 03 e 04 "Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos" e GENPEX

02 - Projeto 03 "Educação de Jovens e Adultos - EJA, Movimentos e Redes Sociais - Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos do Brasil-DF/Comunidade de Trabalho/Aprendizagem em Rede na Diversidade - CTARD" e Programa de Extensão Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos do Brasil.

Quadro 1.2 – Período de graduação dos participantes do grupo focal

2º/2002	L							
1º/2003		J	M					
2º/2003								
1º/2004								
2º/2004				A	Z	U		
1º/2005							S	
2º/2005								R
1º/2006								
MARCO DA MUDANÇA DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DE PEDAGOGIA								
2º/2006								
1º/2007								
2º/2007								
1º/2008								
2º/2008								
1º/2009								
2º/2009								

Legenda:

	Espaço 01 – Projeto 03 e 04 “Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos” e GENPEX
	Espaço 02 - Projeto 03 “Educação de Jovens e Adultos – EJA, Movimentos e Redes Sociais - Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos do Brasil-DF/Comunidade de Trabalho/Aprendizagem em Rede na Diversidade - CTARD” e Programa de Extensão Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos do Brasil.
	Participação concomitante nos dois espaços

A partir dos quadros, observa-se entre outros aspectos, as seguintes características:

- ◆ As áreas de atuação profissional representadas pelo grupo são duas: a de docência em instituição escolar e a de gestão de processos/sistemas educativos,

distribuídas em três tipos de organizações - não governamentais, instituição pública federal e instituição bancária oficial.

- ◆ Anteriormente à mudança das diretrizes curriculares nacionais de pedagogia, a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília já havia organizado o currículo do curso no sentido de agregar à formação os projetos. Mesmo assim, a maioria dos participantes cursou entre 04 a 06 semestres antes de fazer parte de algum dos referidos espaços curriculares abordados no trabalho, no entanto, observa-se que com exceção de apenas um participante, todos os outros permaneceram nos referidos espaços até a conclusão do curso.
- ◆ Dos oito integrantes do grupo (incluindo-se a pesquisadora-moderadora), metade teve experiências nos dois espaços curriculares abordados no trabalho, sendo que três deles no mesmo período, significando que houve convivência entre sete dos oito integrantes do grupo em dois semestres consecutivos.

Para a coleta de dados, foi organizado um calendário com previsão de três reuniões a serem realizadas no mês de outubro. As datas eram 05/10, 19/10 e 26/10 de 2009 e foram pré-agendadas após a consulta individual a cada participante da pesquisa sobre a disponibilidade de horários durante o referido mês. Ao total, foram realizados dois encontros com duração de 2 horas e meia cada, no período noturno, sendo o primeiro no dia 05/10 e o segundo no dia 26/10, ambos no prédio da FE 05, na sala do Projeto 03 e Programa de Extensão Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos - EJA do Brasil.

Antecedendo cada reunião, era encaminhado aos participantes via e-mail um convite (vide anexo) contendo as informações sobre o dia, local e horário do encontro, o tema central que pretendia ser abordado na ocasião e pequenas orientações em forma de um roteiro norteador aos participantes, sugerindo anotações, reflexões prévias sistematizadas, com o intuito de facilitar o modo como propor o início da discussão sobre a relação entre as suas experiências e o tema em ocasião.

Neste sentido, MORGAN (1997, p. 50, citado por GATTI, 2005, p. 31):

“sugere que um dos caminhos para assegurar um pouco mais de tranquilidade, nesse início de processo, é pedir às pessoas para que usem uns poucos minutos para fazer anotações pessoais

sobre a questão inicial, antes de se posicionar diante do grupo. Isso pode, segundo o autor, reforçar o compromisso de contribuir com o grupo, mesmo diante da perspectiva de possíveis opiniões divergentes.”

O registro dos dois encontros, com o consentimento dos participantes, foi feito por meio de gravação em audiovisual, com o suporte de duas câmeras de vídeo, uma localizada em um ponto fixo da sala e a outra sob a direção de uma auxiliar voluntária da pesquisa⁹. Mesmo refletindo sobre as observações quanto ao uso deste tipo de suporte técnico, especificamente apontadas por GATTI (2005, p. 25 a 27), a saber:

“Outro meio de registro é o videoteipe, cuja utilização é muito discutível por ser um meio bastante intrusivo. (...) Neste há uma exposição por inteiro, rostos, gestos, palavras estão lá, associados. A questão da própria imagem, da exposição dos participantes, dos riscos de ruptura da confidencialidade, cria certo desconforto.

Deve-se observar ainda que nem sempre o vídeo, mesmo obtido com sofisticação técnica consegue reproduzir a ‘dinâmica do grupo’. Há um certo congelamento associado à reprodução. (...) Claro que a gravação em vídeo tem suas qualidades; por exemplo, a possibilidade de verificação imediata de quem está falando, ou quem está falando com quem, ou pode trazer à lembrança, a partir de imagens, algumas emoções que estiveram presentes em um dado momento, ou evocar o clima entre os participantes, etc.

Cada grupo é peculiar e a aceitação ou não, as reações mais leves ou mais fortes, manifestas ou não, em relação a este ou aquele meio de registro, devem ser consideradas de modo bem ponderado pelos pesquisadores. Por isso, é importante discutir abertamente a questão com o grupo antes do trabalho, o que pode ser feito no convite ou na abertura, ou em ambos os momentos.”

a escolha do tipo de registro foi feita a partir dos seguintes critérios:

- ◆ possibilidade de captação simultânea das expressões verbais e não-verbais dos participantes, conferindo o máximo possível de fidelidade no processo de

⁹ - A aluna de graduação em pedagogia, Terezinha Sant’Anna de Oliveira Costa, à época estudante do 4º semestre e participante do Projeto 03 de Educação de Jovens e Adultos - EJA, Movimentos e Redes Sociais - Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos do Brasil-DF/Comunidade de Trabalho/Aprendizagem em Rede na Diversidade – CTARD.

compreensão e registro escrito do conteúdo coletado, tendo em vista a hipótese sobre o caráter eminentemente subjetivo dos conteúdos.

- ◆ familiaridade dos participantes em experiências pedagógicas com o registro em audiovisual, como usuários e produtores;
- ◆ facilidade de disponibilização dos referidos suportes pela própria Faculdade de Educação, por meio do Programa de Extensão Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos - EJA do Brasil e do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos - PROEJA Transarte¹⁰.

No início do primeiro encontro foram apresentados aos participantes da pesquisa o tema do trabalho de conclusão de curso em questão, a justificativa da escolha metodológica de grupo focal e seus procedimentos metodológicos, a razão da escolha de cada uma das pessoas presentes e seus respectivos papéis no grupo: pesquisadora-mediadora da discussão, assistente voluntária e participantes e a forma de registro dos dados. Durante a realização de cada reunião, foi oferecido aos participantes um lanche tendo em vista o horário de realização dos encontros que se deu após as suas jornadas de trabalho, a fim de contribuir para que as condições materiais das atividades fossem as mais agradáveis possíveis.

Após a realização dos encontros, a transcrição (ver anexo) do conteúdo gravado foi feita pela própria pesquisadora-mediadora. Ao total 11 horas e 34 minutos de material registrado, considerando as duas câmeras de vídeo, mas com a utilização objetiva da metade do tempo de registro, ou seja, 05 horas e 47 minutos, pois se trata do mesmo fenômeno observado por ângulos distintos, que demandou aproximadamente quatro horas de transcrição para cada hora de gravação. Vale ressaltar que foram utilizadas para esse processo o material coletado com as duas formas de registro: a câmera localizada em um ponto fixo da sala com visão geral do grupo e a câmera dirigida pela auxiliar voluntária da pesquisa, que focalizava em primeiro plano e em *closes* os participantes no momento de suas falas. Ambas, conforme o previsto foram complementares quanto à possibilidade de ampliar a qualidade de compreensão das interações, conferindo maior fidelidade à transcrição. Entretanto, ela se ateu especificamente ao registro sonoro (ou da ausência dele), ou

¹⁰ - www.proejatransartetube.cefetgo.br

seja, das falas de modo *ipse litere*, dos risos e dos silêncios. O registro das expressões não-verbais (com exceção dos silêncios), embora tenha auxiliado diretamente na compreensão do contexto das falas, em suas diversas especificidades, compõe o anexo do trabalho em forma de mídia DVD, uma vez que não foi transcrito para o *corpus*¹¹ textual da pesquisa, mas configura-se como importante para a sua compreensão.

Não foram obedecidos padrões de codificação, segundo referenciais teóricos apontados na literatura pesquisada, no entanto, a organização do material transcrito seguiu a compreensão de *momentos de discussão*, provocados ou não pela *intervenção* da pesquisadora-mediadora, de acordo com o roteiro ou tópicos guia, elaborados no decorrer do processo de registro dos dados. Para identificação das falas transcritas foi elaborada a seguinte legenda:

E 01°; L¹ – L² N°

E: encontro do Grupo Focal

01° ou 02°: referente ao número de ordem do encontro

L¹: indicação da letra referente ao participante emissor

– : sinal que indica para quem o participante direciona a sua fala

L²: indicação da letra referente ao participante destinatário, sendo que, onde houver a indicação G, leia-se PARA O GRUPO.

N°: número da fala indicado na seqüência da transcrição.

Em seguida, foram elaborados gráficos de representação das discussões (ver anexo), no intuito de colaborar para o enriquecimento da compreensão da dinâmica de interatividade desenvolvida nos encontros, à semelhança de Angelim, 1988¹² e para a posterior avaliação do processo de aplicação metodológica.

A análise dos dados deu-se a partir dos objetivos específicos do trabalho, segundo a organização do conteúdo transcrito, agrupado em quatro temas. São eles:

¹¹ - Ver BAUER, M. W & AARTS, B. A Construção do *Corpus*: Um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W e GASKELL, G. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ : Vozes, 7ª Ed., 2008

¹² - Angelim, M. L. Educar é Descobrir – Um estudo observacional e exploratório. Universidade de Brasília, 1988. Vol. 01 e 02. Dissertação de mestrado em Educação.

- A) A relevância dos espaços pedagógicos abordados no trabalho para os processos de formação acadêmica dos participantes e suas constituições enquanto profissionais pedagogos;
- B) Os significados da relação entre universidade e sociedade;
- C) A relação entre a prática profissional e os processos de reprodução, adaptação e/ou transformação das relações sociais.
- D) A possibilidade de mudanças paradigmáticas nas relações sociais a partir das experiências e aspirações profissionais.

Após a transcrição e organização do material a ser analisado, a pesquisadora-mediadora remeteu-se varias vezes à releitura do mesmo, fazendo uso complementar do revisionamento das imagens registradas, para reescrever em blocos o conteúdo das falas dos participantes, de modo a resumi-los em idéias e contextos.

Posteriormente essas idéias e contextos foram agrupados nos quatro temas estabelecidos e contrastados à luz do referencial teórico do trabalho, na tentativa de estabelecer conexões entre os principais conceitos dos autores recorridos e as idéias, experiências e reflexões do grupo. Dessa forma, pretendeu-se ampliar o caráter reflexivo dessas idéias, experiências e também as próprias reflexões do grupo, de modo a sistematizá-las e buscar conclusões referentes aos objetivos da pesquisa.



Reunião do dia 05/10/2009



Reunião de 26/10/2009

Análise dos Dados

A) A relevância dos espaços pedagógicos abordados no trabalho para os processos de formação acadêmica dos participantes e suas constituições enquanto profissionais pedagogos

Ao tratarmos sobre esse primeiro tema, abordado nos dois encontros realizados, os participantes em primeiro lugar descrevem suas memórias educativas e dão vazão à uma série de reflexões que apontam para a descoberta da educação como um processo transformador, em decorrência de experiências anteriores ao ingresso na universidade como também simultâneas à graduação, além do destaque para espaços pedagógicos específicos no curso.

Suas falas e os exemplos de experiências expressam o desejo de busca pelo estabelecimento de relações de libertação com eles mesmos e com os outros à sua volta, a partir da realidade na qual se vêem inseridos, seja em espaços familiares, de militância, profissional, acadêmico, entre outros que, em maior ou menor grau de relevância para cada um deles, contribuem em suas formações humanas.

A motivação interna de cada participante na busca por uma formação acadêmica é expressa a partir do desejo de transformação de suas realidades, seja em nível pessoal ou coletivo, descrito como “*utopia*”, “*querer*”, “*buscar*”, “*sonhar*”. Este desejo que pode ser expresso segundo a concepção filosófica de Ser Mais em Freire, já mencionada anteriormente, é condicionado pela consciência das condições objetivas que delineiam as possibilidades às quais eles buscam:

“A gente sabe que utopia é complexo, né, o termo (...) Ele vai ser utilizado no sentido de algo que é inatingível, a gente vai partir de algo inatingível pra algo que é mais palpável, né, pra buscar resultados mais concretos. (...) Mais ou menos na idéia do que o Paulo Freire fala com o sonhar com os pés no chão (...) Uma coisa muito forte, né, comigo.”

(E 01º; R – G 67)

“Sempre fui muito de buscar transformações no mundo, mas pensava em vários processos, desde pequena tentei me envolver nos movimentos estudantis (...) Só que assim, na

adolescência você acha que tudo é possível. Vou fazer tudo, vou ser juíza, advogada, professora, médica, (...), você pode tudo, né, o sonho é o limite, né, que é aquela questão que o Régis falou de sonhar mesmo, né, de várias utopias pra realizar com o mundo, né. E aí, quando chega na questão do vestibular, você: Opa! Vou ter que escolher um caminho, só (risos), eu queria fazer tudo, como é que eu vou escolher só uma coisa?”

(E 01°; Z – G 91)

“Alguma coisa me chamou, assim... Em mim, assim, internamente, queria buscar, né, eu queria buscar algo, eu queria descobrir algo assim pra mim, assim, que eu “num tava” feliz ali, como eu acho que muitos jovens tem esse intuito de novas perspectivas, né, mudar e correr atrás de tudo, aí. Aí eu chego aqui sem saber o quê quero ainda (risos) e... Visando o vestibular, e tudo. Mas assim, foi um percurso que eu passei de 2002 a 2004, assim, dois anos, estudando e repensando o quê eu quero, né, o quê eu... O que vai... E o quê é significativo pra mim.”

(E 01°; S – G 94)

“Acho que com relação ao que o Régis falou de utopia, né, pra mim, eu já vim pensando muito no querer. No que a gente quer, assim, internamente e tal. E... A transformação pela atuação (...) porque que eu queria também ser educador? Que era uma forma de eu ‘tá’ retribuindo tudo, todos aqueles meus quereres que estavam sendo... ‘Vamo’ dizer assim, satisfeito por outras pessoas. Acho que entra o coletivo aí, né. Era uma forma de eu... ‘Vamo’ dizer assim, contribuir com outras pessoas da forma como outros já contribuíram e continuavam contribuindo. Que eu acho que ao longo da minha história, assim, eu sempre recebi muito mais do que eu... Do que eu contribuí, assim. Só que não é aquela gratidão ou... ‘Vamo’ dizer assim, um dever que eu tenho que fazer porque eu recebi, não, é uma que, interna mesmo de você...Realmente trabalhar, ‘pô’ trabalhar com educação, fazer a diferença, aí eu resgato o que eu falei de, de transformar pela atuação. ”

(E 01°; M – G 95)

“Teve uma experiência que eu tive, fora da universidade, mas por conta de eu ‘tá’ aqui, foi o Fórum Social Mundial, que pra

mim fez muito sentido também (...) Pra mim fez muito sentido a prática educativa, assim, o potencial da educação. Ao mesmo tempo as limitações da educação, que é também uma das idéias do Paulo Freire, né? A educação não dá conta de tudo. Mas... É, pra mim fez muito sentido. E também, é, a busca por... Pela construção de uma outra civilização, assim. (...) é estou aqui pra construir uma outra civilização com outras pessoas, pra construir junto.”

(E 01º; J – G 140, 141)

No geral, a área da educação aparece como campo possível de experiência dessa busca para Ser Mais. No entanto, há para a maioria uma identificação com a figura do professor e a docência como expressão direta do ato educativo ao mesmo tempo em que há uma negação à figura do pedagogo:

“É... A vontade mesmo de ser professor, né. Mas eu chego aqui não realmente querendo ser pedagogo, né. Eu queria ser professor, mas eu tinha o interesse de me formar em matemática, né.”

(E 01º; R – G 67)

“Porque eu também entrei aqui no curso querendo ser professora, quando o Régis falou eu me identifiquei, assim, eu não escrevi isso, mas era isso que eu queria escrever. Eu entrei querendo ser professora, não pedagoga.”

(E 01º; A – G 102)

“A minha entrada aqui na pedagogia não foi por vontade, não foi intencional. Eu tinha... Eu sempre admirei professores, mas eu não queria ser pedagogo, não. É, eu queria na área de humanas.”

(E 01º; J – G 128)

Muito embora o campo da educação tenha se mostrado atraente, observou-se que um dos motivos para essa negação à figura do pedagogo era, em princípio, a falta de informações sobre o vasto campo de conhecimentos e possibilidades envolvidos na graduação de licenciatura em pedagogia. Para parte do grupo, descobrir sobre a variedade de áreas do conhecimento envolvidas no curso e as diversas possibilidades

de atuação profissional em decorrência dessa variedade foi uma motivação, por sua vez apresentada pelo *Guia do Vestibulando*, um dos meios de informação da universidade para os candidatos ao vestibular.

“Assim, no que eu tava lendo pelo manual do vestibulando, pedagogia era o que mais se enquadrava, no que eu vi, trabalhava filosofia, psicologia... Dez, tipo, áreas que eu: ‘Minha nossa! É essa a área que eu quero! Trabalha isso tudo?’”

(E 01º; Z – G 91)

“Ou, o pessoal da publicidade desse caderninho, que fez o marketing da pedagogia... (...) Mandou bem, cara! Porque... Eu também achei interessante, assim, as diversas áreas do conhecimento... Uma área que... Engloba as diversas áreas do conhecimento... (...) aí quando eu olhei esse caderninho, eu: ‘Pô! Acho que eu vou querer ser pedagogo’”

(E 01º; J – G 130, 132 e 140)

No entanto, com a mudança das diretrizes curriculares nacionais de pedagogia em 2006, após um longo processo de discussão pela ANFOPE, ANPED, ForumDIR e o movimento estudantil, há uma transformação na concepção do profissional pedagogo. O novo entendimento é de que a base da formação pedagógica é a docência e as habilitações que até então eram previstas no currículo, assegurando uma formação prática específica nas outras possíveis áreas de atuação desse profissional, como a supervisão, a orientação educacional e a administração escolar, entre outras, passam a fazer mais parte do currículo não mais como habilitações específicas, mas sim como disciplinas e outros espaços curriculares que o integram sem o caráter de formação específica nas referidas áreas.

A partir de então, a organização curricular da graduação de licenciatura em pedagogia da FE - UnB passa a ser de 43% de disciplinas obrigatórias e 21% de disciplinas optativas, distribuídas entre os departamentos de Métodos e Técnicas - MTC, de Teoria e Fundamentos – TEF e de Planejamento e Administração – PAD que estruturam o curso com ênfase na formação docente e distribuem as áreas que antes eram das habilitações em disciplinas ao longo dos semestres. Somando-se a essa composição, estão 11% de estudos independentes, 06% do trabalho final de curso e

com 19% do currículo, foram criados os projetos, que por sua vez têm por objetivo fundir de forma reflexiva a relação teoria e prática nas diversas áreas de atuação do pedagogo, forjando uma proposta pedagógica que não perca de vista a possibilidade de uma formação mais ampla.

Ao longo da graduação o aluno pode participar de um total de cinco projetos. No primeiro, a proposta central é apresentar aos calouros a Instituição Universidade; no segundo a proposta é conhecer as áreas de atuação profissional do pedagogo, em especial as que a curso de graduação de licenciatura em pedagogia da UnB abrange nas suas áreas de pesquisas e demais projetos; o terceiro é a oportunidade de vivência e práxis dentro de alguma área de atuação pedagógica distribuídas em 03 fases, sendo uma para cada semestre; o quarto é voltado para as horas de regência obrigatórias do curso, onde o aluno pode dedicar-se à experiência de docência durante duas fases/semestres e o quinto é para a orientação da elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Inicialmente os participantes tornam evidente certa desmotivação com os primeiros semestres do curso pela falta de conexão entre suas expectativas e o início da graduação. Alguns criticam a falta de contextualização entre o conhecimento teórico com a realidade que conhecem. Outros apontam que o comportamento dos demais colegas e professores em relação ao curso causa descontentamento, tendo em vista a falta de postura ética e o discurso desacreditado sobre a educação e seu potencial transformador, característica na qual eles acreditavam:

“E no primeiro semestre o quê que a gente teve: filosofia da educação, psicologia da educação, projeto 01, oficina vivencial e a outra disciplina eu não me lembro... (...) Antropologia... É eu acho que foi. E aí eu entrei, 'quê que é isso?' Ué, não, não era isso que eu queria, não... E aí, eu... Pra mim que foi a utopia, assim, falar de coisa que na prática mesmo era muito distante”.

(E 01º; A – G 102 e 104)

“Então, assim, aí chegou um momento que, a gente ouvia falar muito de em educação infantil e tal e tal, mas eu não me identificava muito com isso, não. Tinha a certeza em mim de que não era essa linha que eu queria. E aí eu comecei... Ficar meio, é, é, ficar em dúvida se eu tinha acertado a decisão mesmo, porque,

cara, e agora? O quê que eu vou fazer?

(E 01º; L – G 111)

“Aí quando eu entrei na UnB eu senti um pouco, freou assim, profundamente, porque alguns professores mesmo não acreditavam no caminho da educação, logo no primeiro semestre. Aí, “cê”: Opa! Peraí.”

(E 01º; Z – G 91)

“Eu me identifiquei muito com o curso, então eu me senti muito feliz com o curso. (...) aí no primeiro semestre, muita gente que eu me deparei aqui assim: Ah eu fiz pedagogia por... Por fazer, porque eu passei! E eu: Nossa! Pra mim “tá” sendo tão significativo! (...) Por quê que as pessoas... Chega desanima a gente. Eu... Desanimava muito quando eu via a maioria assim, e você via três ou quatro pessoas falarem que queria mesmo o curso, que acreditavam mesmo na educação e tudo”.

(E 01º; S – G 94)

O curso de graduação de licenciatura em pedagogia na UnB engloba em seu currículo a possibilidade de construção de um processo educativo que pode vir a contemplar a construção de um itinerário formativo feito a partir dos interesses do aluno, tendo em vista as várias áreas de atuação que a formação pode oferecer e as oportunidades de experiências nessas áreas a partir da incorporação dos projetos ao currículo. No entanto, de acordo com o observado pelo grupo essa característica esbarra nas contradições que o próprio currículo apresenta, sobretudo nos primeiros semestres, tendo em vista a dificuldade de articulação entre teoria e prática de maneira mais dialógica entre alunos e universidade. No geral, observou-se que as experiências responsáveis para retomada ao interesse e/ou o sentido da formação se dão nos projetos 03 e 04, em que é possível vivenciar dialogicamente não só a relação entre teoria e prática, como o convívio com outros colegas e professores que compartilham de interesses em comum.

Tanto o Programa de Extensão Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos – EJA do Brasil como o GENPEX, além de constituírem-se como grupos de pesquisa e extensão, fazem parte da composição de dois projetos: o de “*Educação de*

Jovens e Adultos – EJA, Movimentos e Redes Sociais - Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos do Brasil-DF/Comunidade de Trabalho/Aprendizagem em Rede na Diversidade - CTARD” como projeto 03 e o de “Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos”, mais conhecido como “Projeto Paranoá” como projeto 03, 04 e 05, respectivamente.

“(…) quando eu comecei a fazer os projetos é que eu me identifiquei com o curso mesmo, que aí a gente tem a prática que requer uma teoria (...) quando eu entrei no GENPEX, que a gente tinha prática no Paranoá, (...) Teve essa questão “duma” prática que requeria teoria. (...) Assim, no projeto 04 eu comecei a me descobrir, descobrir o que eu queria, mas principalmente escutar o que os outros queriam e tentar satisfazer esse desejo dos outros, sem, sem me, sem me... Me agredir mesmo, sem deixar de fazer a minha vontade. (...) Comecei a pensar na questão do coletivo, de escutar o outro e... Tentar atuar como pedagogo, isso no projeto 04 mesmo. Tentar atuar como pedagogo dando sentido pras coisas, tanto pra mim quanto pro, pro educando lá na ponta. (...) na UnB eu... Eu fui aprendendo a aprender.. E aí depois que eu aprendi a aprender (risos) eu penso no como ensinar.. É... De forma que o outro queira realmente aprender, que eu não, não... Esteja falando e a pessoa: Não, mas não é isso que eu quero. Eu não vou ouvir, porque não 'tá' correspondendo ao que eu quero. Então, aprender meio que, eu aprendi meio que a pensar na vontade do outro... É isso”.

(E 01°; A – G 104)

“(…) Ai por fim conheci, é... O professor Rogério Córdova que vinha muito nessa área da pedagogia... Corporativa e tal. Fiz algumas disciplinas com ele... Fiz projeto 03 com ele, a fase 01, então aí já... Foi aí que eu me encontrei no curso, assim, mesmo. Falei: É isso o que eu quero. E fui conduzindo o curso nesse sentido. É... Em 2006 também eu vim pra cá, no Portal. Foi o meu primeiro contato com... Com a ferramenta, assim, de software livre, com o movimento social, com tudo isso. Eu nunca tinha me envolvido com... Com esse tipo de, com esses espaços, né. E aí, é... Me encontrei. Particpei no quinto semestre, depois... É, fiz educação de adultos e fui, e fui guiando a minha, o meu curso nessa

linha que eu queria de educação no ambiente do trabalho”.

(E 01º; L – G 111)

“Eu pesquisando sobre alguns projetos, né, eu encontrei o portal, né. (...) eu me identifiquei muito com o tema de educação de... Educação de adultos, né, então estudando educação de adultos, né, eu fui... Eu fui fazer uma reflexão sobre o adulto que eu era, né. (...) o portal, ele deu essa... Essa margem, né, essa oportunidade pra mim vivenciar esses outros processos (...) Pesquisando sobre a educação de jovens e adultos, com essa curiosidade, achei o GENPEX, né, que também tá dentro do mesmo tema. (...) E pesquisando a questão do GENPEX, conheci o Renato, né, me aprofundi, fui buscando, mergulhando mais ainda no tema de EJA (...) Até que no mesmo período me deparei aqui com o PROCAP, né (...) PROCAP é um programa, né, de alfabetização aqui da UnB pra funcionários, né, (...) que não estão alfabetizados, ou que já tem um nível de alfabetização... Primeiro e segundo segmentos basicamente, né, que hoje não tem mais o programa, (...) dentro da universidade hoje, infelizmente. Mas foi uma oportunidade de eu vivenciar também na prática, né. (...) Aí eu fui, (...) entrei em contato com essas pessoas, né, então, (...) as questões existenciais, né, dessas pessoas vinham à tona. Me identificava com as questões, né, e quanto mais eu me identificava com essas questões, mais eu... Mais eu mergulhava fundo pra aprender mais, né, ainda.”

(E 01º; R – G 67, 69 e 70)

“Aí fui procurar ações que realmente fossem significativas aqui, e aí o primeiro processo que eu já sabia era o pessoal da economia solidária (...) Aí logo depois conheci o GENPEX também e aí, eu sempre digo isso, que o Hilário me tocou quando ele falou que era pra eu ouvir o meu coração e eu tinha deixado de ouvir ele um tempo! Então quando ele fala: Ouça o seu coração e diga onde “cê” quer trabalhar, aí eu falei: Aaaaaii! (risos).”

(E 01º; Z – G 91)

Na falta de um processo formativo que desde o princípio se proponha a dialogar com os sujeitos de sua ação, articulando os seus interesses, vivências e

possibilidades conjuntas de descobertas, o curso pode esbarrar na criação de espaços vazios de sentido, marcados pela ausência da dialogicidade, condição para o desenvolvimento de uma pedagogia problematizadora, segundo Freire ou libertadora como ficou conhecida. Nesses espaços há apenas o silenciamento das pessoas ou no máximo a repetição de conceitos e teorias que não se ressignificam para os envolvidos. É palavra oca, como diz Freire.

No entanto, é importante ressaltar que os projetos por si só não garantem um processo pedagógico libertador, assim como as disciplinas obrigatórias e mesmo as optativas não são as responsáveis por relações de silenciamento e falta de sentido. A natureza da relação entre os sujeitos envolvidos no processo educativo é o que faz dele não uma coisa ou outra, mas uma realidade construída por pessoas mais ou menos consciente de si e de suas potencialidades. Nesse sentido, observou-se que os projetos foram apontados pelos participantes como os principais espaços pedagógicos que procuram propor processos educativos libertadores, a partir da dialogicidade. A frustração inicial com o curso dá lugar a um processo de auto-descoberta e de transformação, incorporando aos sujeitos da pesquisa novos valores às visões de si mesmos e do mundo.

“eu coloquei que eu vivenciei no GENPEX, no que que transformou, assim, de valores e atitudes, foi questão de compartilhar, (...) compartilhar dúvidas e expectativas, foi uma das primeiras coisas que eu aprendi no GENPEX, que a gente tinha aquele momento de sentar, todo mundo contar o que aconteceu e aí enquanto a gente fala a gente já vai pensando numa solução pra, pras coisas. Então a gente compartilha a dúvida e já fala de uma expectativa que tem e isso, isso foi uma coisa que eu vivenciei muito e é um valor que eu considero que foi adquirido no GENPEX. Outra coisa é ... Essa questão de, quando a gente compartilha e aí propõe solução, então tudo o que a gente falava a gente buscava solucionar. Isso é... Assim, uma coisa que eu fui aprendendo lá, a gente expor o que “tá” acontecendo, mas buscar uma solução. (...) E outra coisa foi a questão de conciliar estudo com prática, assim. Foi uma coisa que me motivou bastante lá no GENPEX, era a gente conversar uma coisa, discutir uma teoria que não “tava” tão, assim, compactada “num” formato teórico, mas que a gente “tava” aliando com a prática e isso fazia a gente querer buscar de fato

alguma coisa sólida, alguma formação, prá... Pra “tá”, se completar.”

(E 02º; A – G 08)

“O que mais me chamou, me... Mais eu me deparei, assim né, foi a questão de você sempre, né, desenvolver a criticidade. Por exemplo, saber o porquê das coisas, o pra que, né, “cê tá” fazendo alguma coisa. Essas indagações, assim, foram bem marcantes (...) E outra questão foi a receptividade, assim, estar aberto ao outro. Que também, acho que é o que a Alê coloca, que é essa coisa de fazer junto, né? De a gente “tá” trabalhando o coletivo e um precisar do outro, né? É mais ou menos assim. E outro valor que eu coloco também é a paciência, né? Que a gente vê o que precisa mudar, né, o que precisa mudar mais não muda rápido, que a gente vai vê precisa que é “num” processo, é ao longo do tempo que as coisas vão mudando e não de uma hora pra outra, que às vezes a gente quer, né? Briga muito, porque quer, assim, dessa forma, mas não... Que a gente tem que aprender a ter paciência também.”

(E 02º; S – G 10)

“Uma coisa que eu aprendi, que isso que a Stellinha tocou, foi qual o sentido daquilo que a gente “tá” fazendo. Que rumo, pra onde a gente quer que caminhe aquilo que a gente “tá” fazendo. É, à serviço do quê a gente “tá” trabalhando, à serviço de quem, de qual intenção, de qual propósito. (...) Uma outra foi também que até, que a Stellinha tocou, que ela disse que... Que ela disse como paciência, que pra mim é a compreensão do tempo da outra pessoa e a compreensão do tempo do processo do coletivo, sabe? (...) E uma outra coisa sobre a escuta, sabe? Assim, aprendi aqui que é muito importante “cê” escutar o outro de uma forma atenciosa, sabe? Não escutar alguém, já esperando que ela acabe de falar pra que você já fale, sabe? Mas “cê” tentar escutar de uma forma muito honesta, sabe? Assim, eu preciso tentar entender o quê que ela quer expressar, de uma forma mais sensível, sabe?”

(E 02º; J – G 11)

B) Os significados da relação entre universidade e sociedade

Ao final do primeiro encontro do grupo focal, houve uma intervenção da pesquisadora-mediadora no intuito de lançar a discussão sobre a relação entre a universidade e a sociedade. Essa intervenção se deu pela necessidade de abordar junto aos participantes, de forma mais objetiva, quais eram as suas opiniões sobre o papel da universidade na formação profissional e na sua relação com a sociedade, uma vez que a educação foi colocada por eles como campo possível de transformações da realidade e agora todos estavam na condição de profissionais formados para lidarem diretamente com os processos educativos dentro de diversas organizações sociais.

Do ponto de vista da formação profissional, duas colocações feitas apontaram para reflexões relevantes, uma mais técnica, específica para o pedagogo e outra mais existencial, compreendendo a universidade como um importante espaço formador de sujeitos conscientes de seu processo de inacabamento e nesse sentido, segundo o pensamento freireano, da condição permanentemente esperançosa de serem agentes da transformação de si e do mundo.

“(...) quem é o pedagogo? Aquele cara que vai estudar filosofia... (...) É matemática, psicologia, (...) antropologia... Um monte de coisa, eu acho que, esse é o, seria o papel do curso, ser multireferenciado mesmo. Porque eu acho que a universidade, o papel dela seja de propiciar outras vivências, já que ela propõe o pedagogo multireferenciado”

(E 01º; M – G 164, 170)

“Assim, eu acho que o que a universidade precisa despertar nos profissionais é a responsabilidade ética com o mundo, mesmo, assim. De você se preocupar com o universo que você 'tá', com a sua responsabilidade social no mundo, é um pouco até um sonho, uma utopia que a gente falou no início. Mas uma utopia que eu acredito, é assim, muito no fundo que um dia vai ser verdade. (...) Então acho que a responsabilidade da universidade é apresentar as possibilidades de como você pode aprofundar os inúmeros saberes e pesquisar e retornar pras comunidades é... Esses trabalhos, mas principalmente trabalhar o homem no... Assim, o profissional, 'num' processo de 'tá' aberto, de acreditar que ele não 'tá' formado, que a responsabilidade dele é sempre buscar mais e 'tá' aberto pra mudança e, e assim, se repensar constantemente no mundo”

(E 01º; Z – G 179)

Outro aspecto abordado por uma parte do grupo foi o da compreensão da universidade, em termos ideais, como espaço educativo que corresponda às vontades das pessoas, a fim de lhes possibilitar experiências que as fortaleçam em suas aspirações pessoais e/ou coletivas, suas mobilizações. Num sentido mais amplo, este “corresponder às vontades das pessoas” significou o comprometimento com a dinâmica da sociedade na qual está inserida, a fim de fazer-se à serviço de suas necessidades, lhe dando os meios necessários para a sua constante transformação, a partir da construção e ressignificação dos saberes que atendam às suas demandas.

“Aí volta o papel da universidade. É de criar, assim, possibilidade das pessoas começarem a fazer o que elas querem para elas se fortalecerem e ... Quando elas se vêem frente a esses espaços elas saberem buscar, é ... Os caminhos para superar essas dificuldades aí.(...) Então acho que a universidade tem que servir pra isso, pra nos dar... Nos fortalecer no sentido de conseguir ir além, de conseguir ir atrás do que a gente almeja, das utopias, dos quereres...”

(E 01º; M – G 178)

“(...) se a gente pensar a universidade, a pedagogia e na UnB que acho que é o que dá pra gente pensar, seria esse espaço meio que de pensar e repensar a prática e uma teoria, uma um função da outra, assim. Pensar, repensar a teoria quando eu tenho uma prática ou repensar uma prática quando eu vejo várias teorias, na verdade. Então, seria assim, um espaço de troca e atualização mesmo do conhecimento, a partir da experiência que a gente tem vivido. Acho que essa é a principal função.”

(E 01º; A – G 182)

No entanto, ainda que não tenha havido uma intervenção contra-argumentativa explícita entre nenhum dos participantes, outra parte do grupo fez a reflexão sobre a universidade do ponto de vista de seu caráter dialético, uma vez que a tenham apontado, em linhas gerais, como espaço educativo cuja função é fruto tanto de um embate de forças ideológicas em seu próprio ambiente universitário como também a

partir das relações de classe social do meio no qual está inserida.

Ainda que um reflexo e ao mesmo tempo um componente na dinâmica dialética do paradigma sociocultural vigente, pode-se considerar também a instituição educativa como um universo de relações em si mesma, que interagem de modo simultâneo dentro de seu próprio ambiente. A universidade também tem esse caráter dialético em particular, na medida em que se traduz como uma grande comunidade de práticas educativas distintas, que se confrontam e/ou se complementam, dentro das relações de poder estabelecidas em sua estrutura político-pedagógica. Essas diferentes práticas partem de valores, exemplos, conceitos, orientações e normas específicas que, construídas culturalmente, constituem os chamados paradigmas educacionais. Tais paradigmas podem reafirmar e reproduzir processos de produção do conhecimento ao mesmo tempo em que podem adaptá-los, transformá-los ou criar outros novos, ressignificando assim a formação educacional e profissional dos sujeitos na sociedade.

Em acordo com essa discussão, encontramos na análise sistêmica de Bertrand e Valois (1994, p. 20 a 23) a seguinte reflexão sobre a relação entre organizações educativas e a sociedade:

“A organização educativa apresenta-se então como um subsistema aberto, atravessado por forças provenientes de um sistema muito maior que constitui o seu meio.

Podemos, então, definir a sociedade como um encadeamento de três subsistemas (...). O campo paradigmático é o espaço onde são definidas as orientações da sociedade. O campo político constitui o terreno onde as orientações da sociedade são traduzidas em normas, leis e regras. O campo organizacional constitui a área onde as leis e as regras são transformadas em práticas.

A sociedade não pode ser resumida como um organismo que se reproduz sempre no mesmo sentido. A sociedade pode também adaptar-se à um meio-ambiente mutável e pode até modificar, se necessário, as regras do seu próprio funcionamento. Poderá distanciar-se das suas atividades, reformular radicalmente as suas orientações e impor, desta forma, um novo sentido às suas práticas. (...) Uma vez que a sociedade pode impor um novo sentido às suas práticas, o campo político e o campo organizacional não são independentes das orientações do campo paradigmático. (...) Esta dependência dos campos político e organizacional significa que a organização onde se desenvolve uma prática educativa não é

independente do campo paradigmático e do seu produto, o paradigma sociocultural. Por outro lado, as relações entre a sociedade e a organização educativa têm um duplo sentido, como já dissemos, de tal forma que esta última pode também contribuir para modificar as orientações da sociedade.”

Em relação a esse embate de forças, observou-se que a universidade foi apontada como um espaço ainda elitista, uma vez que não dá amplamente vazão a discussões e ações que garantam cada vez mais acessibilidade para parcelas da população historicamente excluídas de seu meio, ao mesmo tempo em que seu processo de produção do conhecimento precisa ser cada vez mais embasado na participação orgânica e propositiva desta com a sociedade.

Nesse sentido, é papel da universidade, segundo reflexão do grupo, não só proporcionar os meios necessários para a construção e/ou ressignificação do conhecimento o qual a sociedade necessita, mas fazê-lo de maneira a poder inclusive desencadear movimentos contrários à ordem social vigente, uma vez que a educação tem em si mesma esse caráter dialético de formar e transformar os sujeitos e suas as relações sociais, repensando-se no desenvolvimento de suas ações pedagógicas e na construção do conhecimento como um processo feito a partir da relação de diálogo junto à sociedade, para de um lado não estar subjugada às suas demandas numa relação em que é oprimida e de outro não desencadear-se num ativismo teórico e ideológico e, portanto, antidialógico, estabelecendo uma relação em que passe a ser a opressora.

“O que eu vejo, assim, que a universidade... Ela, os muros dela não caíram! Tem um portãozinho ali que “tá” aberto, mas as pessoas não sabem se tem autorização pra entrar ou não. E o povo não tem acesso à ela apesar de toda a discussão, de todo o avanço na questão da extensão como espaço de formação. (...) Então, acho que assim, a gente como pedagogo, acho que a gente tem um papel que importante, né? Principalmente a gente que saiu daqui, de uma universidade que é pública. De manter o diálogo dá onde a gente “tá” com esse espaço que é público, de trazer a população pra cá, de mostrar pra população que aqui não tem muro! E de fato não tem, mas ele tá ali, ideologicamente.”

(E 01º; R – G 181)

“Eu fico indignada quando eu ouço a galera considerar a

UnB um espaço, assim, de deuses, assim. Quer dizer, é um lugar que eu não posso estar, porque eu sou lá de baixo, né? (...) Eu estudei em escola pública e infelizmente você ainda tem isso. E, assim, eu também já tive essa idéia, né. E não! É uma coisa nossa, né? É mais nossa do quê do carinha... Não sei, eu acho que é do povo na verdade, né. Então independente da classe social, enfim, é do povo. E sendo do povo, é... Tem que ter essa, esse diálogo, assim. Eu acho que a universidade tem que se por como espaço de... De articulação entre, entre, é... O meio acadêmico e o meio de... Um ambiente de construção do saber com a sociedade, né? (...) Indo lá e articulando as coisas pra promover a transformação social a partir da construção do conhecimento necessário pra essa transformação.”

(E 01º; L – G 195)

“(...) a universidade é a caixa de ressonância, né, da sociedade. Ou seja, ela acolhe os problemas do espaço que ela ocupa, né? Então a Universidade de Brasília, teoricamente (...) Tem o papel de acolher os problemas do Distrito Federal e dar uma... (...) Intervir de forma mais qualificada. E isso assim, eu também fico pensando muito na parte da pesquisa-ação. Porque a universidade... Com esse tripé dela de ensino, pesquisa e extensão, às vezes a extensão fica como aquela... ”Cê” se relaciona com a sociedade de uma forma bem frágil, né? Até o Renato mesmo fala que tem a eventista e a orgânica. Não é uma relação orgânica, as pessoas não ocupam o espaço da universidade (...) Parece que ela se basta a si mesma. Então, é... É, eu... Eu compartilho desse pensamento. E na questão da pesquisa propriamente dita, que ainda... Eu não sei, assim, eu sinto um pouco de falta na universidade, que a universidade é, ela tem um caráter de pesquisa forte, e às vezes a gente fica numas ações, que foi isso que a Alê falou, “nuns” ativismos malucos, sem refletir sabe? Então “cê” fica agindo que nem um maluco, mas pra onde? O quê que “cê tá” fazendo? Ou por outro lado, “numas” teorias também, surreais, né? E que “tá” na hora de a gente agir mais conscientemente. O Paulo Freire fala muito isso, você agir refletindo e refletir agindo é a práxis. Então acho que a universidade tem um papel forte. E através da pesquisa, tem a pesquisa-ação. Que ainda é pouco lugar assim, o Renato é um dos que aborda, aqui no Portal eu lembro que

teve a experiência do Tatu que fez pesquisa-ação¹³. (...) É, a Leila fez no CEDEP pesquisa-ação¹⁴. (...) O seu foi pesquisa-ações¹⁵, né Régis, também?”

(E 01º; J – G 183, J – M 187, J – R 198)

C) a relação entre a prática profissional e os processos de reprodução, adaptação e transformação das relações sociais.

No contexto das relações no mundo do trabalho, os participantes refletiram, durante as discussões sobre o tema realizadas no segundo encontro do grupo, a relevância de suas práticas cotidianas dentro de seus ambientes de trabalho e as relações com os sujeitos participantes desses ambientes, como referência ao que consideravam importante em suas atuações profissionais. As justificativas envolveram valores pessoais e visões de mundo constituídos em decorrência de suas experiências de vida. Nesse contexto, são citados os seus processos formativos acadêmicos, em especial os espaços pedagógicos abordados no trabalho.

“Então a primeira, uma atividade que eu exerço muito é a produção de estudo (...) Então pra esse estudo ser bom pra os prefeitos, pros secretários de educação, ele tem que ter um sentido tanto pra mim, eu tenho que falar: Por quê? Não, mas isso interessa pra quê o gestor? Então eu preciso conhecer, meio que a realidade dos municípios pra ‘tá’ fazendo um estudo que seja interessante pra eles mesmo. (...) uma outra coisa que eu coloco é que é importante a gente saber que o gestor, apesar da gente ver todo prefeito, assim, como corrupto ou aquele cara que não sabe nada, é ele quem tá ali na prática e é a partir da experiência dele que a gente vai, assim, a gente vai ter alguma coisa. Seja coisa boa pra falar ou coisa ruim. (...) Então a gente espera muito do outro, (...) não fica naquela de subestimar o outro (...) então a partir do que eu faço, a gente tenta... Sempre assim: Não, existe essa lei, mas existe esse, esse e esse caminho. A gente vai buscando... Assim,

¹³ - Ver JR. CÂNDIDO, R. H. *A Busca de Superação dos Sonhos Individualistas pelo Sonho Coletivo nas Contradições de um Acampamento do MST: A Experiência no Reino Ireno Alves*. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2006. Trabalho de conclusão do curso de graduação de licenciatura em Pedagogia.

¹⁴ - Ver JESUS, L. M. *A Repercussão de Educadores/as Populares do CEDEP/UnB na Escola Pública do Paranoá-DF*. Brasília: Faculdade de Educação, 2007. Dissertação de mestrado em educação.

¹⁵ - Ver LEMOS, R. S – *Os Sentidos da Avaliação em um Espaço de Semiliberdade: Punição ou (Re) Significação Acerca dos Saberes dos Educandos com Restrição de Liberdade?* Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2009. Trabalho de conclusão do curso de graduação de licenciatura em Pedagogia.

buscando uma forma de desenvolver o município, desenvolver a educação no município, sem assim, obedecendo a lei, mas da melhor maneira, porque hoje em dia muita lei causa impacto financeiro pros municípios, tipo, o piso do professor.’ (...) E aí a gente fala: ‘Cê pode fazer isso, isso e isso. Você pode conter despesas assim, assim, assado e sobra mais dinheiro pra pagar professor.(...) O que prefeito tem que fazer é buscar uma solução. Então acho que é muito desafio, assim, a gente “tá” sempre, meio que, se desafiando a buscar mais e ‘vamo’ achar alguma coisa que diga que você pode conseguir isso e tal, então a gente ‘tá’ sempre... Construindo junto e buscando uma solução junto. Não abaixando a cabeça pra tudo o que acontece.”

(E 02º; A – G 46)

“eu tento muito trabalhar, assim, essa questão da, do diálogo, né? Não levar uma coisa pronta, assim. Eu aprendi muito isso aqui, né na faculdade, no projeto (...) e dá certo, assim, trabalhar com criança também dessa forma. Não só com adulto, né? (...) eu tento interagir de uma forma que eles também se sintam participantes. E assim, e também eu gosto muito de trabalhar o acolhimento, né, assim, essa questão da, do ambiente acolhedor (...). Isso ajuda muito, assim. Até a família, assim, né, percebe, assim, o quanto a criança “tá”, “tá” sendo legal pra criança “tá” ali na escola, “tá” repercutindo isso na família, que eu já até conversei com alguns pais(...) Alguns pais já falam assim comigo: “Ah! Esse ano o meu filho “tá” tão animado!”

(E 02º; S – G 14 e 16)

“Quando se reúnem os professores, a gestão, a direção, os coordenadores, pra pensar alguma situação da escola, sabe? Eu observo que o... Esses espaços de construção coletiva, que são várias pessoas muito diferentes, professores muito diferentes, tentando dizer o que pensam, tentando escutar ou não escutando, gritando, tendo confusão, é muito tensionado, sabe? (...) E eu aprendi muito aqui e eu aí observo a minha participação lá, como... Como é interessante, assim, você intervir “num” processo de construção coletiva com outra qualidade, foi isso que a Alê falou, assim, você sendo mais propositivo, mais construtivo, você analisa, você questiona aquilo que “tá” ali, mas ‘cê’ sempre... ‘Cê’

problematiza aquilo, mas 'cê' sempre tenta construir, sabe? (...) Bom, uma atitude que eu aprendi muito aqui e hoje 'tá' se expressando lá, sabe? (...) O outro momento é... Meu diálogo com... Aí vai com os alunos e com os pais, mas é o momento em que eu me relaciono com eles como gente, sabe? Porque o tempo todo ali na escola tem, são os papéis, né? Eu exerço um papel de professor, eles exercem o papel de alunos. (...) E quando eu me relaciono com eles como gente, eu João Felipe gente, eles crianças na idade deles gente é muito interessante, muito interessante! Que é uma relação sem cobranças, sabe?... Quando, por exemplo, eu 'tô' com eles no refeitório e a gente 'tá' lanchando junto e aí eu pergunto o quê que eles gostam de comer, e se aquilo "tá" gostoso ou não 'tá' ou eles contam algum caso de final de semana, isso é muito legal. 'Cê' percebe assim, uma vontade na relação, sabe? (...) Inclusive eu queria, se eu pudesse trabalhar a partir desses momentos, eu... Eu gostaria, é que eu não tenho maturidade pedagógica ainda. (...) E isso também, é na relação com os pais. (...) E aí é interessante quando o pai ou a mãe começa a contar história, sabe? E 'cê' fica ali escutando, é lógico que os outros pais já ficam meio incomodados, porque é o momento da, de uma atenção mais individualizada, mas é muito legal, as histórias que eu escuto dos pais, mais humanas, sabe? Às vezes o pai chora na sua frente ou sei lá, ou de repente o pai, ele tem pouca oportunidade que alguém escute aquela história dele, sabe? (...) Eu acho a história de vida dos pais na relação deles com as crianças, muito interessante. Eu sempre saio muito animado, sabe? (...) É porque eu, eu começo a entender a vida deles, sabe? Que pra mim é o essencial, eu tenho que entender a vida deles, sabe? O contexto, então, se ele age daquele jeito é porque algumas causas acontecem, sabe?"

(E 02º; J – G 19 e 21)

"Pelo que eu vivenciei no GENPEX e até na questão do Portal, pelos estudos que a gente fez aqui das próprias vivências, né, eu ainda 'tô' no nível ainda subjetivo. Mas é aquele subjetivo que não é meu, que a gente discutiu lá no anterior, né? O subjetivo que 'tá' e mim e eu sei que 'tá' em outras pessoas que querem agir, só que ainda não consegui fazer as redes. Consegui fazer redes na escola, mas não dentro do subjetivo que eu penso. Ou do que eu acho que seja interessante agir. Até mesmo porque dentro do que aquelas pessoas pensam, não é que "tá" na prática que eu acho

que seja a mais importante no momento, que é o tradicional, né? (...) Então essas práticas que a gente tem discutido, tanto no GENPEX como no Portal, a questão da educação libertadora, que o Renato discute muito na vivência dele que é o sujeito político, epistemológico e amoroso, eu sinto que da minha prática, eu acho que a amorosidade, assim, ela é que 'tá' fazendo mais efeito hoje. Porque é a amorosidade você sentir o problema do outro e você ter aquele problema como seu também. Por isso que eu cito que é uma subjetividade, assim, entre aspas, né? Porque não é algo que é meu, assim. Aliás, não é algo que é só meu. Eu sei que é algo que 'tá' em outras pessoas também.(...) Aí você vai fazendo as relações, né? No caso, vem as redes, né?"

(E 02º; R – G 74)

Há uma intervenção diretiva da pesquisadora-mediadora afim de propor para o grupo uma reflexão sobre a colocação feita por um dos participantes, a saber: o entendimento da relação entre professor e aluno sob o ponto de vista de representação de “papéis” em detrimento da relação “como gente”, tendo em vista a natureza geral de seus apontamentos sobre a maneira como se propunham dentro das práticas que consideravam mais relevantes, que em geral delineavam uma postura de mais escuta, diálogo e construção coletiva, sugerindo um direcionamento de mais liberdade no encontro entre os sujeitos (gente) e menos prescritivo (papéis).

Sobre isso, o grupo discute em torno das imposições da escola, sob uma perspectiva bancária, para os sujeitos de seu contexto, em nome da função antidialógica que o processo educativo assume nesse contexto ao mesmo tempo em que se posicionam criticamente a essa imposição.

“E quando ‘cê’ chega numa escola, pelo menos, a minha é assim, porque foi a minha primeira experiência e eu fui orientado desse jeito, sabe? ‘Ó, seja firme, você é professor, você não é amigo deles!’, sabe? ‘Seja muito firme, não dê abertura!’ Sabe? ‘Se não você vai acomodá-los ou você vai acostamá-los mal’, sabe? Então, assim, existe esse papel que o professor representa.”

(E 02º; J – G 24)

“(...) uma vez a Stella tava contando que pra criança não dá pra dar liberdade, tem que chegar lá e ter pulso firme, porque senão elas tomam conta, sabe? Dá até pra entender essa questão de

aqui eu exerço essa função professor, mas eu também gosto de ser gente, eu quero saber da vida dos meus alunos, quero saber do que eles gostam, quero, assim, ter uma intimidade, mas aqui é outra relação que a gente tem (...) 'Num' sei até que ponto que a criança vai distinguir um momento que, querendo ou não que é de aprendizagem e um outro momento que é mais lazer, um momento mais informal. Não sei se tem como mudar essa visão de escola que a criança tem, porque aí, só mudando essa visão de escola, do que é obrigatório(...)"

(E 02º; A – G 25)

“O professor tem que ter autoridade, né? Tem que saber dizer não, né? Mas que autoridade é essa? Tem que ser construída, né? Não é uma autoridade que é imposta, que eu acho que é o mais difícil é a gente construir essa autoridade com os alunos, sendo gente com eles, né? (...) Culturalmente a gente acha que é mais fácil ser autoritário e é mais fácil você já achar que (...) aquela autoridade já é sua, né? (...) Mas eu acho que, eu acredito que sendo gente, eu acho que é muito mais proveitoso. Você vai sentir mais prazer em “tá” ali na sala de aula, ainda mais que não é uma obrigação ser daquele jeito. (...) E assim, eu acho que eu ‘tô’ construindo a minha autoridade, sabe? (...) Paulo Freire fala muito dessa questão né, de autoritário e autoritarismo, assim, a diferença, né? Você tem que saber ser firme, saber dizer não, né? Mas consciente daquilo, sabendo o porquê, né? E não você usar como um meio pra oprimir (...)”.

(E 02º; S – G 29)

“Eu observo muito essa coisa da autoridade, assim, que os professores, sei lá, eles querem conquistar isso pelo medo, sabe? (...) todo o suposto respeito que os alunos tem por uma figura mais... Mais rígida, tipo um diretor, um isso ou aquilo, até hoje que eu observei foi muito a partir do medo das crianças. Elas têm medo de alguma futura punição. Eu acho que isso não é respeito não, sabe? (...) Eu acho uma qualidade muito bonita de um professor, que o Paulo Freire fala também, a seriedade do professor. E isso não tem nada a ver se ele é bom ou mal, sabe? Acho que é uma pessoa séria. E por exemplo, os projetos que a gente participa aqui, né? Que a gente participou, o Portal e o GENPEX, a gente tem uma

relação de gente com os professores que coordenam. E ao mesmo tempo eu acho que é uma relação muito bonita, porque é uma relação muito séria, sabe? Tipo, você se relaciona como gente e você, ao mesmo tempo, 'cê'... 'Cê' respeita eles pela seriedade, sabe? Eu acho isso muito, muito bonito, assim, pra um processo educativo."

(E 02º; J – G 34 e 36)

Na reflexão observou-se que os participantes apontaram como um dos objetivos aos quais visam essas naturezas distintas de concepção educativa (a relação entre professor e aluno “*a partir de papéis*” em detrimento da relação “*como gente*”) a forma como posicionar-se frente a “*autoridade do professor x liberdade da criança*”. Na representação de papéis o educador assume um roteiro, uma função prescrita pela organização educativa e/ou a partir de sua própria concepção bancária de educação, que se propõe a uma finalidade instrucional, transmissora de conteúdo e controladora das relações pela disciplina, pela punição, pelo autoritarismo. Nessa relação não há espaço para o diálogo ou para a convivência que extrapole o planejamento previsto para a sala de aula, contexto máximo em que se deve fazer o encontro entre esses sujeitos. Rompendo o prescrito e o objetivo de controle, através do diálogo mediado pela realidade em sua constante transformação é possível assumir o sentido libertador no processo educativo onde professor e aluno passam a não ser mais representantes de uma função/papéis sociais, mas gente, que a partir de suas potencialidades se fazem educadores e educandos com liberdade e autonomia. A autoridade do professor é legitimada pelo reconhecimento de suas responsabilidades, assim, desconstruindo a confusão entre “*medo x respeito*” existente nessa relação.

Segundo a discussão do grupo, para uma relação mais autônoma entre os sujeitos envolvidos no processo educativo do contexto escolar, há necessidade de uma superação que não se dá de forma estanque, mas num contínuo de avanços e retrocessos, com trabalho persistente. Ela ainda apresenta-se como um importante desafio não somente entre eles, professores e os alunos, mas dentro da cultura organizacional do próprio sistema de ensino.

“E tem a autonomia que é construída, sabe? Vai sendo construída. A que é construída é mais trabalhosa. A pergunta é se as pessoas estão dispostas a trabalhar mais pra construir. Aí é...”

Isso é mais complexo, né, porque as pessoas, sei lá, muitas vezes não ‘tão’ a fim de trabalhar mais pra construir autonomia. Porque a imposta, ela é muito praticada hoje em dia, tipo a Secretara de Educação, os métodos de avaliação, os currículos, tudo, tudo. Até na hierarquia da escola, tudo é muito imposto. Tudo muito imposto. Como se isso funcionasse, sabe? Mas não funciona, os alunos não aprendem melhor ou mais por causa disso, não aprendem! E aí ‘cê’ fica, sei lá, no círculo vicioso por anos, cara, com os mesmos diagnósticos e, sabe? Então, é... Eu acho que a autonomia tem que ser construída e ela dá mais trabalho. A gente tem que assumir que a gente vai ter que trabalhar mais pra isso. (...) Isso é mais tensionado, mais friccionado, vai machucar mais... Mas tem que ser a partir disso, senão não é legítimo outro processo, sabe?”

(E 02º; J – G 56)

Ainda no âmbito da superação de uma realidade mais autoritária para outra mais autônoma, um assunto levantado pelos participantes foi a relação entre a organização do sistema de ensino e suas vivências quanto ao processo de consolidação do Projeto Política Pedagógico - PPP da Escola. Por tratar-se da expressão formal da instituição de ensino quanto aos seus valores e objetivos que em tese deveriam ser norteados pelos princípios da gestão democrática, previsto por lei¹⁶ como um processo legítimo de elaboração de todos os sujeitos envolvidos na comunidade escolar por meio representativo, o PPP insere-se na discussão como um dos exemplos no que diz respeito à explícita contradição entre o discurso e a prática da escola.

“Não tem o PPP, o projeto político pedagógico. (...) Assim, acho que aí que a escola cria a sua autonomia, né? Mas... Não sei nem ainda como que é essa prática de construção desse projeto, é só mesmo, acho que já vem pronto, a direção... Não é regra todos participarem. Falta essa cultura, né? De todos, esse coletivo mesmo, fazer o trabalho junto, então eu vejo muita contradição, assim, na escola.”

(E 02º; S – G 57)

¹⁶ - LDBEN 9.394/96.

“Ou... o PPP (...) é ficção científica, né? (...) Ué, é ficção na escola. É tipo um negócio que ‘tá’ guardado lá no, na gaveta e ... Sabe? Não é legítimo.”

(E 02°; J – G 58, 60 e 62)

“E questão de projeto político pedagógico, rapidinho, é assim. É o mesmo modelo pra serem quantos anos, sabe, que a escola existe? Aí vai reproduzindo aquele modelo que só copia e cola.”

(E 02°; R – G 115)

Essa variedade de características que compõem o cotidiano de seus ambientes de trabalho se faz em contextos específicos de relações de força, que por sua vez podem direcionar sua dinâmica para processos de reprodução, adaptação e/ou transformação as relações que nele se estabelecem.

Os conceitos de reprodução, adaptação e transformação (criação/produção) em Bertrand e Valois (1994, p. 22 e 23) referem-se sobretudo ao modo como a sociedade em sua dinâmica de mudanças pode direcionar-se em seus campos políticos, organizacionais e paradigmáticos, a saber:

“A reprodução: A sociedade é um sistema cujos dirigentes mantêm o equilíbrio e a continuidade através de diversos mecanismos de controle social integradores e repressivos.

A adaptação: A sociedade é capaz de modificar as suas organizações sem modificar os fins que persegue, ao recorrer ao mecanismo de aprendizagem e de reforço de determinadas formas de comportamento ou de organização.

A criação ou produção (transformação): A sociedade é capaz de construir ela própria o seu meio, podendo formar um novo sistema de orientação dos comportamentos ao modificar os componentes do campo paradigmático.”

Nessa organização sistêmica, o entendimento das relações de reprodução, adaptação e/ou transformação da sociedade recorrendo a elementos macro-estruturais podem não dar vazão de forma explícita à materialidade dessa dinâmica social, sobretudo através das relações de força entre todos os sujeitos implicados na construção histórica da realidade, conforme já referenciado neste trabalho. Porém, essa mesma sistematização dá elementos que explicitam de forma objetiva as

possibilidades de mudanças que os paradigmas educacionais, por meio de valores, conceitos e objetivos que direcionam as suas práticas, propõem às sociedades como um todo. Essas propostas, ainda que descritas na obra de forma esquematizada, dialogam diretamente com muitos dos posicionamentos feitos pelos participantes, não somente em referência à visão libertadora da educação, presente em seus processos formativos e apontada na obra como parte do paradigma educacional dialético social, mas também com outros elementos que embora categorizados em esquemas, representam características relevantes na construção diária de uma relação entre “gentes”, por meio de suas práticas pedagógicas. Nesse sentido, ainda que numa representatividade em menor escala, se comparado ao esquema global, os participantes também estão implicados estruturalmente nas relações de reprodução, adaptação e transformação da sociedade, a partir das relações existenciais que vivenciam.

Em posicionamentos ora mais, ora menos enfáticos sobre a auto-percepção na implicação da dinâmica social, em que se vêem constantemente desafiados a superarem limitações pessoais e externas, os participantes refletem sobre os lugares que ocupam nessa dinâmica. No geral, há um entendimento de que a comunicação entre todas as pessoas envolvidas direta e indiretamente no contexto em que se dão as suas atuações profissionais é condição para criar uma cultura de relações libertadoras. Essa condição é apontada incansavelmente por Freire, ao afirmar de várias maneiras o diálogo como exigência existencial entre os seres humanos na ação de transformação libertadora da realidade.

“Então, lá no meu trabalho não sei se é por influência minha, assim, mas a gente é bem voltado pra essa questão de experiência dos municípios. (...) então a gente parte do princípio que acima de tudo a prática deles é muito mais valiosa que qualquer lei ou qualquer livro que a gente tenha lido (...) Então, eu vejo assim, que a gente “tá” sempre buscando solução. Não sei se é pela minha prática, mas a gente “tá” sempre, assim, buscando superação de problemas (...) Não sei se seria libertador, assim, pra ser libertador, o prefeito às vezes teria que ‘tá’ ouvindo a demanda real da população dele, mas aí eu já não sei... (...) a última coisa que a gente fez foi tentar chamar a população pra entender tudo o que acontece no município. (...) Então a gente busca chegar lá na

ponta, mas não sei se é realmente assim, libertador, se vai causar algum efeito lá na população lá na ponta.”

(E 02º; A – G 50, 52 e 54)

“O professor tem que assumir o poder, entendeu? Mas aí o poder tem que 'tá' a favor de que processo, né? (...) eu acho que tem brechas, sabe? Eu pessoalmente ainda não 'tô' sabendo ainda como ocupar esses espaços, assim. Porque essa burocracia, ela tem muitas lacunas, então 'cê', dá pra você fazer um trabalho subversivo, sabe assim?(...) 'cê' pode transformar essas práticas lá por dentro, sabe? Tipo... 'Cê' cria aliança com professores e 'cê' não precisa se expor tanto de início, 'cê' vai criado com, aos poucos, de início. Tentando trocar idéias, trocar sugestões, práticas diferentes daquelas que sugerem, sabe? E 'cê' continua fazendo todos aqueles relatórios, diários e entregando pra burocracia, se não eles já começam a te ver como 'Ihh, 'tá' querendo boicotar o processo, sabotar o processo'. Não, 'cê' tem que tomar todo o cuidado possível pra continuar entregando, sabe? (...) Mas é muito importante que por aqui, sabe? (fazendo gesto com a mão, sugerindo outro caminho), 'cê' comece a criar outros tipos de relações. (...) Porque eu acho que professor tem uma certa liberdade, sabe? De uma certa forma. Alguns mais outros menos. Tem professores que não sabem, tipo eu, usufruir muito dessa liberdade, sabe? Porque 'tá' no início, porque não sabe onde, como é que 'tá' pisando, não tem muita maturidade, muita prática, mas que já reconhece que tem uma liberdade.”

(E 02º; J – G 56 e 66)

“Hoje eu não digo que eu não 'tô' muito tradicional, não. Me apego no tradicional, porque como a gente 'tá' em rede, a gente 'tá num' coletivo, é muito difícil a gente não se influenciar. (...) Não se influenciar sem os pés no chão. Você sabe que você 'tá' fazendo aquilo, porque você precisa daquele ato naquele momento, né?

(...) E como é algo que me inquieta, né e que produz muito efeito inclusive dentro de mim (...) que eu sei que eu junto com outros, que eu posso modificar aquela realidade (...) A princípio, pode parecer algo muito sonhador, né? Mas como que eu transmito isso, né, que “tá” em mim, assim? Aí você vai fazendo as relações, né? No caso, vem as redes, né? (...) que eu ainda preciso me

articular e não sei se é uma simples questão de tempo, né? Mas eu acho que é uma questão de organização mesmo. (...) por exemplo, como que eu no Recanto das Emas eu posso ir lá no CAREMAS¹⁷, né e conversar com o pessoal sobre a situação deles? Porque a situação que eu sei que o CAREMAS 'tá' passando hoje é muito das situações (...) da comunidade do Recanto das Emas que os meus alunos, as problemáticas que os meus alunos estão passando.”

(E 02º; R – G 74)

“(...) E tenho, assim, resistência com os meus colegas professores que fala assim: Ah, a Stella gosta muito de família! Sabe? Tipo, é como se não fosse o nosso compromisso! De a gente encarar, né assim, a educação como um todo. (...) Como um, um fortalecimento, como fortalecedor do trabalho. Eu vejo isso e aí isso é difícil, eu também 'tô' tentando fazer assim, mas nunca consegui (risos), não tenho como... Assim, eu tento também trazer a família e conversar como uma aliada, né? (...) Que é por esse caminho mesmo pra transformar alguma coisa, né?”

(E 02º; S – R 81)

Sobre a auto-percepção na influência da dinâmica de reprodução, adaptação e/ou transformação das relações sociais a partir de suas experiências profissionais, há uma divergência de opiniões que na verdade sintetiza a natureza dialética dessa dinâmica. Ela se dá em ritmos diferentes de consciência dos sujeitos sobre as suas ações no e com o mundo, em que não é possível alcançar um estágio polarizado de relações, mas um permanente tencionamento individual e coletivo de libertação, ou segundo Freire, de incompletude na busca pela completude. No entanto, há um entendimento de que a participação nessa dinâmica se faz de maneira propositiva, reconhecendo a realidade atual como um estado a ser superado.

“(...) tem umas discussões mais profundas, assim, de tentar mudar mesmo a lógica da sociedade. Questão de pacto federativo, de colaboração entre estados, municípios e União, porque o que mais se discute é que o município se ferra porque não tem colaboração da União e do Estado. Então só a mudança, a ... Tipo a realização de fato do pacto federativo, que é a colaboração entre

¹⁷ - Centro de Alfabetização do Recanto das Emas/DF.

os entes é que solucionaria os problemas dos municípios. Mas na verdade o que a gente faz é mais adaptar, assim, 'Ó, da pra fazer isso, isso e isso', tentar priorizar a qualidade, que na minha área da educação tenta priorizar a qualidade dessa forma, a gente acaba assim, adaptando.”

(E 02°; A – G 70)

“É, tudo ao mesmo tempo, né? Às vezes você reproduz, achando que 'tá' transformando, sabe? Isso acontece muito. É... E isso tem que ver aos poucos, assim. 'Cê' tem que ter uma paciência, sabe? (...) Mas 'cê' não pode, eu acho... Desanimar. É o meu cuidado pessoal, assim.”

(E 02°; J – G 68)

“ Eu falo que é de transformação, sabe Jú? Até pela questão do diálogo mesmo com os alunos. (...) Como que eu percebo essa transformação? Eu percebo na questão da marca, das marcas que você vai deixando, sabe? (...) quanto mais marcas a gente deixar e essas marcas forem inquietando eles, melhor ainda. Porque eles 'tão' muito naquela coisa da pergunta, né? Mas você tem que dar uma resposta pra eles que não seja uma resposta definitiva, mas que seja uma resposta que gere mais dúvidas ainda. Que, sobretudo eles não parem com aquilo, né? E eles vão levar isso pra casa e eu acho que esse é o objetivo da transformação, é eles levarem isso pra casa, fala: Olha, 'tá' acontecendo isso em sala de aula, o professor falou isso. (...) Eu acho que é por aí o caminho, sabe? É você inquietar o coraçãozinho deles e trazer o pai (...)

(...) dentro da questão do aluno pro pai, a gente já vai na questão da nossa relação com os professores. Por exemplo, eu 'tô' tendo, tem professor que passa pela gente e não fala bom dia. Aí você provoca: 'Bom dia, né? Bom dia professor! Bom dia colega!' Provoca! Provoca o professor mesmo! Provoca o seu colega, sabe? Eu tenho feito muito isso, assim. Aí eles passaram a me dar bom dia. “Bom dia professor Reginaldo!” (risos do grupo) Eu: “Ah! Bom dia!” (risos do grupo).”

(E 02°; R – G 76 e 80)

D) a possibilidade de mudanças paradigmáticas nas relações sociais a partir das experiências e aspirações profissionais.

Partindo da compreensão de que por meio de suas práticas cotidianas os participantes acabam influenciando diretamente a maneira como se dão as relações sociais a partir de suas experiências em seus ambientes de trabalho, a pesquisadora-mediadora sugere a discussão do assunto num âmbito macro-estrutural, no sentido de compreender essas relações como parte de uma construção sociocultural maior, paradigmática.

No âmbito das ações voltadas para a área técnica de gestão da educação nos sistemas de ensino dos municípios brasileiros, observou-se que a visão da participante sobre as mudanças paradigmáticas está associada, entre outros aspectos, à mudança na concepção de qualidade da gestão.

“(...) a gente tenta focar mais em como ser um bom gestor do que como ser um bom gestor com mais dinheiro, como se tivesse que ter mais dinheiro pra ser um bom gestor. É nesse sentido mais que a gente tem, tem tentado mudar, assim. Pegar uma discussão mais de qualidade da gestão, do ensino e tal, mas é difícil, assim. Que poucos prefeitos, poucos mesmo, estão dispostos, assim, a fazer uma experiência inovadora que gaste pouco ou fazer uma experiência de colocar cinquenta laboratórios de informática em escolas por nada (...) Vai dar ibope, o que vai dar voto pra ele na próxima eleição é ter, mostrar o serviço, mostrar ali o computador novo e tal. A gente tem tentado focar na qualidade, assim, no que ele pode fazer.. Até porque, às vezes não tem dinheiro mesmo.”

(E 02º; A – G 98)

Enquanto profissional pedagoga, a participante reflete ainda que o foco de suas ações está na tentativa de construção de um diálogo junto aos prefeitos sobre as possibilidades de avanços qualitativos segundo essa outra natureza de gestão dos municípios.

“(...) São quatro anos de mandato. No primeiro a gente já tenta dar tudo o que é meio que esclarecimento, explicação (...) Pros prefeitos de como eles podem “tá” administrando o município pra desenvolver, pra um desenvolvimento bom e com o recurso que tiver, pra um planejamento, assim, que vise alguma coisa e tal e que observe o quê que ele tem disponível, qual é a demanda, qual é... Essas coisas, assim. Parta da sua realidade e “vamo” construir. O que é possível construir? Isso, isso e isso. E aí tentar esse caminho. A gente tenta esclarecer. Não tem uma trajetória certa, porque, eu

acho que o João falou. Não tem como a gente falar pro município, assim, a gente ditar regras, que varia muito. (...) Tem que ir lá no fundo de cada um, descobrir como é que vive e tal, qual é, quais são os percursos, como é que é a população lá, pra... Pra tentar mudar. Eu vejo assim, que a gente pode “tá” auxiliando bastante, fazendo eles irem atrás do conhecimento também. É isso que a gente tenta fazer.”

(E 02º; A – G 100)

Para os participantes que são professores, as reflexões giram em torno da compreensão dos limites que o início de suas trajetórias profissionais lhes apresentam, na medida em que também a compreendem como um estágio para alcançar o desenvolvimento cada vez mais consciente e comprometido com a transformação da realidade. Num primeiro momento, a relação com os espaços nos quais trabalham foi de choque. Suas aspirações libertadoras se confrontavam com a cultura bancária das escolas. No entanto, observou-se que o reconhecimento dessas diferenças lhes deu a compreensão da necessidade de estabelecer relações propositivas, que partam da compreensão da dinâmica de seus ambientes de trabalho para a sua transformação orgânica.

“O que eu acho interessante (...) e que pelo menos pra mim tem influências, porque a gente vivenciou na universidade e isso o que a gente vivenciou aqui, quando a gente chega “num” outro ambiente, é o estranhamento. Eu acho que a gente chegar lá e ter a lucidez de estranhar, pra mim é muito bom. Porque eu observo nos professores mais antigos que já 'tão' mais acomodados, que aquilo é aquilo mesmo, não tem qualquer estranhamento, sabe? Tipo: Não, isso aqui é assim mesmo! 'Cê' chegou aí 'tá' novo! Um romântico! Um sonhador! (...) eu também, como o Regis, 'tô' em conflitos, assim. Eu não sei se eu me exponho ou se é melhor, ou se é mais seguro que eu faça as coisas silenciosamente, entendeu? Porque eu também me sinto desanimado pelos professores.(...) Então pra mim, apesar de eu não estar praticando a transformação, assim, pedagogicamente, didaticamente, pensando nos conteúdos, eu acho que essa observação do estranhamento, é um passo interessante pra, pra... É potencialmente transformador, sabe? Você manter essa... essa observação de estranhamento,

sabe?(..) Então, acho que... Se manter firme, observando que aquilo 'tá' muito errado, é importante, sabe? (...) Eu acho que essa é a minha aspiração, sabe? E eu acho que... É, transformar as relações na escola começa disso, sabe? Do pensamento, mesmo. De você pensar que aquilo poderia ser diferente. Começar a criar estratégias pras relações serem diferentes e sempre ser muito... É, muito pé no chão, assim, como Régis diz. De começar aos poucos, sabe? (...) Aos poucos de forma paciente, não passiva, mas paciente, aos poucos... E sempre tentando manter um, um... Pra mim é uma chama, mas isso é meio piegas, né? Manter uma chama da esperança! (risos do grupo)... Bom, não tem como eu dizer de outro jeito, mas é isso cara! Você tem que manter isso cara, porque as velas na escola já estão todas apagadas! Tem uma coisa que o Pacheco fala que eu acho muito interessante, ele fala assim, nessa coisa de transformação: (...) Sei lá, a escola tem trinta professores. "Quantos professores tem ali? Não, professores ali mesmo tem sete. Uai, e os outros vinte e três? Não, esses já 'tão' mortos!" (...) Se tivessem trinta professores, tiveram sete a fim de transformar e vinte e três não, 'cê' ia falar: Mas a gente (...) é sempre a minoria, né? Somos só sete! Aí o Pacheco diz que não. "Não, vocês são a maioria, são sete contra zero!"

(E 02º; J – G 92 e 96)

"Então essa questão de transformação, né, minha, 'tô' mais no nível de inquietação mesmo. Eu tenho conseguido ver algumas coisas, algumas mudanças mesmo nos alunos, mas no meu caso mesmo ainda "tá" no nível muito inicial, assim. Porque muitas vezes o que eu acho que a transformação, "tá" apenas na inquietação do aluno. Eu não sei se a inquietação que "tá" nele, "tá" gerando transformação ou só inquietação. Então eu acho que o meu trabalho vai ter que passar do nível da inquietação pra transformação. Porque ficar só na inquietação pela inquietação, também é o que eu falo, né? Perigoso o aluno também ficar doente com isso e eu não posso deixar que isso aconteça. Então "tá" nesse nível. Então deixa eles ficarem inquietos lá um pouquinho, mesmo, né? Eu também vou me inquietando com isso e como é que a gente vai trabalhando juntos? Então eu acho que o tempo que eu "tô" dando, acho que ele "tá" sendo... "Tá" sendo bom nesse sentido. Como eu sei o que eu "tô" fazendo, né? Com os meus pés no chão,

eu acho que eu... Eu acho não, eu não vou deixar ficar só nessa inquietação. Mas eu acho que, por enquanto, essa inquietação, essa... Então isso que “tá” acontecendo “tá” sendo bom. (...) Como é também o meu primeiro ano, né? Aí os professores: Ah, deixa ele sonhar mais! Deixa... (...) “Tá indo com muita sede ao pote”. Então, deixa eu ir com mais sede ao pote, né?!”

(E 02º; R – G 107)

“Eu também me vejo, assim, como os dois falaram, né? Também na mesma situação. É, conhecendo o terreno, né? (risos) Que é aquela coisa, assim... Sabendo quais são as brechas, onde que você pode, onde que você não pode. (...) De tentativas, de fazer uma coisa diferente, de acordo com o que eu penso, né? Que eu idealizo, que a gente idealiza na educação. Então pra mim “tá” nesse nível, assim, de querer, sabe? De vontade de fazer. E também espero que isso não, isso não seja barrado, né? Que vai acontecer, tem limitações, muitas, né? Mas tem também possibilidades, que eu vejo possibilidades de mudanças, assim. Mas aí eu acho que com o tempo, né, a gente vai, vai... Indo assim, com o tempo, ainda buscando esse caminho, a gente consiga ter algumas transformações. Eu acredito.”

(E 02º; S – G 108)

Ainda que não tenham sido feitas referências explícitas a qualquer tipo de concepção paradigmática, tal qual descrevemos no referencial teórico por exemplo, observou-se ao longo das discussões que elementos nas falas dos participantes estão presentes em maior relevância em algumas das descrições sistematizadas por Bertrand e Valois (paradigmas industrial, existencial, social dialético e simbiosinérgico). Não há pretensão em categorizá-los dentro de nenhum esquema sistêmico, no entanto, esses elementos nos servem de referência para refletir quais os possíveis componentes de um processo de desenvolvimento sociocultural que aponte para uma aspiração de transformação social pelos participantes. Objetivamente, sabemos que esse tipo de reflexão implica em considerarmos fatores em larga escala, representações que façam referência a um contexto muito mais amplo de relações sociais. Porém, esse pequeno grupo (em número) como já dito anteriormente, é parte diretamente implicada na construção material desse amplo contexto ao qual nos referimos e conjuntamente com

outras pessoas, em seus ambientes específicos de trabalho ou fora deles, atuam na dinâmica social.

Assim, como parte final do objetivo deste trabalho, há uma intervenção direta da pesquisadora-mediadora com o intuito de questionar aos participantes sobre as suas compreensões quanto às ações que desenvolviam ou reconheciam necessárias desenvolver coletivamente para o desenvolvimento de um processo transformador da realidade, em acordo com aos seus referenciais (não explicitados) de um novo paradigma social. O caráter coletivo como fator determinante dessa reflexão se baseia na compreensão do processo de transformação social como uma ação em comunhão, categorizada por Freire como condição expressa para a vocação ontológica de Ser Mais do homem e apontada diversas vezes pelos próprios participantes ao longo das discussões. Nessa, em especial, identifica-se esse caráter por meio de expressões e significados referentes a palavras como “redes”, “coletivos”, “mobilização”, “diálogo”, “consciência”, entre outras.

Objetivamente, existem polarizações de falas propositivas diretamente implicadas no contexto coletivo dos ambientes de trabalho e outras não diretamente implicadas, mas que também reconhecem a importância da dimensão global/integrada das relações para as possíveis transformações.

“Então, as brechas que eu vejo pra essa mudança efetiva é a cobrança mesmo. (...) Então, a partir disso, já outras áreas lá onde eu trabalho, tem... Já tem tentado discutir mais o que os municípios tem feito com o dinheiro do que qual é o dinheiro que tem pra receber. Então mais discutir, assim, como ser um bom gestor, do que com ter mais dinheiro. (...) É, a partir da cobrança, mesmo. (...) da sociedade mesmo. Da sociedade, da mídia, dos jornais, isso tudo assim. (...)Tem facilitado, assim, que a gente alcance essa consciência de investir em qualidade.”

(E 02º; A – G 125, 127 e 129)

“Eu acho que eu me vejo aí pelo... Pela brecha do conselho de segurança da escola. Que foi criado agora, através de um conselho escolar que não acontece (...) Então eu acho que assim, a minha brecha vai ser pelo conselho de segurança mesmo, sabe? “Tá” chamando o pai daqueles alunos problemáticos, né? Perguntar se tem interesse. Eu acho que vai ser no diálogo mesmo,

com esses grupos mesmo. A brecha vai ser no diálogo com os grupos e continuar inquietando os... Os colegas. (...) Né, no papel ainda, não tinha o conselho de segurança lá. Então teve que se montar um conselho de segurança, com dois representantes da escola, que é... Podia ser professor ou gestor. Aí fez todo um processo de eleição, né? Aí eu me candidatei e consegui entrar pra esse conselho de segurança. Só que até então, o conselho só “tava” no papel. Aí, eu pesquisando em quais outras regionais que tinham esse conselho de segurança, eu vi a regional lá do, de Sobradinho. (...) Porque nem essa idéia eu “tô” tendo, foi criado o conselho, mas eu não sei praticamente quais são todas as minhas funções ali no conselho, porque a equipe gestora não me passa e eu também não “tô” ciente disso, entendeu? Então eu vou ter que criar outra rede, que é o meu laço com a regional de Sobradinho, que eu sei que o conselho lá funciona. Eu andei pesquisando e funciona. Então eu vou ter que criar o meu laço com o pessoal de lá pra me inserir, né, nessa questão do conselho. Então uma das minhas, as atuações, assim, que eu “tô” empolgado, assim, é pelo conselho mesmo.”

(E 02º; R – G 115 e 123)

“(...) nas reuniões de quarta-feira, né, que é a coletiva e nessa escola(...) Eu acho que foi nesse momento aí que foi uma brecha pra que eu consiga, assim, acho que sensibilizar o coletivo, sabe? Pra aquilo que eu penso em educação, sabe? E pra que um e o outro se ajudem.(...) eu lembrei muito, sabe, foi quando, da... Da experiência do Projeto Paranoá, nas sextas-feiras a gente conversava com as alfabetizadoras. A gente e as alfabetizadoras, aquela vontade delas falarem sobre o dia-a-dia da sala, umas tinham até medo, né, de a gente falar alguma coisa e tudo...(...) Aí foi nesses espaços que eu comecei a falar mesmo, das minhas experiências, do que eu achava, o que não achava, que eu consegui (...) Eu acho que o meu maior medo, assim, de desanimar mesmo, é me sentir sozinho numa escola, no espaço de uma escola, assim, que você... Que eu acho que eu vou sempre buscar... É, assim, de alguma forma “tá” junto com alguém, assim.(...) Acho que foi um processo, né? Eu já “tô” com um outro ponto de vista, outra atitude, outro... Eu “tô” pensando de forma diferente. Mas é por esse caminho aí. Agora sozinho você não... Não anda! (risos)”

(E 02º; S – G 114)

“No meu caso eu preciso de uma... De um estudo maior, sabe? Não é um estudo teórico, solto, abstrato, que a partir dos livros eu vou ser melhor professor. Mas eu sinto que eu necessito de uma...(...) uma auto-formação, mesmo. Eu começar a buscar a partir das questões que eu 'tô' vendo, que outras estratégias, práticas, intervenções pedagógicas, poderiam transformar aquilo, sabe? E imersões também no lugar onde eu 'tô', assim. Eu preciso... Sei lá, vivenciar mais São Sebastião, andar mais na rua, essa coisa que o Régis fala eu acho muito interessante de o professor ir além dos muros da escola pra compreender inclusive a própria escola.(...) eu sinto isso, de concentrar, sabe? Assim, preciso estudar melhor o quê que eu “tô” fazendo, sabe? Pra quando as brechas forem surgindo, eu possa ocupar elas de forma mais qualificada, sabe? Expressar que eu sei o que eu “tô” fazendo (...) Eu não tenho essa ilusão, não, as transformações não serão solitárias, cara. Eu não tenho essa pretensão de ser um herói pedagógico. Acho que é a criação de laços e redes sempre. Silenciosas de início, sutis, pra que não... Sabe? Pra que não cortem um possível amadurecimento. Então, silenciosamente vai amadurecendo, vai trabalhando, quando 'cê' vê já... Já irradiou, sabe? Muito sutilmente, cara, muito sutilmente. Com muito cuidado pra não se expor, sabe? (...) Então, assim, pra mim é uma transformação muito silenciosa, coletiva, consciente, sabe, do que você 'tá' fazendo, sem gritaria, sabe? Sem grandes... É, discursos inflamados, uma prática muito consciente(...) do que você “tá” fazendo.”

(E 02º; J – G 131)

4ª Parte: “Perdoai, mas eu preciso ser Outros...”

Considerações Finais

Quanto às análises e reflexões dos dados em relação aos objetivos do trabalho, destacam-se os seguintes aspectos:

- ◆ Os espaços curriculares abordados no trabalho representaram para os sujeitos da pesquisa a referência de um processo dialógico de formação acadêmica na graduação de licenciatura em pedagogia, destacando-se dentro do contexto da organização curricular do curso como marco para a retomada ou mesmo a criação de sentido quanto à identidade do pedagogo, influenciando na maneira como eles participam da dinâmica de interação social que os constitui

enquanto profissionais.

- ◆ Essa identidade, obviamente, se constrói para cada sujeito em ritmos distintos de implicação e radicalidade na transformação das relações sociais e em última instância paradigmáticas, segundo os referenciais teóricos da pesquisa. No entanto, observa-se um impulso motivador ao ato de *Ser Mais* que, se não é identificado pelos próprios participantes a partir das experiências da formação acadêmica, encontra ressonância em seus processos e se desenvolve dentro dos limites e possibilidades de cada sujeito em seu contexto material, sendo esta condição reconhecida por eles próprios.
- ◆ Nesse sentido, a importância de haver uma proposta voltada para a ênfase de um processo de aprendizagem que aconteça na práxis, não somente em um currículo acadêmico, mas dentro de qualquer projeto educacional de uma organização educativa, se faz explícita muito antes deste trabalho, mas percebida nele a partir dos relatos sobre as experiências dos participantes.
- ◆ Observou-se com mais abrangência que os participantes da pesquisa que trabalham com a docência escolar, em seus cotidianos, visam estabelecer relações mais dialógicas com os sujeitos envolvidos. Podemos com isso remeter, entre outros aspectos, a relação entre essas experiências com o que Freire aponta como a necessidade de desconstrução do estado de coisificação dos homens, uma vez que essas relações mais humanizadas e amorosas, segundo os participantes, se dão em resistência à dimensão bancária vigente de seus ambientes de trabalho. Uma realidade prescrita, burocratizante e silenciadora, que perpassa os diversos espaços da escola.
- ◆ Os conceitos teóricos de reprodução, adaptação e transformação social descritos neste trabalho não foram apresentados de maneira explícita e deliberada aos participantes. Porém, apareceram em suas falas de maneira natural e também como resultado de provocações feitas pela pesquisadora-mediadora. A partir disso, compreende-se que esses três conceitos interagem na dinâmica social de forma entrecruzada. Encontramos em Paulo Freire a afirmação desse contexto histórico da realidade quando consideramos a denominação do homem enquanto ser oprimido e opressor em permanente busca pela libertação em comunhão com os demais seres, para *Ser Mais*. É sua vocação ontológica.

- ◆ Houve assuntos interessantes que não foram devidamente aprofundados em sua totalidade tanto nas discussões do grupo quanto na análise dos dados, tendo em vista por um lado, a falta de experiência da pesquisadora-mediadora e por outro a sua conseqüente escolha de desenvolvimento de outros temas mais diretamente relacionados ao roteiro ou tópicos guia do trabalho. Dentro desse contexto, destacam-se as falas referentes a temas como: identificação de valores místicos, filosóficos e políticos dos participantes, condicionantes de suas visões de mundo também enquanto profissionais; relações interpessoais de violência vivenciadas direta e indiretamente pelos participantes em seus ambientes de trabalho; saúde física, emocional e mental dos profissionais docentes; entre outros.

A experiência com o desenvolvimento do processo metodológico à luz dos referenciais teóricos possibilitou a observação dos seguintes aspectos:

- ◆ Mesmo desconsiderando as orientações preliminares quanto ao desenvolvimento metodológico da pesquisa em grupo focal, a mediação das discussões foi feita pela pesquisadora-mediadora, embora fosse essa a sua primeira experiência com a metodologia escolhida, o que significou um processo à parte de aprendizagem durante as reflexões e sistematizações sobre o próprio método da pesquisa no decorrer de sua realização. Nesse sentido, alguns dos objetivos à que se propõe o trabalho em grupo focal foram em parte comprometidos, tendo em vista a inexperiência da pesquisadora-moderadora, mesmo que estes tenham sido objetos de constante reflexão e aprimoramento ao longo da experiência do trabalho.
- ◆ A natureza da composição do grupo focal atingiu, em termos gerais, uma unidade de grupo que contribuiu para momentos relevantes de interação entre os participantes, muito embora seja recomendada expressamente no referencial teórico recorrido a importância de se preservar tanto quanto possível a “neutralidade” do moderador do grupo, ou seja, a sua característica de não ser uma pessoa conhecida pelos integrantes, a fim de estabelecer uma relação de não cumplicidade e parcialidade com nenhum deles, entre outros aspectos. No entanto, observou-se que a familiaridade entre os sujeitos, inclusive com a pesquisadora-moderadora só veio a confirmar a hipótese de desenvolvimento

da dinâmica de interação da maneira mais satisfatória possível, por exemplo, sem propensões a consensos por inibições ou a confrontos de opiniões por motivos externos intrapessoais, mas de maneira confortável para a expressão das opiniões e construções de sentidos nas discussões.

- ◆ Com as discussões desenvolvidas pelo grupo, observou-se uma identificação com a importância do tema do trabalho proposto pela pesquisadora, a partir do envolvimento dos participantes, na dedicação às reflexões sugeridas e surgidas no decorrer dos encontros.
- ◆ A representatividade do grupo ficou comprometida pela ausência de 03 participantes no segundo encontro realizado em 26/10/09, ou seja, aproximadamente 42% do grupo que por sua vez representava a totalidade da área de gestão de processos/sistemas educativos em instituição bancária oficial e 100% da área de gestão de processos/sistemas educativos em instituição pública federal, prejudicando a exploração de aspectos mais aprofundados, entre eles, a relação entre as naturezas desses ambientes de trabalho e as experiências dos participantes. Esse fato só vem a confirmar o que aponta GASKELL (2008, p. 77 e 78)

“Há, contudo, algumas desvantagens na técnica dos grupos focais que vêm ilustrar as vantagens da entrevista individual. Primeiro, os participantes de um grupo focal tendem a ser, até certo ponto, auto-seletivos. Nem todos os convidados se apresentam e alguns grupos planejados são difíceis de recrutar”

Com isso, nas discussões do dia 26/10/09, o grupo presente representava numericamente mais da metade dos participantes envolvidos como um todo, havendo, como já mencionado, um comprometimento na representatividade da diversidade de áreas de atuação pedagógica, tendo em vista que dos quatro participantes, três eram professores e apenas um trabalhava na área de gestão de processos/sistemas educativos em organizações não governamentais. Assim, as observações feitas sobre os temas abordados no segundo encontro do grupo giraram em torno majoritariamente da questão docente em prejuízo da reflexão sobre as outras áreas de atuação pedagógica pretendidas pela pesquisa.

- ◆ Pela análise posterior dos dados gráficos de interatividade, é possível localizar momentos em que grupo não funciona como um espaço de discussão

(representado pelo equilíbrio de interações interpessoais - em linhas pontilhadas – e as colocações sem direcionamento específico, subentendidas como direcionadas para o grupo como um todo – em linhas contínuas), mas sim com uma espécie de entrevista coletiva, desenvolvida a partir da estruturação dos objetivos do trabalho de forma mais fechada, com assuntos pontuais específicos que se pretendia abordar, em lugar de assuntos mais temáticos e abertos, onde seriam aprofundados os elementos relevantes à pesquisa. Nesse sentido, as interações se perdem em alguns pontos, dando lugar à participação somente a partir da intervenção da pesquisadora-mediadora (representada pelo maior número de frequência de interações originárias de “U” – tanto em colocações interpessoais, portanto em linhas pontilhadas, como para o grupo, em linhas contínuas - e em menor número de frequência originárias dos participantes).

- ◆ O encontro do dia 05/10/09 teve uma dinâmica mais interativa que o segundo encontro, do dia 26/10/09, realizado com menos pessoas. Mesmo sendo o primeiro contato de todos os integrantes do grupo com a metodologia, inclusive a pesquisadora-mediadora e do desenvolvimento do trabalho ter sido de forma demasiadamente prolongada em relatos pessoais, houve mais momentos de interação, embora não tenham representado à princípio para a pesquisadora maior relevância junto aos objetivos do trabalho. Na tentativa de “corrigir” o que foi considerado um desvio do foco inicial, o segundo encontro se desenvolve de forma pautada no roteiro ou tópicos guia, o que confere uma dinâmica de menor interatividade e mais intervenções da pesquisadora-moderadora, caracterizando o que foi descrito acima.

Sobre o processo de registro e transcrição do *corpus* da pesquisa, observaram-se os seguintes aspectos:

- ◆ Embora tenha sido ressaltado pelo referencial teórico em questão que a forma de registro audiovisual é, possivelmente, a que mais tem chances de comprometer a participação dos sujeitos, pela inibição que a câmera de vídeo causa às pessoas de uma maneira em geral, isso não se confirmou durante os encontros do grupo focal, não comprometendo o processo da coleta de dados,

provavelmente pelas características dos participantes.

- ◆ A ênfase da transcrição do material audiovisual se deu sobre as falas dos participantes em *ipse litere* por limitação técnica da pesquisadora, que não teve tempo hábil de se apropriar das codificações estruturais existentes para o processo de transcrição, que por sua vez envolve uma linguagem gráfica específica. Nesse sentido, outros aspectos sonoros, rítmicos, de entonação e também não-sonoros, embora tenham sido fundamentais no processo de compreensão do contexto das discussões, não foram transcritos para o *corpus* da pesquisa, mas integram o anexo deste trabalho em forma de mídia de DVD, contendo o próprio registro audiovisual bruto dos encontros e, portanto podem ser considerados, se assim for julgado pertinente, tanto quanto o material registrado graficamente.
- ◆ Os gráficos de interatividade gerados após a transcrição do *corpus* da pesquisa também passam a integrá-lo, uma vez que colaboraram para a análise do procedimento metodológico do trabalho, destacando ilustrativamente a frequência da dinâmica de interações do grupo e evidenciando, entre outros aspectos, a sua correspondência com a postura da pesquisadora no decorrer do processo do trabalho.

Quanto à própria experiência da vivência do processo de pesquisa destacam-se os seguintes aspectos:

- ◆ O objetivo de refletir junto a outros sujeitos sobre os processos educativos formais de uma graduação e suas implicações na prática profissional, compreendida como uma ação social que interfere diretamente nas relações materiais da dinâmica social se fez um grande desafio, sobretudo pela intenção de propor o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa acadêmico que colaborasse para as discussões referentes à importância da educação como um processo transformação da realidade social a partir de experiências concretas de vida, porém sem caracterizar-se num reducionismo subjetivista dessas experiências e tão pouco numa generalização rasa de posicionamentos já conhecidos e muitas vezes vulgarizados.
- ◆ A constante reflexão e avaliação do processo de constituição enquanto pesquisadora foi muito rico e talvez seja tão significativo quanto às possíveis

contribuições que o trabalho como um todo possa dar. Em particular, a importância de desenvolvê-lo foi muito grande, sobretudo pela experiência auto e heteroformativa na qual ele se constituiu.

- ◆ Por fim, destaca-se o registro das falas dos participantes sobre a experiência com a pesquisa, a fim de compartilhar também suas considerações sobre o processo que, em geral, também representou como espaço de aprendizagem e reafirmação de sentidos:

“É um resgate, assim, é... São lembranças também de todo um processo que nós vivemos, né? Quer dizer, a gente se vê muito no outro, assim, é vivemos os mesmos conflitos, os mesmos... Se é que se pode usar esse termo “mesmo” pra todo mundo, assim. Mas enfim, compartilhamos dessas inquietações e das dificuldades que é... Você construir uma coisa e entender... É, que algo acontece e muitas vezes não poder, não saber como transformar aquilo, quer dizer, ou tentar e ser massacrado e vai de novo, quer dizer, você... Então eu me vi muito em todo mundo. É... Aprendi também muita coisa, né? Você vê que, é... Como é importante, né, essa diversidade, cada um vai numa linha e pesquisa um espaço e estuda alguma coisa e constrói e tal, então pra mim foi é... Muito, muito legal, muito... Construtivo”. (risos de L)

(E 1º; L – G 198)

“Eu também achei bem bacana, assim. Eu me vi, meio que saindo de onde eu escrevi e pensando o quê que eu escrevi, porque que eu escrevi, sabe? E pensar o quê que realmente fez sentido e aí ver na fala dos outros coisas que a gente pensa também, bem bacana. E é isso.”

(E 1º; A – G 199)

“Um momento que a gente sempre fala, oxigenar. A gente sai daqui e parece que cada um vai pra um rumo, mas... A construção que a gente foi falando aqui mostra que, querendo ou não, a gente vai se convergir, vai convergir nossas vivências muito mais vezes aí, porque a gente quer fazer, quer realmente ‘tá’ na educação, então se a gente quer, acho que as forças vão se, vão se atraindo, assim. Eu acho que esse é um momento que, pra mim é pra me fortalecer mais ainda, assim, porque eu já tava... Me

sentindo meio fraco, assim, que quando eu venho e converso com o pessoal, isso me, me fortalece, então eu acho que oxigenar reflete bem o quê que eu vivenciei aqui hoje.”

(E 1º; M – G 200)

“Eu também só repito, também. Acho que isso é muito oxigenante mesmo pra gente, pra... E assim, numa troca a gente se vê muito no outro, né? Lembra muito de como a gente entrou aqui, vem todas as lembranças, assim, né? E faz bem pra gente não se perder, né? Pra gente continuar a caminhada aí, valorizando o que a gente passou.”

(E 1º; S – G 201)

“Fortalecimento da, da rede, da rede de relações. É isso o que eu levo mesmo. Sempre muita acolhida, né, por todos.”

(E 1º; R – G 202)

“Acho que é uma boa oportunidade. (...) É importante assim, você escutar e ser escutado. Eu sinto muita falta como a... A Stelinha falou, na escola assim, de... De um espaço desse, assim, de troca, sabe? É uma troca mais saudável, mais lúcida, sabe? Sobre o quê que as pessoas estão fazendo dentro de uma escola. Acho que essas, e as perguntas óbvias mesmo, que são feitas. Acho que... Esse é um espaço interessante e pelo tempo, assim, de ter tempo de se concentrar pra discutir é importante, sem que isso tenha o tom de terapia de grupo, sabe? Que eu não tenho muita... Não me atrai muito, mas... Acho que, da gente discutir o que a gente ‘tá’ fazendo mesmo. Que prática pedagógica é essa, que metodologia é essa, um negócio sério, sabe?”

(E 1º; J – G 203)

“Mais uma vez, obrigada Ju.”

(E 2º; R – U 135)

“Obrigada, né? A minha também é obrigada!”

(E 2º; U – G 136)

“A minha também.” (risos)

(E 2º; A – G 137)

“Eu também agradeço Ju, a escuta...”

(E 2º; J – U 138)

*“Obriga Ju e acho assim, que foi fortalecedor, assim, de tudo né?
Esse espaço, assim, é muito bom, fortalece a gente mesmo, anima
né?”*

(E 2º; S – U 139)

“Anima!”

(E 2º; J – G 140)

“É animador!”

(E 2º; S – G 141)

*“Obrigada grupo, né? Porque eu não falei nada, quem falou foram
vocês!”*

(risos do grupo)

(E 2º; U– G 142)

“Obrigada Terezinha, a nossa câmera girl.”

(E 2º; J – Terezinha 143)

“A silenciosa!” (risos de S)

(E 2º; S – G 144)

“Gente, obrigada! É isso”.

(E 2º; U – G 145)

5ª Parte: “Eu penso renovar o homem usando borboletas.”

Manoel de Barros

Perspectivas profissionais

Ao longo de meu processo formativo, desenvolvi o interesse de compreender as maneiras pelas quais as relações de ensino e aprendizagem acontecem, refletindo sobre os elementos que as constituem e como elas podem ocorrer de forma mais dialógica.

Ainda tenho pouca experiência com a prática docente em si, por isso pretendo me aprofundar mais nessa área.

Em especial, quero me aproximar mais do processo de formação docente, pelo interesse que tenho em compreender como os educadores vêem essa relação e, de alguma forma, poder contribuir para que ela seja cada vez mais desenvolvida no sentido de ampliar as potencialidades criativas e libertadoras da educação.

Referencial Bibliográfico

ANGELIM, Maria Luiza Pereira. Educar é Descobrir – Um estudo observacional e exploratório. Brasília, UNB/Faculdade de Educação, 1988 (dissertação).

_____. Extensão como espaço de formação de educadores

de jovens e adultos. In SOARES,L.(org.) Formação de Educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006.

BAUER, Martin W. , GASKELL, George (editores); Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. – 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BERTRAND, Yves; VALOIS, Paul. Paradigmas Educacionais – Escolas e Sociedades. Tradução de Elisabete Pinheiro. Coleção Horizontes Pedagógicos, Lisboa, Instituto Piaget, 1994.

Classificação Brasileira de Ocupações. Disponível em<www.mtcbo.gov.br>. Acesso em 04/02/2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

_____.Educação como Prática de Liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2009.

_____.Última entrevista abril/1997. Disponível em <<http://www.forumeja.org.br/ultimaentrevista.paulofreire>>. Acesso em 09/01/2010.

GATTI, Bernadete Angelina. Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. Brasília, Liber Livro Editora, 2005.

GENPEX – Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais. Documento Base, Universidade de Brasília, 2000.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

RÊSES, Erlando da Silva. ... E com a palavra: os alunos – Estudo das representações

sociais dos alunos da rede pública do Distrito Federal sobre a sociologia no ensino médio. Brasília, UNB/Departamento de Sociologia, 2004 (dissertação).

Anexos

- Convites encaminhados aos participantes

Para o encontro do dia 05/10/09:

Título provisório:

Estudo exploratório das relações entre a formação acadêmica e o mundo do trabalho: O papel do Pedagogo na reprodução, adaptação e/ou transformação social

Oi pessoal,

Gostaria de agradecer por aceitarem o convite para participar desse grupo focal de pesquisa que constitui parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Para o nosso primeiro encontro, proponho uma roda de socialização da memória educativa e das perspectivas profissionais que vocês enquanto graduandos expressaram em seus TCCs, ou seja, ao revisitá-los compartilhar com o grupo os novos sentidos, significados e relevâncias que vocês identificarem.

Essas reflexões podem ser feitas como quiserem: exposições verbais, escritos, fotos, músicas, vídeos, gestos, o que for...

1º Encontro: Memória Educativa

Data: 05/10, segunda-feira

Hora: 20:00

Local: Faculdade de Educação – FE, sala do Portal

Mais uma vez agradeço a colaboração de todos. A participação de vocês é fundamental!

Para o encontro de 26/10/09

Título Provisório

Estudo Exploratório das relações entre a formação acadêmica e o mundo do trabalho: O papel do pedagogo na reprodução, adaptação e/ou transformação social

Pessoal,

Dando continuidade às nossas atividades, proponho que façam uma pequena lista com os seguintes itens:

- 3 valores, atitudes e/ou características relevantes em sua formação acadêmica, adquiridos, praticados e/ou presentes nos dois espaços formativos abordados pelo trabalho: *Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular (crianças, jovens, adultos e idosos) e estudos filosóficos e histórico-culturais – GENPEX e Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos – EJA do Brasil*. Justifique.
- 3 atividades que fazem parte de seu cotidiano em suas práticas profissionais e que você considere de maior relevância. Justifique.

2º Encontro: Práxis pedagógica e o mundo do trabalho

Data: 26/10/2009

Local: Faculdade de Educação – FE, sala do Portal

Até lá!

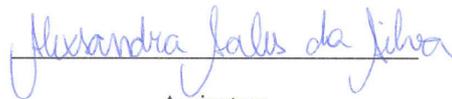


Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Alexsandra Sales da Silva nacionalidade, brasileira, portador(a) do documento de identidade (R.G. N°) 2184965 SSP/DF autorizo o uso das falas transcritas atribuídas à mim e de minhas imagens gravadas durante a minha participação na pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso de Juliana Duarte Arraes, brasileira, documento de identidade n° 2370668 SSP DF, graduanda em Pedagogia pela Universidade de Brasília – UnB, matrícula n° 04/86396, sob a orientação de Maria Luiza Pereira Angelim, brasileira, professora da Faculdade de Educação – FE, do Departamento de Métodos e Técnicas – MTC, matrícula n° 129721, que aconteceu no(s) dia(s) 05/10/2009 e 26/10/2009, para fins exclusivos da pesquisa.

Brasília, 25 de Janeiro de 2010



Assinatura

- Corpus da pesquisa: fluxo gráficos

Local de realização dos encontros:

Faculdade de Educação – FE, Sala do Projeto 03 e Programa de Extensão Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos – EJA do Brasil.

Datas de realização e duração:

1º Encontro 05/10/09 – 03 horas e 12 minutos

2º Encontro 26/10/09 – 02 horas e 35 minutos

Legenda

Pesquisadora-Mediadora Juliana Duarte Arraes: **U**

Participante Alexsandra Sales de Souza: **A**

Participante Joseane Santana Ribeiro: **Z**

Participante João Felipe de Souza: **J**

Participante Luana Euzébia Cristina da Silva: **L**

Participante Maxwell de Castro: **M**

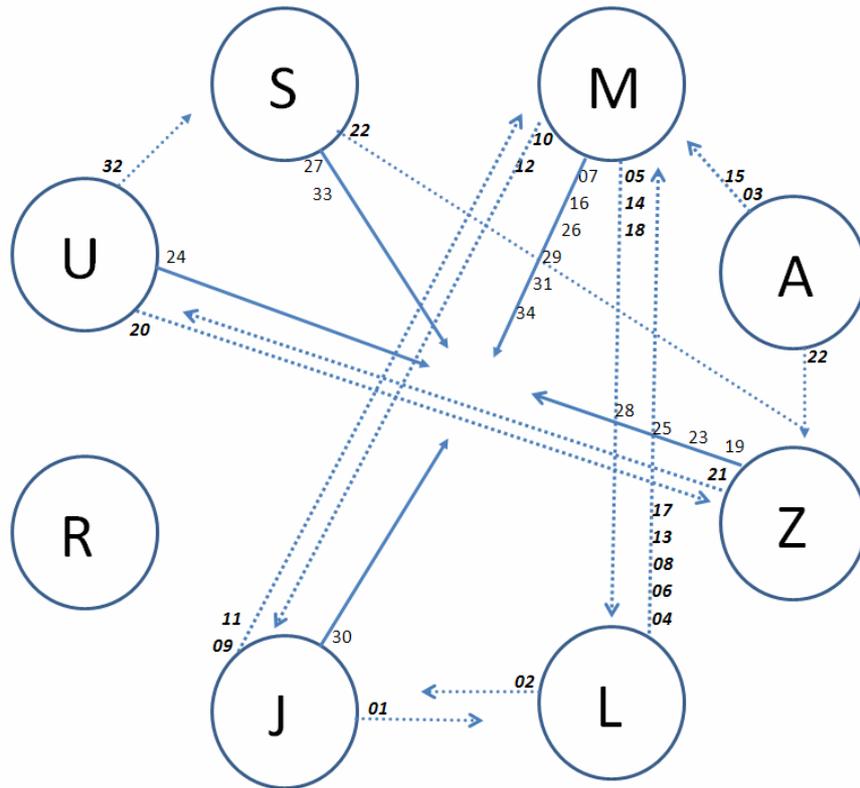
Participante Reginaldo Lemos dos Santos: **R**

Participante Stela Pimenta Viana: **S**

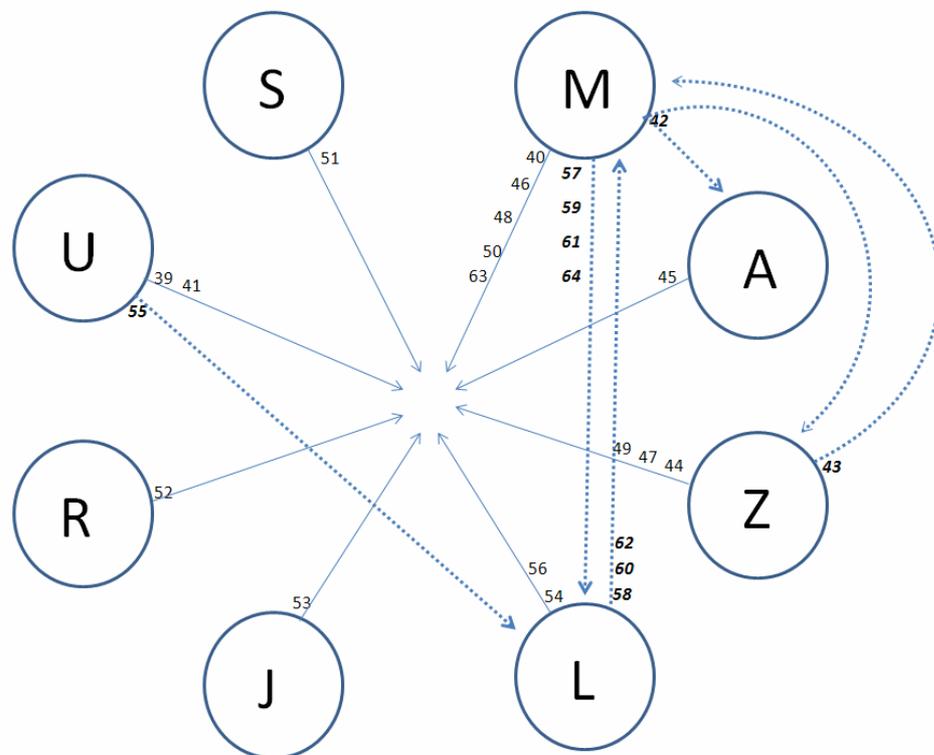
Fala direcionada para o grupo : —————▶

Fala direcionada para um participante:.....▶

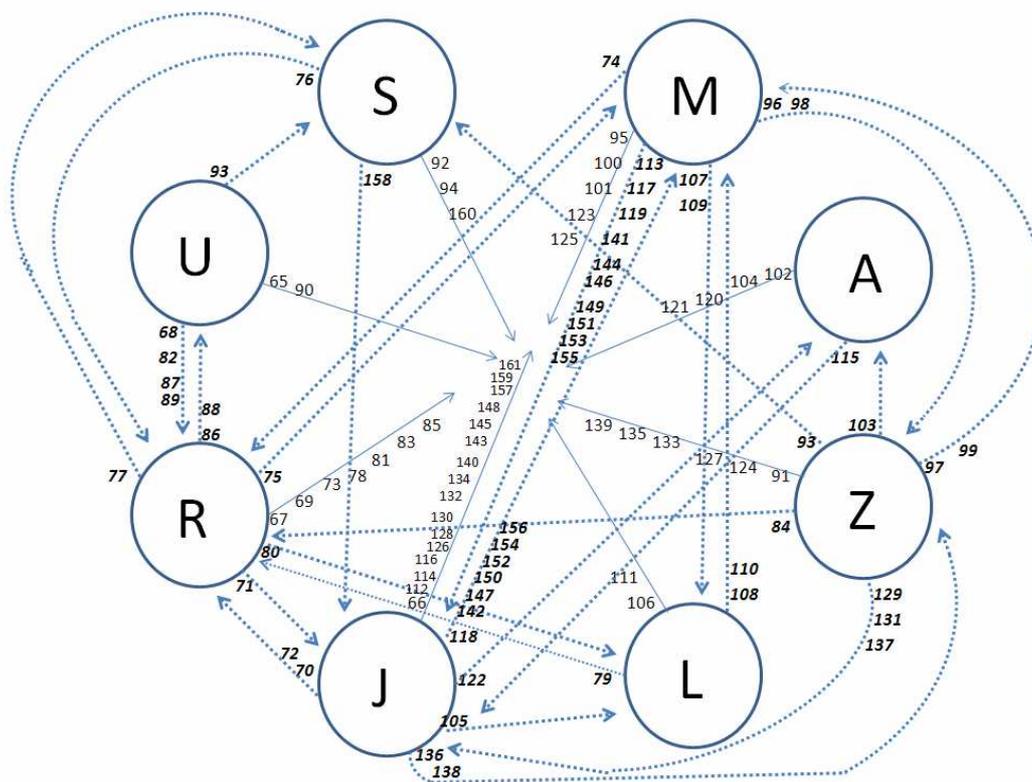
Fluxo Gráfico 01. 1º Encontro - 05/10/09. Sujeitos participantes: 08. Conversa que antecedeu ao início do trabalho. Duração: 2 min. e 41 seg.



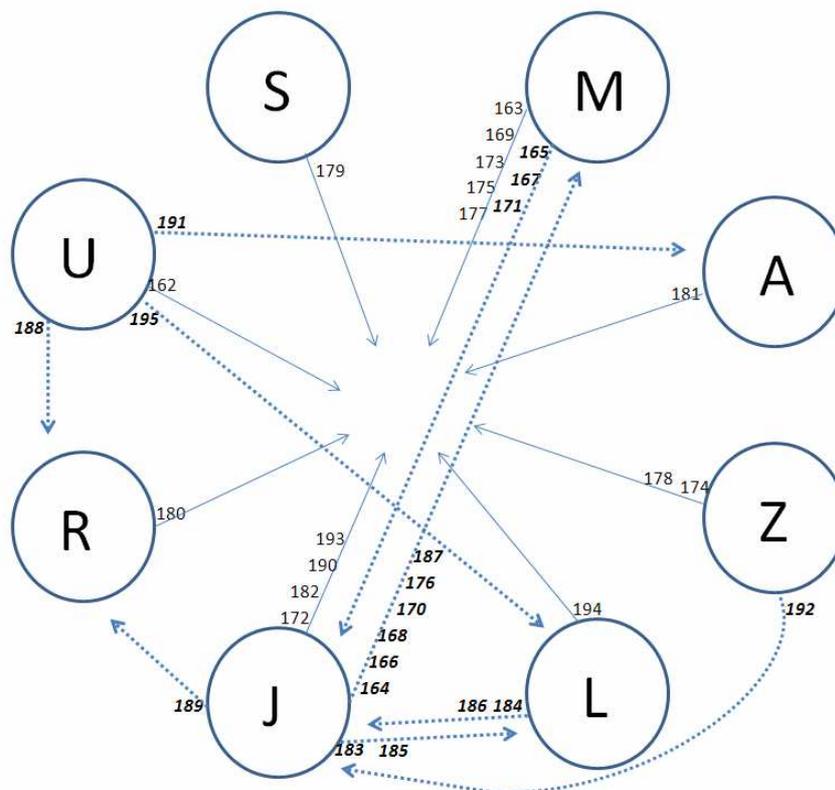
Fluxo Gráfico 02. 1º Encontro - 05/10/09. Sujeitos participantes: 08. Auto-apresentação dos participantes. Duração: 25 seg.



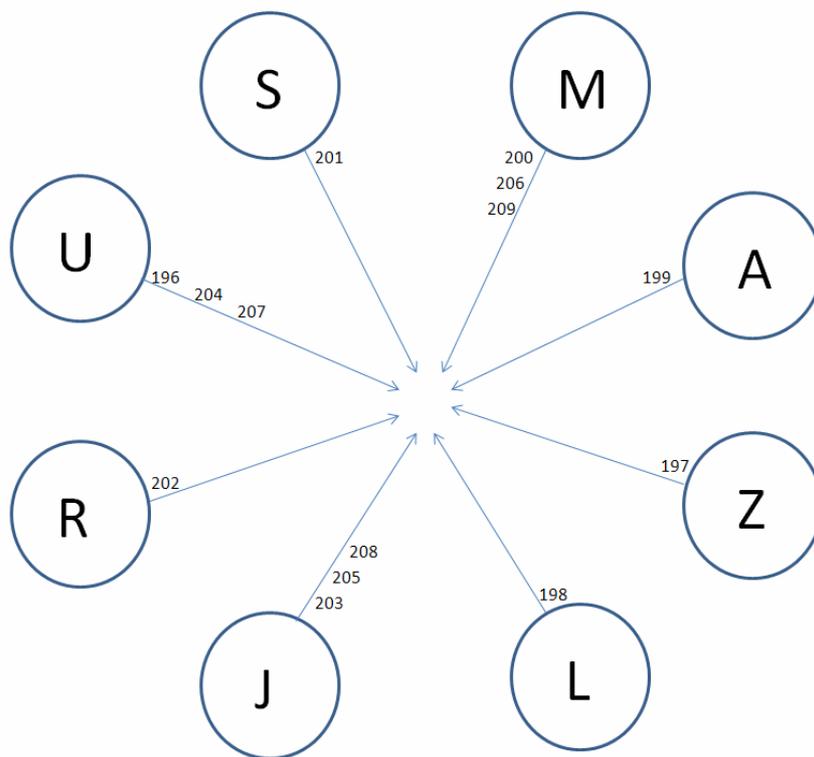
Fluxo Gráfico 03. 1º Encontro - 05/10/09. Sujeitos participantes: 08. Apresentação dos participantes sobre a memória educativa. Duração: 02 h. e 04 seg.



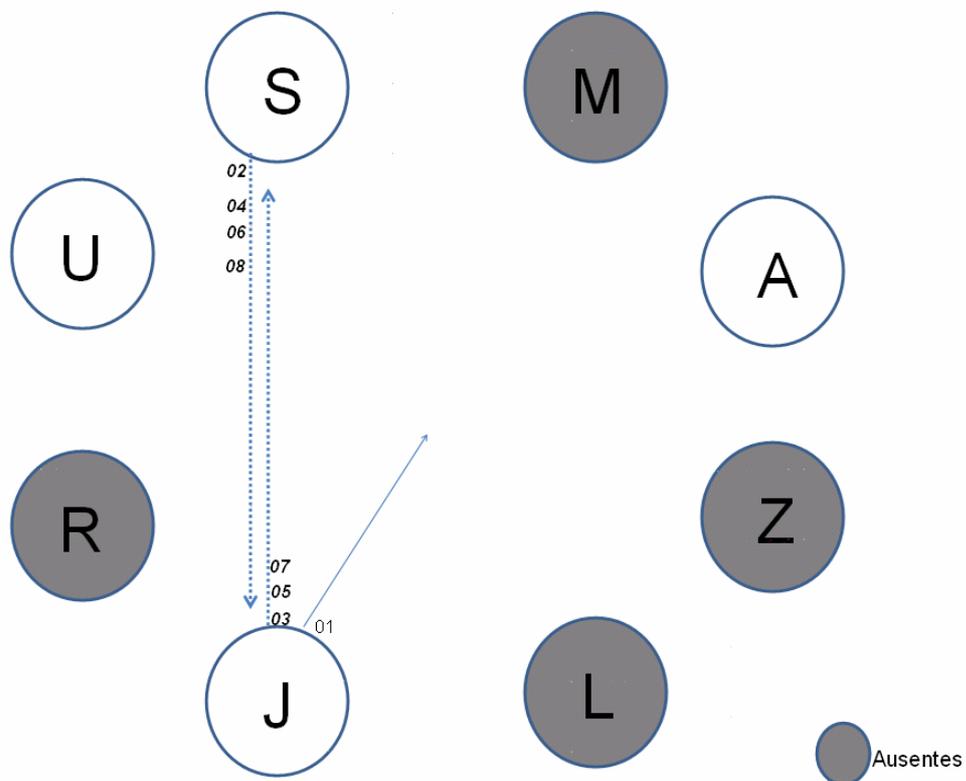
Fluxo Gráfico 04. 1º Encontro - 05/10/09. Sujeitos participantes: 08. Opiniões sobre o papel da universidade na formação profissional e interação da dinâmica social. Duração: 11 min. e 51 seg.



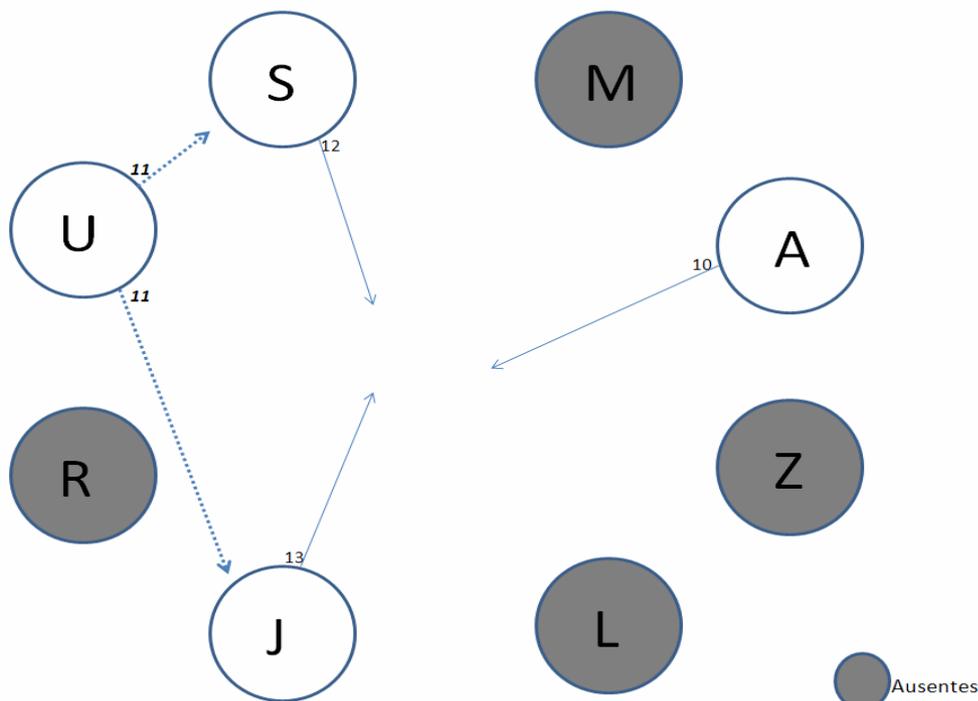
Fluxo Gráfico 05. 1º Encontro - 05/10/09. Sujeitos participantes: 08. Avaliação da experiência de trabalho com grupo focal pelos participantes. Duração: 05 min. e 05 seg.



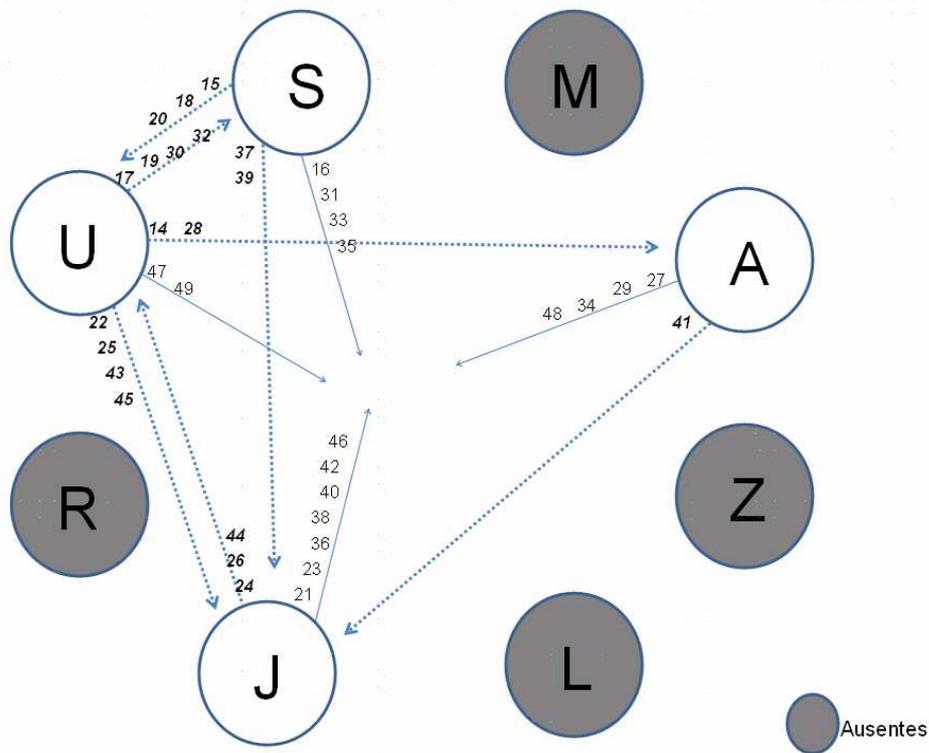
Fluxo Gráfico 01. 2º Encontro - 26/10/09. Sujeitos participantes: 04. Conversa que antecedeu o início do trabalho. Duração: 28 seg.



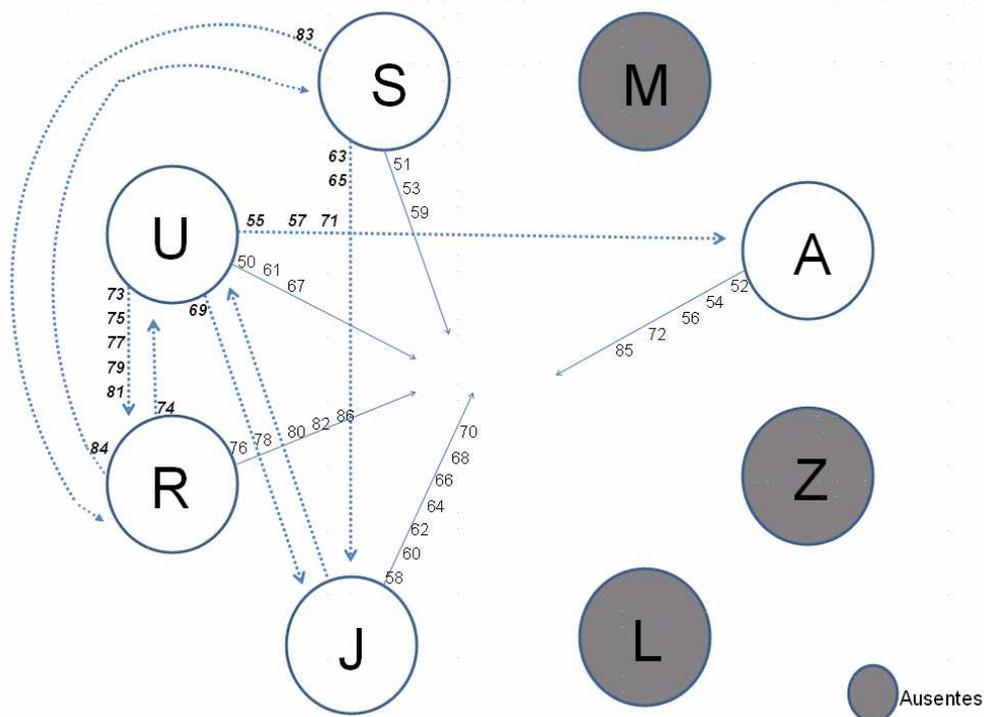
Fluxo Gráfico 02. 2º Encontro - 26/10/09. Sujeitos participantes: 04. Desenvolvimento do primeiro tema da reunião - apresentação e justificativa dos participantes três valores, atitudes e/ou características adquiridas (os), praticadas (os) e/ou presentes durante a graduação, em pelo menos um, dos dois espaços curriculares abordados no trabalho. Duração: 08 min. e 25 seg.



Fluxo Gráfico 03. 2º Encontro - 26/10/09. Sujeitos participantes: 04. Desenvolvimento do segundo tema da reunião - apresentação e justificativa dos participantes três atividades que fazem parte do cotidiano em suas práticas profissionais consideradas de maior relevância. Duração: 58 min. e 22 seg.

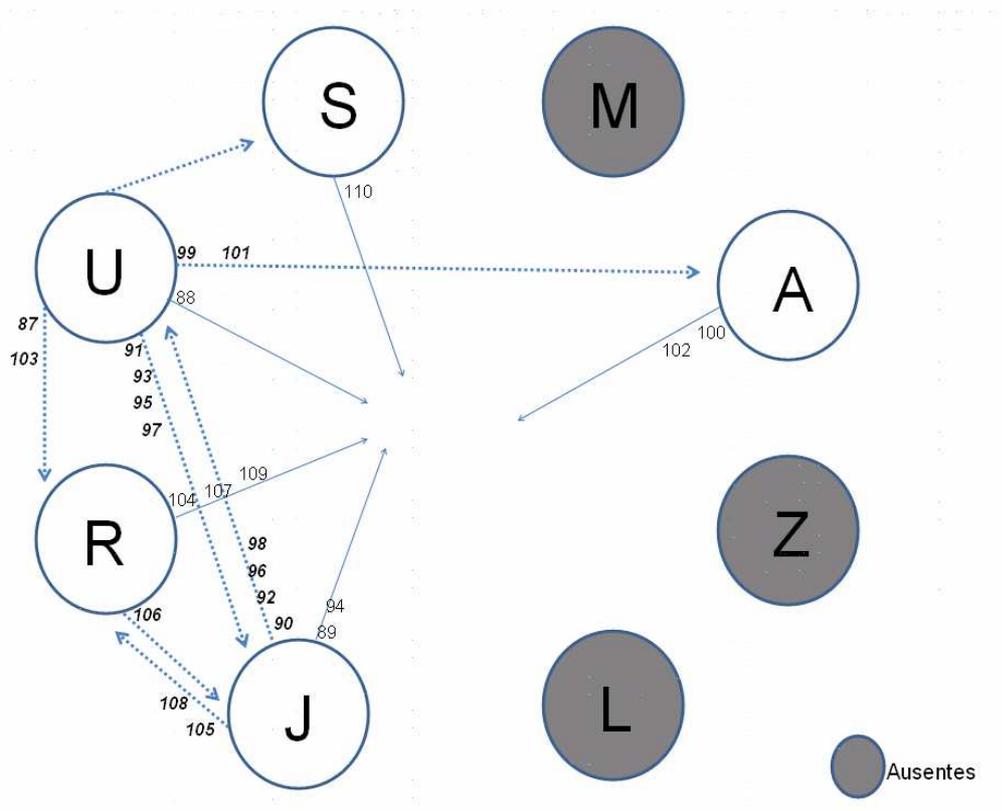


Fluxo Gráfico 04. 2º Encontro - 26/10/09. Sujeitos participantes: 05. Desenvolvimento do terceiro e quarto tema da reunião - a opinião dos participantes sobre a auto-consciência de suas práticas em relação à concepção libertadora da educação e a compreensão de seus entrecruzamentos nas relações de poder presentes em seus espaços de trabalho; e sobre a relação entre as suas práticas profissionais e os processos de reprodução, adaptação e transformação das relações sociais das quais fazem parte, especialmente no ambiente de trabalho. Duração: 30 min. e 59 seg.

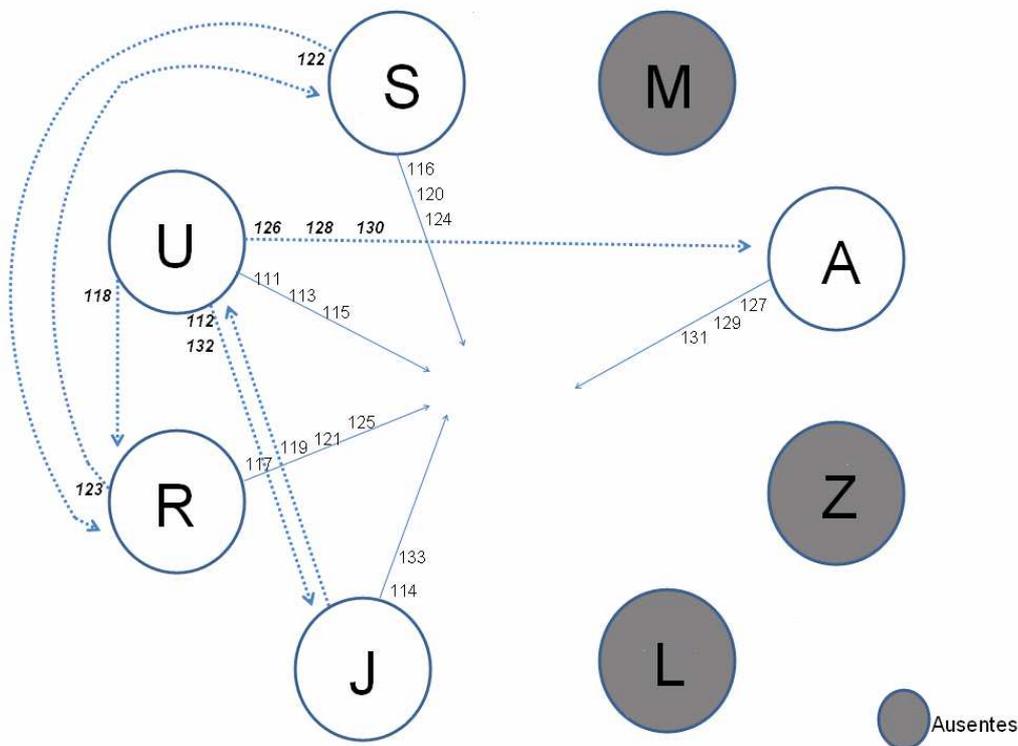


Fluxo Gráfico 05. 2º Encontro - 26/10/09. Sujeitos participantes: 05. Desenvolvimento do quinto tema

da reunião – a opinião dos participantes sobre a relação entre a auto-consciência de suas práticas profissionais e as mudanças sociais paradigmáticas. Duração: 15 min. e 50 seg.

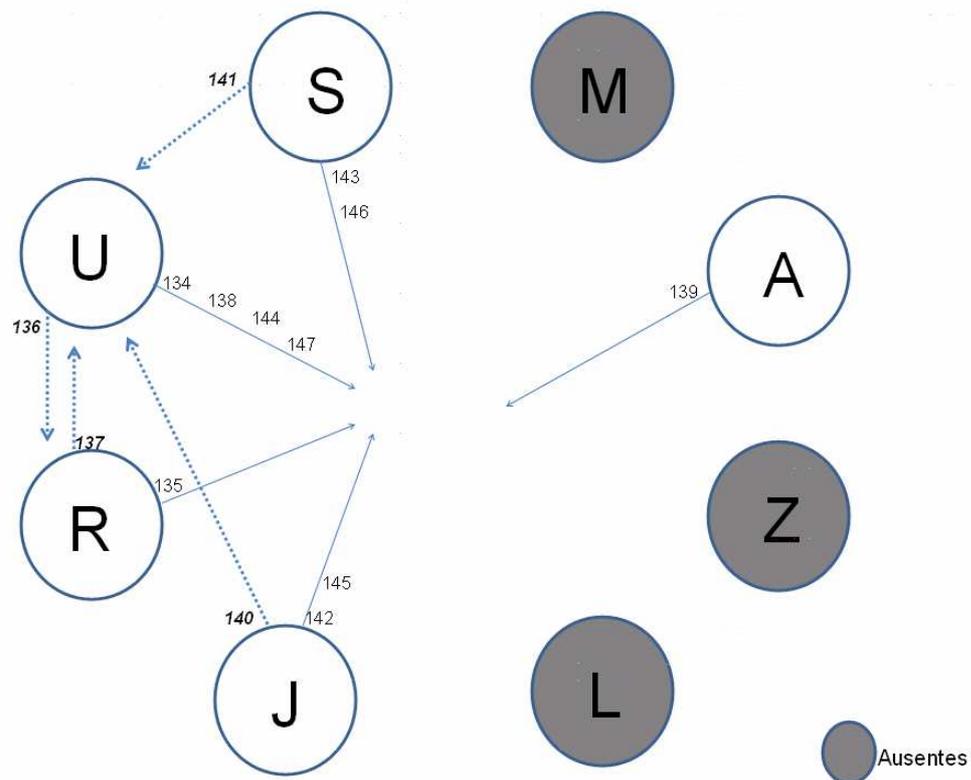


Fluxo Gráfico 06. 2º Encontro - 26/10/09. Sujeitos participantes: 05. Desenvolvimento do sexto tema da reunião - a opinião dos participantes sobre a construção coletiva como possibilidade de transformação social a partir de suas experiências e expectativas profissionais. Duração: 13 min. e 42 seg.



Fluxo Gráfico 07. 2º Encontro - 26/10/09. Sujeitos participantes: 05. Considerações finais sobre a

experiência do trabalho com grupo focal pelos participantes. Duração: 01 min. e 02 seg.



- Corpus da pesquisa: transcrição das falas dos participantes

Local de realização dos encontros:

Faculdade de Educação – FE, Sala do Projeto 03 e Programa de Extensão Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos – EJA do Brasil.

Datas de realização e duração:

1º Encontro 05/10/09 – 03 horas e 12 minutos

2ª Encontro 26/10/09 – 02 horas e 35 minutos

Legenda

Pesquisadora-Mediadora Juliana Duarte Arraes: **U**

Participante Alexsandra Sales de Souza: **A**

Participante Joseane Santana Ribeiro: **Z**

Participante João Felipe de Souza: **J**

Participante Luana Euzébia Cristina da Silva: **L**

Participante Maxwell de Castro: **M**

Participante Reginaldo Lemos dos Santos: **R**

Participante Stela Pimenta Viana: **S**

Grupo: **(ausência de sinal)**

- 1) J-L: Eai, Luana. “Tá” de greve? (Referindo-se à greve dos bancários).
- 2) L-J: “Tô” de greve companheiro
- 3) A-M: O Max também, né? (risos).
- 4) L-M: E você, Max?
- 5) M-L: A greve continua, companheira.
- 6) L-M: Sempre, né?
(Silêncio do grupo)
- 7) M - : (sobre o trabalho como bancário) É, mas bancário já era. Eu não “guento” isso mais não! Eu tenho que sair.
- 8) L-M: Eu também cara!
- 9) J-M: É?
- 10) M-J: Não vale à pena, não! É muito stress e... O banco tá muito voltado pra ele mesmo. Quando você que tem outros trabalhos, tá envolvido com outras coisas tem outras perspectivas, diverge demais. Eu “tô” me sentindo preso! No limite assim... do stress lá! E olha que eu “tô” na área que é mais próxima assim no banco... Que é responsabilidade sócio-ambiental. Só que é responsabilidade sócio-ambiental pro banco!
- 11) J-M: Não é uma proposta ambiental, né?
- 12) M-J: Aí... (balança cabeça em negação com ênfase) é muito marketing pra pouca ação. Tudo tem que ser voltado pra ele mesmo, aí (balança cabeça em negação com ênfase), estressei já, já briguei...
- 13) L-M: É muita contradição, né Max?!
- 14) M-L: “Pô”! A gerência falsa, (fala não compreendida). Tudo que eu quero é ir para um lugar que não me dê dor de cabeça! (risos)
- 15) A-M: Pra escola.
(risos de S)
- 16) M - : Não... Se eu tivesse na escola eu tava feliz!
- 17) L-M: Você está na GEPS?
- 18) M-L: (balança a cabeça afirmativamente)
- 19) Z - : Paulinha que já desistiu da escola! Pediu pra sair com dois meses! Falou que sala de aula não é pra ela não. E passou no concurso (apontando para S).
- 20) U-Z: E aí, mas ela foi...
- 21) Z-U: Ela pediu pra ir pra...pra coordenação? Pra coordenação, não. Pra alguma coisa da regional.
- 22) S e A - Z: E conseguiu?
- 23) Z - : Não sei não.
- 24) U - : Eu tenho uma colega que também fez isso. Ela pediu pra sair.
- 25) Z - : É, eu acho que ela não... Até agora não teve resposta não.
- 26) M - : É, eu acho o lance é que escola “cê” vai...num dá pra “cê” achar que “cê” vai achar escola linda e maravilhosa aqui no DF não (balançando a cabeça negativamente com ênfase).
- 27) S - : É! (balançando a cabeça afirmativamente)
- 28) Z - : Ela foi pro Arapoanga...
- 29) M - : “Cê”tem que ir pra trabalhar...
- 30) J - : Aqui no Brasil?
(risos do grupo)
- 31) M - : Então “cê” tem que ir pra... É assumir que a educação é o que vai realmente (fala não compreendida), porque pelo governo mesmo você vai achar escola sem material, sem papel, se caneta...
- 32) U - S : Até nova, né?
- 33) S - : Até nova!
- 34) M - : Tem que contar com as pessoas e com você mesmo, se não...
(Silêncio do grupo)

Agradecimento e apresentação do tema do trabalho.

- 35) U - : Então pessoal, é... Eu fiz aqui um roteiro que eu queria dizer que é a primeira vez que eu (fala não compreendida). Aí a primeira coisa do roteiro é agradecimento, porque é de verdade mesmo. Então eu

queria agradecer muito mesmo a participação de vocês, porque são pessoas bem especiais e não e à toa que vocês estão aqui. Aí eu vou explicar a dinâmica da... Da atividade, que aí fica mais claro até pra mim, que é a primeira vez que eu “tô” fazendo e pra vocês e a gente... Né? Se não entender, pergunta... Então assim, o tema da minha pesquisa é trabalhar a relação entre educação e sociedade, né. Numa escala assim, mais macroestrutural. Numa escala micro estrutural é a educação do ponto de vista institucional universitário, né. No caso é a formação acadêmica da universidade e a questão do... Do trabalho.

Então eu escolhi pedagogos, né, que “tão” no mundo do trabalho. O recorte é a educação libertadora. A formação à luz da educação libertadora. E aí eu peguei espaços que eu passei por eles, por isso que vocês estão aqui, né, porque foram espaços que eu experimentei e que se propõem à trabalhar com essa questão da formação à luz da educação libertadora de Paulo Freire, que foi o Portal e o GENPEX. Então, por isso que escolhi pedagogos que já “tão” atuando no mundo do trabalho e que passaram por essa mesma formação que eu, o Portal e o GENPEX. E é por isso que “ceis” “tão” aqui, hoje.

Explicação da metodologia de trabalho

36) U - : É...a metodologia nossa é em grupo focal. No grupo focal, na verdade quem conduz, quem toca o barco mesmo é grupo. Então é entre vocês. São discussões acerca de um tema que a gente propõe que foi esse agora da memória educativa, né, e das perspectivas enquanto “tavam” na graduação. Mas quem conduz a roda, quem conduz... Quem dá a substância são vocês, na discussão. Então por isso não tem certo nem errado, não tem pergunta nem resposta, é discussão. Vão trazer o que vocês têm de bagagem, põe na roda e socializa.

O meu papel de pesquisadora é só orientar. A gente “ta” sentado aqui pra conversar, poderia ser sobre qualquer coisa, é só pra não desviar um pouco do foco que é a questão da pesquisa mesmo. Mas eu não intervenho, eu não dou a minha opinião e não tem certo, não tem errado, mesmo.

Isso, isso, isso... É o fruto da interação de vocês que depois eu vou analisar segundo o roteiro da pesquisa e que também não é de julgar nem nada. Então vocês fiquem livres, inclusive pra discordar, inclusive pra não opinar, inclusive... Entendeu? É com vocês.

Apresentação da forma de registro

37) U - : A forma de registro que a gente escolheu foi o audiovisual, porque eu achei que, assim, uma das...das...dos... Dos suportes que a pesquisa em grupo focal dá é fazer à mão, é ter um gravador e tal, mas eu achei melhor o audiovisual porque é um recurso que a gente já tem mais intimidade pra usar porque a gente pega o que é verbal e o que é não verbal, então assim, vocês... Mas eu me comprometo a tudo que sair daqui vocês autorizarem, nada vai pro youtube, não vai acontecer nada, entendeu? (risos do grupo) Fiquem tranquilos.

38) L - : Usar nossa imagem (risos)

2º Momento de Discussão do dia 05/10/09: Auto-apresentação dos participantes

39) U - : E aí é isso... Assim, eu queria que cada um se apresentasse, que falasse o nome, é... Quando que se formou e aonde “tá” trabalhando agora, qual é a ocupação que “tá” tendo, né e se é como profissional pedagogo e o porquê. (Silêncio do grupo) Fiquem à vontade. Se sintam livres e tal, se sintam à vontade.

(6 segundos de silêncio. Os participantes se mostram “tímidos” a princípio).

(14 segundos de negociação para saber quem começa a falar)

40) M – A e Z : Primeiro as damas! (risos)

41) U - : Um de cada vez, gente! (risos)

(silêncio breve)

42) M – A e Z: As recém-formadas! (risos)

43) Z – M : Que história é essa de que os últimos serão os primeiros? (risos)

44) Z - : Então, meu nome é Joseane Santana Ribeiro. Ocupação tá bem indeciso agora, mas eu “tô”... ”Tô” no Ministério da Cultura, “tô” num cargo comissionado, trabalhando com algumas coordenações de processos de cultura digital, de juventude e de economia da cultura. É... Como pedagoga, quer dizer, me formei sexta-feira passada (risos), dia 02 de outubro, né. Se é como pedagoga eu acredito muito que... Como pedagogo pra vida, então em qualquer instituição, qualquer trabalho que eu vou “tá” fazendo vai ser como...

Assim, vou ser pedagoga, né, vou trabalhar acreditando na minha formação. Mas assim, quando eu entrei mesmo eu entrei como um estágio que era pra pedagogia no Ministério das Comunicações, fui pra Cultura, voltei pras Comunicações, voltei pra Cultura e tudo numa área pensando metodologias, processos, projetos. Então é uma área com projetos comunitários, com movimentos sociais, então tem toda uma questão de educação popular nesse processo. E. Esse é o porquê.

45) A - : Meu nome é Alexsandra Salles da Silva, me formei semana passada também e eu trabalho na Confederação Nacional dos Municípios, lá a gente tem o trabalho como técnica em educação e assim, a gente exerce mais esse lado técnico da educação, mas sem desvincular do pedagogo por que a gente tem que pensar assim, políticas da educação e a questão da qualidade do ensino, e aí a gente...faz essa, eu tenho essa função lá na Confederação.

46) M - : Sou o Maxwell de Castro Silva, formei sexta-feira também (risos e apontando para A e Z), formei assim...

47) Z - : Os últimos serão os primeiros mesmo! (risos)

48) M - : ...pegamos o ... Eu vejo mais como, a gente pegou o, se institucionalizou como pedagogo

49) Z - : Isso, também acho!

50) M - : pois já atua e já há muito tempo em comunidades e tal, em movimentos e eu vejo que essa é a principal formação que a gente tem que valorizar e levar pra vida inteira. Atualmente, eu trabalho no Banco do Brasil, na área de responsabilidade sócio-ambiental que... Eu não cheguei nessa área à toa, foi justamente pelo meu desenvolvimento com comunidades, com a própria educação que me fez ir pra essa Unidade Regional de Gestão de Pessoas e Responsabilidade Sócio-Ambiental. Com essa minha experiência com entidades eu acabei assumindo essa área á de responsabilidade sócio-ambiental, então eu lido com voluntários do banco pra ações para o banco nas comunidades, mas tudo como marketing pra o banco. É... A parte de alfabetização de jovens e adultos que eu tenho contato com o pessoal da Fundação Banco do Brasil, aqui em Brasília não tem nenhuma turma atualmente, eles “tão” me tencionando pra fazer isso e eu “tô” me esquivando lá, por que acho que é, aproximaria mais o que a gente já fazia aqui né. E... Eu lido com eventos voltados pra comunidade, é tipo, questão de escola mesmo: dia do aposentado, dia do..., dia da árvore e coisas do tipo que o banco dá importância pra essas, pra esses momentos, mas não dá recurso, então eu tenho que me virar nos trinta lá. E, eu cuido de um grupo chamado ECOA, que é equipe de comunicação e desenvolvimento dentro do banco, que são formado por voluntários, então eles que se organizam pra... Vamos dizer assim, ajudar a gestão. Então eu cuido desse pessoal, vinculando eles às ações de voluntariado e aos eventos que eu cuido. Isso aí tem outros trabalhos mais burocráticos, mas o que interessa pra gente, do que eu vejo aqui pra esse momento é saber que eu “tô” lidando com essas coisas dentro do banco, né.

51) S - : Meu nome é Stella. Stella Pimenta Viana, né. E eu me formei em março de 2008, é... Não, março de 2009 (risos). Desculpa, é porque foi meio complicado pra eu... Eu terminei em 2009, mas só fui pegar o diploma em março de dois mil e... Terminei no final de 2008 e fui pegar o diploma em março de 2009. E aí, assim, agora eu “tô” como professora na rede pública. É professora de... É alfabetização, assim... E eu “tô” gostando da área, assim... “Tô” me identificando... Assim, apesar de que durante o curso eu não ter, ter prática na educação... Alfabetização de crianças, né, só com jovens e adultos, pelo Projeto Paranoá, mas eu to vendo que são coisas parecidas, né, o objeto da alfabetização, o alfabetizar. Então assim, torna-se uma prática parecida, apesar dos sujeitos serem diferentes. Eu “tô” trabalhando com crianças agora, né, então é uma outra forma, uma outra metodologia de trabalhar, mas eu “tô” gostando sim, “tô” a cada dia... Vamos dizer, gostando mesmo assim, das crianças e continuar, querendo continuar. Acho que é só isso... (risos), tem mais alguma coisa? (risos)

52) R - : Reginaldo, me formei em fevereiro de 2009 e hoje, atualmente eu “tô” na rede pública também, né, por que boa parte dos meus alunos, 28% estão em liberdade assistida, que é um grupo que eu me dediquei a estudar aqui na universidade, né, com o tema de educação em prisões, né, então eu cheguei na rede pública , né, me deparei novamente com a situação, né, trabalhando com crianças, né, na mesma turma, jovens e de certa forma com os pais dos alunos, desses alunos, os pais também muitas vezes nas condições nas quais eu estudei aqui na universidade, por isso esse processo é assim, né, bem interessante né. E eu “tá” vivenciando o tema, mergulhando fundo dentro do tema como pedagogo, né. De tá vivenciando o tema concretamente aquilo que eu estudei um pouco na teoria né, e o que eu pude refletir também com a prática.

53) J - : Eu sou o João Felipe de Souza, É, “tô” trabalhando também na rede pública , em São Sebastião,

com crianças que estão na terceira série, das séries iniciais . Trabalho como professor. É isso.

54) L - : Meu nome é Luana Euzébia Cristina da Silva, sou formada também desde 2007. Trabalhei aqui no Portal, trabalhava na época no banco do Brasil, continuo trabalhando no Banco do Brasil e... é isso. (risos)

55) U – L: Tá como pedagoga?

56) L- : Não, não “tô” como pedagoga, nunca exerci esse papel no banco, trabalhei próximo, na área de gestão de pessoas, mas é... Não atuando como pedagoga. Mas é claro que você sempre usa um pouco do que você aprendeu aqui, né. Inclusive o meu trabalho de final de curso foi sobre educação no banco, então de certa forma você usa, mas atuar como pedagoga... Acho que não tem ninguém no banco que atue como pedagogo...

57) M – L: Muito pouco... O pessoal da educação, da universidade corporativa, lá eles usam bastante.

58) L – M: Mas como pedagogo mesmo?

59) M – L: É, até na GEPS. É, porque é elaboração de curso, né? Então... (fala não compreendida) educação corporativa total, assim.

60) L - M: Que bom! (risos).

61) M – L : Ana Paula!

62) L – M : Ana Paula, é verdade.

63) M - : passou pelo GENPEX.

64) M – L : Ela é pra mim a maior referência de pedagogo atuando dentro do banco.

3º Momento de Discussão do dia 05/10/09: Apresentação dos participantes sobre a memória educativa

65) U - : Então pessoal, aí agora eu queria que a gente resgatasse a questão da memória mesmo. É, a gente... A gente... Eu tinha pedido que a gente trouxesse e... A memória em cima do TCC, né, que é uma coisa que vocês já refletiram, já sistematizaram e tal, então eu queria saber algumas reflexões que vocês tem em cima da memória educativa de vocês, né, a formação de vocês na universidade. O quê que vocês destacam de mais relevante, quais foram os processos mais significativos, a gente pode começar por eles.

(09 segundos de silêncio)

66) J - : (fala não compreendida referindo-se à sistematização escrita de R para o momento) Acho que ele podia dá o pontapé. (Risos do grupo)

67) R - : Resgatando lá do...pelo resgate que eu fiz lá do memorial, né, pra hoje eu peguei... E coloco uma questão aqui, né... Da utopia para outra utopia. Aí eu coloco utopia aqui, que é um... A gente sabe que utopia é complexo, né, o termo, mas eu coloquei no sentido... É... Ele vai ser utilizado no sentido de algo que é inatingível, a gente vai partir de algo inatingível pra algo que é mais palpável, né, pra buscar resultados mais concretos. Então, é da busca de algo que a gente a princípio não consegue atingir para algo mais concreto. Mais ou menos na idéia do que o Paulo Freire fala com o sonhar com os pés no chão. Então chego na faculdade, eu chego aqui já trazendo aquela carga familiar, né, energética, né, e... Uma coisa muito forte, né, comigo. É... A vontade mesmo de ser professor, né. Mas eu chego aqui não realmente querendo ser pedagogo, né. Eu queria ser professor, mas eu tinha o interesse de me formar em matemática, né. Foi quando eu encontrei no segundo bimestre, né, eu encontrei o portal, né. Eu pesquisando sobre alguns projetos, né, eu encontrei o portal, né. Aí, estudando, eu me identifiquei muito com o tema de educação de... Educação de adultos, né, então estudando educação de adultos, né, eu fui... Eu fui fazer uma reflexão sobre o adulto que eu era, né. Então como é que era meu próprio, como é que foi também o meu processo de ensino, de aprendizagem, né, tanto familiar, como... Como escolar mesmo, né. Então aqui no projeto, né, eu tive a oportunidade de estudar isso, mesmo não sendo a princípio aquilo que eu achava ser, né, que era... Era sobre a pesquisa do portal, mas o portal, ele deu essa... Essa margem, né, essa oportunidade pra mim vivenciar esses outros processos, né. Aí, eu vou pegar de uma maneira mais geral, aí depois eu aprofundo né. Conhecendo o portal, né, eu conheci, é... Pesquisando sobre a educação de jovens e adultos, com essa curiosidade, achei o GENPEX, né, que também tá dentro do mesmo tema. E dentro... E pesquisando a questão do GENPEX, conheci o Renato, né, me aprofundei, fui buscando, mergulhando mais ainda no tema de EJA, e... Até que no mesmo período me deparei aqui com o PROCAP, né.

68) U – R: Explica o que é o PROCAP.

69) R -: PROCAP é um programa, né, de alfabetização aqui da UnB pra funcionários, né, então que não estão alfabetizados, ou que já tem m nível de alfabetização... Primeiro e segundo segmentos basicamente, né, que hoje não tem mais o programa, né, o programa dentro da universidade hoje, infelizmente. Mas foi uma oportunidade de eu vivenciar também na prática, né.

70) J – R: Desculpa, acabou o PROCAP?

71) R – J: Acabou.

72) J – R: Que absurdo.

73) R -: Então, né, vivencialmente.. Questão de vivência mesmo, né, com adultos, né, dentro de um espaço, né, de sala de aula foi no PROCAP.

74) M – R: Eram terceirizados ou funcionários?

75) R – M: Eram terceirizados.

76) S – R: Terceirizados, mas tava aberto pra funcionários, né?

77) R- S: É, acho que tava aberto pra funcionários também. Acho que o programa todo tinha funcionário sim.

78) R - : Aí eu fui, aí nisso, né, eu tive, entrei em contato com essas pessoas, né, então, questões, as questões existenciais, né, dessas pessoas vinham à tona. Me identificava com as questões, né, e quanto mais eu me identificava com essas questões, mais eu... Mais eu mergulhava fundo pra aprender mais, né, ainda. Aí buscando coisas mais internas minhas, né, o tema... A palavrinha chave que, que ficou na minha cabeça foi a questão da liberdade, a palavrinha liberdade, né. Só que aí, eu volto aqui no, o meu memorial, ele volta pra fatos, fatos, né, fatos, né... Que aconteceram na... Na minha vida, existenci... (pausa), existenciais mesmo. Questões de pesso... (pausa), as pessoas, né, que estão envolvidas, eu coloco aqui a mãe, amigos, né, eu mesmo, a família. Lugares que coloco, é... Lugares como espaço de aprendizagem: a casa, minha casa, minha comunidade, a escola e a universidade. A universidade eu aqui eu cito o Portal, O GENPEX e o PROCAP, como eu já, já citei, né. Aí dentro dessa... Desse, desse contexto todo eu coloco as transformações que... Que vão no nível do pessoal pro coletivo, né. Hoje o que me inquieta, que essas transformações que eu digo que são pessoais, né, são transformações minhas, né, ou se outras pessoas vivenciam essas transformações que eu penso vivenciar. Se eu não vivencio isso sozinho, né. Então a gente vai buscar recurso nos referenciais teóricos, né. A gente depara aqui com Paulo Freire. No meu caso, eu me deparei com Paulo Freire, Agostinho da Silva e com Michel Foucault. E de certa maneira, também com... Com o que o Renato Hilário também trabalha né, com.. Na questão da... Do sujeito político, epistemológico e amoroso. Aí eu, eu trago ele aqui na roda pra falar a questão do político como as relações de poder, como elas se dão e como é que a gente de certa forma se liberta ou não dentro dessas relações de poder. Questão do político mesmo, como é que a gente vai se relacionar com essas pessoas, né, como que vai ser a nossa atuação dentro do espaço em que a gente... No espaço em que eu... Que eu ... Que eu quis mergulhar, né, que foi a questão da prisão em si, né, e com... Com a questão do amor mesmo, né. Não é aquele amor, no sentido... (risos), como é que eu falo? Não é aquele amor...

79) L – R: Do Eros, né.

80) R – L: É! Mas é o amor de se identificar com a pessoa e observar que o problema dela também faz parte

do seu problema.

81) R - : Que hoje atua muito na questão que eu coloco aqui também da ecoformação, né. Que o problema que atinge aquela, que atinge não só a mim, mas... Como é que eu... Aí e coloco uma problemática nisso, né, que é que a gente... De eu vir como agente mesmo transformador. Mas não é esse agente transformador na pessoa do eu, egóico, né, que aí a gente corre o perigo de, também a gente não pode ser egoísta nesse caso, né. É o eu, mas não o eu que transforma isso sozinho, mas como que eu aquele problema que eu vejo em mim, “na verdade” (fazendo o sinal de aspas com as mãos) não é um problema no sentido do... De uma energia negativa, né, mas até uma inquietação mesmo, né, como aquela inquietação que tá em mim eu identifico em outras pessoas, pra se... A gente se libertar junto, né. Então, dentro desse agente transformador eu coloco o sujeito transformador que deixa marcas. Então, pra onde você passar, você deixa marcas, né. Como é que você vai deixando marcas, né, pra onde você passa. Então dentro dessas marcas eu cito que é algo que vai de encontro com o processo qualificativo... E rigoroso, né. Te que ser profundamente rigoroso! Em que sentido? No sentido dialético, né. Ao mesmo tempo em que você lida com as pessoas, com os fatos, com os lugares e com essas transformações que você faz, que vai percebendo em si, né, como que você vai vendo o seu, o processo de transformação, como que você vai arrancando as suas algemas, né, vai se libertando aos poucos. Porque eu falo aqui que... Essa questão aí, né, é uma busca... É... incansável...(pausa) É... Tem que ser uma busca incansável e insistente, né, a busca da libertação que vai chegar a ter essa libertação plena, é uma busca que a gente vai... É talvez... (risos) chegar no fim dos nossos últimos dias e “tá” buscando. Eu não coloco isso como fator negativo, não, pelo contrário. Né, então no caso, como não é um fator negativo, eu coloco isso como um fator de esperança mesmo, né, da humanidade. Eu sinto que a é a questão da pedagogia da esperança, né, que ela tem que ser pensada de, de fora pra dentro e de dentro pra fora, né, que é dialética mesmo, como que eu percebo isso e como que o outro percebe isso e a gente vai, vai construindo junto. Então, aí é outra coisa, dentro do que, aí eu... Dentro do que eu coloco dentro da questão do libertar, aí eu coloco, eu trago um pouco do Foucault também, né, com, com o vigiar e punir. Só que é o vigiar, eu coloco, o vigiar e punir num sentido negativo ou num sentido positivo, né? Da, de transformação social mesmo. Então o que é esse vigiar e punir? A quem a gente vai vigiar e punir e quando a gente tem que se vigiar e quando a gente mesmo tem que se punir, né? Punir aí, entender, entendendo também como processo... Educativo. Aí, processo educativo de formativo, de formação mesmo, tanto pessoal como profissional, né. Já fazendo um, uma ligação mesmo com esse processo tanto pessoal quanto profissional, eu coloco também a questão do cuidar-se, é outra palavrinha-chave que eu coloco aqui. Só que quando a gente coloca esse nosso processo formativo, a gente tem que pensar nessas coisas, mas pensar também no nível de saúde mesmo, da gente, né. Porque a gente tem que pensar isso, mas a gente não pode pensar nessas coisas, né, refletir por refletir e depois ficar doente, né. Então é, eu coloco aqui a questão da saúde física e mental, só que essa saúde a gente vai buscar ela também no outro, né. Eu não posso adoecer, me adoecer e adoecer também quem “tá” comigo, pelo contrário, né. Tem que pensar justamente coletivamente pra gente não... Não ficar naquele mundinho fechado e não sair pra lugar nenhum, né. Então o cuidar-se também vai na questão de uma ecoformação, né. Então esse cuidar-se ele vai transcender a questão do nível pessoal, transcende o meu, o meu eu pessoal, né. Então ele vai passar pelo, do, do cuidar coletivo, que eu me cuido, cuidando do outro que “tá” em mim, né. Aí eu trago aqui um pouco da referência do Paulo Freire, quando ele traz lá no Pedagogia do Oprimido, quando ele começa, né, principalmente “*Aos esfarrapados do mundo*”, né, quem são esses esfarrapados que ele quer, então a gente tem que cuidar desses esfarrapados, o esfarrapado que “tá” dentro da gente, né. Que não é o coitadinho que a gente, que... Que a gente tem que dar a mão, né, pelo contrário, né. Mas... Né. Ou, eu “tô” trazendo outra coisa, eu trago aqui pra... Só pra... É... Só pra retratar um pouco disso uma música dos Racionais que eu acho um pouco problemática, é rapidinho, tá...

82) U – R: Vai fundo.

83) R - : Eu já “tô” terminando a minha fala. Ele começa assim: “*O homem na estrada recomeça a sua vida, a sua finalidade, a sua liberdade. Que foi perdida, subtraída. E quer provar pra si mesmo que realmente mudou, que se recuperou e que quer viver em paz. Que não que olhar para traz. É... Deixar o crime, e*

deixar o crime. Pois sua infância não foi um mar de rosas, não. Na FEBEM, lembranças dolorosas”, né. Porque que eu “tô” trazendo Racionais aqui, né? Pra justamente voltar à questão do tema da liberdade lá. Por exemplo, se eu pego Racionais ou qualquer outro grupo desses de Rap, que “tá” relacionado ao que eu venho estudando, a primeira coisa que a gente tem que ter é um olhar, aí eu volto de novo àquele olhar criterioso, né, sobre a nossa formação como pedagogo, diante dessas... Dessas letras, né. Porque muitas, porque que eu, qual o principal problema que eu observo, né, dessas, desses, dessas... Esses Rap's que pressupõem um olhar de uma sociedade, né, que “tá” sendo oprimida, a principal problemática que eu vejo aí é a questão do olhar pra traz, que eles raramente querem olhar para traz e querem a partir do... A partir do, eles querem esquecer o que viveu, né, no passado, principalmente com referências à prisão...

84) Z – R : Drogas, né?

85) R - : Droga e olhar pra frente, né. A problemática, isso é uma problemática pra mim, porque a gente tem que voltar às nossas raízes, mesmo que, elas não foram tão negativas, né, pra gente qualificar aquilo que não foi negativo, né... E... Qualificar isso. Então essa questão do olhar pra traz que ele... Outra questão, que é a relação da liberdade e seu processo, né, que ele fala aqui que a liberdade é um processo que não é perdido... Ele coloca aqui, quando ele fala aqui, é... “*O Homem na estrada recomeça a sua vida, sua finalidade, a sua liberdade*” Ele fala que recomeça a liberdade dele, eu acho que a liberdade não tem recomeço, não tem um começo, não tem um fim, né, eu acho que, eu vejo outro problema aí, né, em relação à essa liberdade, esse processo né, que é perdido, subtraído. É uma problemática também que eu coloco aí, acho que liberdade não se perde, não se ganha também, que ela vai na busca justamente naquela busca, né. Aí outra coisa que ele, que a gente coloca aqui é a questão das raízes, né, não esquecer essas raízes. Outra coisa que é a transferência de energia como processo educativo, né, de aprendizagem constante, mesmo com lembranças dolorosas, ou seja, ele coloca essas lembranças dolorosas e querem, quer esquecer dessas lembranças, né? Eu não acho que a gente tem que esquecer isso, mas... Voltando de novo à questão da qualificação dessas questões. Aí a partir disso eu coloco aqui questões para se pensar o fazer pedagógico-educativo na escola, eu já trago isso pra realidade que eu “tô”.

86) R – U: Já posso fazer isso, já? Ou tô...

87) U – R: Na verdade (risos), eu queria...pode, mas “vamo” deixar a roda...

88) R – U: Tá! É por que já fui jogando já tudo... (risos)

89) U – R: Não, mas tá ótimo!

90) U - : Então, é... Retomando isso que Régis falou, essas questões dos valores, de liberdade, dos espaços que “cê” colocou , o quê que “ceis” vêm na fala dele, se identificam ou não e aí a formação de vocês, o quê que... Entendeu? A memória de vocês, o quê que...

91) Z - : Eu queria falar uma coisa sobre o que o Régis falou, principalmente sobre a questão da liberdade, por que... Esses dias e... Tipo o tormento que saiu da minha vida quinta-feira mesmo, foi que meu irmão foi preso e acusado de droga e na verdade, por “tá” na periferia, “tá” no lugar errado, na hora errada, levaram ele como sendo cara e o cara chegou dez minutos depois e a polícia mandou o cara embora. Então foi uma cena assim, porque ele já tinha vendido um lava-jato “pro” cara e só foi buscar uma mesa dele lá e quando chegou a polícia já “tava” esperando o cara e levou meu irmão, meu tio e meu sobrinho. Então, e... Assim, passei um tormento porque ele foi lá na delegacia, à princípio até a minha amiga a Carlinha ela é advogada e ela até falou uma coisa pra mim, que o princípio da inocência é o contrário, você já é acusado desde o princípio, “cê”, “cê num”... O princípio é de que você é dono, na delegacia a mulher virou pra mim e falou que o meu irmão é traficante, falei como o meu irmão é traficante se sexta-feira me pediu dinheiro de aluguel emprestado, gente. Aí foi indo, foi indo e a justiça... Assim, eu sinceramente me senti com o coração exprimido mesmo, porque, entender que meu irmão passou pela justiça, virou processo penal, ficou

dezenove dias, vinte dias preso, eu tive que ir na Papuda visitar, ver aquela cena... Pesada, aquele ambiente pesado, tipo, várias pessoas, ver aquelas pessoas na cela e assim, e... E ainda ter escrito lá: re-educação! Sabe? Centro Penitenciário de Re-educação e doer, porque saber que a gente, como pedagogo, né, a gente fala de educação e como educadores a gente fala de educação e como isso é só esconder da humanidade quem “tá” dando trabalho, né? Tira! Joga num lugar. E eu fiquei pensando quanto, quantidade de pessoas inocentes que tem por ali, porque meu irmão tinha eu que conhecia amigos, que conhecia “num” sei quem, que podia fazer empréstimo, que me virei pra... Assim, ele ainda “tá” respondendo processo penal, que ele tem que mostrar que ele ainda tem testemunhas, mas se Deus quiser vai dar tudo certo. Mas fiquei pensando seriamente nesse processo de como é a educação dentro dos presídios. Pelo o que eu vi lá não há, não há educação. Há mais assim... Desumanização. Assim, é m processo de desumanização. Meu irmão me contando todos os processos que eles fazem com os presos, o quê que acontece, vinte e cinco pessoas numa sala desse tamanho que... Você entrar, você... Sua... Nossa! É muito, muito traumatizante, assim. Mesmo! Desumano. Acho até que quando ouvi, eu lembrei muito, “docê” falando do processo que você desenvolvia eu falei: Nossa, eu quero... Trabalhar mesmo assim também com processo de prisão, porque eu acho que tudo na vida é uma experiência, sabe e... E entender que é desumana assim, as condições no... Essa questão da liberdade, de tirar do, dos olhos da sociedade quem “tá” dando trabalho e não trabalhar pra modificar ele e colocar re-educação, isso dói profundamente. Só um comentário assim, que eu acho que tem tudo a ver o Régis faz e eu acho que é isso gente, precisa incentivar mais pra que outras pessoas trabalhem nesse caminho, porque é desumano o que fazem... E sobre a minha memória educativa, é... Sou da Ceilândia, né, como eu disse, é... E assim, também constantemente, já acordei com polícia com revólver na minha cara porque confundiu a minha casa com a do traficante do lado e vários processos assim também que, infelizmente eu tenho mais problemas com polícias do que com os próprios bandidos, porque na realidade eles sabem que é do crime ou não e a polícia, de certo modo tem algumas que tem acordo com o crime e aí pega alguém que é, que é... Enfim, pra poder dizer que “tá” trabalhando e joga na cadeia, né. Então, assim, é... Sempre fui muito de buscar transformações no mundo, mas pensava em vários processos, desde pequena tentei me envolver nos movimentos estudantis, no movimento de, de... É cultural. E fui caminhando até que chegou... Só que assim, na adolescência você acha que tudo é possível. Vou fazer tudo, vou ser juíza, advogada, professora, médica, “nãñãñã”, você pode tudo, né, o sonho é o limite, né, que é aquela questão que o Régis falou de sonhar mesmo, né, de várias utopias pra realizar com o mundo, né. E aí, quando chega na questão do vestibular, você: Opa! Vou ter que escolher um caminho, só (risos), eu queria fazer tudo, como é que eu vou escolher só uma coisa? E aí, é... Tentei, tentei outros dois vestibulares: filosofia e direito. Direito foi o primeiro, mas aí eu desisti logo de cara, e aí eu vi que... Assim, no que eu tava lendo pelo manual do vestibulando, pedagogia era o que mais se enquadrava, no que eu vi, trabalhava filosofia, psicologia... Dez, tipo, áreas que eu: Minha nossa! É essa a área que eu quero! Trabalha isso tudo? Aí quando eu entrei na UnB eu senti um pouco, freou assim, profundamente, porque alguns professores mesmo não acreditavam no caminho da educação, logo no primeiro semestre. Aí, “cê”: Opa! Peraí. E eu já entrei com um desafio, eu achei assim, que eu teria que estudar muito pra acompanhar aquelas pessoas que “tão” na UnB porque elas todas tiveram uma educação boa, eu sempre tive uma educação pública, então, é um... Processo e tal. E aí, entrei e aí comecei a me envolver com os processos na UnB, mas muito assim, tentando ver como um campo teórico e tal e não relacionava muito com o que eu vivia, com o que eu tinha vivido, e aí fui fazer um estágio, né, comecei com o “PIJ” e... Acho que é até legal essa vivência sempre na ponta, porque isso é o que te ressignifica constantemente, quando “cê” vai “pá” prática mesmo, né? E aí, depois quando eu caí no movimento no Ministério da Cultura, em contato com pontos de cultura de todo o Brasil, que são entidades que já fazem trabalhos culturais e eles falando de educação e falando de educação e me ensinando, me enriquecendo sobre educação, aí eu percebi que a UnB tinha que me dar esse significado, assim, de me ressignificar também como educadora, pro mundo, por um processo de ser mais, né? Então aí eu volto, voltei assim, eu considero que eu voltei, mas eu nunca saí, mas... Aquela coisa de eu tava presente fisicamente né, por que “tava” fazendo por fazer, aí chega um momento do curso que “cê” vai seguindo a maré assim, mata aula, não sei o quê, “nãñãñã”, aí opa! Peraí, quê que é? O quê que eu quero na UnB? Eu quero ser o quê? Pegar só um diploma? Aí ui procurar ações que realmente fossem significativas aqui, e aí o primeiro processo que eu já sabia era o pessoal da economia solidária, aí com... Como eles já sabiam que eu trabalhava com questão do digital também, a gente fez um curso com eles de educação digital em economia

solidária, que era pra trabalhar com eles o básico mesmo da, das tecnologias, mas trabalhando dentro do movimento da economia solidária. Aí o Portal tal da economia solidária, “vamo” entrar, nãñã, fazia e-mail, conversar, trocar pela rede. Aí a gente fez isso só um semestre. É uma pena, porque a gente “num”, eu não tinha condições de continuar, assim, e aí eu recebo e-mails hoje ainda pra continuar... Aí logo depois conheci o GENPEX também e aí, eu sempre digo isso, que o Hilário me tocou quando ele falou que era pra eu ouvir o meu coração e eu tinha deixado de ouvir ele um tempo! Então quando ele fala: Ouça o seu coração e diga onde “cê” quer trabalhar, aí eu falei: Aaaaiii! (risos). Aí conheci o Max, aí fui conversar com o Max, que já trabalhava no Itapoã e aí eu falei: É lá que eu vou, Max! (risos). Aí fui pro Itapoã e fiquei um semestre no Itapoã e... Aí também “num” ainda traz necessidades... Porque nos Pontos de Cultura eu trabalhava com processos de formação, mas era pontual, “cê” ia, saía e voltava depois de um tempo. Agora não, aquele processo de “tá” toda semana, de pensar atividades toda semana, e conversar com os educadores, e aquela coisa, e os problemas, e “num” sei o quê, aquela coisa toda e aí “cê”: Ai meus Deus, é isso tudo que é ser educador?! “Vamo” pensar direito! (risos de Z e do grupo) Então... E também é um desafio grande, né, de, de, de... Repensar constantemente, acho que esse é o maior desafio, assim, de “cê” tá no seu processo, pensar todo ele, ouvir críticas, entender o que, um olhar, um gesto, o que o outro tá querendo te dizer e às vezes você até se frustrar um pouco, e falar: Poxa, eu “num tô” dando aula direito, porque, “tô” vendo que aquela pessoa “tá” cagando pro que eu “tô” falando, então te algum problema, entendeu? Então, de ficar se pensando muito, então, nesse processo, até... Até a minha monografia é muito a ressignificação da subjetividade, né, que é um... Ressignificação constante dentro desse processo, de pensar um, um... Um movimento de todas as pessoas, em... Juntos ali, como educadores, como comunidade, como alunos, como estudo, qual, qual é a visão que você tem sempre do mundo? Então você tem uma, uma educação bancaria, “cê” acha que vai indo, quando “cê tá” lá na frente, “cê” acha que não é isso, volta tudo de novo, porque você “tá” fazendo errado, os seus processos “tão” errados, inclusive assumir isso “pá” turma, é um desafio, você falar: Gente, tá errado. Nossa! A professora tá errada, como assim? Então, assim... Vejo, que, é... Nesse, nessa... Acordar pra formação mesmo, que... A UnB poderia me trazer, inclusive nessa troca, por que não é só... Como libertadora mesmo, a gente sabe que não é só a UnB que vai me trazer, mas também eu trazer algum movimento dentro da UnB, de... De uma educação, buscar um... Processos... Significativos de educação mesmo, libertador, assim, um processo. E aí, é... Nisso assim que eu, eu tenho como a minha memória educativa, que depois de 2008 eu: Opa! Que isso? Final de 2007 eu: “Ãm”, como assim e deixei minha educação... O povo falando tanto de educação, eu podendo ser uma educadora que traz a diferença pra dentro das comunidades que eu 'tô' trabalhando, que eu 'tô' atuando e o quê que eu 'tô' fazendo? Eu 'tô' escondendo, me escondendo como educadora? Como assim? Tem essa necessidade e eu deixo outras pessoas falarem em nome da educação, que tem processos que estrangulam os sujeitos, e eu vou deixar elas legitimarem que a educação não presta, em outras instâncias, né?” Então, aí nesse sentido, eu comecei a trabalhar o meu ser de educadora, com..ser mais com o mundo, né?

92) S - : Que legal! É, eu posso assim, dar continuidade?

93) U e Z – S: Pode!

94) S - : É... Eu lembrei, assim, da Josi, que ela fala, né, assim, desde que ela entrou aqui, que ela... as origens, né? Eu também começo a falar assim, que eu vim da Bahia em 2002 pra... Pra Brasília, assim, com... Do interior mesmo da Bahia, chama, a minha cidade chama Canarana, aí assim, sem saber ainda que rumo tomar, né? (risos) Porque eu tinha terminado o segundo grau lá e assim... Alguma coisa me chamou, assim... Em mim, assim, internamente, queria buscar, né, eu queria buscar algo, eu queria descobrir algo assim pra mim, assim, que eu “num tava” feliz ali, como eu acho que muitos jovens tem esse intuito de novas perspectivas, né, mudar e correr atrás de tudo, aí. Aí eu chego aqui sem saber o quê quero ainda (risos) e... Visando o vestibular, e tudo. Mas assim, foi um percurso que eu passei de 2002 a 2004, assim, dois anos, estudando e repensando o quê eu quero, né, o quê eu... O que vai... E o quê é significativo pra mim. E assim, foi um aprendizado muito grande assim, que aí eu entrei no curso de pedagogia, assim com... Com... Um valor bem significativo pra eu, eu... Assim, foi muito bom, assim, pra mim. Mas ao mesmo tempo eu, eu me sentia, assim, “Ah, será que eu...” Assim, eu e sentia muito insegura com o meu ser mesmo, assim, eu... “num” sabia... Eu, foi um processo de descoberta, percurso, né, percorrido eu fui me descobrindo mais e mais, assim. E aí, eu descobri que... Existem caminhos... É, o curso, pelos caminhos que

eu encontrei é... Me preencheu. Eu não fiquei vazia, sabe? Tipo: Ai, eu... Eu... Porque assim, às vezes a gente “num, num”... E, a gente fica, né, escolhe algo, algo assim, que não tem nada a ver com a gente, né. E eu acho que o curso... Eu me identifiquei muito com o curso, então eu me senti muito feliz com o curso. Então, muita gente que eu me deparei, aí no primeiro semestre, muita gente que eu me deparei aqui assim: Ah eu fiz pedagogia por... Por fazer, porque eu passei! E eu: Nossa! Pra mim “tá” sendo tão significativo! Pra mim, sabe... Por quê que as pessoas... Chega desanima a gente. Eu... Desanimava muito quando eu via a maioria assim, e você via três ou quatro pessoas falarem que queria mesmo o curso, que acreditavam mesmo na educação e tudo, então pra mim, assim... Aí, assim, ainda bem que as coisas foram tomando um rumo certinho, assim, eu, no primeiro semestre eu já fui... Também participando do... Porque eu morava no Gama e acabou que eu, também não tinha como morar no Gama e vim estudar aqui à noite, então eu acabei morando na Casa do Estudante, né, e também, assim, pra mim permanecer financeiramente, eu acabei participando do projeto de permanência, que aí o primeiro projeto que tinha era esse projeto de educação básica pra, pros servidores, né. Também trabalhei no, nesse PROCAP durante uns... Dois semestres, então assim, foi muito, eu fiquei muito feliz por... De “tá” entrando na UnB e já participando de alguma coisa, tendo prática. Então isso me ajudou muito... Me fez muito feliz, né, pra eu continuar o curso. Aí no terceiro semestre eu já fui procurar o Projeto Paranoá... Uma coisa, assim, que falasse sobre educação de jovens e adultos, que aí eu encontrei o GENPEX, o Projeto Paranoá e daí eu... Assim, cada dia eu me identificava mais e mais, isso me fez, me fazia, me fez bem, né, o projeto, me significou, assim, pra minha vida, pra minha própria aprendizagem, pras minhas próprias transformações, eu fui me vendo, assim, tipo eu, é... Muitos... Tipo eu, eu fui muito tímida e aí eu me deparei com aquela coisa de trabalhar e grupo e de se expor, né (risos). Até o Max eu acho que lembra de muitas vezes: Stela, tem que se impor e tudo! (risos) Porque eu era muito silenci... (pausa), silenciada, né, e eu não... Eu acabava, eu não, não, assim, eu fui muito assim, tipo: Aí, será que eu “tô” pisando no lugar certo? Sempre muito retraída, né? Assim, será que é isso mesmo que eu quero? Mas sempre repensando a minha prática, avaliando, tentando, vendo se é isso que eu quero mesmo, então, eu fui muito assim, cautelosa (risos) nesse sentido, pra saber se é realmente isso que eu quero, né? E aí, assim, continuei, de continuada, continuidade no projeto 03 ao projeto 05, né, no Projeto Paranoá, e... E, assim, nesse processo todo, várias... Outros momentos eu participei, eu fui... Fiz estágio no Banco do Brasil, na área de Gestão de Pessoas, assim, foi um estágio, assim, direcionado pra área, né, que aí eu falei: Ah, vou tentar, vou pra, vou fazer esse estágio pra ver se o, outra área, né, pra ampliar alguma coisa (risos), assim, e lá, encontrei assim, eu fiz, eu... Me questioneei bastante, o quê é que eu quero no curso de pedagogia realmente (risos), né? “Num” era aquilo que eu queria pra mim, assim (risos), que restringia apenas à parte administrativa, né? Apesar, assim, de, de ficar encantada com os projetos que tem lá na educação corporativa e tudo, assim, e tem muito assim, e ter, e fazer muito link com o que a gente estudava aqui com Paulo Freire e vários, várias referências, assim, que eu... Eu aprendi muito, né! Questão... Referencial teórico, assim, mas na prática, a gente não fazia nada! (risos). Assim aí eu, poxa, desanimava, e continuando no Projeto Paranoá, né, aí... Bom, mas eu aprendi, né? O tempo que eu passei lá, eu acho que, as relações com as outras pessoas, a gente vai aprendendo muito e tudo... E aí, eu voltei, continuei com o Projeto Paranoá... Bem, a minha formação foi essa, assim, e o que eu levo, o que eu... Acho que tudo faz parte de um processo, né, que eu estou agora como professora e tudo isso eu vi, eu vejo como um link pra, pra tudo... Não “tá” nada acabado, “tá” tudo... Em processo, né, “tá” tudo em andamento, e a gente tem que buscar mesmo esse ser mais, né, com o Reginaldo fala a questão de nunca... É, sempre buscar, né, nunca a gente “tá” satisfeito 100%, mas a gente sempre buscar mais mesmo, assim, o que nos faz bem... Acho que é isso. (risos). Passar a bola aí pra... (toca em Max).

95) M - : E aí, deste buscar, acho que, da fala até agora, acho que ficou duas coisas até da minha memória educativa, que eu tava lembrando. Acho que com relação ao que o Régis falou de utopia, né, pra mim, eu já vim pensando muito no querer. No que a gente quer, assim, internamente e tal. E... A transformação pela atuação. Acho que são duas coisas, lembrando da minha própria história, assim, da interação que eu tenho com todo mundo, isso: querer, por quê? Porque eu lembro, “tá” até no meu memorial, quando eu tinha cinco... É, cinco anos, aí eu ia pra LBA, que era uma creche que tinha no Paranoá, que é da Legião da Boa Vontade, né, e que... Ela “tava” em todas as comunidades pobres pra... “Vamo” dizer assim, era um meio das mães deixar os filhos lá pra ir trabalhar. E que eu... Odiava a LBA! (risos) E eu não queria mais ir pra LBA. E desde cedo como eu sou o çacula, é aquele que é o que tem mais querer, né? É aquele que sempre

quer e tal, minhas irmãs muito mais velhas, o irmão mais próximo de mim é sete anos mais velho, então chego a ter um sobrinho da minha idade, assim, então minhas irmãs eram minhas mães também. Tudo que eu queria eu sempre... Tive de mimo e tal, de carregar, e... Então eu sempre fui criado cheio dos querer, cheio das vontades e fui pra escola e eu não queria ficar lá! E eu não fiquei na escola, eu fugi! Teve um dia que eu fugi, eu queria assistir Xuxa... Aí eu fui insistindo nisso até eles, o pessoal entender. Não, ele não quer ir, até meu pai falou: Ó, “num” quer ir, “cê num” vai! “Num” vai mais não! “Num” foi. Depois eu entrei no CEDEP, que aí entra... Volta à questão do querer. Era um espaço que de repente eu queria estar, que era onde tinha oficina, onde tinha... Aula de fantoche, onde tinha lazer, onde tinha festival de pipa e isso me chamava muito à atenção. Eu queria estar nesse lugar. Aí eu comecei a estudar no CEDEP e lá já era diferente, a gente não tinha que ficar na fila obrigado, a gente ficava por que era uma forma de organizar, então “cê” sabia! Tinha aquele que ajudava a organizar a fila também. A gente ia pra cozinha, por quê que tinha que ir na fila? Porque a cozinha era menor que isso aqui e se todo mundo fosse amontoado, “num” dava, então a gente entendia porque que tinha que “tá” na fila e tal. E de isso aí, foi me reforçando aquilo que eu já tinha em casa, de querer, de fazer o que você quer, de fazer coisas que você realmente... “Vamo” dizer assim, que te satisfaçam, mas que... De alguma forma, naquele momento ali eu não percebia, mas o meu querer tava... ”Vamo” dizer assim, combinando com o querer de outras pessoas, porque outras pessoas queriam “tá” ali também, “tavam” bem em “tá” ali, “tava” fazendo a diferença pra elas, tanto quem “tava” educando, quanto quem “tava”, quem “tava”... Aprendendo. E nesse meio do CEDEP vou crescendo, né. Oficina, tinha oficina lá no CEDEP, que é o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá, é... “Cê num” era... Tem a oficina de artes e a oficina de fantoche, “cê” tem que fazer essa, depois essa, depois essa, não, “cê” escolhia qual que você queria. Então você tinha o seu querer, seu, sua vontade interna ali “tava” sendo minimamente respeitada. Porque, ó, não adiantava eu querer... Curso de cineasta, porque ali não tinha, mas tinha curso de, de teatro. Eu podia fazer teatro. Então, se aproximava ali do que cada um queria, então eu fui crescendo nesse meio aí, que eu acho que bate bem com essa questão que você falou de utopia aí, da gente buscar... Do que eu entendi que “cê” falou essa utopia... É assim, um estado de satisfação que a gente não tem aqui agora, mas que a gente vai em busca dele, né. Só que no CEDEP eu acabava alcançando essa utopia de alguma forma (risos) né, porque eu tava fazendo o curso, eu tava me direcionando ali pra onde eu queria. E nesse meio aí, eu tenho mais cinco irmãos professores, né, então a casa cheia de, de educadores e tal, mas mesmo nesse meio familiar, super fértil pra educação, sempre teve um conflito, assim. Aí essa parte do conflito não entrou na... Na minha... No meu resgate da monografia, né, mas pensando principalmente no meu momento atual eu acho que entra sim. Por... Que conflito era esse? Por que mesmo numa casa cheia de educadores, a própria educação não era tão valorizada. Nunca foi tão valorizada na sociedade e a família acaba refletindo isso também. Então apesar de eu querer muito isso, em casa eu era renegado, assim. Sempre falavam: Ah, você é tão esperto, “cê” vai fazer magistério? (risos) Porque chegou no segundo grau eu fui fazer o magistério, assim, porque queria atuar também, queria ser professor e tal (risos), aprendi a ler com a minha irmã que era professora, então isso tava muito forte em mim. E inconscientemente, mais recentemente eu pensando nisso, principalmente quando... Quando eu fui apresentar a minha monografia, porque que eu queria também ser educador? Que era uma forma de eu “tá” retribuindo tudo, todos aqueles meus quereres que estavam sendo... “Vamo” dizer assim, satisfeito por outras pessoas. Acho que entra o coletivo aí, né. Era uma forma de eu... “Vamo” dizer assim, contribuir com outras pessoas da forma como outros já contribuíram e continuavam contribuindo. Que eu acho que ao longo da minha história, assim, eu sempre recebi muito mais do que eu... Do que eu contribuí, assim. Só que não é aquela gratidão ou... “Vamo” dizer assim, um dever que eu tenho que fazer porque eu recebi, não, é uma que, interna mesmo de você... Realmente trabalhar, “pô” trabalhar com educação, fazer a diferença, aí eu resgato o que eu falei de, de transformar pela atuação. Não é simplesmente de você falar diferente ou de querer ser diferente, é de você tá fazendo o diferente, de você ser o diferente, de você conversar com as pessoas, de você chamar outras pessoas, que aí eu acabei realmente batendo o pé e fui fazer o magistério, fiz o magistério, mas mesmo assim continuei estudando. “Ah, 'cê' vai 'dá' aula? “Nãñãñã”...” Vou dar aula! (risos) Aí terminei o magistério em 2000 e nesse meio aí, todo mundo: “Ah, vou trabalhar em escola particular, não sei o quê... Vou... Não sei, 'dá' aula particular em casa, vou pra alguma escolinha...” Aí eu falei: “Não, eu quero saber o quê que é essa parte da educação...” O CEDEP já tava longe de mim há cinco anos, então quando eu formei em 2000, foi quando eu consegui voltar pro CEDEP, justamente pra educação de jovens e adultos. Então foi

aí que eu conheci Renato, o Airam e acho que a primeira geração do GENPEX com esse nome GENPEX, que já tinha o Projeto Paranoá, que era o... Outros estudantes da UnB, que eu comecei a conhecer o pessoal da pedagogia na UnB, foi era a Michele, a Manuela, o Ernani, que eu acho que ninguém aqui chegou a... A ter contato. Eu acho que eu tive contato com quatro gerações ali do GENPEX (risos). E... Isso acabou me mostrando, “pô”, realmente, a educação não “tá” só aqui. Não “tá” só na minha cabeça, realmente tem outras pessoas querendo fazer diferente e estão fazendo, aqui no Paranoá e em outros espaços. E isso reforçou cada vez mais e, eu terminando segundo grau e vem a pressão, vestibular e “nããã” e eu: Não! Calma gente, eu “tô” atuando lá no CEDEP. Fui atuar na pré-escola, pra mim foi um momento assim, muito mágico, porque eu fui educando na pré-escola e de repente eu volto como... Como educador . E... Eu não “tava” ali simplesmente na frente de uma turma, eu “tava” voltando, sem experiência com a educação infantil direta, mas tinha a Creuza, tinha a Lourdes, a Lurdona, tinha a Gilene que infelizmente agora “tá” bem mais... Afastada do CEDEP, mas foram três pessoas assim que... O momento que eu passei com elas foi bem mais que todas as aulas de didática que eu tive no magistério. E elas não eram formadas. Aí eu resgato, falei de transformação pela atuação, toda a parte de... De educação popular que elas tinham, elas conseguiram ali através da prática, com a interação com a UnB e principalmente com a vivência que elas “tavam”... “Tavam” tendo ali. Então elas foram verdadeiras mestres, assim, pra mim, nesse momento. Três anos depois disso eu falei: Não! Então agora já “tá” bom, já sei como que é a UnB... Tanto que quando eu entrei aqui, o pessoal que entrou aqui comigo estranhou: “Pô 'cê' já conhece tanta gente aqui...” É porque eu já “tava” tendo contato com o pessoal daqui, com outros professores... Não só o Renato, tinha Leni, tinha o Airam que “tava” dando aula aqui na... Nesse, nesse momento, tinha o... O professor Ricardo... Ricardo Spíndola, que acho que ninguém aqui viu também e o... O Cristiano de matemática, que “tava” sempre lá no Paranoá, então o pessoal: Pô, que legal e tal, só que quando eu entrei aqui na UnB foi um momento estranho, porque o Renato vinha de uma correria de oficializar o GENPEX, de oficializar o Projeto Paranoá, direção da Faculdade de Educação e ele acabou ficando doente, o GENPEX esvaziou total. Quem assumiu foi o Airam e só “tava” indo praticamente eu e o Airam pra... Pro GENPEX assim, então, eu chamo isso até de segunda geração, geração Airam, então só tinha a gente lá no... No GENPEX. Então isso durou até 2005, que... Quando começou a entrar mais gente e tal, Stella veio...

96) M – Z: Você passou pelo GENPEX nesse período que eu lembro (risos e apontando para Z)...

97) Z – M: Eu passei, eu lembro que eu conhecia o Airam! (risos) Ele foi meu orientador educacional na... No ensino médio...

98) M – Z: No ensino médio, na Ceilândia, né?

99) Z – M: É!

100) M - : Então as histórias... (fazendo gesto de união com as mãos) interligadas assim. Então a gente volta... E... Nesse momento foi quando eu consegui realmente voltar pro CEDEP de novo, em 2005 e tal. Pra atuar, pra realmente transformar pela prática, que eu fiquei... Eu entrei em 2003 e fiquei três semestres sem poder ir lá, por que... Primeiro semestre tem projeto 01 e um monte de disciplinas que te afastam totalmente. E nessa... E nesse momento eu tava na Fundação Educacional, na época era Fundação né, agora é Secretaria. Que... Eu trabalhava o dia inteiro na escola, com pré-escola, justamente fui pra pré-escola porque eu tinha passado na pré-escola pelo CEDEP, então foi o que me deu força pra... Pra assumir na pré-escola. Projeto 2 é tudo UnB, só no Projeto 3 que realmente eu consegui voltar pro Paranoá, pra aquele trabalho que eu já acompanhava e nessa época já não tinha ninguém. Ernani já tinha formado, a Micheli já tinha saído, Manuela também... A Maíra já tinha saído e... “Tava” começando o GENPEX de novo e aí veio você (apontando para Z), veio Stella... E em 2006 eu acabo vindo pro Portal, justamente pra expandir a questão dentro do próprio GENPEX, que “tava” esvaziado, quanto pra ver outras experiências que eu podia levar pro Paranoá. E aqui no Portal foi super interessante, assim, software livre, questão do projeto Fórum EJA, encontrei o João Felipe no, no ENEJA. Foi uma experiência massa, assim, ele “tava” começando também, a gente conversou muito, assim, sobre... O que fazer, o quê que era educação de jovens e adultos, a, a validade daquele momento ali. Conversei muito também com Tiel que “tava” começando a questão do Portal, ele que praticamente arquitetou tudo isso que a gente tem... Pôde contribuir, né, com... Com o projeto do Portal, ele e a Maria Luiza... E desse meio aí, sempre norteando aquilo, eu “tava” fazendo o que eu “tava” querendo, cheio de querer ainda. O meu querer eu acho que não morre nunca, assim, e eu aprendi isso dentro do movimento popular, desde pequeno e dentro de casa também. E que no final já do curso, seis

anos de curso já, por conta de trabalho, de sair da Fundação, entrei no banco justamente pra ter mais tempo, porque a Fundação “tava” me isolando do CEDEP, eu acabei indo pro banco que era só seis horas, “tava” indo pra um trabalho administrativo, mas foi um trabalho, assim, que me ajudou a... Me libertar, “vamo” dizer assim, de outras preocupações pra cuidar só do CEDEP e da formação, assim, mas mesmo assim me consumiu bastante tempo, que querendo ou não, “cê tá” no banco, “cê” te que... Tem que... (risos) Ela conhece bem (risos e apontando para L), tem que ter meta, tem que... Tem que responder a chefe, tem que responder à gerente e muitas vezes “cê” fica depois do horário pra conseguir fazer isso, mas foi importante justamente pra eu conseguir dar continuidade no GENPEX, no... No Paranoá e que no fim do curso eu consegui fazer o trabalho dentro do que eu queria, que era atuar transformando, atuar no Paranoá com as educadoras, atuar no Itapoã com a outra turma e com a educadora, no sentido de aproximar a educação de jovens e adultos, que foi uma coisa que eu sempre tive e com uma coisa que tinha começado no magistério, mas que eu fui refletir depois, que foi desde criança quando eu jogava Atari, que era a questão de... Levar as tecnologias pra perto das pessoas, que de alguma forma isso conseguia transformar. Por quê? Disso, assim, do Atari, de quando eu jogava Atari? Porque eu aprendi a ler com a minha irmã em casa e eu digo que eu aprendi a fazer conta jogando vídeo game, porque a gente... O Atari, não sei se vocês sabem, não é... Não é essas tecnologias hoje, um milhão de gráficos... Muitas vezes era só uma setinha assim (mexendo o dedo indicador da esquerda para a direita, em 180 graus), com um quadradinho que descia, quanto mais você acertava ali, mais ponto você fazia. Então a gente jogava... Três partidas, “cê” tinha que anotar ali seus pontos, o outro anotava os pontos dele e no final a gente via quem fazia mais ponto, quem passava mais carro, quem... Carro não, né? (risos) Quadradinhos e tal. E que na escola eu nunca tinha visto isso. No magistério eu pude ter contato com o laboratório de informática e que a gente fez análise de software educacional, que hoje quase não tem, que hoje é mais em voga a questão da educação a distância e que no Portal eu continuei é... Tentando aliar isso, não deu muito certo, por isso que eu saí também. Acho que é uma coisa que eu nunca falei, assim, porque no Portal eu via que “tava” muito distante ainda disso que eu queria. Foi legal a experiência, mas ainda “tava” muito distante do trabalho com sala de aula, porque eu não podia trazer as turmas pra... Pro Portal do jeito que eu queria, até por... Por conta de falta de estrutura, por conta de... Da forma como eu via também o Portal, mas isso me ajudou, porque quando eu fui pro Itapoã, quando eu fui pro... Eu voltei pro CEDEP, com a experiência do Portal eu voltei pro GENPEX, a primeira coisa foi correr atrás de um projeto. Tem que ter um laboratório aqui no CEDEP com uma estrutura maior! Que é o laboratório que a gente tem... Tem lá hoje. Então o que marcou pra mim nessa trajetória educativa e até de formação foi isso: do querer... Eu sempre busquei querer, fazer o que eu quero, por isso que eu quero sair do banco hoje por que... (risos), já não, já não me basta mais. Não... “tá” me matando, assim como a Fundação “tava” me matando em 2003... 2004, né. É... O banco “tá” me matando hoje, “tá” me fazendo... É... Eu me distanciar do que eu quero. E... De você atuar pra transformar, porque nesse meio aí eu nunca deixei de... Com os meus quereres, com as minhas vontades, com a minha busca por utopia... Por utopia, por utopia coletiva de transformação, nunca deixei de atuar, de “tá” sendo educador, de “tá” a... Acompanhando o CEDEP, de “tá” falando com as pessoas, de “tá” chamando pra isso que eu quero também, de fazer a transformação nos espaços onde a gente “tá”. Que aí independe se é numa escola, aí independe se é numa empresa, que independe se é em... Num ministério, onde a gente tiver, tentar querer e atuar, pra transformar.

(Silêncio do gupo)

101) M - : Se deixar eu vou falar mais... (risos)

102) A - : Então, eu acho que o Régis deu um pontapé inicial bem legal quando ele falou de passar da utopia, para o que eu...que eu chamo assim, passagem da utopia pro nível de realidade, para o que é possível fazer. Porque eu também entrei aqui no curso querendo ser professora, quando o Régis falou eu me identifiquei, assim, eu não escrevi isso, mas era isso que eu queria escrever. Eu entrei querendo ser professora, não pedagoga. E no primeiro semestre o quê que a gente teve: filosofia da educação, psicologia da educação, projeto 01, oficina vivencial e a outra disciplina eu não me lembro...

103) Z - A : Antropologia.

104) A - : Antropologia... É eu acho que foi. E aí eu entrei, “quê que é isso?”, eu entrei pro curso, eu queria ser professora, quando eu era pequena eu ajudava a minha tia e aí quando eu cheguei aqui o povo falando de história, de não sei o que, de filosofia, do homos, não sei o que... Ué, não, não era isso que eu queria, não...

E aí, eu... Pra mim que foi a utopia, assim, falar de coisa que na prática mesmo era muito distante. E... Até no memo... No meu memorial eu trago, quando eu comecei a fazer os projetos é que eu me identifiquei com o curso mesmo, que aí a gente tem a prática que requer uma teoria. O primeiro projeto que eu fiz foi o lúdico em educação infantil e aí a professora, numa primeira fase ela dava os textos pra gente, falando mais o contexto da criança, não sei o que, do brinqueado na infância... E na segunda fase, ela... Botava a gente, era um projeto lá no Recanto das Emas, ela colocava a gente lá e falava: Ó, agora “ceis” vão praticar o lúdico na educação infantil. Ela não dizia que brincadeira que a gente tinha que fazer, se tinha que fazer brincadeira, como que a gente tinha que fazer. Só que ela falava: É como se fosse uma aula de reforço e aí “ceis” tentem associar ao que vocês viram aqui, ao que vocês leram no texto... E aí chegando lá, a gente... Tentava se aproximar da realidade da criança. Lá no projeto tinha uma... Questão da anamnese, que era conhecer a criança da família à saúde, toda a história de vida, assim, pra você já se contextualizar, saber quais as dificuldades, quais as facilidades... E depois agente “tava” lá! “Vamo” brincar com essas crianças (risos). Brincar e aprender, né, porque tinha um objetivo naquele brincar que era aprender. E aí ne, nessa prática a gente foi, assim, meio que buscar a teoria pra, pra ter o desenvolvimento pra criança. E aí quando eu “tava” nesse projeto eu passei dois semestres, só que o projeto só era à tarde, eu voltei a trabalhar. Aí quando eu voltei à trabalhar durante o dia, era numa creche, só que a creche não tinha essa... Tipo, perspectiva da educação, era mais o cuidar. E aí lá que a gente poderia, assim, com certeza trabalhar com o brincar na infância, não sei o que, a gente se via fazendo umas atividades que a criança não queria. A gente se via... “Vamo” é... Tipo desenvolver a percepção do tato e não sei o que lá “vamo” passar a mão deles na tinta e colocar no papel e tinha criança que não queria, tinha nojo de tinta, tinha agonia e não queria! E a gente tinha que: Não! Não sei o quê! E era colocar a mão da criança na tinta e ela começar a chorar e a gente se via, tipo, fazendo uma coisa que não “tava” condizendo com... Com, assim, o que eu queria não era “tá” fazendo aquilo, mas “tava” lá, a gente tinha tipo um plano de aula, tinha que fazer aquilo, tinha que seguir aquilo e na verdade não desenvolvia nada, né?! Só raiva no menino (risos), né... Ficava com a, ficava com raiva da gente depois. Aí quando eu saí da creche eu fui trabalhar onde que eu “tô” trabalhando agora, que é... Na Confederação de Municípios e... Um semestre depois ou no mesmo semestre eu entrei no GENPEX. E aí quando, quando eu entrei no GENPEX, que a gente tinha prática no Paranoá, novamente... Teve essa questão “duma” prática que requeria teoria. E aí, assim, a gente discutia bastante em sala de aula a questão do sujeito político, epistemológico e amoroso, da... Como era? Não, da situação-problema-desafio (risos), da inserção contributiva – participativa – superativa – mútua... E assim, tudo fazia muito sentido pra gente, mas... Quando a gente chegava lá no, no CEDEP, às vezes a gente... Se encontrava da mesma forma, querendo impor uma coisa que não “tava” condizendo com os outros queriam. E aí vem essa questão de... Da gente assim, “tá” se doando pra uma coisa, sem... Mas sem se agredir fisicamente, tipo, porque que a gente se agredia fisicamente? Porque tipo... E mentalmente, né, principalmente, porque a gente pensava uma coisa, queria fazer uma coisa, mas chegava lá e as pessoas tinham outras vontades. Então acho que... Assim, no projeto 04 eu comecei a me descobrir, descobrir o que eu queria, mas principalmente escutar o que os outros queriam e tentar satisfazer esse desejo dos outros, sem, sem me, sem me... Me agredir mesmo, sem deixar de fazer a minha vontade. Comecei a pensar na questão do coletivo, de escutar o outro e... Tentar atuar como pedagogo, isso no projeto 04 mesmo. Tentar atuar como pedagogo dando sentido pras coisas, tanto pra mim quanto pro, pro educando lá na ponta. Então do... Do meu memorial, o que fica mais é isso, na UnB eu... Eu fui aprendendo a aprender... E aí depois que eu aprendi a aprender (risos) eu penso no como ensinar... É... De forma que o outro queira realmente aprender, que eu não, não... Esteja falando e a pessoa: Não, mas não é isso que eu quero. Eu não vou ouvir, porque não ‘tá’ correspondendo ao que eu quero. Então, aprender meio que, eu aprendi meio que a pensar na vontade do outro... É isso.

105) J – L: E aí, Euzébia?

106) L - : Como sempre, né... Bem, é... Eu entre na universidade no segundo semestre de 2002, depois de ter feito o quê, uns... Quatro vestibulares. Eu tentei física, matemática, aí eu falei: “Não, não é exatas que eu quero!” (risos de L e do grupo) Aí tentei história, ciências sociais e... Mas assim, sem estudar, sabe? Saí do segundo grau e ia tentando, cada vestibular que saía eu ia... Chegou uma hora: Não eu quero... Relações internacionais! Eu vou estudar pra relações internacionais! (risos de L e do grupo). Aquela, né, libriana indecisa até! Então, é... Aí estudei, estudei e vi a nota de corte lá em cima e eu: Caraca! Não vai ser relações internacionais! (risos de L e do grupo). Aí eu falei: Bem, eu tenho que ter pé no chão, né? Como que... Eu

quero entrar na universidade logo e... E o tempo, eu já trabalhava, trabalhava no BRB, né, no banco antes, morava lá em Brasilinha, trabalhava no BRB em Planaltina, estudava aqui, estudava... Fazia espanhol no CIL de Sobradinho, então, cara! A minha vida era uma loucura! Não tinha tempo pra... O meu tempo de estudo era na sala de aula. E aí eu peguei o caderno, o guia do vestibulando, fui lendo e falei: Bem, é pedagogia, né? E na verdade, assim, eu sempre gostei muito de, de ensinar, né. Quando na escola eu... Eu sempre gostava muito de formar grupo, o pessoal ia lá pra casa, a gente estudava, brincava de professor e tal, é... Então eu falei: Pedagogia! Vai ser. Fiz aqui na UnB pra pedagogia e numa particular pra relações internacionais. Passei nos dois. Aí eu falei: Mas eu vou pra UnB, né! Por que... E vim, vim me descobrindo no curso, sabe, porque não foi a minha opção de ser pedagoga, mas, eu fui construindo esse desejo em mim quando eu “tava” aqui. E aí eu pensei: Bem, e eu num... Eu acho que não podia ‘tá’ em outro lugar, né? Mesmo! Depois fui entendendo que os outros cursos têm a sua relevância e tal, são interessantes também, mas que... Nada é por acaso na nossa vida mesmo, foi uma escolha... Acertada! E... Bem, quando eu entrei na universidade, né, o... No meu memorial eu resgato muito a minha história de vida, a minha origem, né, de... Familiar e tal, é... E aí, quando eu entrei aqui foi uma... Primeira aula de comunidade e investigação filosófica, uma professora que não se identificou, toda... Zen, “pá”... Juliana era o nome dela, não me lembro o sobrenome dela. E aí a gente ficou na sala: Cadê o professor, cadê o professor? e ela lá, né? Aí, ela só olhando e... (risos)

107) M – L: Juliana foi minha professora.

108) L – M: Juliana, é!

109) M – L: Uma magrinha, né?

110) L – M: É! Uma branquinha.

111) L - : Nossa! E ela era uma figura! Aí, e ela lá, né, só observando... E eu olhando no relógio, nossa, cansada, né! Tinha trabalhado o dia inteiro, primeiro dia na UnB, falei: Ah, acho que eu vou embora se esse professor não chegar. E aí, por fim, chega um cara, do nada, doido, do cabelo grande, barbudo, sem camisa e deitou no chão. Aí... Ela ficou só olhando pra ele e ele, é: Vamos nos apresentar. Mas quem eu sou? Aí... O pessoal ficou olhando pra ele e eu: Quê que é isso, gente? Tipo... Aí: Pode perguntar. Aí eu perguntei: Qual o seu nome? Aí ele: Nome? Pra que nome? Aí eu: Viiiixi Maria! Onde foi que eu me meti? (risos de L e do grupo) Então assim, esse foi o meu primeiro dia de aula aqui, então ficou bem, bem marcado pra mim, essa, né... Essa coisa. E depois os meus embates com a filosofia, questão de só pensar, pensar, pensar e não... Não decidir nada, né? (risos de L e do grupo) Acho que é um embate por que... É um embate porque eu sou assim, na verdade, né? Eu divago, devaneio e falo e falo e... E às vezes fico nisso, né? Mas enfim... Então assim, fui conduzindo o curso, escolhendo... Eu tinha muito um limitador que era o tempo, né? Distância das coisas e tal. Lá no BRB eu entrava dez e saía às seis da tarde, o resto do tempo era deslocamento, né. Tinha dia que eu saía de Brasilinha seis horas da manhã, ia pro Cil em Sobradinho, estudava até dez, ia pro BRB em Planaltina, tudo de ônibus! É... Trabalhava igual uma doida, doida, banco, agência, caixa... Naquela cidade era loucura, cara! Então, saía de lá morta de ônibus, vinha pra UnB, daqui voltava pra Brasilinha, chegava lá uma, uma hora da manhã mais ou menos. E assim era uma rotina muito estressante, cara. Então tinha dia que eu chegava em sala de aula, que... Tinha muita resenha, né. E eu lia o texto, mas eu não tinha tempo de sentar e escrever, né e tal. Mas eu lia e aí eu participava na aula e às vezes o professor... Me interpretava mal, tirava MM em algumas coisas, mas enfim, era... O ônus né, da situação. E... Então, assim, aí chegou um momento que, a gente ouvia falar muito de em educação infantil e tal e tal, mas eu não me identificava muito com isso, não. Tinha a certeza em mim de que não era essa linha que eu queria. E aí eu comecei... Ficar meio, é, é, ficar em dúvida se eu tinha acertado a decisão mesmo, porque, cara, e agora? O quê que eu vou fazer? Tudo é educação infantil, não é o quê eu quero... Ai por fim conheci, é... O professor Rogério Córdova que vinha muito nessa área da pedagogia... Corporativa e tal. Fiz algumas disciplinas com ele... Fiz projeto 03 com ele, a fase 01, então aí já... Foi aí que eu me encontrei no curso, assim, mesmo. Falei: É isso o que eu quero. E fui conduzindo o curso nesse sentido. É... Em 2006 também eu vim pra cá, no Portal. Foi o meu primeiro contato com... Com a ferramenta, assim, de software livre, com o movimento social, com tudo isso. Eu nunca tinha me envolvido com... Com esse tipo de, com esses espaços, né. E aí, é... Me encontrei. Participei no quinto semestre, depois... É, fiz educação de adultos e fui, e fui guiando a minha, o meu curso nessa linha que eu queria de educação no ambiente do trabalho. Então meu trabalho, como eu... Aí, nesse período eu já tinha saído do BRB e fui pro Banco do Brasil, loucura! É

pressão total, né? Quer dizer... É uma empresa, o banco é um, é um espaço que te consome demais, sabe? Porque tá aí pra servir o sistema, então... E tempo é dinheiro, você tem que dar a sua energia pra produzir lucro. Não é? No fim é isso. Então é... Era muito, era muito desgastante. Ainda é, né. Enfim, aí conduzi o curso, fiz o meu trabalho final nessa área de educação corporativa no Banco do Brasil, numa perspectiva... É, da autotransformação... É... E, a partir, a auto-formação para uma auto-transformação, né. Processo auto-formativo, tinha como referência Paulo Freire, né. Falei muito sobre o ser mais, né, que é o que nos impulsiona na vida, né. Você quer ser mais! É isso o que te leva... A ir pra escola, também, a querer ser um cidadão atuante, a querer... Hoje você “tá” aqui, amanhã você quer mais que isso e não só o querer de ter, assim, né, de ser mais, de ter mais, mas é de ser mais, assim, uma coisa... Humana. Você quer ser mais humano, né. E aí, o meu trabalho foi nessa linha. Então, eu, eu tentei me entender num sistema, né, que me oprimia e que a minha libertação tinha que se dar dentro desse caos todo, assim. Tanto é que o título do trabalho é “ Libertando-me na e da educação bancária”. É um processo de libertação que você vai se propondo a, a construir com o outro também, né, e consigo mesmo, mas dentro da prisão, sabe? Você... É uma coisa muito louca. Então tinha... Tinha hora que dava um ‘tiute’, assim, “cê” fica... Porque você começa a ver tanta coisa! Você começa refletir e aquilo te incomoda tanto, porque você se vê naquele caos, né. Quer dizer, você não, não tem como você sair pra olhar a situação de fora e ver uma solução e voltar. Não, você tem que se virar nos trinta ali dentro do, do sistema, né. Então é... Foi nessa linha que eu fui, é... Usei muito os termos de conscientização, né. Quer dizer, de você... A transformação só vem, né, e a libertação só é construída de certa forma quando você constrói a conscientização de si mesmo e de que o outro é um pouco de você e você é um pouco do outro, né. É... A autonomia, né. Como que você lida com isso, quer dizer, eu tive, eu tive que exercer muito essa, essa autonomia, pra poder conduzir as coisas, assim, na vida. Acho que nós todos, né, temos que... Lidar com isso. É... E sempre trazendo um viés dialético pra, pra todo esse processo, quer dizer, o que eu estou hoje é um pouco do que eu fui ontem e do que eu vou ser amanhã e as coisas se conversam e tudo “tá” ligado e conectado... É isso... Agora é o 'Jhon'.

112) J - : Bom, é... Gostei muito do... Do que “cê” falou... Agora sobre o 'tiute' cara. Acho que, eu me sinto muito hoje assim, quando “cê tá” dentro de um sistema que “cê” é peça desse sistema, “cê”... Dá uns 'tiutes', né, porque começa a ter uns conflitos. É interessante isso, de um sistema não libertador. É, bom, eu, eu tenho... Eu lembro muito pouco da minha memória educativa na escola. Assim, eu lembro muito que eu gostava de jogar futebol, sabe? Acho que o que me movia pra ir pra escola era o futebol e hoje eu observo como professor os alunos, eles tem a mesma... O mesmo brilho pelo futebol, sabe? E muitas vezes eu “num”... Eu não crio condições pra que eles expressem o futebol lá. Eu fico tanto, muito fico muito preocupado com... Com a divisão, com a produção de texto, com as frases e eu fico lembrando de mim quando pequenininho, assim, eu gostava muito de futebol. Assim, eu acordava de outro jeito quando eu sabia que ia ter educação física, que e ia jogar bola, sabe? Acho que eu ia muito pra escola por causa disso. É lembro, é um outro lado de, dessa memória é que eu não tenho muito, eu não tenho quase nenhuma memória... É, triste, assim sabe, da escola, então... Acho que isso também facilita algumas coisas, assim, eu não tenho muito grandes traumas, sabe? Acho que foi... Às vezes eu até me pergunto se eu passei pela escola mesmo, sabe? Porque eu “num” lembro de professores... Não sei como é que eu cheguei até aqui! (risos de J e do grupo)

113) M – J : Como assim? (risos)

114) J - : É! Assim... Eu lembro de amigos, né? Mas, assim...

115) A – J : Não tinha nenhum professor? (risos)

116) J - : ...eu não lembro de eu ter aprendido muita coisa!

117) M – J: Você só tinha professor bom? Porque, assim, geralmente...

118) J – M: É, eu acho que aconteceu isso!

119) M – J: Porque, assim, quando...

120) A - : Não, era tudo meia boca, porque quando é bom a gente lembra.

121) A - : É!

122) J – A: É, né? Não, é...

123) M - : Eu não lembro de professor, eu sempre tive professor bom na segunda, na quarta série, eu não lembro da cara da professora da primeira série!

124) Z - : Eu lembro, a minha tinha bigode!

125) M - : Agora as professoras mais ruim, eu lembro de tudo: da fisionomia, da cara que ela fazia...

126) J - : Não, eu lembro das professoras bonitas, que é aquelas que você se apaixona quando tem seis, sete anos... Eu lembro dessas.

127) Z - : A Stelinha deve ter um monte de aluno apaixonado por ela, né? (risos)

128) J - : É... No, aí, assim, a partir da quinta série, tudo fica mais claro, sabe? Nas séries iniciais pra mim fica meio nebuloso, até hoje. Aí eu começo a admirar muito os professores. Eu fico impressionado, assim, eles falando e tal... Eu, isso foi uma prática que eu sempre admirei. Bom, é... A minha entrada aqui na pedagogia não foi por vontade, não foi intencional. Eu tinha... Eu sempre admirei professores, mas eu não queria ser pedagogo, não. É, eu queria na área de humanas. Quando eu peguei o guia do vestibulando, falei: É pedagogia.

129) Z - J: Esse caderninho...(risos e apontando para J) É Deeez! É!

130) J - : Ou, o pessoal da publicidade desse caderninho, que fez o marketing da pedagogia...

131) Z- J: Era pedagogo, né?!

132) J - : Mandou bem, cara! Por que... Eu também achei interessante, assim, as diversas áreas do conhecimento... Uma área que... Engloba as diversas áreas do conhecimento...

133) Z - : Antropologia, filosofia...

134) J - : É...

135) Z - : Educação...

136) J - Z: É! O pedagogo...

137) Z - J: Matemática, português...

138) J - Z: É!

139) Z - : História, eu falei: “Uow”! (risos) Geografia, eu falei: “Uow! Eu vou ser... uma super mulher!” (risos) Desculpa! (apontando para J)

140) J - : Aí, não, aí quando eu olhei esse caderninho, eu: “Pô! Acho que eu vou querer ser pedagogo”. Aí eu entrei e até o terceiro semestre eu fiquei bem disperso, sabe, bem disperso. Eu conheci boas pessoas, assim, amigos... Era muito legal a convivência humana, mas como pedagogo mesmo, formação na área da pedagogia, da educação, foi três semestres bem dispersos. Até eu, eu encontrar a área da educação ambiental, da sustentabilidade. Teve um projeto... É da, do observatório, sobre... Que era um ambiente virtual na área de educação ambiental, aí eu comecei a me concentrar, sabe? Comecei a me interessar, ver sentido no que eu “tava” fazendo. Depois do... Dessa experiência com a educação ambiental, do espaço virtual, foi quando eu tive a oportunidade de participar da educação de jovens e adultos, muito por conta do ambiente virtual também. Eu lembro que o audiovisual também, a disciplina me fez despertar, eu comecei a despertar pra essas coisas... Fazer vídeo. Então, assim, essas duas áreas foram iniciais. É... Teve uma experiência que eu tive, fora da universidade, mas por conta de eu “tá” aqui, foi o Fórum Social Mundial, que pra mim fez muito sentido também, não sei e o Max “tava” nessa... Lá de Porto Alegre, e... Que pra mim, assim...

141) M - J: Qual o ano?

142) J - M: 2005.

143) J - : E eu comecei a observar como, assim... Pra mim fez muito sentido a prática educativa, assim, o potencial da educação. Ao mesmo tempo as limitações da educação, que é também uma das idéias do Paulo Freire, né? A educação não dá conta de tudo. Mas... É, pra mim fez muito sentido. E também, é, a busca por... Pela construção de uma outra civilização, assim. É algo que eu pensei, repensei na, quando eu “tava” escrevendo o ensaio de trabalho de conclusão de curso e foi uma coisa que pra mim sempre faz muito sentido, assim, é estou aqui pra construir uma outra civilização com outras pessoas, pra construir junto. E isso pra mim faz mais sentido, assim. É... Eu participei do Portal, participei do CEDEP por conta da, projeto 04 que era de prática docente, aí experimentei um movimento popular e uma escola pública de EJA, os dois espaços foram com adultos. Eu tive uma formação docente precária, eu “tô” reconhecendo hoje quando eu “tô” sendo exigido, assim. Eu experimentei muita coisa interessante, assim, e eu acho que eu saí delas com... Eu aprendi muita coisa, mas a prática docente, eu... Eu acho que eu não aprendi tanto assim... Fiz didática com a Maria Luiza e, assim, agora que eu “tô” voltando a reler, muito pelo sentido, assim. Acho que a gente aprende muito pelo que vocês disseram, que é pela prática, né? Talvez se num primeiro semestre “cê” joga

um calouro dentro de uma sala de aula, eu acho que... “cê” limpa muita coisa. Ou, ou ele vai buscar aprender aquilo ou ele vai sair da universidade. Talvez seja até interessante que ele saia em algum momento, né, que ele vai buscar alguma coisa que ele tem vontade. Eu sinto que o problema da... Daqui da faculdade é que tem muita gente sem vontade, isso eu acho que atrapalha, sabe, no fundo. Porque se você não “tá” com vontade no lugar... “cê” atrapalha a sua vida e atrapalha o espaço, sabe? Então eu acho que... Se... Se a Faculdade de Educação fosse um lugar com pessoas com mais vontade seria interessante. Acho que os projetos de pesquisa também foram bem interessantes. Aqui na pedagogia eu aprendi muita a tensão entre o individual e o coletivo, isso pra mim foi interessante. Isso até hoje ainda... Ainda me, me atrai muito. É... Tem a formação do ser humano que pra mim, a formação humana que pra mim é essencial, eu até anotei aqui duas, duas vertentes, assim, que elas não são opostas. A do Renato, que é a do sujeito político, epistemológico e amoroso, né? E a Maria Luiza propõe uma outra, não é oposta, que é o ser humano, orgânico, cósmico. Essas duas... Essas duas direções, assim, elas são bem interessantes pra mim. Agora, depois, eu tenho reconhecido muito essa do Renato... A da Maria Luiza já “tava” mais clara antes, ela sempre “teve” mais clara, mas essa do Renato eu tenho, depois que eu saí da universidade, eu tenho, eu tenho reconhecido mais, assim. Principalmente essa questão do amoroso. É extremamente difícil ser amoroso, muito difícil. De uma forma não, não piegas, sabe? Eu ainda tenho muita dificuldade com esse... Com os falsos carinhos de professor e aluno, sabe? Eu acho que tem muita... Muita coisa... É... Muita coisa, assim, não verdadeira, sabe, nessas relações. Tem muita literatura de prática docente, o amor na prática, tem muita coisa, assim, que eu, eu “num, eu “num”, eu não sinto verdade, não sinto sinceridade, eu acho falso, acho falso. Mas ser amoroso com o coração, é difícil, cara, muito difícil. É... Tive uma experiência com estágio interdisciplinar de vivência, que pra mim também foi o espaço que eu, que eu pude perceber uma harmonia muito interessante aqui, que é... EIV, é o EIV. É uma tentativa de, um intercâmbio de estudantes da universidade, de várias áreas, é, pra... Fazer intercâmbio não em outras países, mas em assentamentos rurais aqui perto. Então “cê” vai fazer intercâmbio... Pípiripau, Planaltina, pra... Brazlândia, pra assentamentos rurais aqui perto e você vai vivenciar lá com, com a realidade do campo. Pra mim foi muito interessante, assim, viver “num” assentamento por um, por um certo tempo e pensar junto com estudantes de outras áreas do conhecimento. Eu me identifiquei muito quando eu... Quando eu pude pensar junto com outros estudantes. É... Bom, eu também, eu acho interessante esses eixos que o Regis e a, a Luana falaram, que é do Pineau e do Galvani, né? Da auto, da hetero e da ecoformação. Eu acho que isso é bem interessante mesmo. É... eu reconheci no, o Regis falou do homem da estrada, que é quando ele fala que “a minha infância não foi um mar de rosas”, né? Eu tenho pensado muito hoje com as crianças que eu trabalho, assim, que a infância, de fato, deles não é um mar de rosas e muitas vezes eu contribuo para que não seja, acho que eu poderia... Ser muito melhor professor. Eu “tô” numa fase meio existencial, gente. (risos do grupo)

144) M – J: Faz parte.

145) J - : Não se desanimem por mim.

146) M – J : Vou te passar, passar o telefone do meu irmão pra você conversar com ele. Você dá aula que horas?

147) J – M: Eu dou aula a tarde.

148) J - : Não, mas eu acho que é... Assim, eu tenho que, é uma oxigenação meio interna, mesmo, sabe? Muita gente fala: “Ah, tem vários livros pra ler”, não, não é livro. Acho assim, é... Tentar parar e respirar.

149) M – J: Mas uma conversa com ele vai ser boa...

150) J – M: É, vai ser boa!

151) M – J: Até você ir lá... Ele dá aula de manhã.

152) J – M: É em São Sebastião?

153) M – J: Não no... Paranoá, no CAIC do Paranoá.

154) J – M: CAIC do Paranoá. Legal.

155) M – J: Vale à pena! Ele tem um trabalho... Muito bom.

156) J – M: É? CAIC é um problema, cara, assim, pra mim. CAIC é um espaço difícil. Mas eu vou conversar com ele.

157) J - : É...outra coisa que eu achei interessante, foi que a... A Alê falou, que a escola muitas vezes só desenvolve a raiva, né? É impressionante isso, assim. A escola desenvolve a raiva nos alunos, nos

professores, nos funcionários, “tá” todo mundo com raiva lá. E se “tá” todo mundo com raiva, não dá pra sair coisa boa, né? Não dá cara! Se “cê” tá “num” espaço com raiva, irritado, não vai sair coisa boa, então, essa frase da Alê pra mim fez muito sentido. Bom, é isso, e pra mim outra coisa que “tá”, “tá” clara hoje, assim, que eu acho muito difícil ensinar quando “cê” tem que ensinar intencionalmente, assim. Quando “cê” tem o objetivo de ensinar, sabe? Eu aprendi muita coisa quando eu, eu não queria aprender ou que... Por um acaso eu aprendi, sabe? Agora, sentar pra, pra aprender, assim, pra mim sempre foi bem difícil. Eu “tô” observando isso hoje porque, quando “cê” vai ensinar, “cê” tem que perguntar se a pessoa que “tá” lá sentada ou em pé ou de qualquer lugar, ela quer aprender, né? E muitas vezes ela não quer aprender, cara. E a gente fica ali insistindo que ela aprenda, mas ela não quer aprender. A coisa do querer, né? Acho que... Bom, isso é engraçado aqui na... Nos estudantes de pedagogia, que eu não sei se os estudantes de pedagogia querem aprender, sabe? Fico me perguntando isso, assim. Às vezes eu passo por uns espaços aqui na faculdade, que...

158) S – J: A questão de sentido, né? Qual o sentido daquela...

159) J - : É! Talvez não faça...

160) S - : Daquela pessoa, né?

161) J - : É verdade. Bom, é isso. Valeu, Ju.

162) U - : Então gente, é... Esse primeiro momento pra mim é crucial, assim, pra entender quem são as pessoas que passaram por esses espaços e que... Tem leituras que podem parecer ou não com a minha, mas que é um grupo, é um coletivo e que tem a sua autonomia e que passou por essa vivência toda. Pra mim o grande nó é entender a relação dessa dialética que foi colocada aqui, que se um processo, que as pessoas constroem, que tem que ter a questão da... Da, da, que você falou? (apontando para R). Esperança! Da esperança e tal. Mas é um grande nó entender em que medida a gente avança ou não avança nessa, nessa relação da formação na atuação da sociedade, assim. Eu fiz um roteiro com várias questões, mas “ceis” falaram tudo, então eu “tô” bastante contemplada com muita coisa E aí, por fim, assim, eu queria uma roda, é queria propor que, com tudo o que a gente trouxe pra cá, a gente discutisse uma pergunta básica, assim, que a partir das experiências de vocês, qual que é o papel da universidade nessa formação do profissional que vem da sociedade com toda essa bagagem, que vai sair daqui legitimado, né, com um certificado pra “tá” trabalhando nessa mesma sociedade e através das suas práticas fazer ou não diferente, de acordo com a leitura de mundo que ele tem, qual que é o papel da instituição universidade nessa, nessa relação, assim.

163) M - : Acho que já, na... Na fala de vocês, dos três aqui especificamente (apontando para Z, L e J), acho que já vem muito do papel da universidade. Quando “cê” pega o livrinho ali que fala lá, como é que é a formação, quem é o pedagogo? Aquele cara que vai estudar filosofia... Ou a cara, né? É matemática, psicologia, 'nãñãñã', 'nãñãñã', antropologia... Um monte de coisa, eu acho que, esse é o, seria o papel do curso, ser multireferenciado mesmo. Que eu acho, você falou (apontando para J): “Ah, a formação na UnB não prepara pra sala”, realmente...

164) J – M: Não, não foi isso não! Eu digo... A minha pergunta é se o estudante que entra, ele quer ser preparado pra ir pra sala, sabe?

165) M – J: Hum! É!

166) J – M : Porque eu, eu fui preparado para os lugares que eu quis e eu fui muito bem preparado. Ambientes virtuais, educação de jovens e adultos, todos os espaços que eu quis, tive... Tive a oportunidade de encontrar pessoas e fui bem preparado. O problema é que eu não queria, é... Ser professor no espaço que eu “tô” hoje, e hoje eu “tô” bem satisfeito, assim. Então eu, é... Eu “tô” tendo que voltar, sabe? A minha sensação é essa...

167) M – J: E rever outras coisas...

168) J – M: Rever outras coisas.

169) M - : Porque eu acho que a universidade, o papel dela seja de propiciar outras vivências, já que ela propõe o pedagogo multireferenciado aí, ela tem que propiciar isso aí. De alguma forma você poder busca essas questões aqui dentro, porque senão você fecha muito numa... Numa situação só, fecha pra dar aula, você esqueceu tudo ali da parte de educação ambiental, do educador de jovens e adultos, que acho que é uma das visões que sociedade tem, tanto que você... Você hoje praticamente fala de pedagogos, você só lembra de escola e a gente aqui, acho que a nossa vivência aqui, é, prova mais do que suficiente que não é,

nunca foi e não deve ser só isso. Porque a educação, ela “tá” em todos os espaços. Então o pedagogo seria o, a... O ser capaz de atuar em todos esses espaços pensando primordialmente na, no aprender, né? Que é difícil pra caralho! (apontando para J). Será que aquele cara ali quer aprender? Mas uma das coisas dentro da minha vivência na família, no movimento popular, no magistério e no curso de pedagogia, é a gente aprender a ser sedutor, também...

170) J – M: Aprender a ser?

171) M – J: Sedutor.

(risos de Z e S)

172) J - : Sedutor.

173) M - : Porque... Muitas vezes a gente...

174) Z - : Karl Marx no Max! (risos do grupo)

175) M - : A gente “tá num”, a gente “tá num” meio que vai ter determinados momentos que... Somos seres coletivos, somos seres sociais, nem sempre todo momento... Isso vai até contra o meu ser, assim, né? Por isso que é meu dilema com as pessoas também, porque eu sempre vou atrás do que eu quero, eu sempre, desde pequeno, igual eu falei, eu fui guiado pelos querereres. Mas você tem que também aprender a fazer as outras pessoas quererem. Se você vai ter exigência na escola, eu tive esse dilema também quando “tava” na escola, de aprender um monte de... De aprender “ó”, de ensinar, aprender porque eu vivia muito mais aprendendo na escola! De ensinar um monte de... Aprendendo porque, porque eu tinha que ensinar um monte de coisa que... Eu sabia que isso ali não fazia sentido nenhum, mas eu tinha que buscar isso ali de alguma forma. Aí em determinados momentos eu não “tava” conseguindo e isso que “tava” me matando também (apontando para J).

176) J – M: É isso que tá me... É inútil, né cara?

177) M - : E... Aí volta o papel da universidade. É de criar, assim, possibilidade das pessoas começarem a fazer o que elas querem para elas se fortalecerem e... Quando elas se vêem frente a esses espaços elas saberem buscar, é... Os caminhos para superar essas dificuldades aí. Que é de, será que o outro quer aprender? Como é que posso fazer o outro querer aprender? Isso é possível? Pode não ser, e aí? Mas eu “tô”... Mas na universidade, dentro da, das multi possibilidades que eu tinha aqui, eu consegui chegar a esse, a esse tipo aprendizado aí, de ir atrás do que eu quero, de ir atrás da informação, tentar fazer as coisas de outro modo. Mas bate no que eu falei, a gente consegue fazer a transformação pela atuação. Se eu ficar inerte aí... Eu vejo que “num”, “num” bate muito. Então acho que a universidade tem que servir pra isso, pra nos dar... Nos fortalecer no sentido de conseguir ir além, de conseguir ir atrás do que a gente almeja, das utopias, dos querereres...

178) Z - : Pegando o gancho do Max, eu sempre costumo falar que... Quando a gente acredita que formou é o grande erro, né? Porque “cê” acha que “cê tá” acabado. Peraí, agora eu sou pedagogo, eu não preciso aprender mais nada? Será, né? Eu acho que o papel da universidade não só em pedagogia, como em qualquer outro curso é entender que a vida é um processo, aprender é um processo. E... Assim, eu acho que o que a universidade precisa despertar nos profissionais é a responsabilidade ética com o mundo, mesmo, assim. De você se preocupar com o universo que você “tá”, com a sua responsabilidade social no mundo, é um pouco até um sonho, uma utopia que a gente falou no início. Mas uma utopia que eu acredito, é assim, muito no fundo que um dia vai ser verdade. Que é a minha responsabilidade com o coletivo, que não precisa de repressão, que não precisa de vigilância, de punição. Mas a minha responsabilidade com o mundo de mudança, de almejar a utopia, mas a utopia real, de homens que vivem como homens, de humanos que vivem como humanos, para humanos, sabe? Uma humanidade assim. Então acho que a responsabilidade da universidade é apresentar as possibilidades de como você pode aprofundar os inúmeros saberes e pesquisar e retornar pras comunidades é... Esses trabalhos, mas principalmente trabalhar o homem no... Assim, o profissional, “num” processo de “tá” aberto, de acreditar que ele não “tá” formado, que a responsabilidade dele é sempre buscar mais e “tá” aberto pra mudança e, e assim, se repensar constantemente no mundo. E aí, aprofundar essas questões de... Eu acho muito bonito quando o João fala que, viu que ele “num tá”... “num” pegou a docência, né? Porque é sinal de que você, pra mim você aprendeu o que é isso! “Cê tá num” processo constante de, de reflexão sobre sua atuação. Aquele negócio, “ah, vi que tem gente que veio pra sala sem querer aprender”, sabe? Eu acho, eu sempre falo também isso, que a escola muitas vezes mata o querer aprender das crianças, ela legitima a morte do querer aprender com imposição, né? Sem trazer a

liberdade, que na verdade você oprime, então, com conteúdos que a pessoa não sabe por que “tá” aprendendo, não te significado, eu não faço relação com minha vida... Então eu acho que a principal responsabilidade mesmo é, de tornar, de trazer a humanidade pra pele, assim, pra o mundo.

179) S - : Só, é... Referindo a isso que você fala também, eu acho que isso quem vive na escola mesmo, assim, que você vê lá muitos professores que convivem com várias pessoas, né? E o que ajuda também é esse coletivo, né? Porque a gente como professor se sente sozinho às vezes, né, assim e sobrecarregado, né, com muita coisa pra... Quando você não tem essa, é... Afinidade com as pessoas, então as pessoas... É a verdadeira palavra acolhimento, né? Quando você sente acolhido naquele ambiente, “cê” vê que aquela... Você se fortalece também de certa forma e não fica tão preso a conteúdo, a tudo que tem que ser atingido, né. E “cê”, “cê” vê que tem outras formas de chegar a esse objetivo, mas sem sufocar tanto, barrar tanto outras coisas importantes, né? Porque a primeira experiência que eu tive no primeiro semestre foi, assim, na Vila Planalto aqui, e assim eu, sinceramente também eu achava que eu não queria mais, eu “tava”: Não é isso que eu... Eu “tava” muito, assim, desanimada mesmo, assim. Chegava eu não tinha nem forças pra... Tipo... Ah! Eu “tava” muito desanimada mesmo. Eu chegava e falava assim: Gente... As meninas que eu... As próprias pessoas mais íntimas falavam: Ah, “cê num tá” feliz! “Cê num tá” feliz com... Com o que você escolheu! né. Mas o que, que... Fez esse desânimo todo? É essa ação coletiva que, na verdade, tudo vai... né? Tudo vai... É, juntando assim, faz você ficar numa situação que você parece... Você “num” suporta mais, né? Parece que você mesmo não pode fazer mais nada, né? Porque você só faz aquilo e, ninguém te ajuda, ninguém te acolhe, ninguém te entende... Então é difícil mesmo. Aí, agora vivendo em outro espaço com uma turma, assim, que não é diferente, né? Uma turma, assim, abaixo da que a que eu “tava”, é alfabetização, eu “tava” numa turma de, primeira série, “vamo” dizer. E assim, muito pericada também, mas, assim, um ambiente diferente, as pessoas, a forma de trabalhar diferente, então como te alivia, sabe? Bom, agora eu estou bem, eu posso continuar, eu tenho esperança que eu vou conseguir, sabe, atingir, determinar, o que eu quero, sabe? O meu querer, né? Então, tem muito isso. Não é uma questão, assim, de... Da gente... Todos... Igual ela fala também (apontando para L), assim dessa contradição, nesse sistema que às vezes quer te engolir e você não sabe o que fazer, você fica assim: “O quê que eu posso fazer?”, né? Mas é aquela questão do coletivo, um ajudando o outro, do acolhimento, né? Que principalmente na escola, quando não tem é terrível mesmo, você se sente... Parece que você se sente assim, um nada, mesmo, né? É isso que eu vejo assim na sua fala (apontando para J), que eu vejo, assim, não sei, mas... Esperança, aí, né?

180) R - : O que eu vejo, assim, que a universidade... Ela, os muros dela não caíram! Tem um portãozinho ali que “tá” aberto, mas as pessoas não sabem se tem autorização pra entrar ou não. E o povo não tem acesso à ela apesar de toda a discussão, de todo o avanço na questão da extensão como espaço de formação. As pessoas não compreenderam de fato ainda o que é essa extensão da universidade, do povo, da comunidade, o povo, né? Então, acho que assim, a gente como pedagogo, acho que a gente tem um papel que importante, né? Principalmente a gente que saiu daqui, de uma universidade que é pública. De manter o diálogo dá onde a gente “tá” com esse espaço que é público, de trazer a população pra cá, de mostrar pra população que aqui não tem muro! E de fato não tem, mas ele tá ali, ideologicamente.

181) A - : É, acho que dentro disso que o Régis falou também, se a gente pensar a universidade, a pedagogia e na UnB que acho que é o que dá pra gente pensar, seria esse espaço meio que de pensar e repensar a prática e uma teoria, uma função da outra, assim. Pensar, repensar a teoria quando eu tenho uma prática ou repensar uma prática quando eu vejo várias teorias, na verdade. Então, seria assim, um espaço de troca e atualização mesmo do conhecimento, a partir da experiência que a gente tem vivido. Acho que essa é a principal função.

182) J - : Tem um conceito do Renato lá na... Acho interessante, assim, ele... Fala que a universidade é a caixa de ressonância, né, da sociedade. Ou seja, ela acolhe os problemas do espaço que ela ocupa, né? Então a Universidade de Brasília, teoricamente seria... Tem o papel de acolher os problemas do Distrito Federal e dar uma... E ressoar, assim, dar uma... Intervir de forma mais qualificada. E isso assim, eu também fico pensando muito na parte da pesquisa-ação. Porque a universidade... Com esse tripé dela de ensino, pesquisa e extensão, às vezes a extensão fica como aquela... “Cê” se relaciona com a sociedade de uma forma bem frágil, né? Até o Renato mesmo fala que tem a eventista e a orgânica. Não é uma relação orgânica, as pessoas não ocupam o espaço da universidade, a universidade não ocupa a sociedade, ela “tá”, ela “tá”, mas ela é meio... Autista como dizem, né? Parece que ela se basta a si mesma. Então, é... É, eu... Eu compartilho

desse pensamento. E na questão da pesquisa propriamente dita, que ainda... Eu não sei, assim, eu sinto um pouco de falta na universidade, que a universidade é, ela tem um caráter de pesquisa, forte, e às vezes a gente fica numas ações, que foi isso que a Alê falou, “nuns” ativismos malucos, sem refletir sabe? Então “cê” fica agindo que nem um maluco, mas pra onde? O quê que “cê tá” fazendo? Ou por outro lado, “numas” teorias também, surreais, né? E que “tá” na hora de a gente agir mais conscientemente. O Paulo Freire fala muito isso, você agir refletindo e refletir agindo é a práxis. Então acho que a universidade tem um papel forte. E através da pesquisa, tem a pesquisa-ação. Que ainda é pouco lugar assim, o Renato é um dos que aborda, aqui no Portal eu lembro que teve a experiência do Tatu que fez pesquisa-ação.

183) J – L: O seu foi pesquisa-ação?

184) L – J: Não.

185) J – L: No TCC?

186) L – J: “tcsu- tcsu”.(negação)

187) J – M: É, a Leila fez no CEDEP pesquisa-ação.

188) U – R: O seu foi pesquisa-ação?

(R balança a cabeça afirmativamente)

189) J – R: O seu foi pesquisa-ação, né Regis, também?

190) J - : O de vocês foi pesquisa-ação?

191) U – A: O seu foi?

(A balança a cabeça afirmativamente)

192) Z – J: O meu foi. O meu foi mais que tudo! Subjetividade do sujeito, então!

193) J - : É, eu acho que esse é um método investigativo da universidade que eu acho essencial. Eu não tive a oportunidade de fazer pesquisa-ação, não. Mas... Acho que é um bom caminho.

194) L - : É, a universidade, né, acho que... Não sei se... Também em outros países, é... Às vezes é muito endeusada, né? Eu fico indignada quando eu ouço a galera considerar a UnB um espaço, assim, de deuses, assim. Quer dizer, é um lugar que eu não posso estar, porque eu sou lá de baixo, né? Eu estudei em escola pública e infelizmente você ainda tem isso. E, assim, eu também já tive essa idéia, né. E não! É uma coisa nossa, né? É mais nossa do quê do carinha... Não sei, eu acho que é do povo na verdade, né. Então independente da classe social, enfim, é do povo. E sendo do povo, é... Tem que ter essa, esse diálogo, assim. Eu acho que a universidade tem que se por como espaço de... De articulação entre, entre, é... O meio acadêmico e o meio de... Um ambiente de construção do saber com a sociedade, né? Quer dizer, é o que você falou, né (apontando para J), ela tem que ressoar os problemas sociais, o que “tá” acontecendo lá, a gente tem que trazer isso pra cá, pra discutir e pra depois intervir lá de volta e quando voltar já volta com outra coisa e, assim, sempre... Esse... É... Essa via de mão dupla, né? Indo lá e articulando as coisas pra promover a transformação social a partir da construção do conhecimento necessário pra essa transformação.

195) U – L: Fechou?

(L balança a cabeça afirmativamente)

5º Momento de discussão do dia 05/10/09: Avaliação da experiência de trabalho com grupo focal pelos participantes

196) U - : Bom pessoal, pela hora, né?Eu não... Vou explorar vocês mais não. (risos) Mas, assim, eu “tô” muito satisfeita, e “tô” muito feliz mesmo por tudo o que eu ouvi aqui, pela contribuição. Eu queria deixar marcado aqui o nosso próximo encontro para o dia 19, que a gente vai discutir o segundo tema do trabalho que é a questão de toda essa formação de vocês, todo esse... Essa leitura, todas essas visões de mundo, a prática no mundo do trabalho de vocês e como é que a gente consegue ver essa limitação, essa dialética entre formação e a atuação e como é que a gente consegue ver essas relações. Dia 19, segunda, sem ser a próxima do feriado, a outra. Aí eu vou mandar um convitinho com o tema e do quê que é. E assim, rapidinho, uma rodada, como o Renato foi citado mais de cinco, seis vezes (risos do grupo), é... Sobre o quê que cada um achou da experiência pra si mesmo, e assim, muitos formaram agora, outros já tem um certo tempo, mas “tão” voltando pra universidade, então de uma certa maneira a gente não tem ninguém na roda que saiu da universidade e nunca mais voltou, assim, mas pra vocês o que ficou, assim, desse encontro e o quê que “tá” levando de sentido pra vocês.

197) Z - : Que o Reginaldo é foda!

(risos do grupo)

198) L - : É um resgate, assim, é... São lembranças também de todo um processo que nós vivemos, né? Quer dizer, a gente se vê muito no outro, assim, é vivemos os mesmos conflitos, os mesmos... Se é que se pode usar esse termo “mesmo” pra todo mundo, assim. Mas enfim, compartilhamos dessas inquietações e das dificuldades que é... Você construir uma coisa e entender... É, que algo acontece e muitas vezes não poder, não saber como transformar aquilo, quer dizer, ou tentar e ser massacrado e vai de novo, quer dizer, você... Então eu me vi muito em todo mundo. É... Aprendi também muita coisa, né? Você vê que, é... Como é importante, né, essa diversidade, cada um vai numa linha e pesquisa um espaço e estuda alguma coisa e constrói e tal, então pra mim foi é... Muito, muito legal, muito... Construtivo. (risos)

199) A - : Eu também achei bem bacana, assim. Eu me vi, meio que saindo de onde eu escrevi e pensando o quê que eu escrevi, porque que eu escrevi, sabe? E pensar o quê que realmente fez sentido e aí ver na fala dos outros coisas que a gente pensa também, bem bacana. E é isso.

200) M - : Um momento que a gente sempre fala, oxigenar. A gente sai daqui e parece que cada um vai pra um rumo, mas... A construção que a gente foi falando aqui mostra que, querendo ou não, a gente vai se convergir, vai convergir nossas vivências muito mais vezes aí, porque a gente quer fazer, quer realmente “tá” na educação, então se a gente quer, acho que as forças vão se, vão se atraindo, assim. Eu acho que esse é um momento que, pra mim é pra me fortalecer mais ainda, assim, porque eu já tava... Me sentindo meio fraco, assim, que quando eu venho e converso com o pessoal, isso me, me fortalece, então eu acho que oxigenar reflete bem o quê que eu vivenciei aqui hoje.

201) S - : Eu também só repito, também. Acho que isso é muito oxigenante mesmo pra gente, pra... E assim, numa troca a gente se vê muito no outro, né? Lembra muito de como a gente entrou aqui, vem todas as lembranças, assim, né? E faz bem pra gente não se perder, né? Pra gente continuar a caminhada aí, valorizando o que a gente passou.

202) R - : Fortalecimento da, da rede, da rede de relações. É isso o que eu levo mesmo. Sempre muita acolhida, né, por todos.

203) J - : Acho que é uma boa oportunidade. Agradeço à Juju, pela... É importante assim, você escutar e ser escutado. Eu sinto muita falta como a... A Stelinha falou, na escola assim, de... De um espaço desse, assim, de troca, sabe? É ma troca mais saudável, mais lúcida, sabe? Sobre o quê que as pessoas estão fazendo dentro de uma escola. Acho que essas, e as perguntas óbvias mesmo, que são feitas. Acho que... Esse é um espaço interessante e pelo tempo, assim, de ter tempo de se concentrar pra discutir é importante, sem que isso tenha o tom de terapia de grupo, sabe? Que eu não tenho muita... Não me atrai muito, mas... Acho que, da gente discutir o que a gente “tá” fazendo mesmo. Que prática pedagógica é essa, que metodologia é essa, um negócio sério, sabe? Acho que... Faz muito sentido, principalmente pra uma estudante, né? Que daqui a pouco...

204) U - : Ô, pra mim “tá” sendo... Tem certeza que você vai sair?! (risos)

205) J - : Vai entrar na selva e daqui a pouco vai estar na selva junto à nós.

206) M - : Sair da Neverland, né?

(risos do grupo)

207) U - : Neverland! Eu vou anotar isso!

(risos do grupo)

208) J - : Não! Eu acho que a universidade não é uma Neverland, não. Porque a gente só “tá” aqui por conta da universidade, né? A universidade que “tá” propiciando isso... É uma quase Neverland!

(risos do grupo)

209) M - : Se não é o Peter Pan...

(risos do grupo)

1º Momento de discussão do dia 26/10/09: Conversa que antecedeu o início do trabalho

01) J- : Eu adoro uma reunião. Reunião de pais, me amarro...

02) S – J: Ah, eu também!

03) J – S: Que aí tu conversa com pais “véi”...

04) S – J: Eu adoro!

05) J – S: que aí tu entende o contexto, eu fico... Eu faço uma roda na sala...

06) S – J: E a maioria dos professores não gostam!

07) J – S: Eu adoro!

08) S – J: Ficam: “ Ah, eu não gosto de conversar com pais!” Ficam com medo, sabe, de... Ser cobrado por que... Né, outra realidade que os pais vão “tá” passando. A gente tem que aproveitar mesmo.

Proposta de desenvolvimento do primeiro tema da reunião

09) U - : Bom, o que eu tinha pedido era que cada um listasse três características, atitudes ou valores que você considere relevante na formação, né? E que esteja presente, é... Ou que tenha sido adquirida, ou vivenciada dentro dos espaços formativos de cada um. No caso, aqui todo mundo passou pelo GENPEX, né e o Portal e aí eu queria que vocês apresentassem quais são e o porquê que são três motivos relevantes.

2º Momento de Discussão do dia 26/10/09: Desenvolvimento do primeiro tema da reunião - apresentação e justificativa dos participantes três valores, atitudes e/ou características adquiridas (os), praticadas (os) e/ou presentes durante a graduação, em pelo menos um, dos dois espaços formativos abordados no trabalho.

10) A - : Então, eu coloquei que eu vivenciei no GENPEX, no quê que transformou, assim, de valor e atitudes, foi questão de compartilhar, eu coloquei aqui né, algumas coisas, compartilhar dúvidas e expectativas, foi uma das primeiras coisas que eu aprendi no GENPEX, que a gente tinha aquele momento de sentar, todo mundo contar o que aconteceu e aí enquanto a gente fala a gente já vai pensando numa solução pra, pras coisas. Então a gente compartilha a dúvida e já fala de uma expectativa que tem e isso, isso foi uma coisa que eu vivenciei muito e é um valor que eu considero que foi adquirido no GENPEX. Outra coisa é... Essa questão de, quando a gente compartilha e aí propõe solução, então tudo o que a gente falava a gente buscava solucionar. Isso é... Assim, uma coisa que eu fui aprendendo lá, a gente expor o que “tá” acontecendo, mas buscar uma solução. Não só ficar falando das coisas sem buscar uma atitude. E aí, eu aprendi a meio que ser independente, porque essas soluções nem sempre eram dadas e eu tive que ir correndo atrás de algumas coisas, agente construía muita coisa junto. E outra coisa foi a questão de conciliar estudo com prática, assim. Foi uma coisa que me motivou bastante lá no GENPEX, era a gente conversar uma coisa, discutir uma teoria que não “tava” tão, assim, compactada “num” formato teórico, mas que a gente “tava” aliando com a prática e isso fazia a gente querer buscar de fato alguma coisa sólida, alguma formação, prá... Pra “tá”, se completar. E aí foram essas três... Esses três valores que eu coloquei.

11) U – S e J : Aí os outros, vocês dois... É, algum de vocês colocou essa questão de compartilhar, buscar solução, conciliar estudo com prática... O que vocês colocaram?

12) S - : Eu coloquei assim, né, a primeira... Eu coloquei a inquietação. O que mais me chamou, me... Mais eu me deparei, assim né, foi a questão de você sempre, né, desenvolver a criticidade. Por exemplo, saber o porquê das coisas, o pra que, né, “cê tá” fazendo alguma coisa. Essas indagações, assim, foram bem marcantes durante... Aqui, né, o Projeto Paranoá, assim, né? A vivência que eu tive mais, assim, em relação à prática e tudo. E porque que estamos fazendo algo, querendo alguma coisa, pra que, né? Então isso foi o que marcou mais, assim, que eu coloquei. E outra questão foi a receptividade, assim, estar aberto ao outro. Que também, acho que é o que a Alê coloca, que é essa coisa de fazer junto, né? De a gente “tá” trabalhando o coletivo e um precisar do outro, né? É mais ou menos assim. E outro valor que eu coloco também é a paciência, né? Que a gente vê o que precisa mudar, né, o que precisa mudar mais não muda rápido, que a gente vai vê precisa que é “num” processo, é ao longo do tempo que as coisas vão mudando e não de uma hora pra outra , que às vezes a gente quer, né? Briga muito, porque quer, assim, dessa forma, mas não... Que a gente tem que aprender a ter paciência também. São essas três que eu mais tive...

13) J - : Ah, sim, as minhas questões. Uma coisa que eu aprendi, que isso que a Stellinha tocou, foi qual o sentido daquilo que a gente “tá” fazendo. Que rumo, pra onde a gente quer que caminhe aquilo que a gente “tá” fazendo. É, à serviço do quê a gente “tá” trabalhando, à serviço de quem, de qual intenção, de qual propósito. Eu acho que essa é uma... Por quê que a gente “tá” fazendo isso? A gente “tá” pensando o que a gente “tá” fazendo? A gente tem consciência do que a gente “tá” fazendo? Acho que essa é uma questão que eu aprendi aqui, nesse espaço. É... Uma outra foi também que até, que a Stellinha tocou, que ela disse que... Que ela disse como paciência, que pra mim é a compreensão do tempo da outra pessoa e a compreensão do tempo do processo do coletivo, sabe? Às vezes a gente tem uma expectativa que o processo coletivo seja

mais rápido, mais virtuoso, mais saudável e que o outro, a outra pessoa, também ela... O ritmo dela seja mais rápido, mais claro, mais maduro e até os nossos também. Mas a gente tem muita dificuldade de, de ter paciência com o processo de outra pessoa que “tá” trabalhando junto e também com o ritmo coletivo, sabe? Acho que é importante “cê” compreender os tempos, sabe? Que às vezes o tempo que é pra você é mais rápido, o coletivo vai demorar mais um pouco, outra pessoa vai demorar mais um pouco. Eu aprendi isso também muito no meu trabalho hoje, que o meu tempo é mais lento do que o das pessoas que “tão” lá, entendeu? Então agora, talvez eles tenham que ter mais paciência comigo, sabe? Isso foi o que eu aprendi lá, no meu trabalho hoje. E uma outra coisa sobre a escuta, sabe? Assim, aprendi aqui que é muito importante “cê” escutar o outro de uma forma atenciosa, sabe? Não escutar alguém, já esperando que ela acabe de falar pra que você já fale, sabe? Mas “cê” tentar escutar de uma forma muito honesta, sabe? Assim, eu preciso tentar entender o quê que ela quer expressar, de uma forma mais sensível, sabe? Ou sem ficar fazendo julgamentos ou atrás do outro, já ficar julgando do que ela “tá” dizendo, sabe? Isso é muito difícil, cara! “Cê” escutar, escutar mesmo, sabe? Tentar entender o que ela “tá” querendo expressar, o incômodo dela, do jeito dela. Isso eu aprendi aqui também.

Proposta de desenvolvimento do segundo tema da reunião

14) U - : Então pessoal, aqui a gente falou de compartilhamento, de proposição, né? De ser propositivo, independente, de conciliar estudo e prática, de inquietação, de criticidade, de indagação, de receptividade do outro, de sentir o que a gente “tá” fazendo, de paciência, de compreensão do tempo, de honestidade, de escutar o outro de forma honesta, atenciosa. E aí, agora eu quero que... Bom, com base nisso, vocês foram pras suas ocupações, né, pros seus trabalhos, pra o que vocês estão fazendo hoje. E lá no ambiente de trabalho, enquanto pedagogos, né? Pedagogos que no exercício ou não na profissão de pedagogia, mas com a formação pedagógica. Todos estão na ocupação que “tão” por causa da formação pedagógica. Quais são os três... As três atividades que vocês classificaram como mais relevantes e porque da relevância.

3º Momento de Discussão do dia 26/10/09: Desenvolvimento do segundo tema da reunião - apresentação e justificativa dos participantes três atividades que fazem parte do cotidiano em suas práticas profissionais consideradas de maior relevância.

15) S - U: Eu coloquei assim, Jú, ó... Eu não sei se... Eu coloquei algumas práticas que eu faço e que eu tento, né, tento passar... Colocar o que eu aprendi, eu não sei se...

16) S - : Coloquei assim, como eu trabalho com crianças, né, com alfabetização, na prática de um conto de uma história eu trabalho muito a questão do ouvir e falar, né? Das crianças “tá” ouvindo, da hora delas... Da escuta, né? Então isso, acho que isso é bem rico, assim, as crianças escutar um ao outro e falar também o que pensa. Esse espaço de fala também que eu acho bem importante. Então, assim, eu tento muito trabalhar, assim, essa questão da, do diálogo, né? Não levar uma coisa pronta, assim. Eu aprendi muito isso aqui, né na faculdade, no projeto e agora assim, e dá certo, assim, trabalhar com criança também dessa forma. Não só com adulto, né? Porque eu ficava assim: Será que com criança eu vou conseguir fazer isso e tudo? Mas, é um pouco mais trabalhoso, porque vai ter que ficar, ensinar a criança a falar, né, a ter o momento de falar, a saber ouvir também. Mas eu acho que isso é do ser humano, o adulto também aprende, também, né? Então acho que isso é muito bom, assim. A construção do texto coletivo também que é muito importante, que, que eu acho também que a criança... E assim, no próprio dia-a-dia assim, da sala de aula as crianças “tá” participando ali das suas regras, das regras coletivas, né, que tão sendo tiradas ali, isso é importante. Eu tento trabalhar assim, no diálogo, porque eles “tão” participando também, assim, de tudo. Nesse sentido... E o que eu mais trabalho é essa questão de conversar com eles, assim, e querer não só eu escrever alguma coisa, como se eu fosse só, né, a professora e eles os alunos, eu tento interagir de uma forma que eles também se sintam participantes. E assim, e também eu gosto muito de trabalhar o acolhimento, né, assim, essa questão da, do ambiente acolhedor, que eu coloquei aqui, que é através de expressão corporal, “vamo” fazer uma dinâmica, fica... Então é, isso é bom também, porque eles são, vão... É, tendo, desenvolvem, assim, o sentimento, né, um com o outro, e... Isso ajuda muito, assim. Até a família, assim, né, percebe, assim, o quanto a criança “tá” , “tá” sendo legal pra criança “tá” ali na escola, “tá” repercutindo isso na família, que eu já até conversei com alguns pais, assim. “Ah! Meu filho “tá” tão, “tá” tão, assim, animado!”, sabe? Isso anima, assim, trabalhar dessa forma com as crianças.

17) U – S : O comportamento dele em casa já muda?

18) S – U: Já muda, já muda. Alguns pais já falam assim comigo: “Ah! Esse ano o meu filho “tá” tão animado! “Tá” tão (fala não compreendida), né? Ele fica sempre...” E eu acho que é isso que influencia, sabe? Você dar a vez pra crianças expressar, ela ler, ir lá na frente falar alguma coisa, o desenho que fez, então... Isso eu aprendi muito aqui no projeto, aqui na faculdade, no projeto, assim, na alfabetização de adultos, a gente dá a vez, a voz, né, ao alfabetizando pra ele expressar... Que às vezes a gente reprime muito, como professora, né, a criança. E aí eu tento trabalhar nesse sentido, né, de forma mais aberta com eles. Mais ou menos assim, né? Eu coloquei só mesmo o meu trabalho e sala de aula.

19) U – S: Aham. E a sua relação com os pais, a partir assim, quando a criança vai pra casa com um comportamento diferente, você sente que isso influencia na tua relação com os pais dela e na relação que eles voltam a ter com a escola, você que tem diferença?

20) S – U: Sim, os pais ficam muito assim, mais, é... Eles procuram mais a escola, né? Acho que aproxima mais, assim, nesse sentido. É, em relação à mim, né? E em relação à escola, assim, eu acho que aproxima. Tanto é que tem pais que falam: “Ah, ano que vem meu filho quer, pode continuar na escola? Como é que é?” Aí, interessam, assim, nesse sentido.

21) J - : É... Eu coloquei aqui que... Deixa eu começar pelo último. No momento da, da prática lá, do professor, são os momentos de construção coletiva, por exemplo, nos entendimentos da escola, sabe? Quando se reúnem os professores, a gestão, a direção, os coordenadores, pra pensar alguma situação da escola, sabe? Desde a situação... Mais, as situações mais operacionais de estrutura, de logística de algum evento que vai ter, se serve o... A refeição antes ou depois, desde essas, até as, as supostamente mais pedagógicas, sabe? No quê que... O que a escola pode, o quê que a escola pode fazer pra que o processo educativo seja de mais qualidade, sabe? E... Eu observo que o... Esses espaços de construção coletiva, que são várias pessoas muito diferentes, professores muito diferentes, tentando dizer o que pensam, tentando escutar ou não escutando, gritando, tendo confusão, é muito tensionado, sabe? E eu acho sempre um campo muito interessante de observar, eventualmente ir e intervir... Eventualmente ir e intervir é interessante, assim. E eu aprendi muito aqui e eu aí observo a minha participação lá, como... Como é interessante, assim, você intervir “num” processo de construção coletiva com outra qualidade, foi isso que a Alê falou, assim, você sendo mais propositivo, mais construtivo, você analisa, você questiona aquilo que “tá” ali, mas “cê” sempre... “cê” problematiza aquilo, mas “cê” sempre tenta construir, sabe? Eu acho que isso é uma qualidade que... Bom, uma atitude que eu aprendi muito aqui e hoje “tá” se expressando lá, sabe? Eu acho que o percurso da universidade me contribuiu pra isso. E é muito, muito tensionado, sabe? Muito friccionado essas relações porque eu, eu suponho que... Nem todos esses professores ou talvez poucos professores tenham tido a oportunidade de participar de espaços coletivos tentando construir, sabe? Sei lá, talvez as pessoas se juntem muito pra... Em momentos mais... Com as criticas, com as criticas e... E pouco construtivo. Eu acho que isso é um espaço, que eu acho que é pedagógico, que é o papel do professor construir junto com outros e que pra mim é interessante. O outro momento é... Meu diálogo com... Aí vai com os alunos e com os pais, mas é o momento em que eu me relaciono com eles como gente, sabe? Porque o tempo todo ali na escola tem, são os papéis, né? Eu exerço um papel de professor, eles exercem o papel de alunos. É um papel que “cê”... “Cê” meio, “cê” se... “Cê” veste, né? “Cê” representa, talvez. E quando eu me relaciono com eles como gente, eu João Felipe gente, eles crianças na idade deles gente é muito interessante, muito interessante! Que é uma relação sem cobranças, sabe? Eu observo que o... A minha relação de professor com eles, alunos, é sempre de muita cobrança, sabe? Tudo o que eu faço eu “tô” querendo de alguma forma algum objetivo, algum resultado, sabe? E sei lá, nas horas que a gente “tá” conversando... E isso às vezes irrita, sabe? A Alê falou no último encontro que a escola produz muita raiva, né? Quando, por exemplo, eu “tô” com eles no refeitório e a gente “tá” lanchando junto e aí eu pergunto o quê que eles gostam de comer, e se aquilo “tá” gostoso ou não “tá” ou eles contam algum caso de final de semana, isso é muito legal. “Cê” percebe assim, uma vontade na relação, sabe? É bom assim. E se relacionar com eles como gente. Ou na hora o intervalo, que eles perguntam qualquer coisa que não tem a ver com aquilo, sabe? É legal, assim, “por quê que 'cê' gosta de comer isso e não aquilo?” Eu acho esses momentos muito bons, muito bons! Inclusive eu queria, se eu pudesse trabalhar a partir desses momentos, eu... Eu gostaria, é que eu não tenho maturidade pedagógica ainda. Mas, e... E isso também, é na relação com os pais. Que... Os pais vão nas reuniões, né? E de uma forma geral os pais que vão nas reuniões são, assim, eu

tenho observado, é a realidade da minha sala especificamente, são os pais que tem alguma certeza do seu filho, que te alguma nota boa e tal. Os pais que os filhos “tão” com muita dificuldade, não vão. E eu não “tô” dizendo que eles não vão porque os filhos têm dificuldade, eles não vão por muitas outras coisas. Mas aí, aí o pai chega e também não tem essas relações de cobrança, sabe? “Porque isso?” “Porque aquilo?” E aí é interessante quando o pai ou a mãe começa a contar história, sabe? E “cê” fica ali escutando, é lógico que os outros pais já ficam meio incomodados, porque é o momento da, de uma atenção mais individualizada, mas é muito legal, as histórias que eu escuto dos pais, mais humanas, sabe? Às vezes o pai chora na sua frente ou sei lá, ou de repente o pai, ele tem pouca oportunidade que alguém escute aquela história dele, sabe? Ou se ele conta aquilo pro professor, o professor já corta e já diz que o aluno não “tá” sabendo escrever as palavras com a ortografia correta, sabe? Eu acho a história de vida dos pais na relação deles com as crianças, muito interessante. Eu sempre saio muito animado, sabe?

22) U – J: “Cê” acha que isso... Desculpa.

23) J - : É porque eu, eu começo a entender a vida deles, sabe? Que pra mim é o essencial, eu tenho que entender a vida deles, sabe? O contexto, então, se ele age daquele jeito é porque algumas causas acontecem, sabe? Então, é interessante.

24) J – U: Mas “cê” ia perguntar...

25) U – J: Eu ia perguntar que “cê” falou uma coisa interessante sobre o papel de ser o professor e “tá” com as pessoas como gente. Tem essa dicotomia do papel... O quê que “cê” entende. Se é dicotomizado? Aqui eu sou esse papel, aqui eu sou gente. E porque que eu não posso ser as duas coisas ao mesmo tempo?

26) J – U: É, isso pra mim pessoalmente, isso é difícil sabe? Porque, assim, o tempo todo, sei lá, a nossa representação de escola, a gente tinha muito esse papel do professor, sabe? E quando “cê” chega numa escola, pelo menos, a minha é assim, porque foi a minha primeira experiência e eu fui orientado desse jeito, sabe? “Ó, seja firme, você é professor, você não é amigo deles!”, sabe? “Seja muito firme, não dê abertura!” Sabe? “Se não você vai acomodá-los ou você vai acostamá-los mal”, sabe? Então, assim, existe esse papel que o professor representa. Por exemplo, os professores contando piada na sala dos professores não são as mesmas pessoas que dão uma bronca cinco minutos depois lá em cima, na sala, sabe? Os professores não riem! Eles brigam, eles não riem! E a sala dos professores é uma fofocaria, é um... Sabe? Pro bom e pro ruim, porque é bom um momento de diversão, os professores contam histórias, se divertem, mas têm outros de muita fofoca, sabe? Que não...

27) A - : A Stella uma vez tava contando, até pra gente (olhando para U), uma vez a Stella tava contando que pra criança não dá pra dar liberdade, tem que chegar lá e ter pulso firme, porque senão elas tomam conta, sabe? Dá até pra entender essa questão de aqui eu exerço essa função professor, mas eu também gosto de ser gente, eu quero saber da vida dos meus alunos, quero saber do que eles gostam, quero, assim, ter uma intimidade, mas aqui é outra relação que a gente tem.

28) U – A: Pra quê, pra ser... Pra ser o que, pra ter efeito?

29) A – : Pra ser nítido, eu não sei, porque... “Num” sei até que ponto que a criança vai distinguir um momento que, querendo ou não que é de aprendizagem e um outro momento que é mas lazer, um momento mais informal. Não sei se tem como mudar essa visão de escola que a criança tem, porque aí, só mudando essa visão de escola, do que é obrigatório, de “num” sei o quê, “num” sei o quê lá, que em sala de aula ela pode conversar com o professor e aprender o que é conteúdo obrigatório.

30) U – S: “Cê” acha que pode mudar essa visão de escola?

31) S - : Ah, eu acho que, eu acho que eu entro naquela questão, né, que Paulo Freire coloca, que é a questão da autoridade, né? O professor tem que ter autoridade, né? Tem que saber dizer não, né? Mas que autoridade é essa? Tem que ser construída, né? Não é uma autoridade que é imposta, que eu acho que é o mais difícil é a gente construir essa autoridade com os alunos, sendo gente com eles, né? Sendo gente, que eu acho que é possível, sim, mas não é uma coisa, assim, feita pelos... Culturalmente a gente acha que é mais fácil ser autoritário e é mais fácil você já achar que você, aquela autoridade já é sua, né? É assim, uma coisa que não é vista de uma forma relativa, né? Eu com os meus alunos, né? Pro nosso bem a gente “tá” agindo dessa forma, não é por mim, não é pra eu conseguir os meus objetivos, sozinha, só pra mim, direcionado pro professor e às vezes, é igual, acho que até o João comentou, assim, que às vezes a gente tem um papel, tem resultados, assim, pra dar e isso faz com que a gente só pense, né, no que a gente quer mesmo e não pense na verdade no quê que o aluno quer, no quê que é bom pra criança, o quê que é bom pro aluno. Então, isso que

a gente tem que pensar, né? O quê que é bom pra criança, como é que a gente deve agir mesmo. Isso aí também é construção, não é nada fácil, assim. Eu me deparo com isso também, às vezes a gente tem que ser, fica assim naquela coisa, né? Mas eu acho que, eu acredito que sendo gente, eu acho que é muito mais proveitoso. Você vai sentir mais prazer em “tá” ali na sala de aula, ainda mais que não é uma obrigação ser daquele jeito. Foi por isso que também, na época da minha primeira experiência, a diretora falou assim: Olha, o seu perfil naquela sala ali não combina! Tipo, você não tem o perfil pra aquela sala, aquela sala tem que ser uma pessoa firme, não sei o quê, não sei o quê, eu já fiquei assim, né? Como assim, né? Então eu não tenho o perfil mesmo, porque pra eles eu não ia ser uma pessoa... Não ia conseguir ser do jeito que eles... Do jeito que eles queriam, eu não conseguia ser daquele jeito. Eu via a coordenadora lá brigando com os alunos, eu... Eles ficavam quietinhos, aí ela saía e eles começavam. Aí eu não conseguia mesmo. E assim, eu acho que eu “tô” construindo a minha autoridade, sabe? Eu “num tô”... Eu “tô” indo por esse ponto de vista, eu vou construir, eu não vou chegar, assim, porque, né? Sendo autoritário e tudo...

32) U – S: Construir.

33) S - : Construir, né, a sua autoridade, assim, né,? Que acho que Paulo Freire fala muito dessa questão né, de autoritário e autoritarismo, assim, a diferença, né? Você tem que saber ser firme, saber dizer não, né? Mas consciente daquilo, sabendo o porquê, né? E não você usar como um meio pra oprimir, que tem gente que usa muito na escola. “Ah, deixa eu ir no banheiro? Não! Porque não? Porque não!(risos)

34) A - : Porque senão vai atrapalhar a minha aula!

35) S - : Aí “cê” vai cair naquela coisa, né, às vezes ser bom, ser bom demais, os alunos vão e achar, né? Vão fazer de você o máximo se você for bom demais, né? Tem que ter o equilíbrio, o meio termo, a hora certa de dizer não e a hora certa de dizer sim. Eu acho que... É muito isso.

36) J - : Eu observo muito essa coisa da autoridade, assim, que os professores, sei lá, eles querem conquistar isso pelo medo, sabe? Eles...

37) S – J: Chantagem, né?

38) J - : É, além da chantagem que é uma fraqueza do próprio professor, né, quando ele começa a negociar, sabe? Essas negociações meio... Ele... Toda, todo o suposto respeito que os alunos tem por uma figura mais... Mais rígida, tipo um diretor, um isso ou aquilo, até hoje que eu observei foi muito a partir do medo das crianças. Elas têm medo de alguma futura punição. Eu acho que isso não é respeito não, sabe? Eu acho que isso é medo e eu não sei se a escola tem... Que cultivar um ambiente de medo, sabe? Eu acho que não, assim. E por outro lado eu também não acho que as pessoas, como gente, né? Os professores e os alunos não têm que se, se relacionar de uma maneira abusada, sabe? Desrespeitosa. Eu acho uma qualidade muito bonita de um professor, que o Paulo Freire fala também, a seriedade do professor. E isso não tem nada a ver se ele é bom ou mal, sabe? Acho que é uma pessoa séria. E por exemplo, os projetos que a gente participa aqui, né? Que a gente participou, o Portal e o GENPEX, a gente tem uma relação de gente com os professores que coordenam. E ao mesmo tempo eu acho que é uma relação muito bonita, porque é uma relação muito séria, sabe? Tipo, você se relaciona como gente e você, ao mesmo tempo, “cê”... “Cê” respeita eles pela seriedade, sabe? Eu acho isso muito, muito bonito, assim, pra um processo educativo. Pra mim é um desafio, porque os momentos, os momentos sempre quase bem interessantes lá e que são poucos, foram muito poucos, foram esses momentos mais abertos e foram os momentos que eu percebia neles mais concentração. Eles “tavam” muito mais concentrados quando o meu jeito de me relacionar com eles era diferente, sabe? Quando eu fazia uma maluquice, sabe? Não uma maluquice, o professor palhaço, também acho meio esquisito isso. Mas uma coisa que eles não esperassem, sabe? Uma coisa que não era esperada de um professor. Aí eles ficavam meio assustados, sabe? E isso pra mim... É legal surpreender os alunos, sabe? Mas, bom é isso. O outro é... Ah, o outro é o das escolhas. Acho que assim, eu “tô” convencido de que o processo educativo, ele tem que ser a partir de escolhas, cara. Se não é você que escolhe, a chance é muito grande de você não “tá” afim ali, sabe? E aí essa pergunta tem que ser feita até pros estudantes da universidade, tanto pros estudantes de qualquer etapa, sabe? E é aí, o momento... E que também é raro eles escolherem. Porque eu por uma prática muito bancária eu sempre escolho pra eles, tudo sabe? E sempre nos momentos que eles que escolheram, eles aprenderam mais, eles faziam com mais vontade. Então eu acho que a escolha do processo educativo a partir da vontade pra mim faz muito sentido. E aí “cê” tem que criar os, as estratégias pra essas escolhas, pra não ser um, sabe? Um faça de qualquer jeito, ou seja, uma brincadeira, porque brincadeira é uma coisa muito séria, então não pode ser uma palhaçada. Tem que ser um

negócio muito sério, mas muito aberto, sabe? Tem que ser livre, mas não pode ser... Tipo...

39) S – J: Solto, né? Assim...

40) J - : É! Tipo...

41) A – J: Disperso.

42) J - : Disperso! Que isso é um perigo que quando a gente tenta um processo mais aberto, corre o tempo todo. E que é um buraco tão grande quanto o autoritarismo, sabe? Ser um faça de qualquer jeito Então pra mim, o terceiro é esse. O primeiro foi os diálogos na construção coletiva, o segundo a relação como gente com os alunos e com os pais e esse último as escolhas e as vontades deles. Esses pra mim são interessantes, mas eu tenho praticado pouco, sabe?

43) U – J: Você tem praticado pouco?

44) J – U: Eu tenho praticado pouco.

45) U – J: Mas pra você são os mais relevantes...

46) J - : Mas... Mas eu chego lá! (risos)

47) U - : Depois eu tinha uma pergunta sobre a escola, mas aí a gente tem que ouvir a Alê.

48) A - : O meu trabalho... Eu trabalho muito com gestor público, tanto de prefeitura como secretaria de educação e aí esse trabalho que a gente faz parte de muito de estudos, assim, que a gente elabora e tal. Então a primeira, uma atividade que eu exerço muito é a produção de estudo e pra isso, uma coisa que eu, que eu tenho que fazer é dar sentido pra tudo o que eu “tô” fazendo. Então pra esse estudo ser bom pra os prefeitos, pros secretários de educação, ele tem que ter um sentido tanto pra mim, eu tenho que falar: Por quê? Não, mas isso interessa pra quê o gestor? Então eu preciso conhecer, meio que a realidade dos municípios pra “tá” fazendo um estudo que seja interessante pra eles mesmo. E a partir dessas idéias de estudo eu começo a buscar, né? E no contato do dia-a-dia com os prefeitos, tal, a gente sempre vai sabendo de um fato ali, um fato ou outro que, que assim, rende algum coisa pra gente. Tanto pra gente “tá” acumulando pra gente, quanto pra “tá” disseminando pro Brasil todo. E aí pra... Pra gente, nessa relação, uma outra coisa que eu coloco é que é importante a gente saber que o gestor, apesar da gente ver todo prefeito, assim, como corrupto ou aquele cara que não sabe nada, é ele quem tá ali na prática e é a partir da experiência dele que a gente vai, assim, a gente vai ter alguma coisa. Seja coisa boa pra falar ou coisa ruim. Mas a gente tem, assim, dentro de uma prática a gente tem uma orientação, tanto façam e repitam, como não façam. Então a gente espera muito do outro, assim, a gente analisa do outro, não fica naquela de subestimar o outro, “não, eu que vou ensinar pro prefeito, ele nunca vai me falar nada”. Então, a partir de tudo o que acontece no município, tipo a, é essa questão de construção coletiva... Que às vezes liga um município e fala que aconteceu isso, mas às vezes liga dez municípios e fala que aconteceu, e aí tá, querendo ou não, um “tá” lá: Ó, aconteceu isso, 'ceis' podiam fazer isso, e aí já “tá” essa... Tipo, essa construção em grupo mesmo, “tá” todo mundo contribuindo pra, às vezes a Confederação que é onde eu trabalho, “tá” tomando uma atitude que possa ser pra todo mundo. Então esse é o segundo ponto e aí o que eu coloco de segundo ponto é que, hoje em dia a Constituição e a LDB são dois... Dois periódicos (risos), todo dia tem uma alteração, então todo dia tem uma lei nova que prefeito tem que cumprir. E aí, assim, se... Fosse todo mundo, “Ah não, só cumpro a lei” ia “tá” todo mundo lascado! Ia “tá” todo mundo devendo muito dinheiro, não conseguia cumprir uma lei, vai ter que cumprir a outra, então a partir do que eu faço, a gente tenta... Sempre assim: Não, existe essa lei, mas existe esse, esse e esse caminho. A gente vai buscando... Assim, buscando uma forma de desenvolver o município, desenvolver a educação no município, sem assim, obedecendo a lei, mas da melhor maneira, porque hoje em dia muita lei causa impacto financeiro pros municípios, tipo, o piso do professor. E aí a gente fala: Cê pode fazer isso, isso e isso. Você pode conter despesas assim, assim, assado e sobra mais dinheiro pra pagar professor. Então a gente parte do princípio que nada, assim, tem solução pra tudo. Tem que ter uma solução. O que prefeito tem que fazer é buscar uma solução. Então acho que é muito desafio, assim, a gente “tá” sempre, meio que, se desafiando a buscar mais e “vamo” achar alguma coisa que diga que você pode conseguir isso e tal, então a gente “tá” sempre... Construindo junto e buscando uma solução junto. Não abaixando a cabeça pra tudo o que acontece. E aí é isso.

49) U - : Vocês tem comentários sobre as... Os comentários?

(silêncio do grupo)

Proposta de desenvolvimento do terceiro tema da reunião

50) U - : Eu queria fazer uma pergunta, assim. Tanto com os prefeitos, que são gestores, tem a questão política, né? A questão de poder, as relações de poder, tanto nas escolas... Esse trabalho do profissional que lida com a questão educacional, seja do ponto de vista administrativo ou da práxis mesmo pedagógica, sempre esbarra nas relações de poder. Que aí no seu caso são as relações que você vai tratar com os gestores, né, com pessoas que “tão” executando, que “tão” na ponta na questão da, dos processos administrativos, tem as relações de poder do autoritarismo ou da construção da autoridade e das relações de poder que você colocou na (apontando para J), em relação a... A “tá” trabalhando novas práticas na escola, né? Aí eu queria, assim, muito pelo que eu parto, da pesquisa, assim, do trabalho, eu queria entender se pra vocês essas relações, como é que vocês se enxergam dentro dessas relações de poder e de que forma que vocês trabalham com ela, assim, porque quando a gente fala em Paulo Freire e educação libertadora, a gente fala numa transformação dessas relações, né? Não é de um pra outro e não é de um suprimindo o outro é um com o outro. Aí você (apontando para S), você coloca a questão de construção da autoridade, você coloca (apontando para A) de não subestimar o gestor, de fazer junto com ele, você coloca (apontando para J) a questão de se relacionar como gente com os alunos, né? Então, assim, vocês se percebem nessas relações de uma forma libertadora. Vocês se percebem nessas relações de uma forma libertadora? E... Essa ação de vocês, se vocês se percebem de uma forma libertadora é individual? Só a Alexandra que tenta fazer isso ou a sua prática muda alguma coisa dentro do seu trabalho, só a Stella que tenta fazer isso ou as pessoas fazem junto com você? Entendeu? Entendeu? A dimensão do individual e do coletivo, como é que isso fica? Porque quando a gente fala em construir junto, fazer junto, é só o João que tenta fazer isso junto? Ou vocês conseguem transformar isso, todo mundo tentando fazer junto? Ficou claro?

4ª Momento de Discussão do dia 26/10/09: Desenvolvimento do terceiro e quarto tema da reunião - a opinião dos participantes sobre a auto-consciência de suas práticas em relação à concepção libertadora da educação e a compreensão de seus entrecruzamentos nas relações de poder presentes em seus espaços de trabalho; e sobre a relação entre as suas práticas profissionais e os processos de reprodução, adaptação e transformação das relações sociais das quais fazem parte, especialmente no ambiente de trabalho.

51) S - : A gente tenta! (risos)

52) A - : Então, lá no meu trabalho não sei se é por influência minha, assim, mas a gente é bem voltado pra essa questão de experiência dos municípios. Então tudo que... Tem muito prefeito, ex-prefeito que trabalha lá, então a gente parte do princípio que acima de tudo a prática deles é muito mais valiosa que qualquer lei ou qualquer livro que a gente tenha lido, é mais importante do que ela. Então, todo mundo tenta bastante, assim, ouvir mais o município. A gente vive mais de queixa de município, querendo ou não é mais das queixas, então, a gente tenta abrir o ouvido mesmo pro outro, pra ver até onde é só 'chororô', mas o quê que tem de... De... Que possa contribuir mesmo no que ele “ta” falando. O que tem de propositivo no que o município “tá” falando. Então, eu vejo assim, que a gente “tá” sempre buscando solução. Não sei se é pela minha prática, mas a gente “tá” sempre, assim, buscando superação de problemas, tentando visar... Olhar uma realidade. Eu acho que a prática lá é bem assim...

53) S - : Coletiva.

54) A - : É, todo mundo tenta olhar uma realidade, ver o quê que tem de propositivo, o quê que é possível fazer pra ajudar o município. E aí a equipe toda se junta e tenta fazer alguma coisa. Então, acho que é sempre escutar e tentar fazer algo. Não sei se seria libertador, assim, pra ser libertador, o prefeito às vezes teria que “tá” ouvindo a demanda real da população dele, mas aí eu já não sei...

55) U - A: “Cê” alcança? “Cê” alcança isso?

56) A - : Então, a última coisa que a gente fez foi tentar chamar a população pra entender tudo o que acontece no município. Porque que o prefeito não dá aumento pra professor, porque que não tem dinheiro pra saúde, porque que isso, porque que aquilo... Mas aí, como... Aí essa ação, apesar de “tá” chegando lá na ponta, que é quem tem que “tá” ouvindo, eu não sei se chega muito de cima pra baixo, assim. Se a gente chega colocando que “Não! Não tem dinheiro, pronto e acabou”, entendeu? Mas de alguma forma a gente tenta mostrar o que acontece. O que a gente sempre prioriza é não dar nenhum, não puxar a sardinha, não falar que tem demais e nem que tem de menos, é falar o que acontece. Então a gente busca chegar lá na

ponta, mas não sei se é realmente assim, libertador, se vai causar algum efeito lá na população lá na ponta.
57)U – A: Você não sabe enquanto pedagoga que “tá” lá, assim, você... Você não sabe dizer... No seu trabalho, assim, acho que... Não, mas a gente pode voltar nessa pergunta depois. Fala você (apontando para J).

58) J - : Ah, não sei... Na sua pergunta sobre as relações de poder, eu reconheço, assim, o poder do professor, sabe? O professor tem que assumir o poder, entendeu? Mas aí o poder tem que “tá” a favor de que processo, né? Se ele vai tentar construir junto ou se ele vai tentar impor tudo a todo o momento. Se ele se engrandece com o poder e acha que ele é mesmo o centro do... Que vai irradiar o saber, sabe? E poder também significa responsabilidade, né? Então, assim, quanto mais poder, mais responsabilidade “cê” tem, né? Então esse trabalho com gente, com os alunos, não é que você tem que horizontalizar tudo e aí você tem o mesmo poder ou a mesma responsabilidade que os alunos, não. Não é isso. Você tem muito mais responsabilidade que eles, porque você que “tá” coordenando aquele processo. Então, você tem que saber mais do que eles aquilo que você “tá” ensinando, é lógico que você vai aprender muitas coisas que você não sabe, você reconhece isso. Mas, “cê”... “Cê” tem uma responsabilidade diferente. É... Essa questão de poder também, ela, eu penso quanto à autonomia, sabe? Que é o empoderamento, né, a construção da autonomia. Tem autonomia que é meio imposta, né? “Cê” impõe a autonomia. “Ó, 'tô' falando aqui, mas façam aí o que eu já pensei antes ou o que eu suponho que é mais interessante pra vocês”. E tem a autonomia que é construída, sabe? Vai sendo construída. A que é construída é mais trabalhosa. A pergunta é se as pessoas estão dispostas a trabalhar mais pra construir. Aí é... Isso é mais complexo, né, porque as pessoas, sei lá, muitas vezes não “tão” a fim de trabalhar mais pra construir autonomia. Porque a imposta, ela é muito praticada hoje em dia, tipo a Secretara de Educação, os métodos de avaliação, os currículos, tudo, tudo. Até na hierarquia da escola, tudo é muito imposto. Tudo muito imposto. Como se isso funcionasse, sabe? Mas não funciona, os alunos não aprendem melhor ou mais por causa disso, não aprendem! E aí “cê” fica, sei lá, no círculo vicioso por anos, cara, com os mesmos diagnósticos e, sabe? Então, é... Eu acho que a autonomia tem que ser construída e ela dá mais trabalho. A gente tem que assumir que a gente vai ter que trabalhar mais pra isso.

59) S - : Eu também concordo com o João, assim, que... Na escola, se não for trabalhado todos os segmentos juntos, vai ficar a desejar, vai ficar essa lacunas, né? E vai ficar mudando de opinião, assim... A serviço de quê, né? Pra quê que eu “tô” fazendo isso? Pra atingir o resultado ali da prova do SEAD, né? Então, eu vejo que às vezes a direção fica tão voltada pra, pra atingir aqueles resultados, né? As séries mais, tipo terceira e quarta série que são mais avaliados, né? Até segundo ano é avaliado e acaba que, assim, a educação infantil e as séries de alfabetização não são valorizados, assim. Não são levados em consideração por causa desses resultados que tem que ter. Aí eu fico assim... Aí às vezes muda, aí às vezes a coordenação muda, assim, de idéia de uma hora pra outra, aí conversando com o pai: “Ah não, a gente quer que essa criança seja um, esteja na terceira e quarta série, né, bem já avançada”, mas sendo que... Aí fica na contradição, né? Quando “tá” conversando com... Com... “Tá” nessa realidade e fala uma coisa, mas a gente sabe mesmo que por cima mesmo a direção e tudo, “tá” naquela lógica mesmo de: Ah, essas séries assim, de alfabetização, não vamos ficar muito nelas não, vamos ficar mais no pé da terceira, quarta série, segundo ano porque já tem provas pra avalia, né? Então, “cê” vê que fica numa contradição, na verdade o quê que é educação, né? A gente não tem... A escola às vezes não tem a autonomia pra... Pra “O quê que eu quero com a educação?” né? O quê que é educação pra escola mesmo, pros professores, pra todos os atores ali. Não tem o PPP, o projeto político pedagógico. É uma... Assim, acho que aí que a escola cria a sua autonomia, né? Mas... Não sei nem ainda como que é essa prática de construção desse projeto, é só mesmo, acho que já vem pronto, a direção... Não é regra todos participarem. Falta essa cultura, né? De todos, esse coletivo mesmo, fazer o trabalho junto, então eu vejo muita contradição, assim, na escola.

60) J - : “Pô” esse negócio que a Stella falou é interessante, assim. “Tava” pensando em relação ao trabalho da Confederação que a Alê trabalha. Tipo, seria muito mais fácil, supostamente, que a Confederação ditasse as regras e ficasse mandando coisas o tempo todo pros municípios, né? Assim, “Bom, vocês precisam disso, vão tocando”. Óbvio que isso não vai funcionar, porque não faz tanto sentido, porque você precisa escutar o que eles precisam, né? E na escola também, assim. Eles... É perguntado pouco pro professor, muito menos pro aluno do quê que ele realmente quer, sabe? Isso e mais cansativo? É lógico que é. Isso é mais chato, “cê” tem que ficar... “Cê” não sabe o quê que é chororô, o quê que é isso... Isso é mais tensionado, mais

friccionado, vai machucar mais... Mas tem que ser a partir disso, senão não é legítimo outro processo, sabe? Ou... o PPP

61) U - : Concordam?

(A e S balançam a cabeça afirmativamente)

62) J - : é ficção científica, né?

63) S - J: É! Pois é.

64) J - : Ué, é ficção na escola. É tipo um negócio que “tá” guardado lá no, na gaveta e... Sabe? Não é legítimo.

65) S - J : E não se discute.

66) J : É! E aí, os processos vão mudando e...

67) U - : E aí até a onde, assim. Vão mudando, vão se reproduzindo ou vão só se adaptando? O quê que acontece com os processos, assim, nesse tipo de prática. Pra onde vai... Culmina a prática de vocês, pra adaptar alguma coisa, pra reproduzir alguma coisa ou pra de fato transformar alguma coisa? O quê que vocês acham? Enquanto ali... Não assim: “Ah, porque o sistema...” Ou a partir do sistema, mas assim, vocês praticam isso! No fundo, no fundo vocês se perguntam enquanto gente, que “tá” ocupando um papel, que tem uma função, que a sua prática adapta alguma coisa, reproduz alguma coisa ou transforma alguma coisa?

68) J - : “Ó” eu, eu acho que tem brechas, sabe? Eu pessoalmente ainda não “tô” sabendo ainda como ocupar esses espaços, assim. Porque essa burocracia, ela tem muitas lacunas, então “cê”, dá pra você fazer um trabalho subversivo, sabe assim? Não no sentido clandestino, ou que “cê” vai fazer alguma coisa... Mas, assim, “cê” pode transformar essas práticas lá por dentro, sabe? Tipo... “Cê” cria aliança com professores e “cê” não precisa se expor tanto de início, “cê” vai criado com, aos poucos, de início. Tentando trocar idéias, trocar sugestões, práticas diferentes daquelas que sugerem, sabe? E “cê” continua fazendo todos aqueles relatórios, diários e entregando pra burocracia, se não eles já começam a te ver como “Ihh, ‘tá’ querendo boicotar o processo, sabotar o processo”. Não, “cê” tem que tomar todo o cuidado possível pra continuar entregando, sabe? Apresentando e sendo... Mas é muito importante que por aqui, sabe? (fazendo gesto com a mão, sugerindo outro caminho), “cê” comece a criar outros tipos de relações. Porque eu acho que professor tem uma certa liberdade, sabe? De uma certa forma. Alguns mais outros menos. Tem professores que não sabem, tipo eu, usufruir muito dessa liberdade, sabe? Porque “tá” no início, porque não sabe onde, como é que “tá” pisando, não tem muita maturidade, muita prática, mas que já reconhece que tem uma liberdade. Ou se “cê” fala pro professor: “‘Cê’ tem toda a liberdade do mundo, o quê que ‘cê’ vai fazer?” O tradicional! É só o que ele sabe fazer, entendeu? Então, entende? Eu acho que... Aos poucos...

69) U - J: Aos poucos o quê? “Cê” transforma, “cê” adapta, ou tudo ao mesmo tempo...

70) J - : É, tudo ao mesmo tempo, né? Às vezes você reproduz, achando que “tá” transformando, sabe? Isso acontece muito. É... E isso tem que ver aos poucos, assim. “Cê” tem que ter uma paciência, sabe? Não... Mas “cê” não pode, eu acho... Desanimar. É o meu cuidado pessoal, assim. Ia até perguntar isso pra Alê, assim, se no trabalho dela. Eu sei que a Stelinha deve até desanimar, né? Os professores... Estão “nuns” conflitos... Mas “cê” desanima lá, não? “Cê” acha que... O município não vai pra frente nunca? (perguntando para A)

71) U - A: E como é que “cê” se vê dentro dessa questão? “Cê tá” trabalhando pra que? Pra adaptar, pra reproduzir, pra...

72) A - : Então, tem umas discussões mais profundas, assim, de tentar mudar mesmo a lógica da sociedade. Questão de pacto federativo, de colaboração entre estados, municípios e União, porque o que mais se discute é que o município se ferra porque não tem colaboração da União e do Estado. Então só a mudança, a... Tipo a realização de fato do pacto federativo, que é a colaboração entre os entes é que solucionaria os problemas dos municípios. Mas na verdade o que a gente faz é mais adaptar, assim, “Ó, da pra fazer isso, isso e isso”, tentar priorizar a qualidade, que na minha área da educação tenta priorizar a qualidade dessa forma, a gente acaba assim, adaptando. Onde tem uma brecha, onde dá pra fazer isso e isso faz pra melhorar tanto a qualidade, que hoje a qualidade é o IDEB e o IDEB representa mais dinheiro ou menos dinheiro por município, então até por isso a gente prioriza a qualidade. Então, a gente tem orientado mais pra... Assim, tem sido adaptações, não é possível transformar muita coisa, criar tantas coisas, é mais adaptação. Mas eu não acho, assim, que o município não tem jeito. Teria jeito se discutisse profundamente essa relação entre todos, né? E acho que “tá” caminhando, assim, aos poucos, tem sempre uma lei o outra que vai abrindo

brecha pra melhorar essa relação.

Pergunta resumindo o contexto atual das discussões para Reginaldo, que chegou após o início do trabalho

73) U – R: Régis, uma pergunta condensada.

74) R – U: Aham!

75) U – R: Nas tuas práticas, que você deve ter listado lá, né, três práticas mais relevantes. Das, que são três, e aí você pode falar breve, assim, pra gente. Qual a relação que você faz com o que você listou do que você aprendeu aqui, como que você faz essa relação entre, do que você trabalha com o que você aprendeu e o fruto disso, você acha que caminha mais pra que rumo, assim, pra transformar, pra adaptador ou pra reproduzir o sistema, a relação de forças e o sistema que você “tá” inserido?

Resposta de Reginaldo

76) R - : Pelo que eu vivenciei no GENPEX e até na questão do Portal, pelos estudos que a gente fez aqui das próprias vivências, né, eu ainda “tô” no nível ainda subjetivo. Mas é aquele subjetivo que não é meu, que a gente discutiu lá no anterior, né? O subjetivo que “tá” e mim e eu sei que “tá” em outras pessoas que querem agir, só que ainda não consegui fazer as redes. Consegui fazer redes na escola, mas não dentro do subjetivo que eu penso. Ou do que eu acho que seja interessante agir. Até mesmo porque dentro do que aquelas pessoas pensam, não é que “tá” na prática que eu acho que seja a mais importante no momento, que é o tradicional, né? Eu posso ter até chegado no tradicional pra, pra ir conhecer ali, pra meio que explorar né? E realmente. Hoje eu não digo que eu não “tô” muito tradicional, não. Me apego no tradicional, porque como a gente “tá” em rede, a gente “tá num” coletivo, é muito difícil a gente não se influenciar. Só que aí, é... Não se influenciar sem os pés no chão. Você sabe que você “tá” fazendo aquilo, porque você precisa daquele ato naquele momento, né? Então essas práticas que a gente tem discutido, tanto no GENPEX como no Portal, a questão da educação libertadora, que o Renato discute muito na vivência dele que é o sujeito político, epistemológico e amoroso, eu sinto que da minha prática, eu acho que a amorosidade, assim, ela é que “tá” fazendo mais efeito hoje. Porque é a amorosidade você sentir o problema do outro e você ter aquele problema como seu também. Por isso que eu cito que é uma subjetividade, assim, entre aspas, né? Porque não é algo que é meu, assim. Aliás, não é algo que é só meu. Eu sei que é algo que “tá” em outras pessoas também. E como é algo que me inquieta, né e que produz muito efeito inclusive dentro de mim, né, de... De você não parar mesmo no seu lugar, né? Não parar no seu lugar de origem, né? Que é esse meu... Você não parar no seu lugar de origem, né? Não é eu perceber, eu como Reginaldo, que eu “tô” sentindo isso, né? Mas é um eu que eu sei que eu junto com outros, que eu posso modificar aquela realidade, só que assim, pode parecer muito... Algo muito sonhador, né, assim. A princípio, pode parecer algo muito sonhador, né? Mas como que eu transmito isso, né, que “tá” em mim, assim? Aí você vai fazendo as relações, né? No caso, vem as redes, né? No caso você tem movimento, que eu ainda preciso me articular e não sei se é uma simples questão de tempo, né? Mas eu acho que é uma questão de organização mesmo. “Tô” citando os movimentos sociais, populares, por exemplo, com o que eu no Recanto das Emas eu posso ir lá no CAREMAS, né e conversar com o pessoal sobre a situação deles? Porque a situação que eu sei que o CAREMAS “tá” passando hoje é muito das situações da minha comunidade, da comunidade do Recanto das Emas que os meus alunos, as problemáticas que os meus alunos estão passando. Como que eu na minha relação com educação em prisões, né, aí eu falo do subjetivo e da questão epistemológica mesmo, né? Como que eu lidando com a questão prática e a questão do estudo né, de educação, da educação nas prisões eu vou me articulando com os pais dos meus alunos que estão presos ou que estiveram presos e que hoje estão sem emprego, né? Que é o diálogo que eu “tô tendo” com eles hoje, assim, né? E que também não pode ser um diálogo de transformação perigosa, assim. Perigosa no sentido de eu me envolver pra tudo, né? Eu pegar o caso pra mim também não pode ser no sentido de eu me envolver tanto, né, de eu pegar uma situação, porque é do real concreto dele, e não minha. Então não é um envolver nesse sentido. A situação é dele, a vivência é dele, a prática é dele. Eu me identifico com aquilo por razões que, que... De redes, né? Que vai se ligando com, um assunto vai se entrelaçando ao outro. Aí que eu digo, acho que tem muito professor doente também por isso, né? A causa não é do... A vivência não é do professor. Ele pode pegar a causa como si, mas não como a vivência dele. Então a gente tem que ter esse perigo. Porque é tão tênue, né, a relação? Que

às vezes a gente mesmo entra em conflito e é nisso que eu “tô”, sabe?

77) U – R: “Cê tá” em conflito?

78) R - : É, é. Que eu “tô” nesse conflito. Eu sei aonde que eu piso. Aí você pergunta: isso leva a uma relação de uma educação tradicional, de transformação, né? Eu falo que é de transformação, sabe Jú? Até pela questão do diálogo mesmo com os alunos. Eu tenho alunos problemáticos, tenho. Como que eu percebo essa transformação? Eu percebo na questão da marca, das marcas que você vai deixando, sabe? Porque eu acho que todo o nosso trabalho, eu não falo que ele deva ser pra deixar marca no menino. Mas eu acho que se a gente deixa, quanto mais marcas a gente deixar e essas marcas forem inquietando eles, melhor ainda. Porque eles “tão” muito naquela coisa da pergunta, né? Mas você tem que dar uma resposta pra eles que não seja uma resposta definitiva, mas que seja uma resposta que gere mais dúvidas ainda. Que, sobretudo eles não parem com aquilo, né? E eles vão levar isso pra casa e eu acho que esse é o objetivo da transformação, é eles levarem isso pra casa, fala: Olha, 'tá' acontecendo isso em sala de aula, o professor falou isso. Que eles “tão” muito na idade, né? Se vocês... Se você briga com um aluno, né, ele fala: Ih, mãe, o professor falou isso e isso de mim, aí no outro dia aparece a mãe: O quê que aconteceu? (risos do grupo). Eu acho que é por aí o caminho, sabe? É você inquietar o coraçãozinho deles e trazer o pai pra casa. Que por exemplo, é igual foi uma estratégia que eu usei com um aluno, não sei se eu citei o aluno aqui, o aluno com mãe e pai, nunca compareceu na escola, nunca compareceu. Aí eu tive que pegar pesado com o aluno, falar umas verdades pro aluno, mexer com ele! Olha eu vou ter que fala umas verdade pro aluno, porque ele tem que de alguma forma chamar alguém pra cá. Porque eu sei que ele não vai resolver o conflito sozinho, ele vai precisar de alguém da família dele ou alguém próximo. Aí eu tive que inquietar o aluno, mexer com... Mexer com o psicológico dele mesmo, eu sei que eu deixei ele mal e essa foi a intenção, de deixar ele mal pra trazer o pai! (risos e espanto do grupo)

79) U – R: E ele veio?

80) R - : Aí o pai veio. “Olha, meu filho falou que aconteceu isso, isso e isso aqui na escola” Eu falei: Falei mesmo pai! Sabe por quê que eu falei? Porque pra mim ajudar o seu filho que tem esse problema tal,tal, tal e você sabe que ele tem isso, não tem? Então sempre buscando o diálogo com o pai, “Você não aparece pai! Desde o ano passado que você não aparece aqui! Tem relatório desde o ano passado que não em assinatura do aluno! Porque que você não aparece na vida...? Porque que você não aparece na escola? Eu não 'tô' cobrando nada do senhor, não. É a minha visão como professor, você pode julgar com certo ou errado”, né? Então acho que vai por aí, sabe? Deixar marca no aluno, trazer o pai pra escola, assim sabe? E com a direção a mesma coisa, mas eu não falo que é bater de frente com a direção. Mas como que a sua prática transformadora em sala de aula, como que ela se expande dentro da escola.

81) U – R: Como que ela se expande na escola?

82) R - : Aí, vai, aí no caso a gente vai... Do aluno, a gente passando pro pai, dentro da questão do aluno pro pai, a gente já vai na questão da nossa relação com os professores. Por exemplo, eu “tô” tendo, tem professor que passa pela gente e não fala bom dia. Aí você provoca: “Bom dia, né? Bom dia professor! Bom dia colega!” Provoca! Provoca o professor mesmo! Provoca o seu colega, sabe? Eu tenho feito muito isso, assim. Aí eles passaram a me dar bom dia. “Bom dia professor Reginaldo!” (risos do grupo) Eu: “Ah! Bom dia!” (risos do grupo) Então, sabe, eles andam “tão” doentes mesmo, doente mesmo, sabe? Por que... Aí, outra coisa, eles não sabem... Eles, né? Não “tão” conseguindo separar, o problema existencial familiar do problema existencial profissional, né? Que é essa questão do trabalho, né? Mesmo, assim. O professor não “tá” conseguindo separar isso. Eu falo o professor, porque é a visão da minha, pelo menos da realidade que eu “tô”.

83) S – R : Eu percebi isso também Reginaldo, assim, nesse sentido. Porque os professores não “tão” interessados em saber qual o problema. Agora essa doação que a gente, que você “tá” fazendo, de querer saber o problema do outro e “tá” querendo ajudar, né? Pra sua prática e pra o seu aluno, né? Na verdade é uma ajuda, uma doação, eu vejo assim. E, a gente, igual a gente “tava” comentando aqui, o papel, qual é o papel do professor? Às vezes a gente representa um papel ali, né? É dado um papel pra gente fazer e a gente “num, num” e fazer isso que você “tá” fazendo é além, né? É além desse papel, você buscar... É realmente, assim, um compromisso seu com a educação. Com, a educação que eu acho que é transformadora, que é ver um indivíduo como completo, né? Não é só... Ele “tá” ali por completo, é integrada a questão. É toda a relação dele com a família, né? Tudo, ele “tá” ali como um conjunto, então você não pode tratar ele como

só... Como se ele fosse só uma parte, né? Naquele espaço que ele “tá”, ali em sala de aula. Então, “tá” indo além disso, né? E isso é difícil trabalhar porque às vezes eles falam: “Ah, esse não é o meu papel como professor!”, também, às vezes eu tento fazer isso, também. E tenho, assim, resistência com os meus colegas professores que fala assim: Ah, a Stella gosta muito de família! Sabe? Tipo, é como se não fosse o nosso compromisso! De a gente encarar, né assim, a educação como um todo. Não é carregar pra gente não, igual você falou, é isso mesmo da gente pensar que o problema... A gente que vai se envolver e tudo. Mas não, como parte do trabalho da gente, né? Como um, um fortalecimento, como fortalecedor do trabalho. Eu vejo isso e aí isso é difícil, eu também “tô” tentando fazer assim, mas nunca consegui (risos), não tenho como... Assim, eu tento também trazer a família e conversar como uma aliada, né? Não como, porque tem muita gente que tem medo da família, né? Muito professor que acha que: Não, é melhor eu nem querer ver a família por que... Né? Já acha que o problema é muito grande, que não tem como mais, isso é a sociedade! Então, aí justifica, né? No caso o aluno não aprende porque o problema é da família! Tem muito dessas rotulações, dessas coisas assim. Que é por esse caminho mesmo pra transformar alguma coisa, né? (apontando para R)

84) R – S: É verdade!

85) A - : Mas é que nem... Vocês, vocês dois falaram (apontando para J e S), que gostam muito das reuniões com os pais. Eu vi nesse sentido mesmo de tentar entender um pouquinho da criança a partir do pai, assim. “Cê”... “Cê” vê o pai ali que é mais, que é mais... Tipo rude, assim. Que é mais grosso, que é mais seco, vê aquele que é mais aberto e tal e aí a partir dessa relação, você já entende um pouco de porque que a criança é assim ou assado. Porque de uma forma ou de outra vocês falaram de conhecer mesmo. Não se envolver, se meter no meio, mas de entender um pouco o que acontece.

86) R - : E aí, dentro disso tudo, acho que essa transformação dentro da prática do professor, às vezes ela fica muito no abstrato, sabe? Muito no abstrato mesmo. A gente não consegue ver o resultado palpável daquilo, a gente não consegue ver o resultado mesmo na prática. Eu acho que esse resultado a gente não consegue ver, porque a gente não consegue sair dos muros da escola. A gente não, a gente não sai dos muros da escola que é ser amigo do professor. Porque, assim, a gente fala muito da questão do colega, não sei se tem na escola de vocês: Ah, o nosso colega! Só que é o nosso colega que chega e por exemplo, tem o contrato, é o contrato. “Ah, o contrato chegou!”. E eu: Gente não é o contrato! É a professora tal, é a professora tal que ‘tá’ ali. Não é contrato, é professor igual a gente. Então começa essas mudanças de paradigmas, sabe? Então, nessas coisas básicas mesmo. Então você, é um enfrentamento diário, assim, diário. Então você tem que se enfrentar e aí questão mesmo de, de poder, tem muita questão de poder mesmo, né? Do professor mais antigo, porque é ele quem dita as regras, né? Você não vai bater de frente com aquela pessoa, mas como é que a gente vai transformando ele pela amorosidade, né?

Proposta de desenvolvimento do quinto tema da reunião

87) U – R: Então “cê” falou mudança de paradigma (risos de A). Mudança de paradigma e enfrentamento diário. Aí eu queria expandir a pergunta assim, pra roda.

88) U - : Como é que vocês vêem essa questão de mudança de paradigma? Vocês se entendem enquanto pessoas que “tão” mudando algum tipo de paradigma? Vocês, vocês já se perguntaram? Vocês praticam alguma coisa e naquela prática vocês têm a intenção de mudar algum paradigma? Existe essa necessidade ou não? De uma forma bem... Livre, assim, e honesta.

5º Momento de discussão do dia 26/10/09: Desenvolvimento do quinto tema da reunião – a opinião dos participantes sobre a relação entre a auto-consciência de suas práticas profissionais e as mudanças sociais paradigmáticas.

89) J - : “Ó”, eu acho... Que da minha parte...

90) J – U: Depois eu até tinha uma pergunta, a gente pode fazer pergunta também?

91) U - J: Podem se fazer!

92) J - U: Pode?

93) U – J: Pode.

94) J - : É... O que eu acho interessante, quando... Bom, e que pelo menos pra mim tem influências, porque a gente vivenciou na universidade e isso o que a gente vivenciou aqui, quando a gente chega “num” outro

ambiente, é o estranhamento. Eu acho que a gente chegar lá e ter a lucidez de estranhar, pra mim é muito bom. Porque eu observo nos professores mais antigos que já “tão” mais acomodados, que aquilo é aquilo mesmo, não tem qualquer estranhamento, sabe? Tipo: Não, isso aqui é assim mesmo! Cê' chegou aí 'tá' novo! Um romântico! Um sonhador! Inclusive, eu também, como o Regis, “tô” em conflitos, assim. Eu não sei se eu me exponho ou se é melhor, ou se é mais seguro que eu faça as coisas silenciosamente, entendeu? Porque eu também me sinto desanimado pelos professores. Por exemplo, eu chego “num” dia que eu tinha planejado algo interessante, aí calha de algum professor chegar pra mim... E os professores são muito carentes, né? Além de doentes! (risos do grupo) Então, assim, é... Às vezes pega um, pega um professor meio novo, né? Aí senta do teu lado e tu ali meio, querendo concentrar, focar nas suas coisas e começa a falar: Não, porque aquele aluno é não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê. E ele aí vai construindo um discurso de, de culpabilização do aluno, culpabilização do pai do aluno e pra mim nunca é culpa é sempre responsabilidade. Eu acho que o aluno tem uma responsabilidade, o pai tem uma, o professor tem outra, a gestão tem outra, a comunidade tem outra. Todo mundo tem a sua responsabilidade. E aí ele começa aquele discurso que... Tipo, te... Sabe? Tipo, assim, putz! Aí tu tem que criar dentro de você uma nova energia, um novo ânimo, sabe? Pra acreditar que a realidade pode ser diferente, da que os professores disseram. Então pra mim, apesar de eu não estar praticando a transformação, assim, pedagogicamente, didaticamente, pensando nos conteúdos, eu acho que essa observação do estranhamento, é um passo interessante pra, pra... É potencialmente transformador, sabe? Você manter essa... essa observação de estranhamento, sabe? Que é um ambiente, as relações muito tóxicas, sabe? Tanto de professor com aluno, de professor com professor, direção com professor. Então, acho que... Se manter firme, observando que aquilo “tá” muito errado, é importante, sabe?

95) U – J: É um passo?

96) J – U: É um passo pra mim essencial.

97) U – J: E você se pensa, se mantendo firme no estranhamento, lúcido, de uma forma lúcida, mudando alguma coisa? É a sua função?

98) J – U - : Eu sonho muito. É, eu sonho muito com isso, sabe? Eu sonho muito. Sonho mesmo! Não só de sonhar à noite, mas de ficar sempre pensando: “Putz! Como seria legal se a relação fosse diferente!” Eu acho que essa é a minha aspiração, sabe? E eu acho que... É, transformar as relações na escola começa disso, sabe? Do pensamento, mesmo. De você pensar que aquilo poderia ser diferente. Começar a criar estratégias pras relações serem diferentes e sempre ser muito... É, muito pé no chão, assim, como Régis diz. De começar aos poucos, sabe? Aos poucos... Aos poucos de forma paciente, não passiva, mas paciente, aos poucos... E sempre tentando manter um, um... Pra mim é uma chama, mas isso é meio piegas, né? Manter uma chama da esperança! (risos do grupo). Mas é tipo manter uma... Manter uma, um certo fogo, assim, que... Que não pode apagar, sabe? Que parece música... É isso mesmo, sabe? No fundo é isso mesmo, cara! Você tem que manter uma certa chama... (risos do grupo) que não pode apagar! (risos do grupo) Bom, não tem como eu dizer de outro jeito, mas é isso cara! Você tem que manter isso cara, porque as velas na escola já estão todas apagadas! Tem uma coisa que o Pacheco fala que eu acho muito interessante, ele fala assim, nessa coisa de transformação: Quantos professores tem na... Sei lá, a escola tem trinta professores. “Quantos professores tem ali? Não, professores ali mesmo tem sete. Uai, e os outros vinte e três? Não, esses já 'tão' mortos!” Então assim, aí “cê” vai... Se tivessem trinta professores, tiverem sete a fim de transformar e vinte e três não, “cê” ia falar: Mas a gente é sempre a maioria, ou, é sempre a minoria, né? Somos só sete! Aí o Pacheco diz que não. “Não, vocês são a maioria, são sete contra zero!” Entendeu? E eu acho isso muito interessante, sabe? E também a coisa do professor que ele morre, desses que “tão” lá no ambiente... Pra mim já é quase, hoje... Não é nem cadavérico, é suicidado, sabe? É tipo, tu não vê vida lá. Ele fala que o professor morre aos vinte e quatro, só que ele só é enterrado aos sessenta, entendeu? Então “cê” vai, fica dos vinte e quatro aos sessenta morto, e só vai ser enterrado aos sessenta. E “cê” tem que buscar ficar vivo cara, esse tempo todo. Poucos professores estão vivos, poucos cara, poucos! Não sei lá na sua escola Regis, mas na minha... Sabe? Então eu acho legal você ser a maioria com três, numa escola de setenta.

99) U – A: Quantos prefeitos estão vivos? (risos do grupo) Quantos estão cadavéricos e como é que você se vê nisso?

100) A - : Então, assim, na área que eu trabalho são três pedagogas. Uma “tá” há mais tempo lá na Confederação, é nossa coordenadora. E ela já tem bem essa visão de que vamos lutar pelo dinheiro dos

municípios. E aí, entrou eu e uma menina nova, assim, às vezes a gente tenta focar a discussão mais na qualidade do serviço prestado, do que no... No dinheiro, assim. A gente até chegou a fazer uns estudos, assim, sobre Prova Brasil e do IDEB, mas o presidente da Confederação, ele gosta de falar do que causa impacto, que é dinheiro. Então falar de qualidade, falar... Discutir investimento, experiências, tal, não é uma coisa que dá muito ibope. A gente mudar essa discussão, assim, a gente tenta focar mais em como ser um bom gestor do que como ser um bom gestor com mais dinheiro, como se tivesse que ter mais dinheiro pra ser um bom gestor. É nesse sentido mais que a gente tem, tem tentado mudar, assim. Pegar uma discussão mais de qualidade da gestão, do ensino e tal, mas é difícil, assim. Que poucos prefeitos, poucos mesmo, estão dispostos, assim, a fazer uma experiência inovadora que gaste pouco ou fazer uma experiência de colocar cinquenta laboratórios de informática em escolas por nada, assim, por nenhum... No fundo, no fundo, não vai adiantar de nada aquela escola com computador, mas o que vai dar... Vai dar ibope, o que vai dar voto pra ele na próxima eleição é ter, mostrar o serviço, mostrar ali o computador novo e tal. A gente tem tentado focar na qualidade, assim, no que ele pode fazer... Até porque, às vezes não tem dinheiro mesmo. Esse ano de crise, assim, a gente não sente tanto, mas o tanto de município que liga reclamando: Ah, a gente 'tá' em crise, não sei o que. E é o Brasil que "tá" em crise, por conta disso os municípios "tão" também. Então, uma hora ou outra o Brasil vai "tá" em crise e "vamo" ter que se virar com pouco dinheiro, no caso dos municípios. Então tem que ter uma... Uma boa administração, uma administração de qualidade. Questão que a gente tenta puxar assim, mas é mais difícil. O que toca mais é dizer que tem mais dinheiro... É a sociedade capitalista de coisas bem... Objetos palpáveis. Nada muito...

101) U – A: E você se vê concretamente trabalhando em, na... Em prol de alguma coisa, alguma mudança paradigmática? Alguma transformação concreta? Você se pensa nisso?

102) A - : Na gestão, assim. A gente... São quatro anos de mandato. No primeiro a gente já tenta dar tudo o que é meio que esclarecimento, explicação pra... Pros prefeitos de como eles podem "tá" administrando o município pra desenvolver, pra um desenvolvimento bom e com o recurso que tiver, pra um planejamento, assim, que vise alguma coisa e tal e que observe o quê que ele tem disponível, qual é a demanda, qual é... Essas coisas, assim. Parta da sua realidade e "vamo" construir. O que é possível construir? Isso, isso e isso. E aí tentar esse caminho. A gente tenta esclarecer. Não tem uma trajetória certa, porque, eu acho que o João falou. Não tem como a gente falar pro município, assim, a gente ditar regras, que varia muito. Há um tempo atrás, a gente tentava fazer plano de carreira pra todos os municípios, plano de carreira de magistério. Mas e aí, aquele município que não tem uma certa gratificação pro professor, como é que fica? E aí, sabe? Tem que ir lá no fundo de cada um, descobrir como é que vive e tal, qual é, quais são os percursos, como é que é a população lá, pra... Pra tentar mudar. Eu vejo assim, que a gente pode "tá" auxiliando bastante, fazendo eles irem atrás do conhecimento também. É isso que a gente tenta fazer.

103) U – R e S: E vocês dois? Vocês se vêem dentro de alguma pretensão mudança paradigmática? Como?

104) R - : Nesse começo agora, né? Entrando na rede pública, a gente... Vou falar um pouco do nosso grupo lá, né? Dentro da escola agora a gente é taxado como povinho da quarta série. Povinho da quarta série. (risos do grupo) Quem falou isso foi a coordenadora.

105) J – R: Da quarta?

106) R – J: Das séries iniciais.

107) R - : Porque numa discussão até mesmo de... Que eu coloco como de fofoca, não como algo que é pra construir mesmo, né? Essa coordenadora "tava" em conflito com uma das professoras da quarta série. Então brigas internas, políticas e ideológicas, né? Que uma das professoras que "tá" na quarta série é uma das professoras antigas que está conosco. E que é uma professora que eu vejo, assim, que ela visa mudança dentro de onde ela "tá" e ela tem feito algo diferente dentro da escola, que é diferença da coordenadora, assim. A coordenadora ela já é mais passiva, tem ma relação mais passiva diante daquilo que, que é a realidade dela. Então por esses fatos, né? Então numa briga das duas ela taxou a gente como o povinho da quarta série. Incluiu a gente dentro do... Eu que não tinha nada a ver, né?

108) J – R: Da picuinha pessoal dela.

109) R - : Fui incluído dentro da picuinha. E isso foi tão bom, assim. Porque os outros grupos, eles tem se fortalecido também. Porque eles não se viam como grupos, entendeu? Ah, o grupinho da quarta série, o grupinho da terceira. O grupinho da... De primeira a quarta, o grupo de primeira a quarta, entendeu? Eles não se viam como grupo. Então quando a gente foi taxado como grupinho, povinho da quarta série, o que

eles perceberam ali, foi a análise deles na coletiva, né? Foi que a gente tinha se fortalecido demais, assim, o nosso grupo. Não se fortalecido como panelinha, mas como grupo que trabalha realmente junto, a gente tem trabalhado junto mesmo pra mudar a nossa prática em sala de aula e a gente tem aprendido muito, eu tenho aprendido muito com essa professora que... Que ela é de quarta, o quê que ela me passa, assim, também, né? Então essa questão de transformação, né, minha, “tô” mais no nível de inquietação mesmo. Eu tenho conseguido ver algumas coisas, algumas mudanças mesmo nos alunos, mas no meu caso mesmo ainda “tá” no nível muito inicial, assim. Porque muitas vezes o que eu acho que a transformação, “tá” apenas na inquietação do aluno. Eu não sei se a inquietação que “tá” nele, “tá” gerando transformação ou só inquietação. Então eu acho que o meu trabalho vai ter que passar do nível da inquietação pra transformação. Porque ficar só na inquietação pela inquietação, também é o que eu falo, né? Perigoso o aluno também ficar doente com isso e eu não posso deixar que isso aconteça. Então “tá” nesse nível. Então deixa eles ficarem inquietos lá um pouquinho, mesmo, né? Eu também vou me inquietando com isso e como é que a gente vai trabalhando juntos? Então eu acho que o tempo que eu “tô” dando, acho que ele “tá” sendo... “Tá” sendo bom nesse sentido. Como eu sei o que eu “tô” fazendo, né? Com os meus pés no chão, eu acho que eu... Eu acho não, eu não vou deixar ficar só nessa inquietação. Mas eu acho que, por enquanto, essa inquietação, essa... Então isso que “tá” acontecendo “tá” sendo bom. O povinho da quarta série “tá”, acho que a princípio “tá”... E eu mesmo, assim, né? Acho que pra mim “tá” sendo bom pra mim, essa questão. Como é também o meu primeiro ano, né? Aí os professores: Ah, deixa ele sonhar mais! Deixa... “Tá” muito nesse nível. “Tá indo com muita sede ao pote”. Então, deixa eu ir com mais sede ao pote, né?! “Tá” muito nesse nível, assim, Jú.

110) S - : Eu também me vejo, assim, como os dois falaram, né? Também na mesma situação. É, conhecendo o terreno, né? (risos) Que é aquela coisa, assim... Sabendo quais são as brechas, onde que você pode, onde que você não pode. É, tentativas, né de... De tentativas, de fazer uma coisa diferente, de acordo com o que eu penso, né? Que eu idealizo, que a gente idealiza na educação. Então pra mim “tá” nesse nível, assim, de querer, sabe? De vontade de fazer. E também espero que isso não, isso não seja barrado, né? Que vai acontecer, tem limitações, muitas, né? Mas tem também possibilidades, que eu vejo possibilidades de mudanças, assim. Mas aí eu acho que com o tempo, né, a gente vai, vai... Indo assim, com o tempo, ainda buscando esse caminho, a gente consiga ter algumas transformações. Eu acredito.

Proposta de desenvolvimento do sexto tema da reunião

111) U - : Então, eu tenho mais uma última pergunta.

112) U - J: Você queria fazer alguma pergunta?

113) U - : Vocês tem alguma pergunta pra vocês?

114) J - : Pois é, eu tinha, mas... (risos do grupo), era... Eu acho que era sobre isso, sobre essa coisa do romântico. Porque o meu cuidado maior é eu não desanimar, sabe? Eu não entrar em desespero com aquele caos, sabe? E assim, o meu objetivo é pelo menos eu me manter lúcido, sabe? Não me deixar contaminar pelo... É difícil, cara, porque são muitos conflitos todo o dia, dá uns desânimos e aí sua vibração desce, sabe? “Cê” fica mais... aí, sabe? É difícil, cara. Se manter... Sei lá, mesmo que sozinho, sabe? Mas eu preciso me manter firme, senão, se eu não me mantenho firme, cara, tudo desanda pra mim, aí eu ia perguntar pra eles, se eles sentem isso, esse desânimo, sabe? Eu não sei se é o meu momento agora.

115) U - : É, então, porque a minha pergunta é nesse sentido, assim, então pra fechar. Dentro disso, vocês falaram de ações, do convívio de vocês, de colocar a relação de vocês na comunidade onde vocês “tão”. Contribuindo com essa questão que o João colocou de se verem, às vezes, sozinhos, como que vocês vêem a possibilidade de construção coletiva, pra que vocês de fato, de fato não, mas pra que vocês dêem continuidade, pra que vocês permaneçam, pra que vocês transformem, qualifiquem, as práticas sociais, a práxis pedagógica de vocês? Como vocês vêem a possibilidade da construção coletiva como transformação?

6º Momento de Discussão do dia 26/10/09: Desenvolvimento do sexto tema da reunião - a opinião dos participantes sobre a construção coletiva como possibilidade de transformação social a partir de suas experiências e expectativas profissionais.

116) S - : Eu vejo assim, é porque eu, eu me vi muito quando você falou desse desânimo (apontando para J), na primeira experiência que eu tive. Então, eu me vi, assim, com vontade de desistir, sabe? De... Me senti

sozinha, que eu não ia andar sozinha daquele jeito e pra tudo... Ia ser ruim pra mim. Mas, assim, foi a partir do momento que nessas reuniões, assim, nas reuniões de quarta-feira, né, que é a coletiva e nessa escola que eu “tava” a Vila Planalto, foi nesse momento que eu comecei a me expressar nesses momentos, sabe? Falar do que... Das minhas experiências em sala de aula, do que eu “tava” passando. Eu acho que foi nesse momento aí que foi uma brecha pra que eu consiga, assim, acho que sensibilizar o coletivo, sabe? Pra aquilo que eu penso em educação, sabe? E pra que um e o outro se ajudem. Pra não ficar aquele professor sozinho com sua sala e com os seus alunos, né? Ver o que o outro “tá” fazendo. Igual, eu lembrei muito, sabe, foi quando, da... Da experiência do Projeto Paranoá, nas sextas-feiras a gente conversava com as alfabetizadoras. A gente e as alfabetizadoras, aquela vontade delas falarem sobre o dia-a-dia da sala, umas tinham até medo, né, de a gente falar alguma coisa e tudo... Eu via, eu perdi, sabe? Porque a vontade pra expressar sobre as minhas vivências em sala de aula foi a partir daí que eu me senti mais segura, quando um outro professor falou: “Olha, não é melhor assim?”, sabe? Dando sugestões, é... De uma forma, assim, claro às vezes uma crítica, né, que não é bem construtiva, mas outras sim, então isso foi ajudando muito, assim, eu me manter segura, assim, e buscar um... Porque eu “tava” assim, numa escola que todos... Não tinha esse momento. Acho que todo mundo “tava” no seu ninho, sabe? Todo mundo ali, ninguém conversava muito, achando que é inimigo, aquela coisa, aquele ar de cobrança... É muito ruim, assim, eu “tava” me sentindo muito mal, assim, e eu não consegui me desenvolver dessa forma, sozinha ali. Aí foi nesses espaços que eu comecei a falar mesmo, das minhas experiências, do que eu achava, o que não achava, que eu consegui mais... Que eu acho que é por aí, se você ficar sozinho... Não... Eu acho que o meu maior medo, assim, de desanimar mesmo, é me sentir sozinha numa escola, no espaço de uma escola, assim, que você... Que eu acho que eu vou sempre buscar... É, assim, de alguma forma “tá” junto com alguém, assim. Não sei se foi a primeira, a minha experiência, mas eu acho, assim, que é importante que a gente busque a nossa própria firmeza, né? Não ficar também sendo, é... Disso como um frágil, né? Que às vezes, a gente... Né? Minha primeira experiência, eu passei muita, eu expressei muita fragilidade, sabe? Eu “tava num” espaço que eu... A primeira experiência, e foi assim, não foi muito bom pra mim. Aí eu, eu mesmo não consegui ser firme. Mas agora como eu estou, eu acho que... Já... Acho que foi um processo, né? Eu já “tô” com um outro ponto de vista, outra atitude, outro... Eu “tô” pensando de forma diferente. Mas é por esse caminho aí. Agora sozinho você não... Não anda! (risos)

117) R - : Eu acho que eu me vejo aí pelo... Pela brecha do conselho de segurança da escola. Que foi criado agora, através de um conselho escolar que não acontece. Tem o representante do pai, dos pais, tem... Tem o representante de cada segmento já, montadinho na escola. Mas que parece que foi montado pra... Pra “tá” no papel e pra questão de projeto político pedagógico ser montado, assim. E questão de projeto político pedagógico, rapidinho, é assim. É o mesmo modelo pra serem quantos anos, sabe, que a escola existe? Aí vai reproduzindo aquele modelo que só copia e cola. Então eu acho que assim, a minha brecha vai ser pelo conselho de segurança mesmo, sabe? “Tá” chamando o pai daqueles alunos problemáticos, né? Perguntar se tem interesse. Eu acho que vai ser no diálogo mesmo, com esses grupos mesmo. A brecha vai ser no diálogo com os grupos e continuar inquietando os... Os colegas.

118)U – R: Você podia falar, de uma forma rapidinha, como que se deu o conselho de segurança na escola e a sua participação nele?

119) R - : Foi... É um pouco longa a história, mas eu vou resumir um pouco! (risos do grupo) Dentro dessa problemática toda de você ter alunos que trabalham com a liberdade assistida, que a gente trabalha com alunos que tem liberdade assistida na escola. A gente teve o caso de uma aluna de doze anos que tem treze anos agora, que foi criado um conselho especial no Recanto das Emas por conta do caso dessa aluna. É uma aluna que já roubou, que já matou, que participou de todas essas experiências que qualquer adolescente em conflito com a lei já passou. É uma menina, né? E assim, é uma menina que se prostitui. É uma menina que a mãe já deu caso perdido. O conselho tutelar não deu conta, nem o conselho tutelar deu conta! Então é uma menina que “tá” solta aí na rua. Tem um caso de um professor que tentou... Que tentou reverter o caso da aluna, né? Com todos esses moldes que a gente tem falado... Então a gente tem caso de professores, assim, que ela já agrediu o professor. Esse mesmo e o professor não deu motivo algum. Ela pegou, simplesmente uma caneta, só um exemplo rapidinho, ela pegou a caneta e com aquela caneta ela feriu de ponta a ponta as costas do professor, acabou com o professor, espancou, fez de tudo.

120) S - Nossa!

121) R - : Então questão de carro de professor na escola é furado por ela, é arranhado...

122) S – R: Quarta série? Ela “tá” na quarta série?

123) R – S: Ela “tá” na segunda série, treze anos.

124) S - : Segunda série!

125) R - : Então ela já aprontou muito na escola, já bateu em professor. Teve um colega da gente, professor, que saiu da escola onde ela estava por causa dela. E agora ela voltou de novo e “tá” lá o professor querendo mudar de escola. Porque ela é o tempo todo ameaçando. Tem professor, aí é... Tem outro processo interessante nesse caso. O professor não vê aquele aluno da professora como aluno dele também. Porque eu vejo assim, se “tá num” espaço escolar, o aluno que é da outra professora, também é meu aluno. Porque eu também sou professor. Por exemplo, eu longe dos muros da escola, eu também tenho que seguir agindo como professor, como pedagogo. Eu não sou pedagogo apenas no espaço de sala de aula. Eu tenho que agir como pedagogo em todos os espaços que eu estou. Então tem caso de professor que vê aluno lá e passa longe de aluno, nem olha pro aluno, porque se olhar pro aluno, ele tem medo do aluno marcar. E ela faz isso mesmo, sabe? Se você ficar olhando muito pra ela, ela já te ameaça, ela já é agressiva contigo. E o problema não é só a aluna. Tem toda uma... Um grupo atrás da aluna, entendeu? Que a gente sabe que é um grupo de alta periculosidade mesmo, que merece cuidado, atenção. Então diante desse caso a escola não tinha um conselho de segurança... Né, no papel ainda, não tinha o conselho de segurança lá. Então teve que se montar um conselho de segurança, com dois representantes da escola, que é... Podia ser professor ou gestor. Aí fez todo um processo de eleição, né? Aí eu me candidatei e consegui entrar pra esse conselho de segurança. Só que até então, o conselho só “tava” no papel. Aí, eu pesquisando em quais outras regionais que tinham esse conselho de segurança, eu vi a regional lá do, de Sobradinho. Que agora, nessa semana, eu vou ter que entrar em contato com o pessoal de lá pra ver como é que eles “tão” se articulando entre si. Porque nem essa idéia eu “tô” tendo, foi criado o conselho, mas eu não sei praticamente quais são todas as minhas funções ali no conselho, porque a equipe gestora não me passa e eu também não “tô” ciente disso, entendeu? Então eu vou ter que criar outra rede, que é o meu laço com a regional de Sobradinho, que eu sei que o conselho lá funciona. Eu andei pesquisando e funciona. Então eu vou ter que criar o meu laço com o pessoal de lá pra me inserir, né, nessa questão do conselho. Então uma das minhas, as atuações, assim, que eu “tô” empolgado, assim, é pelo conselho mesmo.

126) U – A: E aí?

127) A - : Então, as brechas que eu vejo pra essa mudança efetiva é a cobrança mesmo. Tipo... Hoje, ninguém quer saber... Quer, mas assim, quer saber onde é investido o dinheiro, mas quer muito mais ver qualidade do que material. Então, a partir disso, já outras áreas lá onde eu trabalho, tem... Já tem tentado discutir mais o que os municípios tem feito com o dinheiro do que qual é o dinheiro que tem pra receber. Então mais discutir, assim, como ser um bom gestor, do que com ter mais dinheiro.

128) U – A: Na cobrança mesmo.

129) A - : É, a partir da cobrança, mesmo. Tanto... Tanto não, da sociedade mesmo. Da sociedade, da mídia, dos jornais, isso tudo assim. Tem... Facilita!

130) U – A: Passar pros coletivos, né?

131) A - : É! Tem facilitado, assim, que a gente alcance essa consciência de investir em qualidade.

132) U – J: E tu?

133) J - : Então, eu sinto que... No meu caso eu preciso de uma... De um estudo maior, sabe? Não é um estudo teórico, solto, abstrato, que a partir dos livros eu vou ser melhor professor. Mas eu sinto que eu necessito de uma... Não é nem curso de formação não, é uma auto-formação, mesmo. Eu começar a buscar a partir das questões que eu “tô” vendo, que outras estratégias, práticas, intervenções pedagógicas, poderiam transformar aquilo, sabe? E imersões também no lugar onde eu “tô”, assim. Eu preciso... Sei lá, vivenciar mais São Sebastião, andar mais na rua, essa coisa que o Régis fala eu acho muito interessante de o professor ir além dos muros da escola pra compreender inclusive a própria escola. Então, assim, eu sinto... Inclusive eu me sinto sufocado, inclusive com os cursos de formação que “tão” oferecendo, que não me atendem, não é isso o que eu quero, não perguntaram pra mim se eu queria, né? E também não vão perguntar. E... Eu sinto isso, de concentrar, sabe? Assim, preciso estudar melhor o quê que eu “tô” fazendo, sabe? Pra quando as brechas forem surgindo, eu possa ocupar elas de forma mais qualificada, sabe? Expressar que eu sei o que eu “tô” fazendo, por isso, por isso e por isso. E... E nunca, pra mim, é... Eu não tenho essa ilusão, não, as

transformações não serão solitárias, cara. Eu não tenho essa pretensão de ser um herói pedagógico. Acho que é a criação de laços e redes sempre. Silenciosas de início, sutis, pra que não... Sabe? Pra que não cortem um possível amadurecimento. Então, silenciosamente vai amadurecendo, vai trabalhando, quando “cê” vê já... Já irradiou, sabe? Muito sutilmente, cara, muito sutilmente. Com muito cuidado pra não se expor, sabe? Porque se você se expõe, já... Então, assim, pra mim é uma transformação muito silenciosa, coletiva, consciente, sabe, do que você “tá” fazendo, sem gritaria, sabe? Sem grandes... É, discursos inflamados, uma prática muito consciente, sabe, do que você “tá” fazendo.

7º Momento de Discussão: Considerações finais sobre a experiência do trabalho com grupo focal pelos participantes

134) U - : Então, uma palavra pra terminar? (risos do grupo) Eu “tô” satisfeita, assim, por mim eu ficaria até, mas se vocês tiverem mais alguma coisa pra acrescentar, mas eu já agradeço de coração e uma palavra pra terminar.

135) R - : Me desculpa pelo atraso.

(risos do grupo)

136) U – R: Não, essa “tá” bom, mas pode ser outra.

137) R - U : Mais uma vez, obrigada Ju.

138) U - : Obrigada, né? A minha também é obrigada!

139) A - : A minha também. (risos)

140) J – U : Eu também agradeço Ju, a escuta...

141) S – U - :Obriga Ju e acho assim, que foi fortalecedor, assim, de tudo né? Esse espaço, assim, é muito bom, fortalece a gente mesmo, anima né?

142) J - : Anima!

143) S - : É animador!

144) U - : Obrigada grupo, né? Porque eu não falei nada, quem falou foram vocês!

(risos do grupo)

145) J – Obrigada Terezinha, a nossa câmara girl.

146) S - : A silenciosa! (risos de S)

147) U - : Gente, obrigada! É isso.

- Mídias de DVD